



Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

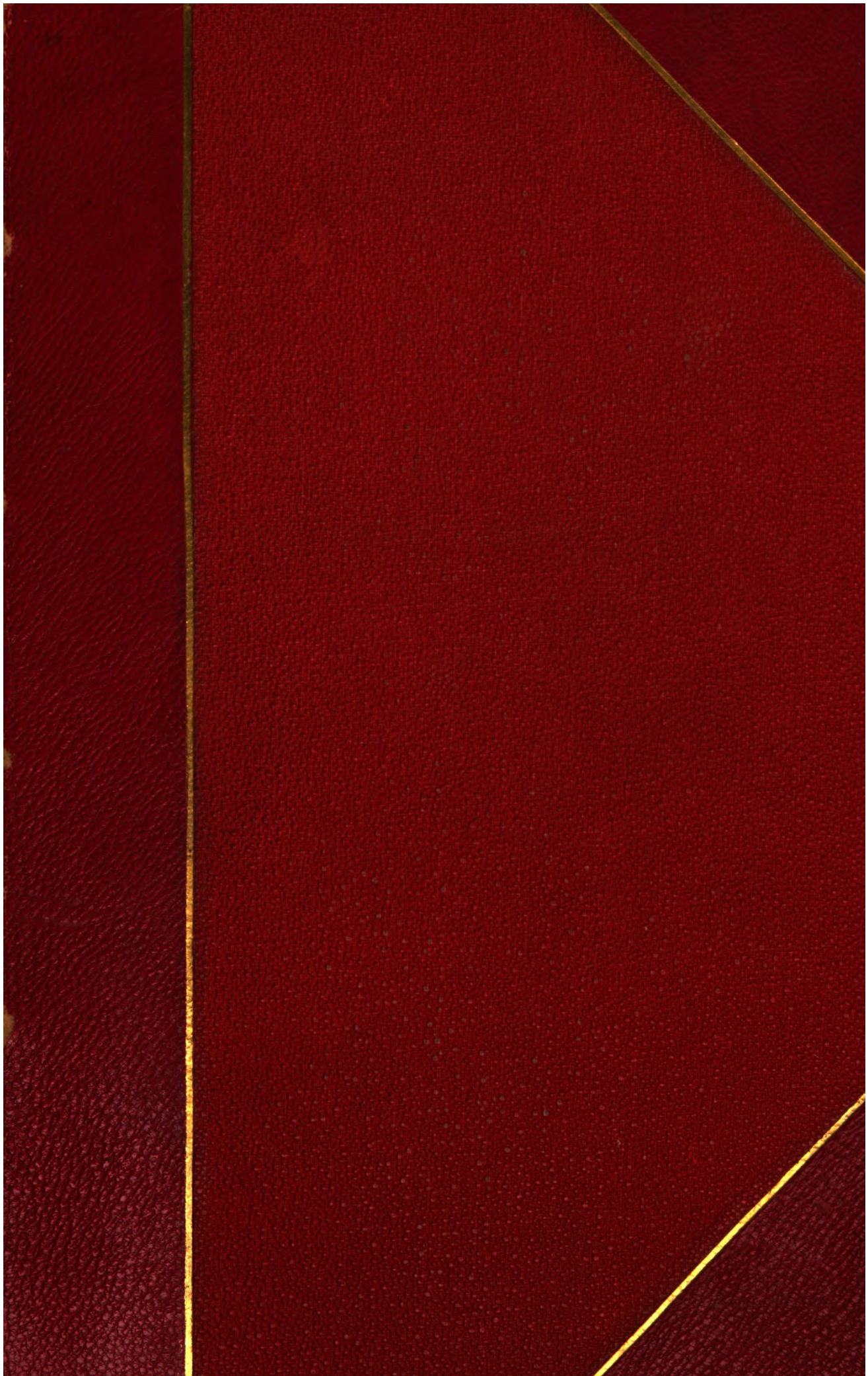
This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

<http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.



J

~~166 c. 74~~

~~323 c. 26~~

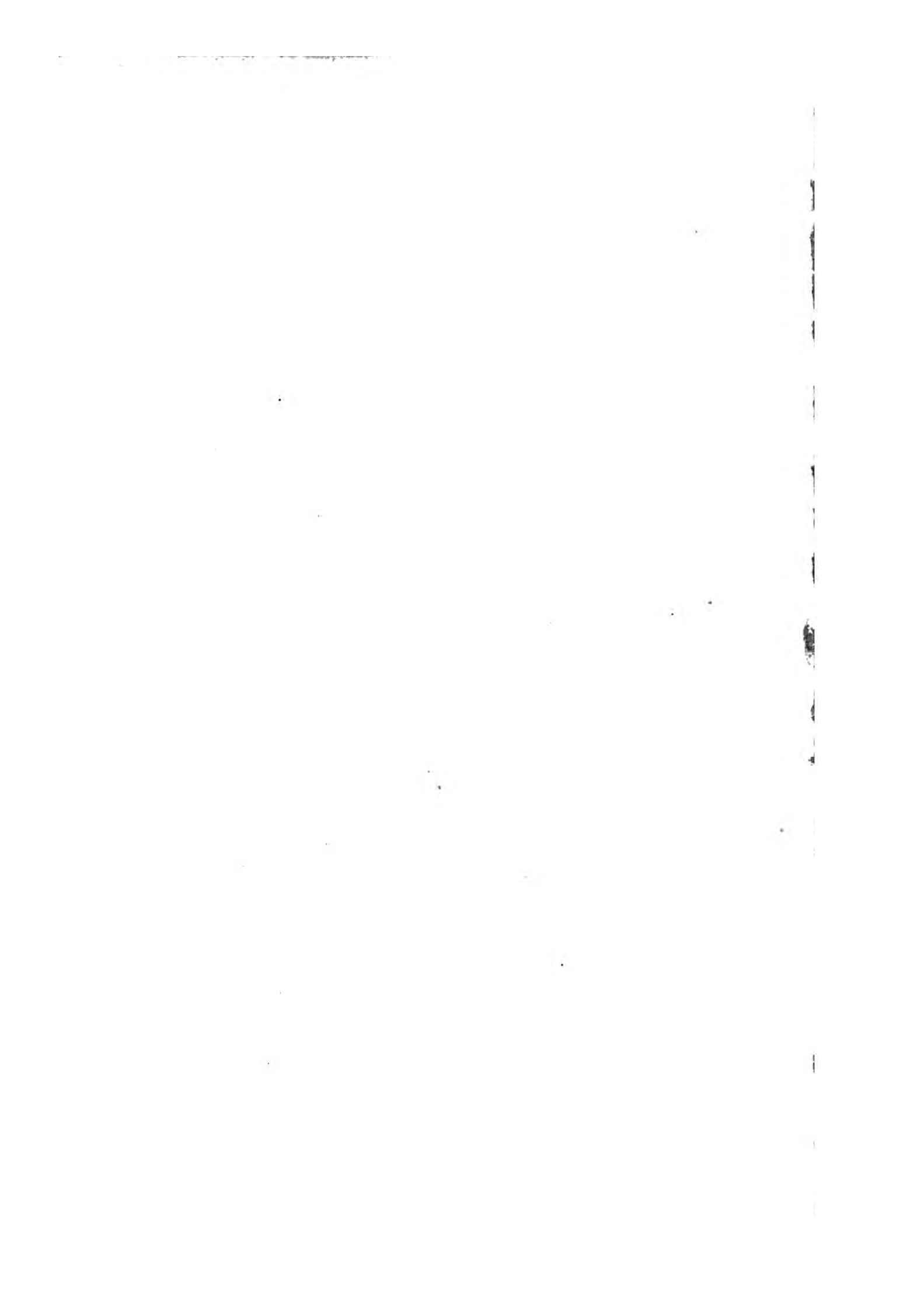


Vet. Port. III B. 42

~~CPW 2~~







3 vols. 12/12 J. Fonten.

Paris. May 14. 1845.

Keep

OBRAS
DE
GIL VICENTE,

CORRECTAS E EMENDADAS

PELO CUIDADO E DILIGENCIA

DE

J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro.

TOMO PRIMEIRO.



LISBOA.

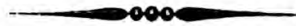
ACHA-SE TAMBEM EM PARIS,
NA LIVRARIA EUROPEA DE BAUDRY,
3, quai Malaquais, près le pont des Arts.

1843

Vol. 525

CLASSICOS
PORTUGUEZES.

TOMO IV.



GIL VICENTE.

I.

PARIZ.—NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE FAIN E THUNOT,
Rua Racine, 28, junto ao Odeon.

OBRAS
DE
GIL VICENTE,

CORRECTAS E EMENDADAS

PELO CUIDADO E DILIGENCIA

DE

J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro.

TOMO PRIMEIRO.



LISBOA.

ACHA-SE TAMBEM EM PARIZ.

NA LIVRARIA EUROPEA DE BAUDRY,

3, quai Malaquais, près le pont des Arts.

—
1843



A D V E R T E N C I A .

A grande reputação que Gil Vicente adquirio entre seus contemporaneos, e a celebridade que ainda hoje seu nome goza entre os litteratos, junto á singular raridade de suas obras; parece deverião ter animado algum zeloso da nossa litteratura a emprehender uma nova edição deste nosso antigo escriptor. Tal contudo tem sido a nossa incuria e desleixo pelas cousas patrias, que, apezar de duas vezes se ter imprimido esta obra, estavamos ameaçados de ver perecer os poucos exemplares que della ainda restavão depositados em algumas bibliotecas da Europa, sem que nos tivessemos prevenido contra a total perda do fundador do nosso Theatro nacional e de um dos restauradores do Drama moderno, como ja por indiferença nossa ou por estúpida avareza de seus depositarios, deixamos vergonhosamente perder o famoso romance de Amadis de Gaula, de Vasco da Lobeira, que quasi todas as nações cultas possuem, traduzido ou imitado, excepto aquella que originalmente o produzio.

Nós bem sentimos a dificuldade que atégora teria encontrado a reimpressão de um escriptor que foi o inimigo jurado daquelles mesmos que tinham de dispensar *todas as licenças necessarias*; e que a thesoura fradesco-desembargatoria havia de ser mais desapiadada do que a mesma inquisitoria que em 1586 mutilou e desfigurou o nosso poeta. Mas ainda restava o recurso de imprimir fóra do Reino, apezar das desvantagens em que, a outros respeito, laborão os que em paizes estrangeiros tomão sôbre si taes emprezas.

Movidos do amor que sempre tivemos pelas nossas cousas e desejosos de revindicar a parte da gloria que cabe á nossa Patria pelos excellentes engenhos, que illustrando-a com seus escriptos, cooperarão para a grande obra da restauração das lettras, tinhamos meditado a empreza de tirar á luz uma serie de edições de nossos classicos, quando nos veio á noticia, que nas nossas visinhanças, na rica biblioteca da Universidade de *Goettingen*, existia um exemplar da 1ª edição das obras de Gil Vicente. Sem perda de tempo nos apresentamos naquella cidade, onde em menos de um mez tiramos uma mui fiel cópia daquelle precioso livro, sôbre que ao depois fizemos a presente edição. Não passaremos em silencio os obsequios que do Dr. Antonio Menezes de Drummond recebemos, o qual, pelo seu amor das bellas lettras, nos procurou, como membro daquella Universidade, que então cursava, a faculdade de usarmos dos livros da Biblioteca, o que a estranhos é

vedado; pelo que lhe rogamos queira acceitar este público testemunho da nossa gratidão.

Das obras do nosso poeta se fizerão, como dissemos, duas edições, ambas posthumas. A primeira foi feita em Lisboa na Imprensa de João Alvares, em 1562, fol., com o titulo seguinte: *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente, a qual se reparte em cinco livros. O primeiro he de todas suas obras de devaçam. O segundo as Comedias. O terceiro as Tragicomedias. O quarto as Farças. No quinto as obras meudas.* O editor foi Luiz Vicente, filho do poeta, que nos diz que seu pae as andava ordenando para as dar á estampa, quando a morte o arrebatou em meio de sua tarefa. O alvará de privilegio, contudo, foi concedido a Paula Vicente, igualmente filha do poeta, em 1561. Esta edição impressa com caracteres gothicos, á excepção dos argumentos, que são impressos em letra romana, argue incuria e pouco esmero do impressor, não so pelos erros typographicos de que abunda, mas pela frequente falta de espaços entre as palavras, o que muitas vezes offerece serios obstaculos á intelligencia do texto. Algumas gravuras em pau que adornão esta edição, não são inteiramente destituidas de merito e de interesse para a historia desta arte entre nós. A 2ª edição foi igualmente feita em Lisboa na imprensa de André Lobato, 1585, 4º com o mesmo titulo da precedente, augmentado com a ominosa observação: *Vam emendadas pelo Sancto Officio, como se manda*

no Cathalogo deste Regno. O merecimento desta edição é infinitamente inferior ao da 1.^a Pois achando-se nella reproduzidos todos os erros typographicos e indecentes chocarrices da primeira, bem se póde conjecturar que qualidade de *emendas* temos a esperar do gôsto e litteratura daquelle pio tribunal. Versos omittidos, outros rediculamente em todo ou em parte alterados, coplas cortadas, e finalmente paginas inteiras a eito supprimidas. E estes lugares mutilados, como é de suppor, não são dos menos interessantes de Gil Vicente. Como poderia, por exemplo, um inquisidor que aspirasse a bispar, ler sem se alterar, e sem fulminar immediatamente o formidavel *reto* a similhantes passagens:

E á gente religiosa
Mandae-lhes velas bispaes,
A cera de renda grossa,
Os pavios de casaes,
E logo não porão grosa.

Fecharemos estas noticias bibliographicas com advertir que ultimamente sahirão impressos alguns autos e comedias castelhanas do nosso poeta na interessante collecção intitulado: *Teatro Español anterior á Lope de Vega.* Gotha, 1833.

Em quanto ao plano que seguimos na presente edição, depois de devida reflexão, adoptamos o seguinte, que esperamos mereça a approvação do publico litterario. Corrigimos todo o logar onde nos pareceo manifesto o erro typographico, sem nos deixarmos acanhar pela

cega predilecção que tanto voga entre nós pelas antigas edições, (*) (superstição que o atrazamento em que a arte typographica se achava então em Portugal, de maneira alguma authoriza) que faz com que muitos tenham pelos logares claramente corrompidos, a mesma veneração que a misterios que não podem comprehender. Emquanto á orthographia, assentamos aproximar-nos da moderna, nunca porém de maneira que a pronúncia soffresse alteração, dando uma voz moderna pela antiga. Conservamos pois *sam* e *som* por *sou*, *devação* por *devoção*, *concrusão* por *conclusão* e outras semelhantes.

No fim do 3º vol. encontrará o leitor uma taboa glossaria mostrando a significação conjectural de alguns termos antiquados e rusticos, portuguezes e castelhanos, que se não encontram nos melhores dictionarios das duas linguas.

Finalmente assentamos nada omittir do que se achava impresso na 1ª ed. E nesta parte não dissimularemos as objecções que contra si tem este systema. Bem sentimos que nas obras do nosso poeta se encontram passagens, que por ineptas e despidas de todo o

(*) Ainda não ha muito tempo appareceo em Lisboa uma edição da Peregrinação de Fernan Mendes Pinto, em que o editor se preza de ter seguido o texto da 1ª, regeitando a segunda, aindaque correctá e *augmentada* pelo Autor. Mas que muito, se a sumptuosa edição dos Lusíadas de Paris 1817, resuscitou e conservou como bellezas poeticas, os erros da 1ª corrigidos por Camões na 2ª !

alento poetico, que em outras partes o autor mostrou possuir em eminente grau, são summamente fastidiosas á leitura e prejudiciaes em certo modo á reputação do nosso poeta. Mas outras principalmente, por sua indecencia e por peccarem contra as leis do decoro, não estão em harmonia com os costumes e civilização do nosso seculo, supposto que aquellas indecentes bufone-rias se representassem no Paço, muitas vezes na Igreja, e fizessem as delicias de duas brilhantes côrtes. Taes logares muitos estimarião ver inteiramente supprimidos ou modificados, e esse seria o nosso parecer, a não ser esta consideração. Obras como as de Gil Vicente (e assim é quasi todo o drama comico do seu tempo) não se imprimem hoje em dia com o mesmo fim que na epocha em que forão escriptas. Então Gil Vicente era lido, representava-se, gostava-se e talvez passagens bem reprehensiveis fossem as mais applaudidas; emfim depois de impresso, tornou-se propriedade do povo, que, nas horas de ocio, nelle achava um alegre passatempo e um rico thesouro de rifões e dictados para colorir e animar suas conversas, e que seus leitores de paes a filhos transmittirão á posteridade. Agora porém estas obras pertencem ao dominio da historia — da historia da litteratura, dos costumes, e so nas mãos dos litteratos é que tem de andar. E quem não folgará de encontrar nestas antigualhas um painel verdadeiro dos tempos dos nossos maiores? O litterato passa por essas indecencias que encontra entre muita belleza verdadeira, e não culpa o

autor, que bem sabe defeito do seculo era e não seu; e he em similhantes quadros que o philosopho se apraz em contemplar as grandes revoluções que a civilização vai fazendo no modo de pensar e nos costumes dos homens. Assim preferimos olhar estas obras como um documento historico que se deve conservar intacto.

Emfim, julgamos ter feito um importante serviço á litteratura em geral, e em particular á Portugueza, restaurando as quasi perdidas obras de um de seus mais celebrados engenhos, satisfazendo tambem os desejos de muitos litteratos distinctos, tanto nacionaes como estrangeiros, e cumprindo o vaticinio de Garção, quando no seu drama intitulado *O Theatro novo*, assim apostrophava os manes dos nossos antigos poetas dramaticos:

Vós manes de Ferreira e de Miranda,
E tu, ó *Gil Vicente*, a quem as Musas
Embalarão o berço e te gravarão
Na honrada campa o nome de Terencio; —
Esperae, esperae, qu'inda vingados
E soltos vos vereis do esquecimento.

ENSAIO SOBRE A VIDA E ESCRIPTOS
DE
GIL VICENTE.

No glorioso periodo da nossa historia que abrange o reinado de D. Manuel até meado o de D. João III., floreceo em Lisboa o nosso Gil Vicente, por seus contemporaneos chamado o Plauto Portuguez. As noticias que á posteridade chegarão sôbre seu nascimento e parentela são extremamente escassas e obscuras. De seus paes se diz que erão de illustre extracção(*); a respeito do logar e anno de seu nascimento nada se sabe com certeza. Assim como ja coube em sorte a muitos varões illustres, varios logares tem sido mencionados como sua patria. Guimarães, Barcellos e Lisboa disputão entre si esta honra. A epocha porém deste acontecimento se póde fixar no principio do último quartel do XV seculo. Mas, ou o nosso poeta fosse realmente nascido em Lisboa, ou da Provincia tivesse vindo frequentar a Universidade, que então se achava na capital, uma passagem de suas obras nos induz a crer que elle ja vivia nesta cidade no reinado de D. João II., isto é antes do anno de 1495; pois fallando deste grande rei no seu primeiro Auto, na figura de pastor Gil, diz, recordando-se delle: (**)

(*) Barbosa, Bibliot. Lusit.

(**) Tom. 1.º pag. 9.

Conociste á Juan domado,
Que era pastor de pastores?
Yo lo vi entre estas flores
Con gran hato de ganado,
Con su cayado real.

Seus paes, ou por lhe quererem dar uma educação liberal, ou por o destinarem a uma solida e proveitosa profissão litteraria, o puzerão na Universidade, dedicando-o ao estudo do Direito Civil. Porém Gil Vicente, dotado liberalmente pela natureza de uma vivissima imaginação e de um espirito eminentemente poetico e jovial, depressa se enfatiou da escabrosa aridez da Jurisprudencia, e abandonou — se com quebra de seus interesses materiaes, talvez com vantagens para a sua fama — estudos que lhe poderião ter defecado em principio o brilhante engenho que trouxe seu nome á posteridade. Se esta deserção teve logar ainda em vida de seu pae, ou se, como aconteceu a um celebre contemporaneo Italiano, (*) a morte delle o lançou decedidamente no commercio das musas, sua natural vocação, não sabemos. Talvez que a estima que seus talentos poeticos lhe grangeárão na Córte, não influisse pouco para esta sua feliz resolução. Com effeito elle mesmo ou seu filho Luiz, seu primeiro editor, nos conservou em suas obras a historia de seus primeiros ensaios dramaticos, que parece favorecer esta conjectura. A Rainha Dona Beatriz, mulher de Dom Manuel, tendo ficado mui agradada do monologo que Gil Vicente, no character de pastor, foi recitar na sua mesma camera, onde ainda se achava de cama, de parto do principe D. João, depois D. João III.,

(*) Ariosto.

congratulado-a pelo feliz nascimento do herdeiro da coroa, lhe pediu, esperando talvez que o poeta mudasse as settas em grelhas, que em dia de Natal lhe repetisse aquella mesma composição, endereçada ao nascimento do menino Deos. Gil Vicente julgou dever satisfazer ao pedido com mais propriedade e compoz para esse dia o primeiro auto que se acha nas suas obras de devoção. Temos pois que os primeiros ensaios dramaticos do nosso poeta datão de 1502, anno em que nasceo D. João III. Desde então vemos sua musa em constante actividade em semelhantes occasiões, durante os dous reinados de D. Manuel e de seu successor, não havendo festa de anno, de nascimento ou casamento de pessoa Real, para cujo esplendor não contribuissem os brilhantes talentos de Gil Vicente.

Foi durante o último destes dous reinados que a fama do nosso poeta cresceo a ponto, que, como observa um litterato allemão, (*) não havia por esse tempo em toda a Europa poeta comico mais affamado nem mais querido dos seus, do que o poeta portuguez. Porém não somente em Portugal se admirava Gil Vicente; o seu nome ja corria pelos mais cultos paizes da Europa. Na verdade, se os louvores recebem valia da auctoridade da pessoa que os dá, nenhum poeta nesse tempo podia gloriar-se de seus successos dramaticos como aquelle a quem Erasmo deu o primeiro logar entre os comicos modernos. Este grande restaurador das lettras, occupado como estava com os mais serios e multifarios trabalhos litterarios, não julgou perder o tempo que ap-

(*) Bouterweck, Geschichte der portug. Poesie und Beredsamkeit, pag 190.

plicou ao estudo da lingua portugueza, o que somente emprehendêra afim de completar o prazer que uma imperfeita intelligencia das bellezas de Gil Vicente lhe tinha causado. (*)

Emquanto a fama do nosso poeta corria entre os litteratos estrangeiros, em Portugal a inveja, desprezivel paixão d'almas ineptas, mas presumidas, disputava a Gil Vicente a honra da invenção de suas peças; e como acontece quasi sempre com tão miseraveis creaturas, defraudavão seu compatriota desta gloria para a concederem a estranhos, accusando-o de furto litterario; como se quizessem affastar para longe de si o brilho do merito superior que os incommodava. Foi este atrevido insulto que deu origem á famosa farça de *Inez Pereira*, da qual diz o crítico que acima citamos, que a ter ella sido composta por Gil Vicente no tempo de Moliere, seria uma das comedias de character admiradas na Europa. (**) Gil Vicente querendo responder de maneira que de uma vez impozesse silencio a seus detractores e confundisse a inveja, usou de um meio tão novo como efficaz para o seu intento. Achando reunidos seus admiradores e seus zoilos, talvez nos mesmos serãos do Paço, declara que lhe chegarão aos ouvidos as maliciosas insinuações contra os seus talentos; e para sua desaffronta se offerece a compor uma farça sôbre qualquer assumpto que seus adversarios lhe proponhão. O rifão popular, que ainda hoje voga entre o povo, *Antes quero burro que me leve, que cavallo que me derrube*, foi o thema que

(*) Bibliot. Lusit. art. Gil Vicente.

(**) Bout. pag. 113.

lhe appresentarão. A engenhosa applicação deste proverbio, as situações verdadeiramente comicas que se encontram nesta farça, a verdade sempre sustentada com que pinta os characteres de Inez, de Pero, e do Escudeiro; a naturalidade, graça e fluencia do dialogo, o inimitavel sal, a elegancia de estylo, a musica harmonia da versificação, formão a mais victoriosa resposta que jamais escriptor, em iguaes circumstancias, deu a seus zoilos.

Não era o talento poetico o unico que Gil Vicente possuia. Não só, como se verá em alguns logares de suas obras, compunha elle a musica das folias e cantigas que introduzia em suas peças; mas, como o celebre Moliere, reunia ao talento de auctor o de actor, como se vê dos seguintes versos do nosso famoso André de Resende, seu contemporaneo, que por comprovarem este facto, e serem um documento da estima em que erão tidas as composições do nosso poeta, aqui deixamos transcriptos.

*Cunctorum hinc acta es comœdia plausu,
 Quam Lusitana Gillo auctor et actor in aula
 Egerat ante, dicax atque inter vera facetus:
 Gillo jocis levibus doctus prestringere mores;
 Qui si non lingua componeret omnia vulgi,
 Sed potius latia, non Grecia docta Menandrum
 Ante suum ferret; nec tam Romana theatra,
 Plautinave sales, lepidi vel scripta Terenti
 Jactarent: tantó nam Gillo præiret utrisque,
 Quantó illi reliquos inter, qui pulpita rore
 Oblita Coryceo digito meruære faventem.*

A peça de que Resende aqui falla é a Tragicomedia de Lusitania, que Gil Vicente tinha composto para o

nascimento do Infante D. Manuel, que morreo em tenra idade, a qual foi representada em Bruxellas em 1532, em casa do Embaixador Portuguez D. Pedro de Mascarenhas, na festa que este deu pelo mesmo motivo, e que Resende descreve no elegante poema latino, donde extrahimos a citada passagem.

Foi o poeta casado com Branca Bezerra, de quem teve Gil Vicente, Luiz Vicente e Paula Vicente, que herdarão os talentos do pae. Conta-se que estando Gil Vicente no zenith da sua reputação, seu filho mais velho começára a desenvolver um tal talento na poesia comica, que ja assombrava e em breve ameaçava eclipsar a gloria do pae; e que este, roido de uma desnatural inveja, o fizera embarcar para a India, onde Gil Vicente filho, depois de se haver mostrado não menos esforçado soldado que engenhoso poeta, ficára gloriosamente morto no campo de batalha. Esta anedota, adoptada por todos os que tem fallado do nosso poeta, a ter fundamento, poria uma nodoa indelebil no seu character. Em justiça porém ao nosso poeta devemos observar que o escriptor mais antigo onde encontramos este conto, é Manuel de Faria e Sousa, autor a quem de certo estamos em muita obrigação pelas muitas noticias litterarias que deixou espalhadas por suas obras, principalmente nos seus Commentarios ás Obras de Camões; mas que se deve consultar com summa desconfiança pela apparente avidez e irreflexão com que acolhia quantas anedotas andavão na boca do vulgo e com que muitas vezes faz os mais acerbos ultrages á memoria daquelles mesmos, cujo character é seu maior empenho ennobrecer: exemplos desta leveza se encontram na sua vida do probo e infeliz Camões.

De suas suppostas composições apenas se conserva o titulo de um auto chamado de *D. Luiz de los Turcos*.(*)

O segundo filho do nosso poeta foi Luiz Vicente, seu editor. João Baptista de Castro conta deste o que Faria refere de Gil, acrescentando que a Comedia dos Captivos em que mostrára um grande talento comico, causára os ciumes que o levarão á India.** Esta peça é igualmente attribuida ao Infante D. Luiz; e no *Index expurgatorio* de Filippe II. a pag. 84 se prohibe o *auto dos Cattivos, chamado de D. Luiz e dos Turcos*. Donde se vê que tanto o auto attribuido por Faria e Sousa a Gil Vicente, filho, como o que J. B. de Castro attribue a Luiz Vicente, são uma e a mesma cousa com diversos titulos; e provavelmente composição do Infante D. Luiz e não dos filhos de Gil Vicente, como o dá a entender o *Index expurgatorio*.***

(*) Barb. Bibliot. Lusit. art. Gil Vic. filho.

(**) J. B. de Castro, Mappa de Portugal, tom. II, p 320. 2ª ed.

(***) Taes contradicções acerca da peça que deveria ter causado tão monstruosos ciumes, não deixão de favorecer nossas suspeitas sobre a veracidade de Faria e Sousa; unica authoridade em que se fundou o Abbade de Barbosa para dar tres filhos a Gil Vicente; o que seguimos por não ir contra a opinião recebida, sem estarmos munidos de provas positivas para a combater com successo. O certo, porém, é, que a existencia deste pretendido filho não é attestada por documento algum, emquanto Luiz e Paula Vicente são os unicos filhos que com certeza sabemos que o poeta tivera, como mostrão os dous documentos que se acharão transcriptos depois deste ensaio. (I e II) Demais se Gil Vicente filho, foi tão grande poeta, se teve tão infeliz sorte, e foi tão valente soldado como diz Faria

O último e mais interessante dos filhos do nosso poeta foi sua filha Paula Vicente. Esta illustre Portugueza, com quem a natureza não foi tão prodiga em attractivos phisicos como em dotes de espirito, que ella cultivou com muita felicidade, foi Dama da Infanta D. Maria, filha d'ElRei D. Manuel e da Rainha D. Leonor. Provavelmente fazia ella parte da academia de mulheres doudas que aquella illustrada Princeza formou em sua casa; (III) em que se tornárão famosas Luiza Sigea, Anna Vaz e a nossa Paula — ornamentos do sexo, ás quaes o conhecimento do Latim e Grego era tão familiar naquelle nosso grande seculo, como aos Caiados, Rezendes e Gouveas. Paula Vicente não so compoz um volume de comedias, que julgamos perdido, (*) mas no fim da vida de seu velho pae, o ajudava em suas composições. (IV) Consta alem disto que ella desenvolvêra um singular talento histrionico, representando nas comedias de seu

e Sousa, como não achou elle documentos para mencionar na sua Asia as acções e morte de uma tão interessante victima do desamor paternal? Porque se não encontra seu nome na Chronica de D. João III. de Francisco d'Andrade, ou em Couto, nas estiradissimas listas de mortos, que com tanto cuidado compilavão os nossos Chronistas, não dizemos ja das pessoas distinctas, mas ainda de gente obscura, que de certo tinha menos titulos do que elle á posteridade? Porque de tão bellas composições se não conserva mais que o titulo de uma peça que ha tão fortes razões para não acreditar sua? Porque o não louvãõ ou ao menos mencionão seus coetaneos, nem Portuguez algum até Faria? Temos mui fortes suspeitas de que este tal Gil Vicente é menos filho do poeta, que da imaginação de Faria e Sousa.

(*) Bibliot. Lusit.

pae com tanta graça e natureza, que passava por uma das melhores actrizes do seu tempo. Provavelmente seus irmãos não estavam ociosos nestas occasiões.

Ao vermos Gil Vicente e sua familia com tanta entrada no Paço e ter elle mesmo empregado toda a sua vida em serviço da Côrte, seríamos induzidos a crer que a abundancia e o confôrto erão o premio de seus talentos e a recompensa de seus trabalhos, se elle, em suas obras, não deixasse testemunhos do contrário. Em 1523 dizia elle:

E um Gil . . . um Gil . . . um Gil,
 Hum que não tem nem ceitil,
 Que faz os aitos a ElRei . . .

 Aito cuido que dizia,
 E assi cuido que he;
 Mas não ja aito bofé,
 Como os aitos que fazia
 Quando elle tinha com que.

Desta passagem se vê que Gil Vicente tinha cahido em pobreza; tendo talvez consumido seu patrimonio, sem se ter prevenido para o futuro, confiado na munificencia daquelles a quem tinha dado tantos momentos de um prazer inteiramente novo; e que talvez o affastarão de outro modo de vida, senão de tanta fama, ao menos de mais proveito. Assim, no último quartel da vida e em uma terrivel occasião, com peste dentro de casa, se vio reduzido á qualidade de desvalido requerente, remettido a ministros, quando não pedia mais que para matar a fome. São dignas de attenção as trovas que elle mandou ao Conde do Vimioso, queixando-se da ingratição com que era tractado, quando diz:

Que o medrar
Se estivera em trabalhar,
Ou valéra o merecer,
Eu tivera que comer,
E que dar e que deixar. (*)

Mas destes "illustres ingratos" este é o mais certo galardão.

Porém apezar de não ser elle homem de fortuna, que em falta de mais solidos predicados, muitas vezes é titulo bastante para se adquirir consideração; um interessante documento que se conserva em suas obras, nos prova que era elle pessoa de mais autoridade do que se esperaria do genero de seus talentos e profissão. O facto é, além disso, uma bella illustração do seu character. No anno de 1531 se sentio em diversas partes do reino um violento terremoto que causou consideraveis estragos e espalhou o espanto e terror nos animos das populações. Os padres, longe de tranquilizarem o povo e lhe inspirarem confiança, servirão-se, como sempre, do pulpito para augmentarem o terror e confusão, denunciando aquella infeliz raça proscripta, a quem então era costume attribuir todas as calamidades públicas, como unica causa da ira do Ceo, que lhes enviava aquelles castigos por soffrerem entre si os inimigos de Deos. A denúncia teve o desejado effeito; os Christãos novos forão obrigados a abandonar suas casas e a procurar nos montes um asilo contra o cego furor popular. Esta scena se passava em Santarem: Gil Vicente que então se achava ahi, apressa-se a acudir ao perigo: reúne os energumenos padres no adro da igreja; exproba-

(*) Tom. III, pag. 182-3.

lhes o abuso de seu ministerio, todo de charidade e conciliação e não de *contentar a desvairada opinião do vulgo*; e por fim exhorta-os a que de novo subão ao pulpito a reparar o damno causado por suas sediciosas harengas. Os padres obedecem; os Christãos novos e judeos regressão a suas casas, e o repouso de toda uma consideravel população é restabelecido á voz de Gil Vicente — do autor de Mofina Mendes, e do Clerigo da Beira, que n'um lance de necessidade soube arrancar a mascara de Momo e assumir a gravidade de moderador das tormentas populares que nos descreve o poeta latino “*pietate gravem ac meritis virum!*”(*)

O anno em que falleceo Gil Vicente se ignora. O abbade Diogo de Barbosa diz que elle morrêra *antes* do anno de 1557 em Evora, para onde tinha acompanhado a côrte. É claro que o autor da Biblioteca se funda em que, estando Gil Vicente, como diz seu filho Luiz, a colligir as suas obras, com tenção de as dedicar a D. João III., quando a morte lh'o não consentio levar a effeito, devia elle ter fallecido antes deste Rei, que morreo naquelle anno. Se porém se considerar que Gil Vicente ja em 1531 se achava *mui visinho da morte*(**), e que a última composição sua é de 1536, parecerá demasiado vaga a epocha apontada por Diogo Barbosa. Com effeito que motivo impediria o poeta da côrte de continuar a divertir seus reaes patronos desde 1636, quando até então as suas producções erão quasi annuaes, muitas vezes duas e tres por anno? É provavel que

(*) Veja-se a carta em que G. V. dá parte deste successo a D. João III., no tom. III, pag. 385.

(**) Veja-se tom. III, pag. 388.

Gil Vicente não sobrevivesse muito a este anno, realisando-se assim os seus pressentimentos, e contando pouco mais de sessenta annos de idade. (*)

A collecção que Luiz Vicente nos deixou das obras de seu pae, não contém tudo o que sahio da sua penna. De muitas composições, tanto lyricas como dramaticas, nos diz elle não pudera alcançar copia; (IV) deste número foi provavelmente a farça intitulada *Caça dos segredos*, de que Gil Vicente fallava ao Conde do Vimioso. (**)

Tão longe estamos de reclamar para a nossa patria a honra da invenção das composições dramaticas da moderna Europa, que a consideramos como a última das nações cultas em que esta arte foi introduzida. As *Eglogas* castelhanas de Encina, os *Mysterios* representados na Italia pela *Companhia Gonfalone* em 1440, os *Milagres* inglezes desde tempos remotos, e finalmente as *Farças*, *Moralidades* e os *Mysterios* Francezes representados em Paris pela *Confraria da Paixão* desde

(*) Na Comedia *Floresta de Enganos*, ultima composição do poeta, representada em 1536, diz o Doutor Justiça Maior:

“Ya hice sesenta y seis,
“Ya mi tiempo es pasado.”

Póde bem ser que fosse o mesmo G. V. que desempenhasse este papel e que realmente aqui designasse a sua idade. Sendo assim teria elle nascido em 1470.

(**) Tom. III, pag. 382.

1380, são factos em presença dos quaes emmudece qualquer *patriotica* parcialidade. É so do principio do seculo XVI que data entre nós a introducção de composições dramaticas com os primeiros ensaios de Gil Vicente. Debalde remontaremos nós até aos mais remotos tempos da monarchia em procura de alguma cousa que nos dê uma idea do conhecimento desta arte entre nós antes daquella epocha.

Sendo isto assim, resta examinar de qual destas nações veio a Gil Vicente a primeira idea de composições dramaticas, ou se elle na sua carreira não teve modelos e foi absolutamente original. Um sabio Academico, em uma erudita memoria sôbre o Theatro Portuguez, (*) admittindo a possibilidade da primeira hypothese, julga que a representação da vida de Christo por João Michel, podia bem ter sugerido ao poeta portuguez a *primeira* idea de composições dramaticas, e seria o fundamento desta conjectura a similhaça entre o *Mysterio* do auctor francez, e o auto da Vida de Deos composto por Gil Vicente.

Ainda que, em parte, isto assim possa ser, e haja muita probabilidade de que o poeta conhecesse as composições francezas, como teremos occasião de dizer, comtudo é necessario convir em que o Castelhana Juan de la Encina, e não os Francezes, foi o modelo sôbre que Gil Vicente compoz as suas *primeiras* producções dramaticas. Embora se diga que as composições de Encina não passão de umas simples eglogas; o assumpto,

(*) Mem. da Acad. Real das Sciencias, Tom. V, Parte II, pag. 42.

a disposição, o estylo, emfim scenas inteiras imitadas, mostram que estas eglogas são a mesma cousa que os *Autos Pastoris* de Gil Vicente, com diverso nome. Mas se o poeta portuguez, ao encetar uma carreira inteiramente nova para a sua nação, seguiu as pisadas do poeta hespanhol, bem depressa, arrebatado de sua creadora imaginação, sahio do acanhado terreno a que este o conduzira, deixando não so a perder de vista seu antecessor e mestre, nas mesmas composições em que o tinha tomado por modelo, mas abrindo na Hespanha uma nova carreira neste ramo da litteratura, em que depois o famoso Lope de Vega adquirio tão grande reputação. Que Juan de la Encina era muito conhecido em Portugal, e que os contemporaneos de Gil Vicente o consideravão como seu primeiro modelo, mostra por palavras nada equivocadas Garcia de Resende, quando diz na sua *Miscellanea*:

E vimos singularmente
 Fazer representações,
 D'estilo mui eloquente,
 De mui novas invenções:
 Elle foi que inventou
 Isto cá, e o usou
Com mais graça e mais doutrina,
 Posto que Joam del Euzina
 O pastoril começou.

Porém nas obras de devação de Gil Vicente ha visivelmente mais de um genero de composições dramaticas: pelo menos é facil distinguir entre os *Autos pastoris*, que em si mesmo tem o cunho da poesia hespanhola, e as peças biblicas do genero dos *Mysterios* de origem franceza ou italiana e destas nações levados a toda a parte da Europa.

A este último genero parece pertencer a *Historia de Deos*, o *Auto da Cananea*, o *da Alma* e talvez as *Barcas*. É possível que Gil Vicente, uma vez empenhado na carreira dramatica, por suas proprias diligencias ou por intervenção da Côrte, viesse a deparar com as composições francezas. Com effeito, quem comparar qualquer destas peças, particularmente a *Historia de Deos* com os *Mysterios* representados em França, poderá achar algum fundamento para esta conjectura. Assim estes titulos e dignidades de que o poeta reveste os differentes diabos que põe em scena, mais parecem formar uma especie de *systema* adoptado por todos aquelles que tractarão similhantes assumptos, do que casual invenção do poeta portuguez. Se nos *Mysterios* francezes *Lucifer* é sempre o *Principe dos demonios*, em Gil Vicente é o *Maioral do Inferno*; na peça portugueza *Belial* é chamado *Meirinho da Côrte infernal*, nos *Mysterios* o vemos designado por *Procureur des Enfers*, e em ambas as partes mostra um character igualmente violento, em opposição á astucia de *Satanás*, que assim no auto portuguez como nos *mysterios* francezes é encarregado por *Lucifer* de tentar tanto os homens como a *Christo*. É tambem digno de se notar que na peça de que estamos fallando, deixa Gil Vicente a versificação nacional e se aproxima da *Franceza*. (VI) Se for necessario para tornar mais plausivel esta conjectura acrescentar que Gil Vicente conhecia a lingua franceza, o seu auto ou farça da *Fama* o demonstrará.

Em quanto ás outras composições de Gil Vicente, se ellas forão invenção propriamente sua, ou se teve modelo a quem imitasse, não nos parece facil resolver. É certo que ja em 1517 sahirão impressas em *Napoles*

algumas comedias de Bartolomeu Torres Naharro, mas de uma comparação entre as composições destes dous auctores não resulta convicção de que elles se conhecessem reciprocamente, ou seja que ambos tiverão um modelo commum, ou que casualmente se encontrassem no mesmo genero de composições.

Mas se Gil Vicente não foi o inventor do drama moderno, se a honra dessa primazia litteraria não pertence á nação portugueza, póde ella gloriar-se de ter produzido um engenho que não so, dentro de alguns annos a trouxe ao nivel, nesta arte, das outras nações da Europa, exercitando-se elle so em quasi todos os generos de drama que em Italia, França, Inglaterra, Hespanha tiverão suas epochas distinctas e que lentamente se forão succedendo uns aos outros por espaço de dous seculos, e occupando cada um delles exclusivamente a vida inteira de muitos poetas; mas ainda excedeo seus predecessores e contemporaneos em alento poetico, originalidade, e interesse que soube dar a suas variadas composições. E nisto consiste a verdadeira gloria da nossa nação; os Portuguezes o podem proclamar com um nobre orgulho, que não tendo povo algum moderno tão arduas e prolongadas batalhas a pelejar, nem tão formidaveis inimigos para suas forças a combater, como a nação portugueza, afim de conquistar e assegurar a sua independencia, o que forçosamente lhe houve de retardar o progresso de toda a litteraria cultura, póde não so, no espaço de poucos annos, discorrer as differentes provincias das lettras, de longo tempo cultivadas n'outras nações, mas ainda de as alcançar na sua avançada carreira. Que futuro não aguardava uma nação a quem a Inquisição, os Jesuitas e um tyrannico

jugo de sessenta annos não viesse neutralizar tão generoso impulso!

É tradição entre os litteratos que Erasmo, que tinha em grande conta o talento de Gil Vicente, declarára que era elle o poeta do seu tempo que melhor tinha imitado a Plauto. Póde bem ser que a prespicacia de Erasmo achasse grande similhaça entre os dous engenhos, e dicesse que o poeta portuguez houvera sido um Plauto se vivesse em Roma no setimo seculo da sua fundação; mas que o philologo de Rotterdam reconhecesse em Gil Vicente o discipulo do comico latino, não é crível. Com effeito, se a sua inculta e desleixada musa apresenta muitas vezes admiraveis rasgos d'engenho, que a arte não cria, mas só póde moderar, debalde se procurará nelle o menor rasto das regras dramaticas observadas pelos comicos antigos.

Porém esse mesmo desprezo ou antes'essa mesma ignorancia dos preceitos d'Aristoteles e Horacio foi por ventura a fortuna de Gil Vicente. Houvera elle lido e meditado os modelos da antiguidade, fôra sim mais correcto, mais judicioso, mais regular; mas talvez hoje não soubessemos que os nossos maiores possuirão entre si um genio original: a erudição, inimiga da originalidade, tem deprimido mais de um talento poetico. Por isso nós não estranhamos nem sentimos encontrar em Gil Vicente essa falta de unidades: ja ellas tiverão mais ardentes sectarios que hoje. É verdade que o poeta no auto da Historia de Deos, chama successivamente a scena todos os Patriarchas desde Adão até Jesu Christo; que na comedia de Rubena o espectador vê nascer a heroína em Hespanha, de cinco annos pastorar gado, de quinze transportada a Creta e ahi casar: isto são defeitos sem

dúvida, mas não daquelles de que a crítica deva occupar-se quando se tracta de um autor do seculo e situação de Gil Vicente — Mas que? não vemos nós nestes tempos em que vivemos applaudir essas mesmas incongruidades? A Comedia de Rubena não é outra cousa mais que o que presentemente os românticos chamão Quadros ou Paineis dramaticos, e um moderno auctor a teria intitulado: *Paineis dramaticos da vida de uma mulher*. Assim é que Johnson julga ter posto Shakspeare a cuberto dos tiros da crítica, dizendo que as suas peças irregulares (e neste numero entrão as suas mais sublimes composições) não são tragedias nem comedias, mas um genero de drama distincto, que o seu mesmo auctor intitulou *Historias* (histories). (*) Porém o immortal tragico do Avon não carece destas distincções escolasticas para conservar o seu logar acima de todos os classicos. Alem disso, em muitas das composições de Gil Vicente, em que estas incongruidades parecem mais absurdas, como quando junta em dialogo personagens da historia pagan ou fabulosas com os Patriarchas e anjos, ou quando põe em contacto pessoas que vivêrão em mui diversos tempos, nunca devemos perder de vista a idea que occupava o poeta, que era personificar ou symbolizar, por meio desses nomes alguma idea abstracta e fazer mais viva impressão no animo dos espectadores. Assim, quando Heitor, Achilles, Annibal, Scipião apparecem em scena para exhortarem os Portuguezes á guerra, a impressão causada por seus discursos devia ser mui mais penetrante do que sendo estes postos na boca de entes mais abstractos, como a Fortaleza, o Valor, a Heroicidade;

(*) Johnson, life of Shakspeare.

e aqui são taes personagens tão allegoricas como no auto de Mofina Mendes, a Prudencia, a Pobreza, a Humildade e a Fé. O mesmo acontece no auto da Sibyla Cassandra. O poeta querendo fazer sobresahir a presumçosa confiança de Cassandra e seu soberano desprezo pelo matrimonio, faz-lhe regeitar com desdem as proposições do mais rico e do mais sabio de quantos homens tem existido — de Salomão, que elle não designa com o titulo de rei, mas do *pastor* Salomão, porque o seu fim é so symbolizar neste nome o summo grao da opulencia e sabedoria. Mas assim como acolá empregou nomes profanos para um assumpto profano, aqui emprega um nome biblico para um objecto religioso.

Mas quereremos nós com isto dizer que não abstrahindo do seculo em que o poeta viveo e do ponto de vista em que elle concebeo suas composições, tocára elle, no que nos deixou, as raias do seu engenho? De certo que não; o talento de Gil Vicente foi muito superior ao merito, mesmo relativo, de suas composições. A grande superioridade da sua Farça de Inez Pereira sobre o resto de suas composições bem manifesta que elle nem sempre teve obras de empenho e despique a compor. Nella é verdade se encontram ainda esses defeitos d'arte, mas em trôco temos caracteres traçados com uma verdade e observação, que so ao verdadeiro talento é permitido; temos uma disposição meditada, tendendo a um desfecho, incidentes e situações comicas e muito conhecimento do coração humano. Com que arte o não vemos sahir desses mesmos labyrinthos em que elle se metteo? Outro qualquer teria cahido nas mesmas irregularidades, quando chegasse a occasião de se descartar do Escudeiro, que o embarçava de chegar ao seu fim, mas talvez

não tivesse a idea de dar o último toque ao character do covarde rufião, como com uma admiravel simplicidade fez Gil Vicente na carta em que o irmão de Inez lhe participa a morte do marido:

. Sabei que indo
 Vosso marido fugindo
 Da batalha para a villa,
 Meia legua de Arzilla,
 O matou um Mouro pastor.

Mas se investigarmos quaes forão as causas que impedirão o desenvolvimento de que o estro de Gil Vicente era capaz, talvez acharemos as principaes no genero de composições que elle se vio obrigado a tractar, e o circumscriuto circulo de seus espectadores. As peças de Gil Vicente se podem dividir em tres classes: dellas, umas erão compostas para celebrar uma noite de Natal, outras para festejar o nascimento ou casamento de um principe, outras para servir de entretenimento nos celebrados serãos da Córte de Portugal. Á primeira classe, a que pertencem os autos, deu Gil Vicente toda a latitude de que taes composições erão capazes, e muitas vezes sahio fóra de seus acanhados limites para entrar na Farça, em que mais se aprazia; mas este genero, de si mesmo tenue, não era campo sufficiente, para desenvolver o seu talento. Á segunda pertence a maior parte das Tragicomedias, genero, assim como o primeiro resistindo a todo o plano dramatico rasoavel, e so semelhante a uma certa composição exdruxela, conhecida entre nós pelo titulo de *Elogios dramaticos*.(*) Em taes composições ninguem

(*) Não se falla aqui de *Amadis de Gaula*, ou *D. Duardos*, mas da *Nao d'Amores*, *Fragoa d'Amor*, *Templo d'Apollo* &c.

se admirará de não encontrar alguma cousa que pertença ao dominio do drama, e so admira que Gil Vicente, podesse assim mesmo, por meio de seu incomparavel talento faceto e comico sal, dar tanto interesse a taes composições que ainda hoje se não podem ler sem nos pôrem n'hum continuado fluxo de riso. Á terceira classe emfim pertencem as Farças e Comedias, genero em que o poeta melhor podia desenvolver o seu talento. Porém nestas, bem como em todas as suas outras composições, o seu principal empenho era divertir e fazer rir a Côrte, que tirada de rizada em rizada por allusões a factos sabidos e intrigas conhecidas, ja por satyras indirectas ou personalidades dirigidas a pessoas presentes, não exigia demasiados esforços da facil e creadora musa de Gil Vicente. Tivera elle tido espectadores menos complacentes, um público composto de todas as classes da sociedade, emfim um theatro público, o que em Portugal não houve senão passado muito tempo; talvez mais farças como a de Inez Pereira, e ainda mais trabalhadas, substituíssem muitas das suas outras composições. Porém na situação de Gil Vicente talvez pudera elle dizer com Lope de Vega:

Sustento en fin lo que escribí y conozco
Que aunque fueran mejor de otra manera,
No tuvieran el gusto que han tenido:
Porque á veces lo que es contra el justo,
Por la misma razon deleita el gusto. (*)

Porém, apezar de todos estes defeitos ja do seculo, ja da situação de Gil Vicente, ha ahi muito que admirar, ou as suas obras se considerem debaixo d'um ponto de

(*) *Arte nuevo de hacer comedias.*

vista dramatico, ou nós attendamos ás bellezas lyricas de que abundão. Que variedade de characteres esboçados em todas as suas composições, de que, um seculo mais tarde, o mesmo pincel poderia ter feito primores d'arte tão admirados como um *Avarento* e um *Misanthropo*? Quem lerá com indifferença esses autos pastoris, semelhantes aos paineis de Teniers, em que o campo ostenta toda a graça e louçania, todo o verdor e luxo da natureza, povoado de ingenuos e contentes pastores, que respirão a innocencia, a alegria, a satisfação, o ar do campo, em seus jogos, em suas danças e cantigas, e em sua jovial simplicidade? A quem não deleitarão estas formas livres e faceis, a gala e soltura desta poesia eminentemente nacional, em cadentes e harmoniosas rondilhas, que se vão imprimindo na memoria ao passo que se recitão? O pathetico, o pomposo, não é empregado com menos felicidade por Gil Vicente. Nas Tragicomedias de D. Duardos e Amadis, assim como no bellissimo monologo de Rubena se encontrão affectos exprimidos com uma tal energia e delicadeza, imagens de tão extremada galhardia e formosura, que so nos fazem sentir que o poeta não se entregasse mais a este estylo e que enriquecesse com taes bellezas uma lingua estranha.

Se do merito litterario das producções do nosso poeta passamos a olhá-las debaixo d'outros pontos de vista, pelo lado moral e historico, ainda o seu merecimento será muito relevante. Não supomos que Gil Vicente considerasse a moralidade dramatica como uma condição da comedia, antes julgamos que elle so teve em vista o agradavel; porém como o homem é naturalmente mais inclinado a rir-se que a commiserar-se dos vicios e defeitos de seus semelhantes, tornão-se estes, materiaes

indispensaveis da comedia. Assim se encontra no poeta um usurario logrado por um cavalleiro de industria, um ministro prevaricador, por uma moça ladina; rediculisado o pedantismo d'um medico; a astrologia judiciaria, ainda em todo o vigor no tempo de Gil Vicente, cuberta de ridiculo com uma graça e sal inimitavel; emfim a soberba dos grandes e poderosos abatida. Na propria presença da côrte se fazem as mais amargas recriminações contra os Reis por suas tyrannias; e a mesma côrte não está a cuberto de seus sarcasticos gracejos. (*)

Porém classe nenhuma foi tão perseguida por Gil Vicente como os Frades. Este foi o foco em que se concentrou toda a energia, mordacidade, acrimonia da sua pungente satyra. Foi esta a unica classe que elle atacou por odio e por systema, que procurou e acometteo de todos os lados. Não é preciso apontar logares; não ha peça em que elles não sejam o alvo de seus tiros. E aqui se offerece naturalmente uma observação: — como é que o fanatico D. João III, o introductor dos Jesuitas e da Inquisição em Portugal não so tolerava, mas se ria dos ataques que a lepida Musa de Gil Vicente fazia contra uma classe que completamente o dominou? O caso é que os padres ainda se não tinham tornado omnipotentes; os homens illustrados ainda ousavão manifestar os receios que depois se vierão a verificar; mais tarde Gil Vicente se teria limitado a odiá-los em silencio: ja Camões no seu tempo achava prudente não se embaraçar demasiado com elles:

(*) Veja-se na Farça do Clerigo da Beira a falla do Clerigo que principia “Medraria este rapaz”. Tom. III, pag. 320.

“Mas passo esta materia perigosa”

diz elle nos immortaes *Lusiadas*. Que chistosas vaias, que surriadas não daria Gil Vicente se assistisse em nossos dias á queda deste descommunal colosso!

Alem do interesse litterario que encerrão as obras de Gil Vicente, é importantissima a sua conservação como um documento para a historia de seus tempos. Nellas se vem retractados melhor que em nenhum dos nossos antigos escriptores, os costumes, os usos, as crenças e as superstições de nossos maiores; a cada passo se achão provas de como o espirito público estava indentificado com as grandes emprezas que então occupavão Portugal e o fazião a admiração do mundo: as conquistas na Asia e na Africa, o aperfeiçoamento da navegação, a ousadia de nossos navegantes, o valor heroico de nossos guerreiros, erão o scopo ordinario das conversas da praça e da familia.

Em quanto ao maquinismo e decorações theatraes com que se representavão as peças de Gil Vicente, pouco se alcança de suas obras. Garcia de Resende diz que a Tragicomedia *Cortes de Jupiter* fôra representada com toda a pompa e magnificencia. (VII) Porém attendendo ás raras invenções e estupendas maquinas que se fizerão no reinado de D. João II. por occasião das festas do casamento do Principe D. Affonso, descritas extensamente por Resende e Ruy de Pina, se póde fazer uma idea do apparatus com que forão postas em scena algumas das suas composições, como o *Triumpho do Inverno*, em que o poeta deu a seus espectadores uma vista de mar, com navios e com toda a confusão d'uma tormenta. (VIII)

Assim lançado o fundamento do nosso theatro por um engenho tão superior, estava aberta a estrada para que seus successores, corrigindo progressivamente os inevitaveis defeitos do seculo e da novidade, e aproveitando o muito que ahi havia a aproveitar, levantassem o edificio de um Theatro nacional. E com effeito alguns apparecêrão que seguirão as pizadas de Gil Vicente, como o Infante D. Luiz, Antonio Prestes, Braz de Rezende, os dous irmãos Antonio e Jeronymo Ribeiro Chiado, Henrique Lopes e Jorge Ferreira de Vasconcellos: o mesmo Camões se não dedignou de se alistar debaixo das suas bandeiras. Mas este por empenhado em mais elevados assumptos, os outros por falta de um transcendente talento dramatico, mais copiárão que corrigirão o seu modelo. Tambem a eschola classica appareceo então em Portugal representada por dous grandes poetas, Sá de Miranda e o Doutor Antonio Ferreira; mas estes com um limitadissimo numero de producções, e alem disso demasiado preocupados da douta antiguidade, não puderão exercer consideravel influencia sôbre este ramo da litteratura. Oxalá Gil Vicente tivesse apparecido depois de todos elles; seria elle o reformador do nosso theatro, e verdadeiramente o nosso Plauto.

A P P E N D I X.

Os dous seguintes documentos devem conservar-se como os unicos authenticos para a historia de Gil Vicente.

I.

PRIVILEGIO.

Eu ElRei faço saber aos que [este alvará virem, que Paula Vicente, moça da Camara da muito minha amada e prezada tia, me disse que ella queria fazer emprimir hum livro e cancionero de todas as obras de Gil Vicente seu pay, assi as que até ora andárão empremidas pelo meudo, como outras que o ainda nam foram. Pedindo-me que ouvesse por bem, que por tempo de dez annos nam podessem emprimir nem vender o dito cancionero, senam ella, e as pessoas a que ella pera isso désse licença: e que as ditas obras meudas do dito seu pay que até ora andárão empremidas se nam podessem mais emprimir, nem vender pelo meudo. E visto seu requerimento, e por alguns justos respeitos que me a isto movem, ey por bem, e me praz que fazendo ella emprimir o dito cancionero de todas as obras do dito seu pay — Empressor algum, nem outra algũa pessoa possa em meus Reynos e Senhorios emprimir, nem vender o dito cancionero, nem trazelo de fóra do Reyno a vender sem consentimento e licença da dita Paula Vicente, e isto por tempo de dez annos somente, que começaram da feitura deste alvará. Emprimindo, ou vendendo algũa pessoa o dito cancionero nos ditos meus Reynos e Senhorios, ou trazendo-o de fóra delles a vender como dito he dentro no dito tempo de dez annos sem licença da dita Paula Vicente, perderá todos os volumes que delles lhe forem achados, e pagarão cincuenta cruzados, ametade pera a minha Camera, e a outra ametade pera quem os acusar. E assi me praz que daqui em diante polo dito tempo de dez annos se nam possam

emprimir nem vender polo meudo obras algũas do dito Gil Vicente que estiverem no dito cancionero sob a mesma pena acima declarada. E mando a todas as minhas justiças, officiaes e pessoas a que o conhecimento deste pertencer que cumpram e guardem inteiramente este alvará, como se nelle contém, o qual ey por bem que valha, e tenha força e vigor como se fosse carta feita em meu nome, por mi assignada e passada pela minha Chancellaria sem embargo da ordenaçam do segundo livro, quarto, vinte, que diz que as cousas cujo effeito ouver de durar mais de um anno passem por cartas, e passando por palavras não valhão. E valerá este outro si, posto que nam seja passado pola Chancelaria sem embargo da ordenaçam que manda que os meus alvarás que não forem passados pela Chancellaria se nam guardem. Jorge da Costa o fez em Lisboa a tres dias de Setembro de mil quinhentos e sessenta e um. Manuel da Costa o fez escrever. E cada volume do dito Cancioneiro se nam poderá vender por mais de hũ cruzado. E este alvará se trasladaraa e imprimiraa no principio do dito Cancioneiro.

RAYNHA.

II.

PROLOGO

*dirigido ao mui alto e poderoso Rei nosso Senhor D.
Sebastiam o primeiro do nome por Luis Vicente.*

He tão gloriosa cousa, altissimo Rei e Senhor nosso, a fama daquelles que a tem e a tiverão, que a toda pessoa geralmente faz desejo de a acrecentar, e resuscitar suas obras: e assi o fazem muitos, huns com contarem em pratica suas cousas, outros com escreverem suas obras, outros trabalharem que venhão á noticia de todos com as imprimirem, como foi aquelle que apurou, e alimpou e fez que fossem vistas e achadas as cousas de Homero, porque, se elle nam fôra, perderam-se, e outros que tomárão a seu cargo o trabalho de serem pregoeiros daquelles que escrevêrão, e fizerão obras dinas de serem apreoadas, sem outra obrigação mais que somente a curiosidade que tinhão de quererem que se não perdesse a

fama de grandes homens. Quero dizer, que se estes não lhe indo nisso nada, o fizerão assi, que farão aquelles a que bate à porta a obrigação de seus antepassados, que suas obras são desejadas virem á noticia de todos? E ainda que as obras de meu pay não tenham tamanho merecimento como tiverão as d'outros poetas antigos e modernos, tão celebrados em todo o mundo: todavia, aindaque as deste livro fiquem muito abaixo destas; por serem cousas algũas dellas feitas por serviço de Deos e todas em serviço de vossos avós, e de que elles muito gostarão, era rezão que se imprimissem. E porque sei que ja agora nessa tenra idade de V. A. gosta muito dellas, e as lê e folga de ouvir representadas, tomei a minhas costas o trabalho de as apurar e fazer imprimir sem outro interesse, senão servir V. A. com lh'as dirigir, e cumprir com esta obrigação de filho. E porque sua tenção era que se imprimissem suas obras, escreveu por sua mão e ajuntou em hum livro muito grande parte dellas, e ajuntára todas, se a morte o não consumira. A este livro ajuntei as mais obras, que faltavão e de que pude ter noticia. E porque o prologo que adiante vai dirigido a elRei vosso avô, que haja gloria, não houve effeito; esse como o livro todo offereço a V. A. a quem nosso Senhor acrecente e prospere a vida e estado por muitos annos.

III.

Desta illustre Princeza diz um seu biographo: “Se dió à la lengua latina, en que hizo tales progresos, que á poco tiempo, socorrida de su docilidad y talento, la escribia y hablaba como si fuera materna; lo mismo le sucedió con la griega.”

(Pacheco, Vid. de la Inf. D. Maria.)

E Macedo, nas Flores de España: “En la poesia fue insigne: escribió en Latin y tenia perpetuamente academia de mugeres doctas.”

IV.

Que muitas obras de Gil Vicente se perdêrão, se vê do Prologo dirigido por seu filho Luiz a D. Sebastião; onde diz: “A este livro ajuntei as mais obras que faltavão, de que pude ter noticia.” A respeito das obras meudas mais claramente o

dizia elle no fim do Liv. V. por estas palavras: "Fim do quinto livro o qual vai muito carecido destas obras meudas, porque as mais das que o autor fez desta qualidade se perdêrão."

V.

Assim a celebra o Padre Reis nos seus Enthusiasmos poeticos, No. 66, comparando-a com a mulher de Lucano:

..... Paula parentem
Oegidium sociat nunc celso in vertice Montis,
Quem juvisse ferunt, sicut olim Pola maritum
Scribentem juvit Lucanum.

VI.

A seguinte scena de Encina é visivelmente o modelo de outra de Gil Vicente, no seu primeiro auto pastoril a pag. 14 do 1º vol.

<p>JUAN. Hora juguemos! ANT. Juguemos. MIGUELEJO. Y á qué juego, compañeros? RODRIGACHO. Juguemos pares y nones. JUAN. Ahotas, que bien haremos. ANTON. Comenzemos. JUAN. Qué les dices? ANT. Juri á ños, Nones digo. JUA. Dá cá dos. ANTON. Cata, que no trampillemos! RODRIGACHO. Qué les dices, Miguelejo? MIGUELEJO. Pares les digo. ROD. Perdiste! JUAN. Al diablo te dó por triste! Ya pones el sobrecejo? RODRIGACHO. Quando viejo, muy ruin gesto has de tener: por tres castañas perder reniegas de san conejo. MIGUELEJO. Qué les dices, Rodrigacho?</p>	<p>RODRIGACHO. Asmo, que dígoles pares. MIGUELEJO. Al diablo tales jugares. RODRIGACHO. Hora ganéte buen cacho. Don muchacho, poquito sabes de juegos: no te aprovechan reniegos; cata que soy hombre macho. JUAN. Nunca acabaremos hoy: debemos juego mudar. RODRIGACHO. Y á qué podremos jugar? ANTON. Miafé, á vivo te lo doy. MIGUELEJO. Yo no soy en jugar juego tan ruin: mas juguemos al trentin que mny desgraciado estoy. EL ANGEL. Pastores, no hayais temor! que os anuncio gran placer: sabed que quiso nacer esta noche el Salvador Redentor en la ciudad de David. Todos, todos le servid, que es Cristo nuestro Señor &c.</p>
--	--

Compare-se a cantiga com que Gil Vicente fecha a sua *Tragicomedia dos Aggravados*, com a seguinte composição com que finaliza uma das Eglogas de Juan de la Encina:

Villancico.

Gran gasajo siento yo,
huihó!
Yo tambien soncas que ha,
huihá!
pues aquel que nos crió
por salvarnos nació ya:
Huihá, huihó!
que aquesta noche nació.

Esta noche al medio della
quando todo estaba en calma,
por nos alumbrar el alma
nos nació la clara estrella:
clara estrella de Jacó,
huihó!
alegrar todos que ha,
huihá!
pues aquel que nos crió &c.

En Belen nuestro lugar
muy gran calor relumbrea,
yo te juro que aquesta aldea
por el mundo ha de sonar:
porque tal fruto nos dió
huihó!
gran honra se le dará
huihá!
pues aquel que nos crió &c.

Una vírgen concibiera
sin simiente de varon,
y vírgen sin corrupcion
al hijo de Dios pariera,
y despues vírgen quedó,
huihó!

gran memoria quedará,
huihá!
pues aquel que nos crió &c.
Una vírgen de quinze años
morenica de tal gala,
que tan chapada zagala
no se halla en mil rebaños:
nunca tal cosa se vió,
huihó!
ni jamas fue ni será,
huihá!
pues aquel que nos crió &c.
Vámonos de dos en dos,
aballemos á Belen,
porque percancemos bien
quien es el hijo de Dios:
gran salud nos envió,
huihó!
aquel, que en Belen está,
huihá!
pues aquel que nos crió &c.
Ya rebulle la mañana,
aguijemos que és de dia,
preguntemos por Maria
una hija de Santa Ana,
que ella ella lo parió,
huihó!
vamos, vamos andallá,
huihá!
pues aquel que nos crió,
por salvarnos nació ya:
huihá! huihó!
que aquesta noche nació.

VII.

Eis-aqui alguns extractos dos antigos *Mysterios* francezes que aqui se transcrevem para habilitar o leitor a fazer o seu juizo sobre as observações que fizemos no texto; o seguinte é de um antigo *Mysterio* manuscripto, que Bouterweck nos fornece na sua historia da Poesia e Eloquencia Franceza. Lucifer falla aos espiritos infernaes:

“Parles-tu point, Sathan accusateur,
 “Persécuteur de tout humain lignaige?
 “Toi Bélial *nostre Grand Procureur*,
 “Faulx rapineur, infame détracteur,
 “Et inventeur de larcin et pillage?”

Neste segundo extracto de uma composição mui posterior á antecedente, e de um contemporaneo de Gil Vicente, se observa a mesma divisão de caracteres entre os diabos interlocutores: a supremacia de Lucifer, o orgulho, e os titulos de Belial ainda aqui são conservados. A composição è de Luis Chocquet, e foi representada em Paris, no *Hôtel de Flandres* em 1544, e impressa no mesmo logar e data. Mais extensos extractos deste raro livro se achão no Dictionario de Bayle, artigo *Chocquet*, donde tiramos os seguintes:

Resposta de Satanás a um discurso de Lucifer:

“*Prince d'Enfer*, tes cris as faict estendre
 “Si tresavant qu'ils sont venns descendre
 “Jusques au fons de noires regions:
 “Nos vils manoirs tu as presque faict fendre:
 “Que te fault-il? Es tu prest de te pendre?
 “Diables sont hors par grandes legions &c.

Discurso de Lucifer:

“Haro, Haro, approche toy grant Dyable,
 “Approche toy Notaire mal fiable,
 “*Fier Bélial, Procureur des Enfers*;
 “Si tu ne fais nng faulx traict desnoyable,
 “Nous perdons tout le genre humain saluable,
 “Et demeurons seuls enchainez en fers.

VIII.

Eisaqui o logar a que se refere o texto:

“E as danças acabadas, se começou huma muito boa e
 “muito bem feita comedia, de muitas figuras, muito bem ata-
 “viadas e muy naturaes, feita e representada ao cazamento e
 “partida da Senhora Infante; couza muito bem ordenada, e
 “com ella acabada se acabou o seram.”

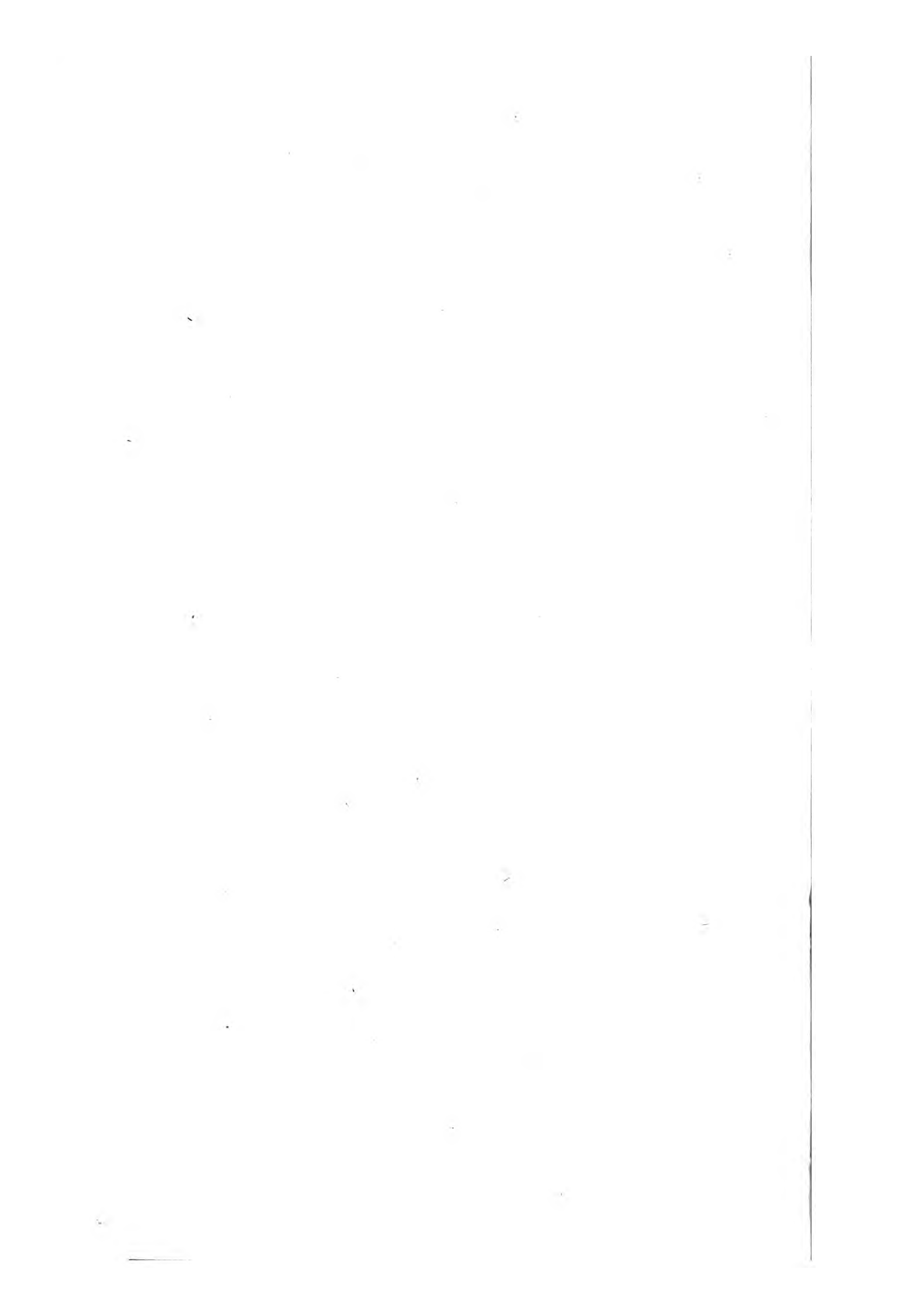
(G. de Resende, Hida da Infante D. Beatriz
 para Saboia.)

IX.

A seguinte passagem fará conceber uma grandiosa idea do maquinismo dos nossos antigos. Foi em 1481 que se fizeram estas memoraveis festas.

“E á terça feira logo seguinte, houve na salla da madeira
“excellentes e mui ricos momos, antre os quaes ElRei, pera
“desafiar a justa que havia de manteer, veeo primeiro momo,
“envencionado cavalleiro do cirne com muita riqueza, graça e
“gentileza, porque entrou pelas portas da salla com hũa grande
“frota de grandes naoos, mettidas em pannos pintados de
“bravas e naturaes ondas do mar, com grande estrondo d’ar-
“telharias que jogavam, e trombetas e atabales e ministrees
“que tangiam, com desvairadas gritas e alvoroços d’apitos, de
“fingidos Mestres, Pillotos e Mareantes vestidos de brocados
“e sedas, e verdadeiros e ricos trajos Alemães.”

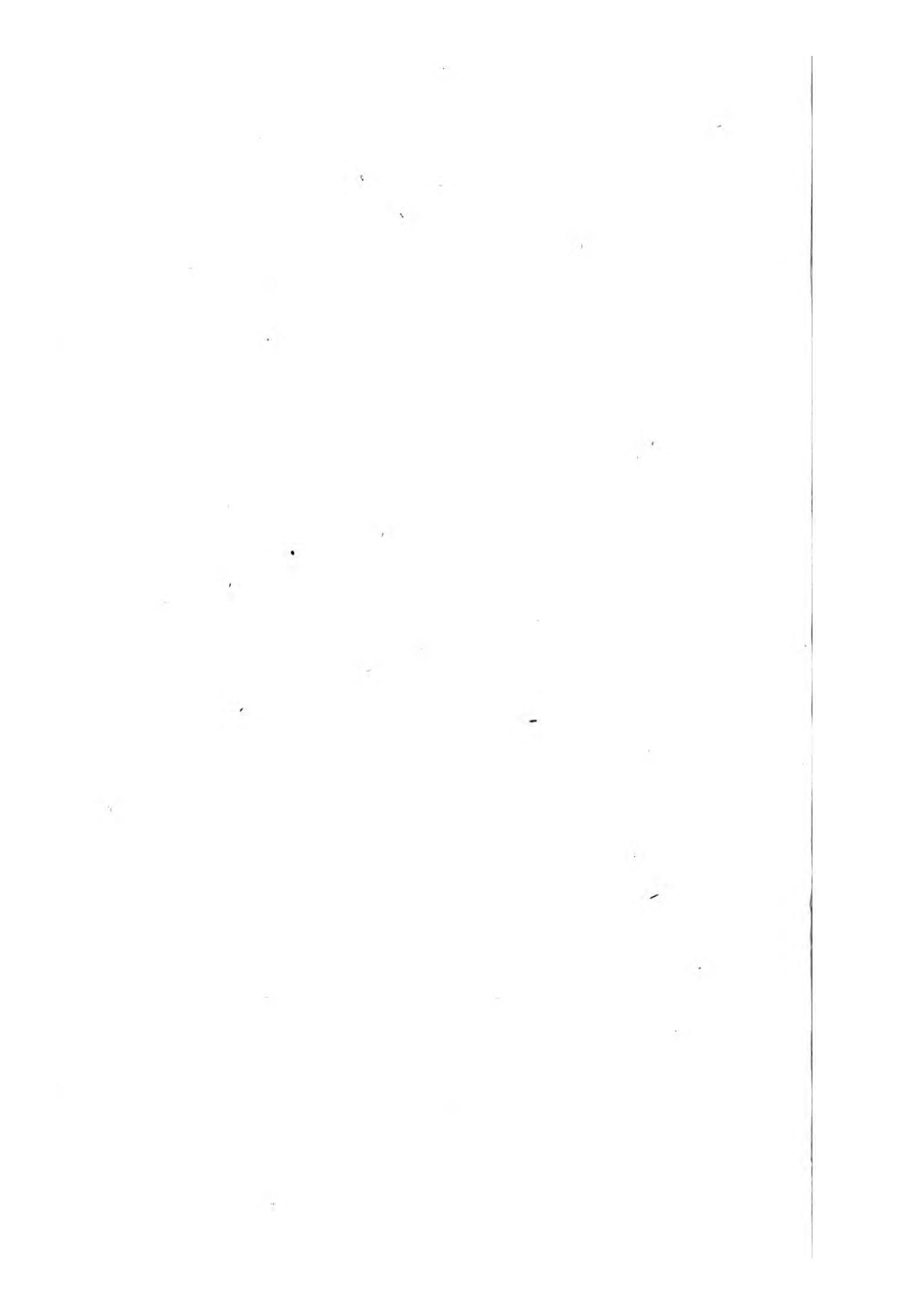
(Ineditos da Hist. Portug., Chron. de D. João II,
por Ruy de Pina, pag. 126.)



LIVRO I.

DAS OBRAS DE DEVAÇÃO.





OBRAS DE GIL VICENTE.

LIVRO I.

DAS OBRAS DE DEVAÇÃO.

Porquanto a obra de devação seguinte procedeu de hũa visitação, que o autor fez ao parto da muito esclarecida Rainha Dona Maria, e nascimento do muito alto e excelente Principe Dom João, o terceiro em Portugal deste nome; se põe aqui primeiramente a dita Visitação, por ser a primeira coisa, que o autor fez, e que em Portugal se representou, estando o mui poderoso Rei Dom Manoel, e a Rainha Dona Beatriz sua mãe, e a Senhora Duqueza de Bragança, sua filha, na segunda noite do nascimento do dito Senhor. E estando esta companhia assim junta, entrou hum vaqueiro, dizendo:

VAQUEIRO.

Pardiez! siete arrepelones
Me pegaron á la entrada,
Mas yo dí una puñada
Á uno de los rascones.
Empero, si yo tal supiera,
No veniera,
Y si veniera, no entrára,
Y si entrára, yo mirára
De manera,
Que ninguno no me diera.

Mas andar, lo hecho es hecho:
Pero todo bien mirado,
Ya que entré neste abrigado,
Todo me sale en provecho.
Rehuélgome en ver estas cosas,
Tan hermosas,
Que está hombre bobo en vellas:
Véolas yo; pero ellas,
De lustrosas,
Á nosotros son dañosas.

(Falla á Rainha.)

Si es aqui adonde vo?
Dios mantenga si es aqui;
Que yo no sé parte de mí,
Ni deslindo donde estó.
Nunca vi cabaña tal,
En especial
Tan notable de memoria:
Esta debe ser la gloria
Principal
Del paraiso terrenal.
Ó que sea, ó que no sea,
Quiero decir á qué vengo,
No diga que me detengo
Nuestro concejo y aldea.
Envíame á saber acá,
Si es verdá
Que parió Vuestra Nobleza?
Mi fe sí; que Vuestra Alteza
Tal está,
Que señal dello me da.
Muy alegre y placentera,

Muy ufana y esclarecida,
Muy prehecha y muy lucida,
Mas mucho que dantes era.
Oh qué bien tan principal,
Universal!
Nunca tal placer se vió!
Mi fe, saltar quiero yo.
He, zagal!
Digo, dice, salté mal?
 Quien quieres que no reviente
De placer y gasagado!
De todos tan deseado
Este príncipe excelente
Oh qué Rey tiene de ser!
Á mi ver
Debiamos pegar gritos:
Digo que nuestros cabritos
Dende ayer
Ya no curan de pacer.
 Todo el ganado retoza,
Toda laceria se quita;
Con esta nueva bendita
Todo el mundo se alboroza.
Oh qué alegría tamaña!
La montaña
Y los prados florecieron,
Porque ahora se complieron
En esta misma cabaña
Todas las glorias de España.
 Qué gran placer sentirá
La gran corte castellana!
Cuan alegre y cuan ufana

Que vuestra madre estará,
Y todo el reino á monton!
Con razon,
Que de tal rey procedió
El mas noble que nació:
Su pendon
No tiene comparacion.

Qué padre, qué hijo y qué madre!
Oh qué aguela y qué aguelos!
Bendito Dios de los cielos,
Que le dió tal madre y padre!
Qué tias, que yo me espanto!
Viva el príncipe logrado!
Qué él es bien aparentado!
Juri á Sanjunco santo.

Si me ora vagára espacio,
Y de prisa no veniera,
Juri á nos que yo os diera
Cuenta de su generacio.
Será rey Don Juan tercero,
Y heredero
De la fama que dejaron,
En el tiempo que reinaron,
El segundo y el primero,
Y aun los otros que pasaron.

Quedáronme allí detras
Unos treinta compañeros,
Porquerizos y vaqueros,
Y aun creo que son mas;
Y traen para el nacido
Esclarecido
Mil huevos y leche aosadas,

Y un ciento de quesadas;
Y han traido
Quesos, miel, lo que han podido.
Quiérolos ir á llamar:
Mas segun yo vi las señas,
Hanles de mesar las greñas
Los rascones al entrar.

Entrarão certas figuras de pastores e offerecerão ao Príncipe os ditos presentes. E por ser cousa nova em Portugal, gostou tanto a Rainha velha desta representação, que pedio ao autor que isto mesmo lhe representasse ás matinas do Natal, endereçado ao nascimento do Redemptor; e porque a substancia era mui desviada, em lugar disto fez a seguinte obra.

F I G U R A S.

GIL.

BRAS.

LUCAS.

SILVESTRE.

GREGORIO.

MATHEUS.

AUTO PASTORIL CASTELHANO

endereçado ás matinas do Natal.

Entra primeiramente hum pastor inclinado á vida contemplativa, e anda sempre solitario. Entra outro, que o reprehende disso. E porque a obra em si dalli por diante vai mui declarada, não serve mais argumento.

GR.

Aqui está fuerte majada;
Quiero repastar aqui
Mi ganado; veislo allí
Soncas naquella abrigada.
Yo aqui estoy abrigado
Del tempero de fortuna.
Añublada está la luna,
Mal pecado,
Lloverá soncas priado.

Quiero aqui poner mi hato,
Que cumple estar añaceando,
Y andarme aqui holgando,
Canticando rato á rato.
Hucia en Dios, vendrá el verano
Con sus flores y rosetas;
Cantaré mil chanzonetas
Muy ufano,
Si allá llego vivo y sano.

Riedro, riedro vaya el ceño,
 Aborrrir quiero el pesar:
 Comenzaré de cantar,
 Mientras me debroca el sueño.

(Canta.)

“Menga Gil me quita el sueño,
 “Que no duermo.”

BRAS.

Dí, Gil Terron, tú qué has,
 Que siempre andas apartado?
 GIL. Mi fe, cuido, mal pecado,
 Que no se te entiende mas.
 Tú, que andas siempre en bodas,
 Corriendo toros y vacas,
 Qué ganas tú, ó qué sacas
 Dellas todas?
 Asmo, asmo que te enlodas.
 Solo quiero canticar,
 Repastando mis cabritas
 Por estas sierras benditas:
 No me acuerdo del lugar.
 Cuando, cara al cielo, oteo,
 Y veo tan buena cosa,
 No me parece hermosa
 Ni deseo
 Zagala de cuantas veo.
 Andando solo magino,
 Que la soldada que gano
 Se me pierde de la mano
 Soncas en qualquier camino.
 Nesta soledad me enseno;
 Que el ganado con que ando,

No sabré como ni cuando,
 Segun sueño,
 Quizá será de otro dueño.

Conociste á Juan Domado,*
 Que era pastor de pastores?
 Yo lo vi entre estas flores,
 Con gran hato de ganado,
 Con su cayado real,
 Repastando en la frescura,
 Con favor de la ventura:
 Dí, zagal,
 Qué se hizo su corral?

Vete tú, Bras, al respingo,
 Que yo desclucio del terruño.

BRA. El crego de Vico-Nuño
 Te enseñó eso al domingo.
 Anda, anda acompañado,
 Canta y huelga en las majadas;
 Que este mundo, Gil, aosadas,
 Mal pecado,
 Se debroca muy priado.

GIL.

Aunque huyo la compañía,
 No quiero mal á pastor;
 Mas yo aprisco mejor
 Apartado en la montaña.
 De contino siempre oteo,
 Ingrillando los oidos,
 Si daran soncas gemidos
 De deseo
 Los corderos que careo.

* Juan Domado dizia por ElRei D. João II.

LUCAS. (de longe.)

Hao! carillos! GIL. Á quien hablas?

LUC. Á vosotros digo yo,
Si alguno de vos me vió
Perdidas unas dos cabras?

GIL. Yo no. BRA. Ni yo. LUC. Á Dios pliega!

GIL. Como las perdiste? di.

LUC. Perdiéronse por ahí
Por la vega,
Ó algun me las soniega.
Nel hato de Bras Picado
Andava Marta bailando;
Yo estúvela otcando,
Boquiabierto trasportado,
Y al son batiendo el pie
Estuve dos horas valientes:
El ganado entanamientos,
Á la fe,
No sé para donde fue.

GIL.

Y aun por eso que yo sospecho
Me aparto de saltijones;
Que vanas conversaciones
No traen ningun provecho.
Siempre pienso en cosas buenas:
Yo me hablo, yo me digo;
Tengo paz siempre conmigo,
Sin las penas,
Que dan las cosas ajenas.

LUCAS.

No me quiero estar tras tras;
Ya perdido es lo perdido.

Que gano en tomar sentido?

Qué dices, Gil, y tú, Bras?

GIL. Tú muy perezoso estás:

Busca, busca las cabritas.

Tras que tienes muy poquitas,

No te das

De perder cada vez mas.

Encomiéndalas á Dios.

LUC. Qué podrá eso prestar?

GIL. Él te las irá buscar,

Que siempre mira por nos.

LUC. Si los lobos las comieron

Hámelas Dios de traer?

Harto terná que hacer:

Y si murieron,

Mucho mas que yo perdieron.

Mas quiero llamar zagales;

Tengamos todos majada.

BRA. Sube naquella asomada,

Y dales gritos mortales.

LUC. Hace escuro; quien verá!

Caeré nun barrancon.

GIL. Toma, lleva este tizon.

LUC. Dalo acá:

Este nunca allá irá. (Chama de longe.)

Ha Silvestre! ha Vicente!

Ha Pedruelo! ha Bastian!

Ha Jarrete! ha Bras Juan!

Ha Pasival! ho Clemente!

SILVESTRE. (de longe.)

Ha Lucas! qué nos quieres? di.

LUC. Que vengais acá priado:

Tomaremos gasajado,
 Que Gil Terron está aqui
 En abrigado,
 Alegre y bien asombrado.

Vem os pastores, e diz.

SILVESTRE.

Ora terrible placer
 Teneis vosotros acá.

BRA. Sí, tenemos, soncas ha:
 Pues qué habemos de hacer?
 Quien al cordojo se dió,
 Mas cordojo se le pega.

SIL. Bailemos una borrega.

BRA. Mi fe no,
 Que tú bailas mas que yo.

GIL.

Juri á nos que estás chapado!
 Qué es esto, Silvestre hermano?

SIL. No ves que viene el verano,
 Y soy recien desposado?

GIL. *Jesus autem intrinsienes!*
 Quien te trajo al matrimuño?

SIL. Mi tio Velasco Nuño.

GIL. Chapados parientes tienes.

Quien es la esposa que hubiste?

SIL. Teresuela mi damada.

BRA. Dios! que es moza bien chapada,
 Y aun es de buen natio,
 Mas honrada del lugar.

GIL. Neso no hay que dudar;
 Porque el herrero es su tio,
 Y el jurado es ahijado

Del aguelo de su madre ;
Y de parte de su padre
Es prima de Bras Pelado :
Saquituerto, Rodelludo,
Papiharto, y Bodonales
Son sus primos caronales,
De parte de Brisco Mudo.
Es nieta de Gil Llorente,
Sobrina del Crespillon ;
Casaollas Mamilon
Pienso que es tambien pariente :
Mari Roiz la Mamona,
Toribilla del Mendral,
Y Teresa la Gabona
Su parienta es natural.

Marica de la Remonda,
Espulgazorras Cabrera
Y la vieja bendicidiera,
Rapiharta la Redonda,
La Ceñuda, la Plaguenta,
Borracalles la Negruza,
La partera de Valmuza
Ahotas que es bien parienta.

LUCAS.

Dios! que es casta bien honrada
Esa que habeis relatado.

BRA. Ahora estás bien honrado :
No te dan con ella nada ?

SIL. Danne una burra preñada,
Un vasar, una espetera,
Una cama de madera ;
La ropa no está hilada.

Danme la moza vestida
 De hatillos dominguejos,
 Con sus manguitos vermejos,
 Y alfarda muy lucida:
 Danme una puerca parida,
 Mas anda muy triste y flaca.

BRA. No te quieren dar la vaca?

SIL. Ha tres años que es vendida.

MATHEUS.

Sus, alto, taste priado,
 Respinguemos la majada:
 Viénese la madruga,
 Dejemos el desposado.

BRA. Démosnos á gasajado,
 Tomemos todos placer,
 Que ya no quiere llover.

GIL. Ya no, Dios sea loado.

LUCAS.

Tengamos algun remedio:
 Qué jugamos, Gil Terron?

GIL. Juguemos al abejon;
 Mas tengo de estar en medio.

BRA. Tú naciste mas temprano.

GIL. Ora sus, sus, veisme aqui:
 Tú tambien pásate allí;
 Bras hermano, párate así.
 Ea, sus, pára la mano.

He miedo que me darás;
 Alza, alza el brazo mas:
 Tú no ves como está Bras?
 Dite una de mal mes.

BRA. Ha! Dios te pliega conmigo!

Do á rabia la jugada:

Ora viste que porrada!

LUC. Tú, amigo,

Ya no consientes castigo.

BRA.

Juguemos á adivinar.

LUC. Que me plaz. **BRA.** Dí, compañero....

Mas comience Gil primero.

GIL. Que me plaz de comenzar.

Comenzad de adivinar. LUC. Qué?

GIL. Sabello has tú muy mal:

Qual es aquelle animal,

Que corre y corre, y no se ve?

BRA. Es el pecado mortal.

MATHEUS.

Mas el viento, mal pecado,

Creo yo que será ese.

LUC. Que no es buen juego este;

Demos este por pasado.

GIL. Bien será via acostar,

Que ya me debroca el sueño.

Santiguaos del demueño.

SIL. Yo no me sé santiguar.

GIL. Decid todos como yo:

En el mes del padre,

En el mes del hijo —

El otro mes se me olvidó.

(Dormen e o ANJO os chama cantando.)

“Ha pastor!

“Que es nacido el Redentor.”

GIL.

Zagales, levantar de ahí,

Que grande nueva es venida:

Que es la Virgen parida,

Á los ángeles lo oí.

Oh qué tónica acordada

De tan fuertes caramillos!

BRA. Cata, que serian grillos.

GIL. Juri á nos

Que eran ángeles de Dios.

LUCAS.

Y nos aqui levantados

Qué le habemos de hacer?

GIL. Mi fe, vamoslo á ver.

BRA. Y ansí despeluzados?

GIL. Pardiez, que es para notar!

Pues el Rey de los señores

Se sirve de los pastores?

Nueva cosa

Es esta, y muy espantosa!

Id vosotros al lugar

Muy prieto, carillos míos.

Y no vamos tan vacíos:

Traed algo que le dar,

Y el rabel de Juan Javato,

Y la gaita de Pravillos,

Y todos los caramillos,

Que hay en el hato;

Y para el niño un silbato.

(Parten-se para o presepio, cantando.)

Todos

“Aburramos la majada,

“Y todos con devocion

“Vamos ver aquel garzon.

“Veremos aquel niño
“De agora recién nacido.
“Asmo que es el prometido
“Nuestro Mesias bendito.
“Cantemos á voz en grito
“Con hemencia y devocion,
“Veremos aquel garzon.”

Chegando ao presepio diz

GIL.

Dios mantenga a vuestra gloria!
Ya veis que estamos acá
Muy alegres, soncas ha,
De vuestra nueble vitoria.
Á vos, Virgen, digo yo,
Que el muchacho que hoy nació
No entiendo que me entiende,
Mas sí que todo comprehende,
Del punto que se engendró.

LUCAS.

Que casa tan pobrecita
Escogió para nacer!
BRA. Ya comienza á padecer
Dende su niñez bendita.
SIL. De paja es su camacita.
LUC. Y un establo su posada.
BRA. Loada sea y adorada
Y bendita
La su clemencia infinita.

GIL.

Señora, con estes hielos
El niño se está temblando:
De frio veo llorando

El criador de los cielos
 Por falta de pañizuelos.
 Juri á san si tal pensára,
 Ó por dicha tal supiera,
 Un zamarro le trujera
 De una vara,
 Que ahotas que el callára.

Ora vosotros qué haceis?
 Con muy chapada hemencia
 Y con vuestra reverencia,
 Dalde de eso que traeis.

SIL. Perdonad, señor, por Dios,
 Que, como somos bestiales,
 Los presentes no son tales
 Como los mereceis vos.

Com tangeres e bailes offerecem, e á despedida cantão esta

Cançoneta.

“Norabuena quedes, Menga,
 “Á la fe que Dios mantenga.
 “Zagala santa bendita,
 “Graciosa y morenita,
 “Nuestro ganado visita,
 “Que ningun mal no le venga.
 “Norabuena quedes, Menga,
 “Á la fe que Dios mantenga.”

GIL.

Qué decis de la doncella?
 No es harto prelucida?

SIL. Nunca otra fue nacida,
 Que fuese muger y estrella,
 Sino ella.

GIL. Pues sabes quien es aquella?

Es la zagala hermosa,
Que Salomon dice esposa,
Cuando canticava della.

Con su voz muy deseosa
En su canticar decia:
"Levántate, amiga mia,
Columba mea formosa,
Amiga mia olorosa;
Tu voz suene en mis oidos,
Que es muy dulce á mis sentidos,
Y tu cara muy graciosa.

Como el lilio, plantada,
Florecido entre espinos,
Como los olores finos
Muy suave eres hallada.
Tú eres huerta cerrada,
En quien Dios venir desea:
Tota pulchra amica mea,
Flor de virgindad sagrada."

SILVESTRE.

Á Dios plegue con el ruin!
Mudando vas la pelleja:
Sabes de achaque de ygreja!

GIL. Ahora lo deprendí.

SIL. Con eso hablas latin,
Tan á punto que es placer.
Mas lo preciára saber
Que me daren un florin.

BRAS.

Dí por vida de tu tio,
Tú sabes de profecias?

GIL. Sé que dijo Malaquias

“Eis el mi ángel os embio
 Con tan fuerte poderio,
 Que aparejará la carrera
 Delante mi haz verdadera
 En el santo templo mio.”

“Tú, Bethlen, pequeña eres,”
 Diz Miqueas profetando,
 “Mas no te catarás cuando
 Serás grande en tus poderes.
 Cuando sin cuido estuvieres,
 Ternás el señoreador
 De Israel en tu favor
 Para cuanto tú quisieres.”

LUCAS.

De niño tan bonito
 Hablaban soncas letrados.
 GII. Los Profetas alumbrados
 No jugaban á otro hito.
 Con muy ahincado esprito
 Y con gozoso placer
 Todos deseaban ver
 Su nacimiento bendito.

Porque este es el cordero
Qui tollis peccata mundo,
 El nuestro Adan segundo,
 Y remedio del primero:
 Este es el hijo heredero
 De nuestro eterno Dios;
 El cual fue dado á nos
 Por Mejías verdadero.

Aquel niño es eternal,
 Invisible y visible;

Es mortal y inmortal,
Movable y inmovible,
En cuanto Dios, invisible;
Es en todo al Padre igual,
Menor en cuanto humanal:
Y esto no es imposible.

Hecha el sol su rayo en Mayo,
Como mil veces verés;
El mismo rayo sol es,
Y el sol tambien es rayo:
Entrambos visten un sayo
De un envés,
Y una cosa misma se es.

Así este descendió,
Quedando siempre en el Padre:
Aunque vino á tomar madre,
Del padre no se apartó.

BRA. Gil Terron lletrudo está:

Muy hondo te encaramillas!

GIL. Dios hace estas maravillas.

BRA. Yo lo veo, soncas ha.

Quien te viere no dirá,
Que naciste en serranía.

LUC. Cantemos con alegría,

Que en eso despues se hablará.

(Vão-se cantando.)

FIGURAS.

GREGORIO }
VALERIO } Pastores.

HUM ERMITÃO.

HUM CAVALLEIRO.

A dita Senhora Rainha, satisfeita desta pobre coisa (o auto antecedente), pediu ao autor, que para dia de Reis logo seguinte lhe fizesse outra obra. E fez a seguinte, cuja introdução he, que hum pastor determinou de ir a Belem e errou o caminho: e entra dizendo:

AUTO DOS REIS MAGOS.

GREGORIO.

Asmo, asmo, soncas ha,
Que me da
La fortuna trasquilon.
He dejado mi zurron
Y eslabon,
Y no sé que hago acá.
Dios plegue, quien me dirá
Adó está
Este niño que es nacido?
Que ando bobo perdido,
Sin sentido,
Trece dias per habrá,
Que no sé que haga ya.
No sé parte ni recado
Del ganado,
Y los perros son perdidos;
Mis corderos dan gemidos
Muy sentidos
Por entrar en el poblado.
Todo mi hato he dejado
Desmedrado,
Por buscar este niñoito.
Dicenme que es tan bonito,
Que me aflito

Por no haberlo topado,
 Y ando desesperado.
 Despepito mi sentido,
 Que en olvido
 Tengo los memoriales,
 Saltando por robledales
 Y encinales,
 Que jota no he dormido,
 De aterido.
 De todo no me doy nada,
 Si topase la posada
 Muy loada,
 Donde está recién nacido
 Este niño esclarecido.

Entra Valerio.

VALERIO.

De donde eres pecador?
 Di, pastor.

GRE. Pastor y bien desdichado!
 Que ando descarriado,
 Hambriado
 Por ver nuestro Redentor.
 Dijo el Ángel del Señor:
 "Pastor, pastor,
 Ve y deja tus cabritas."
 Y dejélas solecitas
 Muy marchitas;
 Y no sé ser sabidor
 Adó nació el Salvador.

Trece días son pasados,
 Bien contados,
 Que ando, perdido el tino,

Sin hallar nengun camino ;
 Ni soy dino
 De lo ver por mis pecados.

VAL. Ora tienes bien librados

Tus cuidados.

Este padre fray Alberto,
 Que topé naquel desierto,
 Sabrá cierto

Eso, porque los letrados
 Son guia de los errados.

GREGORIO.

Há, fraile, sabes do vais ?

Ó andais

Á desuso como yo ?

El niño que nos crió

Do nació ?

Qué es la nueva que me dais ?

Por Dios que me lo digais ;

No hagais

Que me muera de cordojos.

ERM. Pastor, no tomes enojos,

Que tus ojos

Verán quien todos buskais.

GRE. He medo que me burlais.

Traeis á ende breviario,

Ó calendario,

Ó sois frayle? Como quiera,

Si aliño aqui hubiera

Bien quisiera,

Si sabeis bien de vicario,

Que digais un trintanario

Al rosario,

Porque Dios me deje ver,
Sin tener
Al demuño por contrario,
Aquel precioso sagrario.

ERMITÃO.

Oh bendito y alabado
Y exalzado
Sea nuestro Redentor!
Que un rústico pastor
Con amor
Lo busca con gran cuidado;
Desampara su ganado
Muy de grado,
Por ver al niño glorioso!
Qué haré yo religioso
Perezoso,
Que ando tan sin cuidado
Por aqueste despoblado?
Destos pobres labradores
Y pastores
Quiso ser ofrecido,
Adorado y conocido
Y servido
Con cantares y loores,
Escuchando sus primores
Y clamores.
La Virgen nuestra Señora
Y la vaquilla lo adora
En la hora
Que el Señor de los señores
Nació de flor de las flores.
Qué descanso y qué placer

Fuera ver
El resplandor glorioso,
Aquel verbo gracioso,
Tan lloroso,
Acabando de nacer!

VAL. Buldas deveis de traer
Á vender,
Que os estais chocarreando.

ERM. Harto es eso de desmando,
Pues veis que estoy hablando,
Contemplando
Lo que nos es menester,
Si suyos queremos ser.

VALERIO.

Decidnos, padre bendito,
Hallais scrito
Si es pecado estornudar?
Mas os quiero preguntar
Y notar ;
Esperad así un poquito:
Digo que escondo el cabrito,
Por hacer berrar la cabra ;
Y remojo la palabra
Á cada habla:
Es gran pecado infinito,
Ó es medio pecadito?

GREGORIO.

Si el hombre, de birra pura,
Por ventura
Adrede despierna un grillo,
Por no vello ni oillo ;
Encubrillo

Es pecar contra natura?

VAL. Otra cosa mas escura

Y mas dura

Quiero, Gregorio, hacer.

Pergúntale, quiero ver

Su saber,

Que, á segun su gestadura,

Es letrado en la escritura.

Decid, padre, es gran pecado

Deñodado

Andar tras las zagalejas

Y enchirles las orejas

De consejas

Por meterlas en cuidado?

Dejar entrar el ganado

En lo vedado

Por andarlas namorando?

Estálo Dios oteando

Y asechando?

Si desto tiene cuidado,

Ni punto estará parado.

Que todos en mi lugar

Á la par

Andan transidos de amores;

Los jurados, labradores

Y pastores,

Y aun el crego á mas andar

Lo veo resquebrajar

Y sospirar

Por Turibia del Corral:

Decidme, fraile, es gran mal

Desigual,

Ó se debe perdonar,
Pues se no puede escusar?

ERMITÃO.

Este mundo peligroso
Sin reposo
Nos trae á todos burlados,
Ciegos, mal aconsejados,
Desviados
De aquel reino glorioso.
Quien puede ser mas dichoso
Ni gozoso,
Que tener puesto el querer,
El amor y su poder,
Sin torcer,
Neste niño muy gracioso,
Puerto de nuestro reposo?
Quien se viere sojuzgado
Y apretado
De mundano pensamiento,
Contemple su nacimiento:
Cuan contento
Lo verá desnudo echado,
De los frios traspasado,
Y adorado
De los brutos animales!
Luego olvidará los males
Desiguales,
Que le presenta el pecado.

GRE. Pecado es ser namorado?

VALERIO.

Crió Dios por la ventura
Hermosura

Para nunca ser amada?
Crióla demasiada
Para nada?
Como decis que es locura?
Mirad, mirad la scritura:
Qué cordura
Hallareis mas amadora?
Dende Adan hasta ahora
Nesta hora
Fue discreta criatura,
Que no siga esta ventura?
Si á Dios desto pesára
No criára
Zagalas tan relucientes:
Fueran prietas y sin dientes,
Y las frentes
Mas angostas que la cara;
Las narices le ensanchára,
Y achicára
Los ojos como hurones:
Nunca nuestros corazones
De pasiones
Nuestras vidas aterrára,
Ni de Dios nos apartára.
Esmeróse su poder
En hacer
Tan graciosas sus hechuras,
Que entre todas hermosuras
Son mas puras,
Mas dinas de obedecer.
Quien dejará de querer
Su valer,

Pues son de nuestra costilla?

Que natura nos ensilla

Que no podemos torcer

De sujetos suyos ser.

Entra hum Cavalleiro, que vinha em companhia dos Reis Magos.

CAVALLEIRO.

Mantenga Dios los señores!

ERM. Dios loores!

VAL. Soncas, vengais norabuena.

Tú abaja la melena.

GRE. No me pena.

CAV. Decidme, amigos pastores,

Sois sabidores

Si iré por aqui bien

Para el lugar de Belen?

GRE. Yo allá vo adó vais,

Y ando, asmo, como andais.

VALERIO.

Andad, señor, por aqui

Ó por allí.

CAV. Mira bien, pastor, que dices.

VAL. En frente de las narices

Á perdices

Andarás, prometo á mí.

CAV. Qué linage tan bestial!

Animal

Este bruto pastoriego!

VAL. Doy á rabia el palaciego,

Por san pego

Que quizás por vuestro mal...

ERMITÃO.

Toda la descortesía

Es villanía.

Señor, de donde sois vos?

CAV. De Arabia. ERM. Bendígaos Dios!

GRE. Arabio sos?

CAV. Sí, y perdí la compañía

De una gran caballería,

Que venía

Á tino tras una estrella,

Y ellos van en pos della

Sin perdella;

Y alcanzarlos quería,

Fortuna me lo desvía.

ERMITÃO.

Y adonde van, si sabeis?

CAV. Van tres Reis

Adorar con sentimiento

Y muy grande acatamiento

El nacimiento

Del señor de todas greis.

En nuestra tierra sabreis,

Si quereis,

Que desde Balan se velaba

La señal que se esperaba,

Que mostraba

El nacimiento que veis

Del señor de nuestras leis.

GREGORIO.

Decid, señor, qué estrella era?

ERM. Quien la viera!

CAV. Es muy reluciente estrella,

Y un niño en medio della,

Muy mas que ella

Reluciente en gran manera:

Una cruz en su cimera

Por bandera.

GRE. Donde se vió tal señal?

CAV. Del monte vitorial.

ERM. Oh divinal

Vitoria muy verdadera

De nuestra culpa primera!

O Profeta Isayas,

Bien decias.

Levántate á ser alumbrado,

Hierosalen visitado

Y acatado!

Recibe tus alegrías,

Que la gloria del Mesias,

Que querias,

Sobre tí es ya venida;

Y los reis de gran partida

Nobrecida,

Nel resplandor de tus dias,

En tus tierras los verias.

David nel salmo setenta

Y uno cuenta,

Reis de Tarsis y Sabá,

Y el de Arabia verná

Con humildá,

Muy gran compañía sin cuenta,

Adorar sin mas afrenta

Muy contenta.

CAV. De oro llevan gran presente,

Incenso, mirra excelente,

Humildemente.

GRE. Mira bien, Valerio, atenta
Este señor que recuenta.

VALERIO.

Caballero relator,
Yo pecador,
Vilano, necio, bestial,
No pensé que érades tal,
Y hablé mal,
De que tengo gran dolor.

CAV. Yo te perdono, pastor,
Que el Señor
Por cualquier culpa mortal
No pide al al pecador.

Apparecem os tres Reis Magos cantando o seguinte

Vilancete.

“Cuando la Virgen bendita
“Lo parió,
“Todo el mundo lo sentió.
“Los coros angelicales
“Todos cantan nueva gloria;
“Los tres Reis la vitoria
“De las almas humanales.
“En las tierras principales
“Se sonó,
“Cuando nuestro Dios nació.”

E cantando assi todos juntamente, offerecem os Reis seus presentes; e assi muito alegremente cantando se vão. E acaba em breve, porque não houve espaço para mais.

F I G U R A S.

CASSANDRA.

SALOMÃO.

ERUTEA.

PERESICA.

CIMERIA.

ESAIAS.

MOYSES.

ABRAHÃO.

A obra seguinte foi representada á dita Senhora no mosteiro de Enxobregas nas matinas do Natal. Tracta-se nella da presumpção da Sibilla Cassandra, que, como por espirito prophetico soubesse o misterio da encarnação, presumio que ella era a virgem de quem o Senhor havia de nascer. E com esta opinião nunca mais quiz casar.*

* A Rainha D. Beatriz.

AUTO DA SIBILLA CASSANDRA.

Entra Cassandra, em figura de Pastora, dizendo:

CASSANDRA.

Quien mete ninguno andar
Ni porfiar
En casamientos conmigo!
Pues séame Dios testigo
Que yo digo
Que no me quiero casar.
Cual será pastor nacido
Tan polido
Ahotas que me meresca!
Alguno hay que me paresca
En cuerpo, vista y sentido?
Cual es la dama polida,
Que su vida
Juega, pues pierde casando,
Su libertad cautivando,
Otorgando
Que sea siempre vencida,
Desterrada en mano agena,
Siempre en pena,
Abatida y sojuzgada?
Y piensan que ser casada
Que es alguna buena estrena!

SALOMÃO.

Casandra, Dios te mantenga;
 Y yo venga
 Tambien mucho norabuena!
 Pues te veo tan serena,
 Nuestra estrena
 Ya por mí no se detenga:
 Y pues ya que estoy acá,
 Bien será
 Que diga á qué soy venido;
 Y tanto estoy de tí vencido,
 Que creo que se hará.

CASSANDRA.

No te entiendo. SAL. Anda, ven!

Que por tu bien
 Te envian á llamar tus tias;
 Y luego de aqui tres dias
 Alegrías
 Ternás tú y yo tambien.

CAS. Que me quieren?

SAL. Que me veas

Y me creas
 Para hecho de casar.

CAS. Lo que de ahí puedo pensar,
 Que ellas ó tú devaneas.

SAL. Somos parientes, ó que?

Bien se ve
 Que soy yo para valer
 Tal, que juro á mi poder
 Que de no ser,
 Ni esta paja me dé.
 Yo soy bien aparentado

Y abastado,
 Valiente zagal polido;
 Y aun estoy medio corrido
 De haber acá llegado.

Anda, si quieres venir!

CAS. Sin mentir,
 Tú estás fuera de tí:
 Lo que te dije hasta aqui,
 Será así,
 Aunque sepa de morir.

SAL. No me ves? CAS. Bien te veo.

SAL. No te creo:
 Pues no quieres? CAS. No te quiero.

SAL. Casamiento te requiero.

CAS. Ya primero
 Dije lo que es mi deseo.

SALOMÃO.

Que me dices? CAS. Yo te digo
 Que conmigo
 No hables en casamiento;
 Que no quiero ni consiento,
 Ni con otro ni contigo.

SAL. Quieres tú estar á cuenta?

CAS. Y nesa afrenta
 Tengo contigo de estar?
 No me quiero cautivar,
 Pues nació horra y isienta.

SALOMÃO.

Tu tia misma me habló,
 Y prometió
 Muy chapado casamiento.

CAS. Otro es mi pensamiento.

SAL. Pues yo siento
Que bien te merezco yo,
Y por eso vine acá.

CAS. Bien está.

SAL. Segun el tu no querer,
Á mi ver,
Otro amor tienes allá.

CASSANDRA.

No quiero ser desposada
Ni casada,
Ni monja ni ermitaña.

SAL. Dime, qué es lo que te engaña;
Que esa saña
Empleas mal empleada.
Toma consejo conmigo
Ó contigo,
Cuando sin pasion te veas;
Y mira lo que deseas,
Que razon trae consigo.

CAS. No pierdas tiempo conmigo:
Yo te digo
Bien clara mi intencion.

SAL. Quien te viese el corazon,
Por mirar mi enemigo,
Y saber porque razon!

CAS. No tomes desto pasion
Ni alteracion,
Pues que no desprecio á ti;
Mas nació, cuando nací,
Comigo esta opinion,
Y nunca mas la perdi.

SALOMÃO.

Qué te hizo el casamiento?

Es tormento,

Que se da por algun hurto?

CAS. Y aun por eso le surto,

Porque es curto

Su triste contentamiento.

Muchos dellos es notorio

Purgatorio

Sin concierto ni templanza;

Y si algun bueno se alcanza,

No es medio placentorio.

Veo quejar las vecinas

De malinas

Condiciones de maridos:

Unos de ensoberbecidos

Y aborridos,

Otros de medio gallinas,

Otros llenos de mil celos

Y recelos,

Siempre aguzando cuchillos,

Sospechosos, amarillos,

Y malditos de los cielos:

Otros á garzonear

Por el lugar,

Pavonando tras garcetas,

Sin dejar blancas ni prietas

Ni reprietas;

Y la muger? sospirar,

Despues en casa reñir

Y gruñir

De la triste allí cautiva.

Nunca la vida me viva,
Si tal cosa consentir.

Y pues eres cuerdo y sientes,
Para mientes.

Muger quiere decir molleja;
Es así como una oveja
En pelleja,
Sin armas, fuerzas ni dientes;
Y si le falta sentido
Al marido

De la razon y virtud,
Ay de niña juventud,
Que en tales manos se vido!

SALOMÃO.

No soy desos, ni seré:
Por mi fe,
Que te tenga en velloritas.

CAS. Y con floritas
Piensas que me engañaré?
No quiero verme perdida,
Entristecida
De celosa ó ser celada.
Tirte afuera! no es nada?
Pues antes no ser nacida.

Y ser celosa es lo peor;
Que es dolor,
Que no se puede escusar.
De los vientos hace mar;
Y afirmar
Que el blanco es de otra color;
De las buenas hace malas,
Con sus falas;

Y de los santos, ladrones.
 No quiero entrar en pasiones,
 Pues que bien puedo escusarlas.

SALOMÃO.

Do seso hay no hay celuras,
 Sino holguras;
 Que el seso todo bien da.

CAS. El seso es no ir allá.

SAL. Calla ya,
 Que te recelas á escuras.

CAS. Allende deso, sudores
 Y dolores
 De partos, llorar de hijos:
 No quiero verme en letijos,
 Por mas que tú me namores.

SALOMÃO.

Yo voy llamar al aldea
 Erutea
 Y á Peresica tu tia
 Y á Cimeria; y tu porfia
 Delante dellas se vea.

CAS. Y á mí que se me da!
 Quien será,
 Que me case á mi pesar?
 Si yo no quiero casar,
 Á mí quien me forzará?

(Canta.)

“Dicen que me case yo;
 “No quiero marido, no.
 “Mas quiero vivir segura
 “Nesta sierra á mi soltura,
 “Que no estar en ventura

“Si casaré bien ó no.

“Dicen que me case yo;

“No quiero marido, no.

“Madre, no seré casada,

“Por no ver vida cansada,

“Ó quizá mal empleada

“La gracia que Dios me dió.

“Dicen que me case yo;

“No quiero marido, no.

“No será ni es nacido

“Tal para ser mi marido;

“Y pues que tengo sabido

“Que la flor yo me la só,

“Dicen que me case yo,

“No quiero marido, no.”

Entra Erutea, Peresica e Cimeria, com o pastor Salomão, em chacota, ellas á maneira de lavradoras, e diz Cimeria a Cassandra.

CIMERIA.

Qué te parece el zagal?

CAS. Ni bien ni mal,

Que no quiero casar, no.

Vosotras quien os metió

Que case yo?

Pues sabed que pienso en al.

CIM. Tu madre en su testamento

(No te miento)

Manda que cases, que es bueno.

CAS. Otro casamiento ordeno

En mi seno:

Que no quiero ni consiento.

SALOMÃO.

Loco consejo has tomado.

Estoy espantado!

Do se halló tal desvario?

CAS. Mi fe, nel corazon mio;

Y lo fio,

Que no vó camino errado.

No quiero dar mi limpeza

Y mi pureza

Y mi libertad exenta,

Ni mi ánima contenta,

Por sesenta

Mil millones de riqueza.

PERESICA.

Si tu madre eso hiciera!..

CAS. Bien, qué fuera?

PER. Nunca tú fueras nacida.

CAS. Yo quiero ser escogida

En otra vida,

De mas perfeta manera.

ERU. Escucha, sobrina mia;

Todavía

No puedes sino casar;

Y este debes tomar

Sin porfiar,

Que es muy bueno en demasia.

CASSANDRA.

Como así? ERU. Es generoso

Y virtuoso,

Cuerdo y bien asombrado;

Tiene tierras y ganado,

Y es loado

Músico muy gracioso.

SAL. Tengo pomares y vinas,
Y mil pinas
De rosas para holgares;
Tengo villas y lugares,
Y mas treinta y dos gallinas.

ERUTEA.

Sobrina, este zagal

Es real,
Y para tí está escogido.

CAS. No lo quiero ni lo pido
Por marido:
Guárdeme el Señor de mal!

CIM. Tú no ves como es honrado
Y sosegado,
Cuanto otro lo será?

CAS. Qué sé yo si mudará,
Ó que hará
Cuando se vea casado!
Oh cuantos ha hí solteros
Placenteros,
De muy blandas condiciones,
Y casados son leones
Y dragones,
Y diablos verdaderos!
Si la muger, de sesuda,
Se hace muda,
Dicen que es boba perdida;
Si habla, luego es herida:
Y esto nunca se muda.

SALOMÃO.

Muy entirrada está!

Bien será
 Que no le digamos mas.
 Pues tú te arrepentirás,
 Y querrás,
 Cuando el diablo no querrá.

ERU. Muy mas ayna quizá
 Se hará,
 Si la servieses de amores.

SAL. Qué moza para favores!
 No veis que respuesta da?

PERESICA.

Si tus tios allegasen,
 Y le hablasen,
 Que son hombres entendidos...

CIM. Pardiez son, y bien validos
 Y sentidos!
 Bien sé yo que lo acabasen.

SAL. Quiérolos ir á llamar
 Al lugar:
 Veremos esto en que para;
 Aunque ella se declara
 Por tan cara,
 Que ha de ser dura de armar.

Traz Salomão Esaias e Moyses e Abrahão, cantando todos quatro de folia a cantiga seguinte.

“Que sañosa está la niña!
 “Ay Dios quien le hablaria!”

Volta.

“En la sierra anda la niña
 “Su ganado á repastar;
 “Hermosa como las flores,
 “Sañosa como la mar.

“Sañosa como la mar

“Está la niña :

“Ay Dios, quien le hablaria!”

ABRAHÃO.

Digo que esteis norabuena!

Por estrena

Toma estas dos manijas.

MOY. Y yo te doy estas sortijas

De mis hijas.

ESA. Yo te doy esta cadena.

SAL. Dartehía yo bien sé qué,

Mas no sé

Cuanto puede aprovechar.

ERU. Muchas cosas hace el dar,

Como contino se ve.

CASSANDRA.

Téngome de captivar

Por el dar?

No me engaño yo así.

Yo digo que prometí

Solo de mí,

Que no tengo de casar.

MOY. Blasfemas; que el casamiento

Es sacramento,

Y el primero que fué.

Yo Moysen te lo diré

Y contaré

Donde hubo fundamento.

En el principio crió

Y formó

Dios el cielo y la tierra,

Con quanto en ello se encierra:

Mar y sierra
De nada lo edificó.
Era vacua y vacia,
Y no habia
Cosa por quien fuese amado.
El spirito no criado
Sobre las aguas lucía.
Fiat lux! luego fue hecha
Muy prehecha,
Sol y Luna y las estrellas,
Criadas claras y bellas
Todas ellas
Por regla justa y derecha.
Al Sol dióle compañera
Por parcera,
De una luz de ambos guarnidos,
Dominados y medidos
Cada uno en su carrera.
Hagamos mas, dijo el Señor
Criador,
Hombre a nuestra semejanza,
Angelico en la esperanza
Y en lianza,
Y de lo terrestre — señor.
Luego le dió compañera
En tal manera
De una gracia ambos liados,
Dos en una carne amados,
Como si ambos uno fuera.
El mismo que los crió,
Los casó,
Y ~~trató~~ trató el casamiento;

Y por su ordenamiento
Es sacramento,
Que al mundo estableció.
Y pues fue casamentero
Él primero,
Y es lei determinada;
Como estás tú entirrada,
Diciendo que es captivero?

CASSANDRA.

Que cuando Dios los hacía
Y componía,
En esos tales no hablo:
Mas en aquellos que el diablo
En su retablo
Hace y ordena cadaldia.
Por codicia los ayunta,
Y no pergunta
Por otra virtud alguna;
Y despues que la fortuna
Los enfuna,
Toda gloria le es defunta.
Si yo me casase agora,
Dende á una hora
No querria ser nacida.
No tengo mas de una vida;
Y, sometida,
Diz, Casandra, tirte afuera.
Marido? ni aun soñado,
Ni pintado.
No cureis de porfiar,
Porque para bien casar
No es tiempo concertado.

ABRAHÃO.

Y si cobras buen marido,
Comedido,
Y nunca apasionado?
CAS. Nunca? estais muy errado,
Padre honrado,
Porque eso nunca se vido.
Como puede sin pasion
Y alteracion
Conservarse el casamiento?
Múdase el contentamiento,
En un momento,
En contraria division.

Solo Dios es perfeccion:
Si en razon
La verdad quereis que hable;
Que el hombre todo es mudable
Y variable,
Por humanal complision.
Pero yo quiero decir
Y descubrir
Porque vírgen quiero estar:
Sé que Dios ha de encarnar,
Sin dudar:
Y una vírgen ha de parir.

ERUTEA.

Eso bien me lo sé yo,
Y cierta só
Que en un presepe ha de estar;
Y la madre ha de quedar
Tan vírgen como nació.
Tambien sé que de pastores

Labradores

Será visto y de la gente;

Y le traerán presente

Del Oriente

Grandes Reis y sabedores.

CIMERIA.

Yo, dias ha, que hei soñado

Y barruntado,

Que via una virgen dar

Á su hijo de mamar,

Y que era Dios humanado;

Y aun despues me parecia

Que la via

Entre mas de mil doncellas;

Con su corona de estrellas

Mucho bellas,

Como el sol resplandecia.

Nunca tan glorificada

Y acatada

Doncella se pudo asmar,

Como esta virgen vi estar;

Ni su par

No fue ni será criada.

De sol estaba guarnida,

Percebida,

Contra Lúçifer armada,

Con virgen arnés guardada,

Ataviada

De malla de santa vida.

Con leda cara y guerrera,

Placentera,

El resplandor piedoso,

El yelmo todo humildoso,
 Y *Mater Dei* por cimera:
 Y el niño Dios estaba,
 Y la llamaba,
 Madre y madre, á boca llena;
 Los ángeles, *gratia plena*
 Muy serena;
 Y cada uno la 'adoraba,
 Diciendo: "Rosa florida
 Esclarecida,
 Madre de quien nos crió!
 Loado aquel que nos dió
 Reina tan santa nacida."

ERU. Peresica, tú nos decias
 Que sabías
 Desta vírgen y su parto.

PER. Mi fe dello sé bien harto
 Y reharto:
 Llena estoy de profecías.
 Empero son de dolor:
 Que el señor,
 Estando á veces mamando,
 Tal via de cuando en cuando,
 Que no mamaba á sabor:
 Una cruz le aparecia,
 Que él temia,
 Y lloraba y suspiraba.
 La madre lo halagaba,
 Y no pensaba
 Los tormentos que él via:
 Y comenzando á dormir,
 Via venir

Los azotes con denuedo;

Estremecía de miedo.

Y no puedo

Por ahora mas decir.

CAS. Yo tengo en mi fantasia,

Y juraria

Que de mí ha de nacer;

Que otra de mi merecer

No puede haber,

En bondad ni hidalguía

ABRAHÃO.

Casandra desvaría.

ESA. Yo diria

Que está muy cerca de loca,

Y su cordura es muy poca,

Pues que toca

Tan alta descortesía.

SAL. El diablo ha de acertar

Á casar;

Por mi alma y por mi vida,

Que quien la viera sabida

Y tan leida,

Que se pudiera engañar.

Casandra, segun que muestra

Esa respuesta

Tan fuera de conclusion,

Tu loca, yo Salomon,

Dame razon,

Qué vida fuera la nuestra?

CAS. Aun en mi seso estó:

Que soy yo.

ESA. Cállate, loca perdida,

Que desa madre escogida
Otra cosa se escrevió.

Tú eres della al revés,

Si bien ves:

Porque tú eres humosa,

Soberbia y presuntuosa,

Que es la cosa

Que mas desviada es.

La madre de Dios sin par,

Es de notar,

Que humildosa ha de nacer,

Y humildosa conceber,

Y humildosa ha de criar.

Las riberas y verduras

Y frescuras

Pregonan su hermosura,

La nieve la su blancura

Limpia y pura,

Mas que todas criaturas:

Lirios, flores y rosas

Muy preciosas

Procuran de semejalla;

Y en el cielo no se halla

Estrella mas luminosa.

Antes santa, que engendada;

Preservada

Antes reina, que nacida;

Eternalmente escogida,

Muy querida,

Por madre de Dios guardada.

Por virtud reina radiosa,

Generosa;

Por gracia emperadora,
 Por humildad gran señora,
 Y hasta ahora
 No se vió tan alta cosa.

ESAIAS.

El su nombre es Maria,
 Que desvia
 De ser tú la madre dél;
 Y el hijo Emanuel
 Manteca y miel
 Comerá como yo decia.

ABR. Dos mil veces lo decias,
 Que el Mesías
 Será Dios vivo en persona,
 Y aun te juro á mi corona,
 Ahotas que no mentias.

MOYSES.

Y tú tambien, Salomon,
 Buen garzon,
 Los cantares que hacias
 Todos eran profecias;
 Que decias
 Della y de su perfeccion:
 "*Formosa columba mea,*
 Quien te vea,
 De vista ó á sentido,
 Gócese por ser nacido,
 Por fuerte zagal que sea."

ABRAHÃO.

Si hubiésemos de declarar
 Y platicar
 Cuanto della está escrito,

Será cuento infinito,
 Que el espíritu
 No puede considerar.
 Tudo fue profetizado
 Por mandado
 Daquel hacedor del mundo,
 Hasta aquel día profundo,
 No segundo,
 Mas prosterro, es divulgado.

ERUTEA.

Deso profetó Africana.

PER. Y tú, hermana,
 Dese juicio hablaste,
 Escriviste y declaraste
 Cuanto baste
 Para informacion humana;
 Pero cuando ha de ser,
 Es de saber.

ERU. Las señales os diré,
 Porque las sé
 Muy ciertas y bien sabidas.

PER. Así Dios te dé mil vidas
 Que las digas,
 Y yo te lo serviré.

ERUTEA.

Cuando Dios fuere ofendido
 Y no temido,
 Generalmente olvidado;
 No será mucho alongado,
 Mas llegado,
 El juicio prometido.
 Cuando fuere lealtad

Y la verdad
Despreciada y no valida,
Cuando vieren que la vida
Es abatida,
Del que sigue la bondad;
 Cuando vieren que justicia
Está en malicia,
Y la fe fria, enechada,
Y la Iglesia sagrada
Captivada
De la tirana codicia;
Cuando vieren trabajar
Por levantar
Palacios demasiados,
Y los pequeños menguados
Desolados;
No puede mucho tardar.
 Y cuando vieren perdida
Y consumida
La vergüenza y la razon,
Y reinar la presuncion;
Nesta sazon
Perderá el mundo la vida.
Y cuando mas segurado
Y olvidado
De la fin él mismo sea,
En aquel tiempo se crea,
Que ha de ser todo abrasado.

*Abrem-se as cortinas onde está todo o apparatus do
Nascimento, e cantão quatro Anjos.*

“Ro ro ro

“Nuestro Dios y Redentor,

“No lloreis, que dais dolor

“Á la virgen que os parió.

“Ro ro ro.

“Niño hijo de Dios Padre,

“Padre de todas las cosas,

“Cesen las lágrimas vuestras,

“No llorará vuestra madre,

“Pues sin dolor os parió.

“Ro ro ro,

“No le deis vos pena, no.

“Ora, niño, ro ro ro,

“Nuestro Dios y Redentor,

“No lloreis, que dais dolor

“Á la virgen que os parió.

“Ro ro ro.”

MOYSES.

Naquel cantar sento yo,

Y cierto só,

Que nuestro Dios es nacido;

Y llora por ser sabido

Y conocido,

Que es de carne como yo.

CLM. Yo así lo afirmaria

Y juraria;

Que lo deben estar brizando,

Y los ángeles cantando

Su divinal melodía.

ESAIAS.

Pues vámoslo adorar,

Y visitar

El recién nacido á nos:

Verán nuestros ojos dos

Un solo Dios,
Nacido por nos salvar.

Vão cantando em chacota, e chegando ao presepio diz

PERESICA.

Erutea, ves allí
Lo que ví,
La cerrada flor parida.
ABR. Oh vida de nuestra vida,
Guarecida
Y remediada por tí!
A tí adoro, Redentor,
Mi señor,
Dios y hombre verdadero,
Santo y divino cordero,
Postrimero
Sacrificio mayor!

MOYSES.

Oh pastorcico nacido,
Muy sabido,
De tu ganado cuidadoso,
Contra los lobos sañoso,
Y piedoso
Al rebaño enflaquecido!
Por la tierna carne humana,
Nuestra hermana,
Que en ese brizo sospira,
Que nos libres de tu ira,
Y las ánimas nos sana!

SALOMÃO.

Qué oracion, Dios, te harán,
Qué dirán!!
Oh gran Rei desde niño

Por natureza bendito,
Infinito,
Ab eterno capitan,
De celeste imperio heredero
Por entero,
De deidad coronado!
Adórote, Dios humanado,
Y por nos hecho cordero!

ESAIAS.

Adórote, santo Mesías!
En mis dias
Y para siempre te creo,
Pues con mis ojos te veo
En tal aseo,
Que cumples las profecias.
Niño, adoro tu alteza
Con firmeza;
Y pues no tengo desculpa,
Á tus pies digo mi culpa,
Y confeso mi flaqueza.

CASSANDRA.

Señor, yo, de ya perdida
Nesta vida,
No te oso pedir nada,
Porque nunca di pasada
Concertada;
Ni debiera ser nacida.
Virgen y madre de Dios,
Á vos, á vos,
Corona de las mugeres,
Por vuestros siete placeres,
Que quieras rogar por nos.

CIMERIA.

Espejo de generaciones
 Y naciones,
 De Dios hija, madre y esposa,
 Alta Reina gloriosa,
 Especiosa,
 Cumbre de las perfecciones!
 Oh estrada en campos llanos
 De humanos
 Sospiros á tí corrientes,
 Oidora de las gentes,
 Encomiéndome en tus manos!

PERESICA.

Oh clima de nuestro polo!
 Un bien olo,
 Planeta de nuestra gloria,
 Influencia de vitoria:
 Por memoria
 Nuestro sino laureolo.
 ERU. Ave, *stella matutina*,
 Bella y dina!
 Ave, rosa, blanca flor!
 Tú pariste el Redentor,
 Y tu color,
 Del parto quedó mas fina.

Acabada assi sua adoração cantárão a seguinte cantiga, feita e ensoada pelo autor.

Todos.

“Muy graciosa es la doncella:
 “Como es bella y hermosa!
 “Digas tú, el marinero,
 “Que en las naves vivias,

“Si la nave ó la vela ó la estrella

“Es tan bella.

“Digas tú, el caballero,

“Que las armas vestías,

“Si el caballo ó las armas ó la guerra

“Es tan bella.

“Digas tú, el pastorcico,

“Que el ganadico guardas,

“Si el ganado ó las valles ó la sierra

“Es tan bella.”

Isto bailado de terreiro de tres por tres: e por despedida o vilancete seguinte.

Vilancete.

“Á la guerra,

“Caballeros esforzados;

“Pues los ángeles sagrados

“Á socorro son en tierra.

“Á la guerra!

“Con armas resplandecientes

“Vienen del cielo volando,

“Dios y hombre apelidando

“En socorro de las gentes.

“Á la guerra,

“Caballeros esmerados;

“Pues los ángeles sagrados

“Á socorro son en tierra.

“Á la guerra!”



F I G U R A S.

FÉ.

BRAZ.

BENITO.

SYLVESTRE.

A seguinte representação foi representada em Almeirim ao mui poderoso Rei D. Manuel. Cuja invenção he, que estando nas matinas do Natal, entrão dous pastores simpres na capella; e estando maravilhados no pontifical de todas aquellas cousas, entra a Fé, que lhe declara a significação dellas.

AUTO DA FÉ.

*Entra primeiramente um pastor chamado Braz, e vendo
assi aquella festa, chama seu companheiro, dizendo:*

BRAZ.

Benito, aqui está la boda.

BEN. Ha, no te le dije yo?

Juro á diez que allá me vó.

BRA. Aqui está la gente toda.

BEN. Cuantos que estes zotes son,
Ó cregos ó son personas.

BRA. Mas que monton de coronas!
Bendígalos santo Anton.

BENITO.

Quien supiese deslindar
Cual es crego ó sancristan!

BRA. De mil relleas estan.

BEN. Cata, mas ha hi que mirar:

Qué siñifica esta mesa
Con tanta retartanilla?

BRA. Bobo, es cama á for de villa,
Chaqueada á la francesa.

BEN. Cuerpo de santa Pipía!
Sabes mas que tú ni yo.

BRA. Yo atabobado estó
De ver tal negromancia!

Sabrásme tú rellatar
 Que declinan estas lumbreras?
 Son candelas ó bugeras?

BRA. No lo sé pronunciar.

Son palos daquel natio,
 Soncas nacen no sé donde.

BEN. Ni jota no se te esconde;
 Pelletras mas que tu tio.

BRA. Oh que cosa tan garrida
 Es aquello que allí está!

BEN. Y aquello qué será?

BRA. Nunca tal ví en mi vida.

Juro á diez, mas bobo estó
 Que el triste que anda en aprito.
 No te quellotras, Benito?

BEN. Mas que tú bobeo yo:
 No hago sino pensar,
 Maginando nesta fiesta.

BRA. Es aquello ciesto ó ciesta,
 Ó artesa de amasar? *

BENITO.

Que es aquella sevandija
 Amarilla incrucijada?

BRA. Será serpiente encantada,
 Ó es negocio de igrija?
 Ó sabes lo que será?
 Donde deslindan los pleitos.

BEN. Ternás muy grandes respetos,
 Si Dios la vida te da.

Hideputa, como aciertas!
 Y pareces bobillon.

* Pola caldeira da agua beñta.

BRA. Está quedo, neciarron:
Siempre andas con gingretas.

BEN. Pelletremos poco á poco,
Que infinita aqui está gente
Tan alegre y tan contente,
Quellotrada de alvorozo.

BRAZ.

Àquellas mágenes seran?

BEN. Qué pegullal tan garrido!

BRA. Parece plado florido,
La mañana de San Juan.

BEN. Hay aqui tanto que ver,
Que me siento atabobado.

BRA. Quien hallára algun lletrado,
Que supiera esto entender.

Vem a Fé, e diz Benito.

BENITO.

Esta que viene repicada,
Quellotrada á la morisca,
Nos dirá que señefisca,
Que ella debe ser lletrada.

BRA. Y ella hace revellada.

BEN. Cata, cata como está.

BRA. Quien será que viene acá?
Es imágene sagrada.

BENITO.

Ha! no plaga á nuestros amos,
Y no pese no de nos,
Que no hecimos los dos
Revellencia, quando entramos.

BRA. Llugo, llugo te quellotras!
Bien se puede corregir:

Tornémonos á salir,
Y revellemos ahotas.

BENITO,

Tú, Bras, harás la entrada.

BRA. Mas entremos par á par,
Porque nos cumple arrimar
Al dar de la revellada.
Comencemos á la una.

BEN. Tente, tente sobre tí.

BRA. Si tú te piegas á mí,
Diablo, bestia ovejuna!

La mesura bien está:

Las manos tambien pongamos.

BEN. Porque no nos asentamos?

BRA. El diablo acertará.

BEN. Tú no ves como está ella?

BRA. Ora ponte tú, veremos.

BEN. Cumple que nos debloquemos,
Y tengamos ojo en ella.

BRAZ.

Está hablando entre dientes.

Haces burla del verano!

BEN. Ya se me hincha una mano:
Y tú, carillo, qué sientes?

BRA. Las rodillas entunidas,
Las piernas me estan temblando.

BEN. Ella que está maginando?

BRA. Tiene las mientes perdidas.

BENITO.

Levantémonos de aquí:

Nosotros bobos estamos.

Vamos á ver nuestros amos.

BRA. No me tengo de ir así.
Sepamos desta zagala
Quien es, y lo que fiñita.
O zagaleja bendita,
Quien sois vos de tanta gala?
No hablais? pues no sois muda.

BEN. Esperá; ya se levanta.

BRA. Tanta revellencia, tanta!

BEN. Juri á san que es resesuda.

FÉ. Vós outros, que demandais?

BRA. Nosotros qué os queremos?

Si á nos lo perguntais,
Nosotros no lo sabemos.

FÉ.

A divinal claridade
Seja em vosso entendimento,
E vos dê conhecimento
De sua natividade.

BRA. Mas quien sois vos, ó quien serés?

FÉ. Pastores, eu sam a Fé.

BRA. Ablenuncio Satané!

FÁ ni fé no sé que se es.

FÉ.

Fé he crer o que não vemos,
Pela glória que esperamos;
Amar o que não comprendemos,
Nem vemos nem conhecemos,
Para que salvos sejamos.

BRA. Ahora lo entiendo menos:

Rellata eso mas claro;
Que perjuro á Santo Amaro,
Que ni punto os entendemos.

FÉ.

Fé he amar a Deos, so por elle,
 Quanto se póde amar,
 Por ser elle singular,
 Não por interesse delle:
 E se mais quereis saber,
 Crer na Madre Igreja saneta,
 E cantar o que ella canta,
 E querer o que ella quer.

BENITO.

El que pergunta no yerra:
 Qué es aquella encrucijada,
 Que allí está tan replicada,
 Que semeja roble en sierra?

FÉ. Aquella he a arvøre da vida.

BRA. No deslindaís como ha nombre?

Y qué hace allí aquel hombre
 Puesto y la color perdida?

FÉ.

Aquella he a cruz preciosa,
 Para sempre esclarecida,
 Para os perigos desta vida,
 E nao da salvação nossa.
 O homem se chama Jesu,
 Messias, Rei, Salvador,
 Deos e homem, Redemptor;
 (Não sei se o entendes tu)
 Deos he seu nome maior.

BRAZ.

Mi amo ha nombre tambien
 Pero Alonso, y Pero Matos,
 Y Perazo lo llaman hartos,

Así como á mano vien.
 Allá en nuestro lugar,
 Si no viene lluvia ni vella,
 Toman una como aquella
 Nuestros amos, á clamar
Ora pro nubes, ora pro nubes;
 Y las mugeres así
 La que mas gritillo tiene:
 La lluvia ni va ni viene,
 Y la cruz estáse ahi.

BEN. Vámonos; anda ca, Bras,
 Ya gran rato que aqui estamos;
 Bien conoces nuestros amos:
 Anda, no cures de mas.

BRAZ.

No sabrás primero, di,
 Aquesta gente baldía
 Si dormieron todo el dia,
 Ó qué noche es esta aqui?

BEN. Ella es noche de alegría;
 Ninguno está aqui soñoliento.

FÉ. He noute do nascimento,
 Em que Deos mostrou seu dia.

He noute de gran memoria,
 Noute em dia convertida,
 Escuridão consumida
 Com gran resplandor de glória:
 No meio mais luminosa
 Que no mundo nunca viste,
 E de escura, fria e triste,
 A mais doce e gloriosa.

**Oh noute favorecida
De memoravel coroa,
Vista de Deos em pessoa,
Começando humana vida!
Dos anjos toda cercada,
Dos elementos servida,
Do Padre e Filho escolhida,
Do Sprito Sancto espirada!**

BRAZ.

**Que no os entiendo, no,
Ni sé que cosas hablais,
Si mas no lo aclarais.
Como estava me estó.
Si es noche de navidá,
Esa es otra sevandija;
Mas no veo en nuestra igrija
Esto ansi como aqui está.**

FÉ.

**Haveis de crer firmemente
Tudo quanto vos disser
Os que salvos quereis ser
Naquesta vida presente:
Crede o sancto nascimento,
Ser Deos da Virgem nascido,
Verbo de Deos concebido
Para novo testamento.**

**E que a Virgem gloriosa
Ficou tal como nasceo;
E sem dor appareceo
A nossa flor preciosa,
Deos em toda perfeição,
Homem para padecer,**

E tirar a Lucifér
Toda sua jurdição.

BRAZ.

Qué años ha que acaeció?

FÉ. Mil e quinhentos e dez.

BRA. Y ahora nace otra vez?

De mil años se acordó!

Quizá si hombre allá se hallára . . .

FÉ. Tanto monta se agora

Contemplares aquella hora

Como se agora passára.

Pastor, faze tu assi:

Começa de imaginar

Que ves a Virgem estar

Como se estivesse ahi:

E esta Virgem mui ornada,

De pobreza guarnecida,

De raios esclarecida,

De joelhos humilhada:

E que ves diante della

Hum menino então nascido,

Filho de Deos concebido

Naquella sancta donzella.

Ve o menino chorar,

E a Senhora affligida,

Sem ter cousa nesta vida,

Nem pannos para o pensar:

Na mangedoura mettido

Em pobre palha chorando,

E os anjos embalando

O menino entanguecido.

BRA. Con eso se me acordó

Que cuando parió mi ama
Chapuzada allí en la cama
Todos los huevos comió.

Y tú, Benito? **BEN. Maginava**
Que era aquello bien de ver,
Ver á nuestro Dios nacer:
Y en esto me espitava.
Decidnos, Señora vos,
Porque tan pobre nacia?
Todo el mundo no tenia
Por suyo, pues era Dios?

FÉ.

Por mostrar que a pobreza
Actual e spritual
He o toque principal
Da celestial riqueza:
Porque he porta da humildade,
Caminho da paciencia,
Horto da sancta prudencia,
Esteio da sanctidade.

He abrigo dos cuidados,
E de mundanas mudanças,
Fôrra de vans esperanças
Dos homens desesperados.
Da Fortuna vencedora,
D'adversidades isenta,
Nao segura na tormenta,
Que tem porto cada hora.

Portanto a Virgem real,
Per geração generosa,
Foi a mais pobre e humildosa
De todo o genero humanal.

E assi o verbo do Padre
Ecce ancilla concebido
 Pobre humilde foi nacido,
 Bem parecido á madre.

Sentindo nossa miseria,
 Chorava o sancto menino,
 Cuberto, occulto o divino
 Daquella fraca materia.
 E porque elle he dado a nós,
 Cujo imperio he eternal,
 Faz esta côrte real
 A festa que vedes vós.

Vós outros tambem cantai
 Por vosso uso acostumado
 Como lá cantais co'o gado:
 Ambos de dous começai.

BRA. Cantiquemos por San Polo.

BEN. *Abrenuncio nos a malo!*

Ora pues tenme este palo,
 Verás como canto solo.

“No no no no no no

“No no no

Que no quiero estar en casa;

“No me pagan mi soldada

“No no no, que no que no.

“No me pagan mi soldada,

“No tengo sayo ni saya

“No no no, que no que no.”

Ha Sylvestre! SIL. Héme aqui.

BRA. Adó diablo estabas?

SYL. Bien oí lo que hablabas,

Y aun esotra, que está ahi.

BRA. Viste tanto zote ya?

No ha poder que no te asombres.

SYL. Mas ha cregos, que no hombres;

Mas á nos qué se nos da.

Yo y estos tres compañeros,

Pues que es noche de alegría,

Cantaremos melodía,

Mejor que cuatro gaiteros.

BRA. Vos, prehecha Fé sagrada,

Vida de nuestro consuelo,

Pues nos mostrastes el cielo,

Seais por siempre loada.

*Cantão a quatro vozes hũa enselada que veio de França,
e assi se vão com ella, e acaba a obra.*



FIGURAS.

VERÃO.

INVERNO.

ESTIO.

OUTONO.

JUPITER.

HUM SERAPHIM.

DOUS ANJOS, e hum Archanjo.

Esta seguinte obra se chama dos Quatro Tempos: foi representada ao mui nobre e próspero Rei D. Manuel na cidade de Lisboa, nos paços de Alcaceva, na capella de San Miguel, por mandado da sobredita Senhora sua irman, nas matinas do Natal.

AUTO DOS QUATRO TEMPOS.

Entra o Seraphim dizendo ao Archanjo e dous Anjos, que vem com elle.

SERAPHIM.

Nuevo goso, nueva gloria,
Criada en el seno eterno,
Es llegada:
Gran mudanza, gran vitoria
Por nuestro Dios sempiterno
Nos es dada.
La clara luz anciana
Mudada, hecha moderna
En nuevo trage,
Y la bondad soberana
Se alegra en la edad tierna
Sin ultrage.

Nuestro goso se acrecienta,
Nuestra gloria va pujando
Neste dia;
Y la infernal serpiente
Ya privando va del mando,
Que tenia
Los secretos abrazados,
Muy mas que puedo deciros,
Revelados.

Las paces son acabadas,
Y los antiguos suspiros
Son cesados.

Ya el mundo tenebroso
Relumbra por las alturas
Dó salió,
Porque el obrador poderoso
Exalzó las criaturas,
Que crió:
La clara obra infinita,
Infinitamente obrada
Y obradora,
Quiso su bondad bendita
Que fuese manifestada
Nesta hora.

El infinito amador,
Infinitamente amando
Cosa amada
De infinito valor,
Supo donde, quiso cuando
Ser mostrada.
Y el amor mediante,
Por do el amador y amado
Son liados,
Es plantado en un infante
Con el Padre en un estado
Concordados.

Pues vámosle á ver nacido,
Veremos como está puesto
El infinito
De humana carne vestido,
De huesos, niervos compuesto.

Tamañito

Veremos como se muestra
Recien nacido de ahora,
Poco ha;
Veremos la reina nuestra,
Nuestra gran superiora,
Cual está.

Vamos ver pulcra y decora
Como está, clara y lumbrosa,
Descansada;
Vamos ver nuestra señora,
La mas bella y graciosa,
Desposada.

Vamos ver la clara silla
Eternalmente guardada
En alto grado;
Vamos ver la sin mancilla,
Vamos ver la preservada
De pecado:

Emperatriz soberana,
De todo cuento del viso
Angelical,
Reina del cielo á la llana,
Señora del paraiso
Terrenal:

La gran princesa sin falta
Deste valle lacrimoso,
Donde mora
La gran Duquesa muy alta
De la paz y del reposo,
Desde ahora.

Vamos ver con que doncellas,

Con que galas, con que arreos,
 La hallamos,
 La madre de las estrellas,
 Cumbre de nuestros deseos
 Que esperamos.
 Lleguemos darle loores,
 Vamos servir su Alteza
 Esclarecida;
 Que no terná servidores,
 Segun siempre amó pobreza
 En esta vida.

Chegando todos as quatro figuras, s. o Seraphim, Anjos e Archanjo, ao presepio, adorão o Senhor, cantando o seguinte

Vilancete.

“Á tí, dino de adorar,
 “Á tí, nuestro Dios, loamos,
 “Á tí, señor, confesamos
 “*Sanctus, sanctus*, sin cesar.
 “Inmenso Padre eternal,
 “*Omnis terra* honra á tí,
 “*Tibi omnes angeli*,
 “Y el coro celestial,
 “Pues que es dino de adorar
 “Querubines te cantamos,
 “Arcángeles te bradamos
 “*Sanctus, sanctus*, sin cesar.

E depois da adoração dos Seraphins &c. vem os quatro Tempos, e primeiramente vem hum pastor, que significa o Inverno, e vem cantando.

INVERNO.

“Mal haya quien los envuelve

“Los mis amores;

“Mal haya quien los envuelve.”

Ora pues, ea rabiár,
 Grama de Val de Sogar,
 Que no ha hi pedernal
 Ni aparejo de calentar:
 Vienta mas recio que un fuele,
 De parte del regañon;
 Enfríame el corazon,
 Que no ama como suele.

“Mal haya quien los envuelve

“Los mis amores;

“Mal haya quien los envuelve.”

La lluvia como desgrana!
 Doy á rabia el mal tempero:
 Aquesto no lleva apero
 Para que llegue á mañana.
 Mal grado haya la nieve,
 Que mis amores, (triste yo!)
 Cuando yo mas firme estó,
 No los hallo como suele.

“Mal haya quien los envuelve

“Los mis amores;

“Mal haya quien los envuelve.”

Las uñas traigo perdidas,
 Los piés lleños de frieras,
 Mil rabias de mil maneras
 Traigo en el cuerpo metidas:
 Tengo el hielo en los huesos,
 Muérenseme los corderos.

“Los mis amores primeros

“En Sevilla quedan presos:

“Los mis amores

“Mal haya quien los envuelve.”

Oh qué friasca nebrina,
Graniso, lluvia, ventisco!
Todo me pierdo abarrisco,
El cierzo me desatina:
Mis ovejas y carneros,
De niebla, no sé qué es dellos.

“En Sevilla quedan presos

“Por cordon de mis cabellos

“Los mis amores:

“Mal haya quien los envuelve.”

Todo de frio perece;
Las aves todas se fueron,
Las mas dellas se sumieron,
Que ninguna no parece;
Ni cigueñas, ni milanos,
Ni pitorras, jilgueritos,
Tórtolas y pajaritos,
Y mis amores tamaños.

“En Sevilla quedan ambos

“Los mis amores:

“Mal haya quien los envuelve.”

Hideputa! que tempero
Para andar enamorado,
Repicado y requebrado,
Con la hija del herrero!
Los borregos de mis amos,
La burra, hato y cabaña,
Con la tempestad tamaña,
No sé adó los dejamos.

“En Sevilla quedan ambos,

“Sobre ellos armaban bandos
 “Los mis amores:
 “Mal haya quien los envuelve.”
 Quiérome hechar á dormir,
 Ver si puedo calentar.
 Ora pues, ea rabiár,
 Que no tengo de morir.
 Por mal trage que me des,
 No me ha de matar desmayo.
 Oh quien me ora ca mi sayo,
 Para cubrirme estos piés!

VERÃO. (cantando.)

“En la huerta nace la rosa:
 “Quiérome ir allá,
 “Por mirar al ruiseñor
 “Como cantaba.”
 Afuera, afuera, nublados,
 Neblinas y ventisqueros!
 Reverdeen los oteros,
 Los valles, sierras y prados!
 Reventado sea el frio,
 Y su natío:
 Salgan los nuevos vapores,
 Pintese el campo de flores
 Hasta que venga el estío.
 “Por las riberas del rio
 “Limonos coge la virgo:
 “Quiérome ir allá,
 “Por mirar al ruiseñor
 “Como cantaba.”
 Suso, suso, los garzones
 Anden todos repicados,

Namorados, requebrados:

Renovar los corazones!

Agora reina Cupido,

Desque vido

La nueva sangre venida:

Agora da nueva vida

Al namorado perdido.

“Limonos cogia la virgo

“Para dar al su amigo.

“Quièrome ir allà,

“Para ver al rui señor

“Como cantaba.”

Como me extiendo á placer!

O hideputa zagal,

Qué tiempo tan natural

Para no adolecer!

Cuántas mas veces me miro

Y me remiro,

Véome tan quillotrado,

Tan lucio y bien asombrado,

Que nunca lacer me tiro.

“Para dar al su amigo

“En un sombrero de sirgo.

“Quièrome ir allà,

“Por mirar al rui señor

“Como cantaba.”

Las abejas colmeneras

Ya me zuñen los oidos,

Paciendo por los floridos

Las flores mas placenteras.

Cuán granado viene el trigo!

Nuestro amigo,

Que pese á todos los vientos,
 Los pueblos trae contentos,
 Todos estan bien conmigo.

El sol, que estaba sumido,
 Partido deste horizon,
 Se sube á septentrion
 En este tiempo garrido.
 Por eso vengo florido,
 Engrandecido,
 Dando mal grado á Enero:
 Geminis, Toro y el Carnero,
 Me traen loco perdido.

Hago claras las riberas,
 El frio hecho en las fuentes,
 El tomillo por los montes
 Huele de dos mil maneras.
 La luna cuán clara sale!
 Si me vale,
 Tengo tres meses floridos,
 Y despues de estos cumplidos,
 Es por fuerza que me calle.

Entra o Estio, hũa figura muito longa e muita enferma, muito magra, com hũa capella de palha.

ESTIO.

Terrible fiebre efimera,
 Ética y fiebre podrida,
 Me traen seca la vida,
 Acosándome que muera.
 Dolor de mala manera
 Traigo en las narices mias:
 No duermo noches ni dias,
 Ardo de dentro y de fuera.

La boca tengo amargosa,
Los ojos traigo amarillos,
Flacos, secos los carillos,
Y no puedo comer cosa.
La sed es cosa espantosa,
La lengua blanca, sedienta;
La cabeza me atormienta
Con calentura rabiosa.

 Mi calma perseverada,
Mis días duran mil años:
Los calores son tamaños,
Que es cosa descompasada.
El agua toda ensecada,
Polvorosos los caminos;
Los melones y pepinos
Hacen dolencia doblada.

 Cancer, Virgo y el Leon,
Los registros de mis días,
Saben las cóleras mias,
Y las flemas cuantas son.
Tambien saben la razon
Daquesta mi calentura,
Y porque quiere ventura
Que tenga siempre sezon.

VERÃO.

 O hideputa! qué asco!
 Á qué veniste, mortaja?
Siempre vienes hacer paja
Todo cuanto yo verdeo.
Como vienes luengo y feo,
Y chamuscado el carillo,

Seco, flaco y amarillo,
Vestido de mal aseo!

O malogrado de Estío,
Á qué vienes? véte, véte,
No estío, mas hastío.

EST. Calla, calla, verdolete,
Que bueno es el tiempo mio;
Porque asesa tus locuras,
Tus vanas flores y rosas,
Y otras cosas curiosas,
Que en tí no son seguras.

VERÃO.

Este que viene quién es?

INV. Es lo Otoño, por mi vida.

OUT. Ora norabuena esteis.

VER. Buena sea tu venida.

OUT. Todos juntos qué haceis?

VER. Yo bien tengo trabajado,
Y este cara de ahorcado
Me sacó euanto aqui veis.

OUTONO.

Ya todo está madurado,
Yo vengo coger el fructo.

VER. Pues si tú no hallas mucho,
Este Estío lo ha estragado.

OUT. Muy bien está, Dios loado.

INV. Abellotas no nacieron.

VER. Muchas fructas se comieron
En estotro mes pasado.

OUTONO.

No quedó fructa ni nada,
Ni hojas no las verás.

Tú, Verano, de hoy á mas
Acógete á tu mesnada;
Tú, Estio, á tu posada,
Cura bien tu calentura,
Que, si viene la friura,
Ternás quartana doblada.

Entra Jupiter e diz:

JUPITER.

O tú, gigantea dicsa,
Delante la ligereza
De Boreas
Toda la tierra atraviesa;
Da combate á la tristeza
Do la veas.
Dí al resto de Eneas,
Prosperada Romulana,
Gran señora,
Que haga fiestas las peleas,
Pues que Latonio y Diana
Hoy adora.

Aclara, Febo lumbroso,
Los pasos peligrinantes
Que camino;
Porque el tiempo mentiroso
De los dioses triunfantes
Pierde el tino.
No se usará ya mas
Venerar templo á Diana,
Ni á Juno;
Ni se verá, ni verás,
Estar Februa ufana
Nel trebuno.

[Ni Apolo se verá,
Ni los Bacos adorados
De Romanos:
Ni el Himeneo será
Padrino de los casados
Persianos:
Ni las ninfas aguaceras
Traerán aguas por ruegos
De las gentes:
Ni las hadas hechiceras
Mostrarán fingidos fuegos
De serpientes.

Y Nayades y Dianas,
Las Driades cazadoras,
Y Netuno,
Y las tres diosas troyanas,
Dejarán de ser señoras
De consuno:
Y la Rhamnusia doncella
Decida de su castillo
Con ultrage,
Y todas estas con ella
Daran al niño chiquillo
El menage.

La nueva infante Safos
Subió al monte Parnaso,
Con aliño
De traer en tierra Dios
De los Alpes en lo raso,
Hecho niño:
La cual infante gloriosa
En la Castália fuente

Se bañó;
Porque siendo generosa,
Humildosa por el monte
Se subió.

La muy oscura vision
De la caverna Saturna,
Con las vidas
De los hijos de Monjergon,
Y de la diesa noturna,
Son sumidos.

Los venenos ponzoñosos,
Que de Medusa salieron
Goteando,
Sus actos tanto dañosos,
Cuando tal misterio vieron,
Van cesando.

La Hechene venenosa,
Y aquella Estyx laguna
Infernenta,
Desde ahora temerosa
Está su boca importuna,
De contenta.
Creo que oyó los bramidos
De los bregos ancianos
De alegría,
Porque hoy son abatidos
Los infernales tiranos
Neste dia.

Todos van hoy adorar
Al criador poderoso,
Que es nacido;
Las aves con su cantar,

Y el ganado selvinoso
 Con bramido.
 Los salvaginos bestiales
 Con olicorne pandero
 Dan loores;
 Y los brutos animales
 Adoran aquel cordero,
 Y los pastores.

Pues qué haceis, Tiempos hermanos,
 Descuidados del amor
 Del que nació?
 Levantad todos las manos,
 Vamos ver aquel Señor,
 Que nos crió.

INV. No decís, si puedo yo?
 No veis que estoy renegado
 Del tempero?

VER. Cuantés yo sudando está.

EST. Fiebres me tienen cansado,
 Pero no os diré de no,
 Que ver lo quiero.

INVERNO.

O Júpiter, si en tu ventura
 Topásemos allá fuego,
 Luego holgaria.

JUP. El criador y criatura
 Es el mundo y es el huego,
 Y él lo envía.

EST. Aquesta dolencia mia
 Le tengo de encomendar
 De corazon.

VER. Yo cantaré de alegría.

OUT. Comencemos á cantar

Una cancion.

Até chegarem ao presepio vão cantando huma cantiga franceza, que diz:

Ay de la noble

Villa de Paris &c.

JUPITER.

Alto niño en excelencia,
Yo vengo de las alturas
Á te adorar,
Y traerte obediencia
De todas las criaturas
Sin faltar.
De toda la redondeza,
Sin faltar, digo, ninguna,
Se ayuntaron,
Y á adorar tu grandeza,
Tu divindad sola una,
Me enviaron.

Diana y Febo lumbroso,
Mars, Mercurio, Venus, Juno,
Donde moran,
Y Saturno venenoso,
Todos juntos de consuno
Te adoran.
Castor y Polux unidas,
Y todo el círculo galajo
Y cristalino,
Y las Pleyades lucidas,
Te adoran en este bajo
De contino.

Planetas, fijas estrellas,
Y la estrella Orion,

Y la Canina,
La mayor y menor dellas,
Con inmensa devocion
Se te inclina.
Y el tu cielo etereo,
Círculos y Zodiaco,
Y Arcturo sino
Reconocen tu aseo;
No segun el cuerpo flaco,
Mas divino.

El monte de Ipolmorea,
Y montañas de Carmelo,
Y Gelboè,
Y la montaña Rifea
Alegres con mucho zelo
Las hallé.
El monte de Selmeron,
Y montañas de Efrain,
Y de Galaad,
Y las selvas de Frion,
Mandan adorar por mí
Tu deidad.

Y el noble rio Ganges,
Con oro, piedras, metales,
Y arboledas,
Alegre, claro y cortés,
Te ofrecen, con sus iguales,
Cosas ledas.
Eufrates, Tigre, Guijon,
Con cosas muy olorosas
Se te ofrecen
Sin ninguna division.

En fin que todas las cosas
Te obedecen.

INVERNO.

Señor, yo triste nací,
Y sin ventura ninguna:
Pues me criaste en fortuna,
Cual me soy yo, véisme aquí
Con vientos muy fortunosos
Y rabiosos,
Tempestades y tormentas,
Y con otras mas afrentas,
Y tiempos muy peligrosos.

Con la noche me cubriste,
Y del día me quitaste;
En tinieblas me formaste:
Esto es lo que me diste.
Con todo esto, que lloro,
Te adoro
Con mi mísero temblar;
Y creo que has de juzgar
Este mundo do me moro.

VERÃO.

Yo Verano, tu vasallo,
Pues me das mejor estrena,
Quiérote dar cuenta buena
De las cosas que en mí hallo,
Y tu bondad las ordena.
Hállome fresco y caliente,
Los humores mucho sanos
De aves, yerbas, gusanos,
Desta manera siguiente.

Muchas grullas y cigüeñas,

Golondrinas, abubillas,
Palomas y tortolillas,
Picapuercos y garceñas,
Zorzales y avedueñas,
Codornices y grideñas,
Milanos y tantarañas,
Muchos gayos y pardeñas.

Y tambien los gusanitos,
Hormigas rubias y prietas,
Mariposas y veletas,
Cientopíes y buercitos,
Caracoles y garlitos,
Moscas, ratos y ratones,
Muchas pulgas á montones,
Y piojos infinitos:

Agriones y rabazas,
Apiopoleo, pampillo,
Malmequieres amarillo,
Almeirones y margazas,
Florechitas por las zarzas,
Madresilva y rosillas,
Jazmines y maravillas,
Rábanos, coles y alfazas:

Puerros, ajos y cebollas,
Mastuerzo, habas, hervejas,
Gravanizos, granos, lentejas,
Verdolagas y vampollas,
Mil yerbas, fructas y follas,
Untesgina y catasol;
Y así hombre de prol
Te doy gracias y grollas.

ESTIO.

Señor, yo con mi dolencia,
 Mis fiebres y mi flaqueza,
 Me humillo á tu alteza,
 Y adoro tu clemencia
 De la triste vida mia
 Dolentia:
 Pues te place con ella,
 Quiero callar mi querella,
 Sufriendo de dia en dia.

Entra David, em figura de pastor, e diz.

DAVID.

Pues los ángeles sagrados,
 Y los Tiempos y Elementos,
 Tocan hoy caramillos
 Dejen todos los ganados
 Los pastores muy contentos,
 Silbemos, demos gritillos.
 Yo tambien quiero tocar
 Y cantar
 Con mi salterio alegrías,
 En tono de profecias,
 Mientras me vaga lugar;
 Y luego os adoraré.

“Levavi oculos meos

“En los montes onde espero

“Aquella ayuda que quiero

“Con ahincados deseos.

“Y la ayuda que demando

“Repastando

“En cima daquesta sierra

“Qui fecit cælum y tierra,

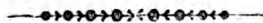
“De cuyo ganado ando
“Careando.
“*Ecce non dormitabit,*
“Ni jamas el ojo pega
“Aquel que guarda y navega:
“*Israel, qui visitabit*
“*Dominus custodit te.*
“Á la fe,
“No temas cosa ninguna;
“De noche que haga luna,
“Ni de dia el sol que dé,
“*Non uret te.*
“*Domine, benedixisti*
“*Terram tuam,* y el ganado,
“Y á Jacob descarriado
“*Captivitatem advertisti:*
“Al pueblo lleno de males
“Desiguales
“*Remisisti iniquitatem:*
“Que te adoren y te acaten
“Los concejos y jarales,
“Y animales.
“Nuestra roña amara, triste
“De los pueblos apartaste;
“*Iram tuam mitigasti,*
“*Et furorem advertisti.*
“Por ventura te pergunto,
“Si barrunto,
“*In æternum irasceris?*
“No creo, segun quien eres,
“Que hagas al pueblo junto
“Ser defunto.

“Benedicid, todas las horas
 “Del Señor, al Señor Dios;
 “Benedicid, ángeles vos,
 “Benedicid, cielos, mil sobras;
 “*Benedicite, aquæ omnes,*
 “Y dracones.
 “*Benedicite sol* y luna,
 “*Tempestates* y fortuna;
 “Benedicid á Dios, barones,
 “Con canciones.”

(Adora o presepio.)

No te traigo otro presente,
Quoniam, si voluisses
Sacrificium, darlo hia;
 Pero no eres placiente
 Por ofertas que aqui vieses;
 Ni te causan alegría!
Sacrificium Deo es.
 El espíritu atribulado,
 Y el corazon contrito,
 El cual pido que me des,
 Andando con mi ganado
 Por el tu poder bendito.

E todos assi juntamente com Te Deum laudamus se despedirão, e derão fim a esta representação.



F I G U R A S.

P R O L O G O.

HUM FRADE.

A VIRGEM:

PRUDENCIA.

POBREZA.

HUMILDADE.

FÉ.

O ANJO GABRIEL.

S. JOSEPH.

ANDRÉ.

PAYO VAZ.

PESSIVAL.

MOFINA MENDES.

BRAZ CARRASCO.

BARBA TRISTE.

TIBALDINHO.

ANJOS.

A obra seguinte foi representada ao excellente Príncipe e muito poderoso Rei Dom João III, endereçada ás matinas do Natal, na era do Senhor 1534.

AUTO DA MOFINA MENDES.

Entra primeiramente hum Frade, e a modo de prégação diz o que se segue.

FRADE.

Tres cousas acho que fazem
Ao doudo ser sandeu;
Hũa ter pouco siso de seu,
A outra, que esse que tem
Não lhe presta mal nem bem:
E a terceira,
Que endoudece em gran maneira,
He o favor (livre-nos Deos)
Que faz do vento cimeira,
E do toutiço moleira,
E das ondas faz ilheos.

Diz Francisco de Mairões,
Ricardo, e Bonaventura,
Não me lembra em que escritura,
Nem sei em quaes distincções,
Nem a cópia das razões;
Mas o latim
Creio que dizia assim:
*Nolite vanitatis debemus confidere de
his, qui capita sua posuerunt in ma-
nibus ventorum &c.*

Quer dizer este matiz
Antre os primeiros que traz:

Não he sesudo o juiz,
 Que tem geito no que diz,
 E não acerta o que faz.
 Diz *Beocio — de consolationis*,
Origenes — Marci Aureli,
Sallustius — Catelinarium,
Josepho — speculum belli,
 Glosa interliniarum;
 Vicentius — scala cæli,
Magister sententiarum,
Demosthenes, Calistrato;
 Todos estes concertarão
 Com *Scoto*, livro quarto.
 Dizem: Não vos enganeis,
 Letrados de rio torto,
 Que o porvir não no sabeis,
 E quem nisso quer pôr peis
 Tem cabeça de minhoto.
 Ó bruto animal da serra,
 Ó terra filha do barro,
 Como sabes tu, bebarro,
 Quando ha de tremer a terra,
 Que espantas os bois e o carro?
 Pelos quaes *dixit Anselmus*,
 E *Seneca, — Vandaliarum*,
 E *Plinius — Choronicarum*,
Et tamen glosa ordinaria,
 E *Alexander — de aliis*,
Aristoteles — de secreta secretarum:
 Albertus Magnus,
Tullius Ciceronis,
Ricardus, Ilarius, Remigius,

Dizem, convem a saber:
 Se tens prenhe tua mulher,
 E per ti o·composeste,
 Queria de ti entender
 Em que hora ha de nascer,
 Ou que feições ha de ter
 Esse filho que fizeste.

Não no sabes; quanto mais
 Commetterdes falsa guerra,
 Presumindo que alcançais
 Os secretos divinaes
 Que estão debaixo da terra.
 Polo que, diz *Quintus Curtius*,
Beda — de religione christiana,
Thomas — super trinitas alternati,
Augustinus — de angelorum choris,
Hieronimus — d'alphabetus hebraice,
Bernardus — de virgo ascentionis,
Remigius — de dignitate sacerdotum;

Estes dizem juntamente
 Nos livros aqui allegados:
 Se filhos haver não pódes,
 Nem filhas por teus peccados,
 Cria desses engeitados,
 Filhos de clerigos pobres.
 Pois tens sacco de cruzados,
 Lembro-te o rico avarento,
 Que nesta vida gozava,
 E no inferno cantava:
 Agua, Deos, agua,
 Que lhe arde a pousada.
 Mandarão-me aqui subir

Neste sancto amphitheatro,
Para aqui introduzir
As figuras que hão de vir
Com todo seu apparatus.
He de notar,
Que haveis de considerar
Isto ser contemplação
Fóra da historia geral,
Mas fundada em devação.

A qual obra he chamada
Os mysterios da Virgem;
Que entrará acompanhada
De quatro Damas, com quem
De menina foi criada.

A hũa chamão Pobreza,
Outra chamão Humildade;
Damas de tanta nobreza,
Que tod'alma que as préza
He morada da Trindade.

Á outra, terceira dellas,
Chamão Fé por excellencia;
Á outra chamão Prudencia.
E virá a Virgem com ellas,
Com mui fermosa apparencia.
Será logo o fundamento
Tractar de saudação,
E depois deste sermão,
Hum pouco do nascimento;
Tudo per nova invenção.

Antes disto que dissemos,
Virá com musica orphea
Domine labia mea,

E *Venite adoremus*
 Vestido com capa alhea.
Trará *Te Deum laudamus*
 D'escarlata hũa libré:
Jam lucis orto sidere
 Cantará o *benedicamus*,
 Pola gran festa que he.
Quem terra, pontus, æthera
 Virá muito assocegado
 N'hum sendeiro mal pensado,
 E hum gibão de tafetá,
 E hũa gorra d'orelhado.

Em este passo entra nossa Senhora, vestida como rainha, com as ditas donzellas, e diante quatro anjos com musica: e depois de assentadas, começão cada hũa de estudar per seu livro, e diz a

VIRGEM.

Que ledes, minhas criadas?
 Que achais escripto hi?
PRŪ. Senhora, eu acho aqui
 Grandes cousas innovadas,
 E mui altas pera mi.
 Aqui a Sibylla Cimeria
 Diz que Deos será humanado
 De hũa virgem sem peccado;
 Que he profunda materia
 Para meu fraco cuidado.

POBREZA.

Eruthea profetiza
 Diz aqui tambem o que sente:

Que nascerá pobremente,
Sem cueiro nem camiza,
Nem cousa com que se aquente.

HUM. E o propheta Isaias
Falla nisso tambem ca:
Eis a Virgem conceberá,
E parirá o Messias,
E frol virgem ficará.

FÉ.

Cassandra d'elrei Priámo
Mostrou essa rosa frol
Com hum menino a par do sol
A Cesar Octaviano,
Que o adorou por Senhor.

PRU. *Rubrum quem viderat Moïsem*
Sarça, que no ermo estava,
Sem lhe pôr lume ninguem;
O fogo ardia mui bem,
E a sarça não se queimava.

FÉ.

Significa a Madre de Deos:
Esta sarça he ella so;
E a escada que vio Jacob,
Que subia aos altos ceos,
Tambem era de seu voo.

PRU. Deve de ser por rezão
De todas perfeições cheia
Toda, quemquer que ella he.

HUM. Aqui a chama Salomão
Tota pulchra amica mea,
Et macula non est in te.
E diz mais, que he *porta cæli*

Et electa ut sol,
 Balsamo mui oloroso,
Pulchra ut liliū gracioso,
 Das flores mais linda flor,
 Dos campos o mais fermoso:
 Chama-lhe *plantatio rosa,*
Nova oliva speciosa,
 Mansa *columba Noe,*
 Estrella a mais luminosa.

PRUDENCIA.

Et acies ordinata,
 Fermosa filha d' elrei
 De Jacob, *et tabernacula*
Speculum sine macula,
Ornata civitas Dei.

FÉ. Mais diz ainda Salomão:

Hortus conclusus, flos hortorum,
Medecina peccatorum,
 Direita vara de Arão,
 Alva sobre quantas forão,
 Sancta sobre quantas são.

E seus cabellos polidos
 São fermosos em seu grado
 Como manadas de gado,
 E mais que os campos floridos,
 Em que anda apascentado.

PRU. He tão zeloso o Senhor,
 Que quererá seu estado
 Dar ao mundo per favor,
 Por hũa Eva peccador,
 Hũa virgem sem peccado.

VIRGEM.

Oh! se eu fosse tão ditosa
Que com estes olhos visse
Senhora tão preciosa,
Thesouro da vida nossa,
E por escrava a servisse!
Que onde tanto bem se encerra,
Vendo-a ca entre nós,
Nella se verão os ceos,
E as virtudes da terra,
E as moradas de Deos.

Neste passo entra o anjo Gabriel, dizendo:

GABRIEL.

Oh! Deos te salve, Maria,
Cheia de graça graciosa,
Dos peccadores abrigo!
Gosa-te com alegria,
Humana e divina rosa,
Porque o Senhor he contigo.
VIR. Prudencia, que dizeis vós?
Que eu muito turbada sam;
Porque tal saudaçam
Não se costuma antre nós.

PRUDENCIA.

Pois que he auto do Senhor,
Senhora, não esteis turbada;
Tornae em vossa color,
Que, segundo o embaixador,
Tal se espera a embaixada.
GAB. Ó Virgem, se ouvir me queres,
Mais te quero inda dizer.
Benta es tu em mereceres

Mais que todas as mulheres,
Nascidas, e por nascer.

VIRGEM.

Que dizeis vós, Humildade;
Que este verso vai mui fundo,
Porque eu tenho por verdade
Ser em minha calidade
A menos cousa do mundo?

HUM. O anjo, que dá o recado,
Sabe bem disso a certeza.
Diz David no seu tractado,
Qu' esse sp'rito assi humilhado
He cousa que Deos mais préza.

GABRIEL.

Alta Senhora, sab'ras,
Que tua sancta humildade
Te deu tanta dignidade,
Que hum filho conceberás
Da divina Eternidade.
Seu nome, será chamado
Jesu e Filho de Deos;
E o teu ventre sagrado
Ficará horto cerrado;
E tu — Princeza dos Ceos.

VIRGEM.

Que direi, Prudencia minha?
A vós quero por espelho.

PRU. Segundo o caso caminha,
Deveis, Senhora Rainha,
Tomar com o Anjo conselho.

VIR. *Quomodo fiat istud,*
Quoniam virum non cognosco?

Porque eu dei minha pureza
Ao Senhor, e meu podêr,
Com toda minha firmeza.

GABRIEL.

Spiritus sanctus supervenit in te;
E a virtude do Altissimo,
Senhora, te cubrirá;
Porque seu filho será,
E teu ventre sacratissimo
Per graça conceberá.

VIR. Fé, dizei-me vosso intento,
Que este passo a vós convem.
Cuidemos nisto mui bem,
Porque a meu consentimento
Grandes dúvidas lhe vem.

Justo he que imagine eu,
E que estê muito turbada.
Querer quem o mundo he seu,
Sem merecimento meu,
Entrar em minha morada;
E hũa summa perfeição,
De resplendor guarnecido,
Tomar pera seu vestido
Sangue do meu coração,
Indigno de ser nascido!

E aquelle que occupa o mar,
Enche os ceos e as profundezas,
Os orbes e redondezas;
Em tão pequeno logar
Como poderá estar
A grandeza das grandezas!

GAB. Porque tanto isto não peses,

Nem duvides de querer,
Tua prima Elisabeth
He prenhe, e de seis meses.

E tu, Senhora, has de crer,
Que tudo a Deos he possivel,
E o que he mais impossivel,
Lhe he o menos de fazer.

VIR. Anjo, perdoae-me vós,
Que com a Fé quero fallar.
Pedirei sinal dos Ceos.

FÉ. Senhora, o podêr de Deos
Não se ha de examinar.
Nem deveis de duvidar,
Pois sois d'elle tão querida.

GAB. E d'abinicio escolhida:
E manda-vos convidar;
Para madre vos convida.

VIR. *Ecce ancilla Domini,*
Faça-se sua vontade
No que sua Divindade
Mandar que seja de mi,
E de minha liberdade.

*Em este passo se vai o Anjo Gabriel, e os anjos á
sua partida toçã seus instrumentos, e cerra-se a cortina.*

* * *

Juntão-se os Pastores para o tempo do nascimento.

Entra primeiro André e diz:

ANDRÉ.

Eu perdi, se s'anoutece,
A asna ruça de meu pae.
O rasto por aqui vai,

Mas a burra não parece,
Nem sei em que valle cai.
Leva os tarros e apeiros,
E o çurrão co' os chocalhos,
Os çamarros dos vaqueiros,
Dois sacos de pães inteiros,
Porros, cebolas e alhos.

Leva as peas da boiada,
As carrancas dos rafeiros,
E foi-se a pascer folhada;
Porque bêsta despeada
Não pasce nos sovereiros.
E s'ella não parecer
Atás per noite fechada,
Não temos hoje prazer;
Que na festa sem comer
Não ha hi gaita temprada.

Entra Payo Vaz e diz:

PAYO VAZ.

Mofina Mendes he ca
C'hum fato de gado meu?

AND. Mofina Mendes ouvi eu
Assoviar, pouco ha,
No valle de João Viseu.

PAY. Nunca esta moça socega,
Nem samica quer fortuna:
Anda em saltos como pêga,
Tanto faz, tanto trasfega,
Que a muitos importuna.

ANDRÉ.

Mofina Mendes quanto ha,
Que vos serve de pastora?

PAY. Bem trinta annos haverá,
 Ou creio que os faz agora:
 Mas socêgo não alcança;
 Não sei que maleita a toma.
 Ella deu o sacco em Roma,
 E prendeu elrei de França:
 Agora anda com Mafoma,
 E pôz o Turco em balança.
 Quando cuidei que ella andava
 Co' o meu gado onde sohia,
 Pardeos! ella era em Turquia,
 E os Turcos amofinava,
 E a Carlos Cesar servia.
 Diz que assi resplandecia
 Neste capitão do ceo
 A vontade que trazia,
 Que o Turco esmoreceo,
 E a gente que o seguia.
 Receou a guerra crua
 Que o Cesar lhe promettia;
 Entances *per aliam via*
Reverte sunt in patria sua
 Com quanta gente trazia.

Entra Pessival.

PESSIVAL.

Achaste a tua burra, Andrel?

AND. Bofá não. PES. Não póde ser.
 Busca bem, leixa o fardel;
 Que a burra não era mel,
 Que a havião de comer.

ANDRÉ.

Saltarião pêgas nella,

Por caso da matadura?

PES. Pardeos! essa seri' ella!

E que pêga seria aquella,
Que lhe tirasse a albardura?

PAY. Mas crê que andou per hi
Mofina Mendes, rapaz;
Que, segundo as cousas faz,
Se isto não for assi,
Que não seja eu Payo Vaz.

Ora chama tu por ella,
E aposto-te a carapuça,
Que a negra burra ruça
Mofina Mendes deu nella.

AND. Mofina Mendes! ah Mofina Men!

MOF. Que queres, André? que has? (de longe)

AND. Vem tu ca, e vê-lo-has;
E se has de vir, logo vem,
E acharás aqui tambem
A teu amo Payo Vaz.

Entra Mofina Mendes, e diz

PAYO VAZ.

Onde deixas a boiada,
E as vacas, Mofina Mendes?

MOF. Mas, que cuidado vós tendes
De me pagar a soldada,
Que ha tanto que me retendes?

PAY. Mofina, dá-me conta tu
Onde fica o gado meu.

MOF. A boiada não vi eu,
Andão lá não sei per hu,
Nem sei que pascigo he o seu.
Nem as cabras não nas vi,

Samicas e' os arvoredos;
Mas não sei a quem ouvi
Que andavão ellas per hi
Saltando pelos penedos.

PAY. Dá-me conta rez e rez,
Pois pedes todo teu frete.

Mof. Das vacas morrêrão sete,
E dos bois morrêrão tres.

PAYO VAZ.

Que conta de negregura!

Que taes andão os meus porcos?

Mof. Dos porcos os mais são mortos
De magreira e ma ventura.

PAY. E as minhas trinta vitellas
Das vacas, que te entregárão?

Mof. Creio que hi ficárão dellas,
Porque os lobos dezimárão,
E deu ôlho mao por ellas,
Que mui poucas escapárão.

PAYO VAZ.

Dize-me, e dos cabritinhos

Que recado me dás tu?

Mof. Erão tenros e gordinhos,
E a zorra tinha filhinhos,
E levou-os hum e hum.

PAYO VAZ.

Essa zorra, essa malina,
Se lhe corrêras trigosa,
Não fizera essa chacina;
Porque mais corre a Mofina
Vinte vezes qu'a raposa.

Mof. Meu amo, ja tenho dada

A conta do vosso gado
 Muito bem, com bom recado;
 Paga-me minha soldada,
 Como temos concertado.

PAYO VAZ.

Os carneiros que ficárão,
 E as cabras, que se fizerão?

Mof. As ovelhas reganhárão,
 As cabras engafecêrão,
 Os carneiros se afogárão,
 E os rafeiros morrêrão.

Pes. Payo Vaz, se queres gado,
 Dá ó demo essa pastora:
 Paga-lh'o seu, va-se embora
 Ou ma-ora,
 E põe o teu em recado.

PAYO VAZ.

Pois Deos quer que pague e peite
 Tão daninha pegureira,
 Em pago desta canseira
 Toma este pote de azeite,
 E vae-o vender á feira;
 E quiçaes medrarás tu,
 O que eu contigo não posso.

Mof. Vou-me á feira de Trancoso
 Logo, nome de Jesu,
 E farei dinheiro grosso.

Do que este azeite render
 Comprarei ovos de pata,
 Que he a cousa mais barata
 Qu' eu de lá posso trazer.
 E estes ovos chocarão;

Cada ovo dara hum pato,
 E cada pato hum tostão,
 Que passará de hum milhão
 E meio, a vender barato.

Casarei rica e honrada
 Per estes ovos de pata,
 E o dia que for casada
 Sahirei ataviada
 Com hum brial d' escarlata,
 E diante o desposado,
 Que me estara namorando:
 Virei de dentro bailando
 Assi dest'arte bailado,
 Esta cantiga cantando.

*Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça, e
 andando enlevada no bailo, cai-lhe, e diz*

PAYO VAZ.

Agora posso eu dizer,
 E jurar e apostar,
 Qu'es Mofina Mendes toda.
 PES. E s'ella baila na voda,
 Qu'está ainda por sonhar,
 E os patos por nascer,
 E o azeite por vender,
 E o noivo por achar,
 E a Mofina a bailar;
 Que menos podia ser?

Vai-se Mofina Mendes, cantando.

MOFINA MENDES.

“Por mais que a dita m'engeite,
 “Pastores, não me deis guerra;
 “Que todo o humano deleite,

“Como o meu pote d’azeite,
 “Ha de dar consigo em terra.”

*Entrão outros pastores, cujos nomes são Braz Carrasco,
 Barba Triste, e Tibaldinho; e diz*

BRAZ CARRASCO.

Ó Pessival meu vezinho!

PES. Braz Carrasco, dize, viste
 A burra desse outeirinho?

BRA. Pergunta tu a Tibaldinho,
 Ou pergunta a Barba Triste,
 Ou pergunta a João Calveiro.

TIB. O fato trago eu aqui,
 E a burra eu a metti
 Na córte do Rabileiro.
 Nós deitemo-nos per li.

Andamos todos cansados,
 O gado seguro está:
 E nós aqui abrigados
 Dormamos senhos bocados,
 Que a meia noite vem ja.

* * *

*Em este passo se deitão a dormir os pastores; e logo
 se segue a segunda parte, que he hũa breve contemplação
 sobre o Nascimento.*

VIRGEM.

Ó cordeiro divinal,
 Precioso verbo profundo,
 Vem-se a hora
 Em que teu corpo humanal
 Quer caminhar pelo mundo.
 Desde agora

Sahirás ao campo mundano
A dar crua e nova guerra
Aos inimigos,
E glória a Deos soberano
In excelsis, et in terra
Pax hominibus.

Sahirá o nobre leão,
Rei do tribu de Judá,
Radix David;
O duque da promessa
Como esposo sahirá
Do seu jardim:
E o Deos dos anjos servido,
Sanctus, sanctus, sem cessar
Lhe cantando,
Vereis em palhas nascido,
Sem candeia e sem luar,
Suspirando.

E porque a noite he quasi meia,
E são horas que esperemos
Seu nascer,
Ide, Fé, por essa aldeia
Accender esta candeia,
Pois outras tochas não temos
Que accender;
E sem serdes perguntada,
Nem lhes vir pela memoria,
Direis em cada pousada
Qu'esta he a vela da glória.

*Em este passo Joseph e a Fé vão accender a candeia,
e a Virgem com as Virtudes, de gíolhos, a versos
rêzão este*

P s a l m o.

VIRGEM.

Ó devotas almas felis,
 Para sempre sem cessar
Laudate Dominum de cœlis,
Laudate eum in excelsis,
 Quanto se póde louvar.

PRUDENCIA.

Louvae, anjos do Senhor,
 Ao Senhor das altezas,
 E todas as profundezas,
 Louvae vosso criador
 Com todas suas grandezas.

HUMILDADE.

Laudate eum, Sol et Luna,
Laudate eum, stellæ et lumen,
Et lauda, Hierusalem,
 Ao Senhor que te enfuna
 Neste portal de Bethlem.

VIRGEM.

Louvae o Senhor dos ceos,
 Louvae-o, agua das aguas,
 Que sobre o ceo sois firmadas;
 E louvae o Senhor Dcos,
 Relampagos e trovoadas.

PRUDENCIA.

Laudate Dominum de terra,
Dracones et omnes abyssi,
 E todas diversidades
 De nevoas e serra,
 Ventos, nuvens *et eclipsi,*
 E louvae-o, tempestades.

HUMILDADE.

*Bestiæ et universa
Pecora, volucres, serpentes,
Louvae-o, todas as gentes,
E toda a cousa diversa,
Que no mundo sois presentes.*

Vem a Fé com a vela sem lume, e diz.

JOSEPH.

Não vos anojeis, Senhora,
Pois estais em terra alheia,
Ser o parto sem candeia,
Porque as gentes d'agora
São de mui perversa veia.
Todos dormem a prazer,
Sem lhes vir pela memoria
Que por fôrça hão de morrer;
E não querem accender
A sancta vela da glória.

HUMILDADE.

Devião ter piedade
Da Senhora peregrina,
Romeira da christandade,
Que está nesta escuridade,
Sendo Princeza divina,
Pera exemplo dos senhores,
Pera lição dos tyrannos,
Pera espelho dos mundanos,
Pera lei aos peccadores,
E memoria dos enganos,

FÉ.

Não fica por lh'o prégar,
Não fica por lh'o dizer,

Não fica por lh'o rogar;
Mas não querem acordar,
Com pressa de adormecer.
Delles fazem que não ouvem,
E elles ouvem muito bem;
Delles fazem que não vem,
E delles que não entendem
O que vai nem o que vem.

Sem memoria nem cuidado
Dormem em cama de flores,
Feita de prazer sonhado:
Seu fogo tão apagado
Como em choça de pastores;
E vossa divina vela,
Vossa eterna candeia,
Feita de cera mais bella,
Em cidade nem aldeia
Não ha hi lume para ella.

Todo o mundo está mortal,
Posto em tão escuro porto
De hũa cegueira geral,
Que nem fogo, nem sinal,
Nem vontade: tudo he morto.

VIR. Prudencia, i vós co'ella,
Que nas horas ha hi mudança:
E accendei ess'outra vela,
Que se chama da esperança,
E lhes convem accendê-la.

E dizei-lhe que o pavio
Desta vela he a salvação,
E a cera o poderio
Que tem o livre alvedrio,

E o lume a perfeição.

Jos. Senhora, não monta mais
Semear milho nos rios,
Que quereremos por sinaes
Metter cousas divinaes
Nas cabeças dos bugios.

Mandae-lhe accender candeias,
Que chamem ouro e fazenda,
E vereis bailar baleias;
Porque irão tirar das veias
O lume com que se accenda.
E á gente religiosa
Manda-lhes velas bispaes;
A cera, de renda grossa;
Os pavios, de casaes;
E logo não porão grossa.

PRUDENCIA.

Senhora, a meu parecer,
Para esta escuridade
Candeia não ha mister;
Que o Senhor qu'ha de nascer
He a mesma claridade;
Lumen ad revelationem gentium
He profetizado a nós,
E agora se ha de cumprir:
Pois para que he ir e vir,
Buscar lume para vós,
Pois lume haveis de parir?
Nem deveis de estar afflita,
Para lhe guisar manjar;
Porque he fartura infinita,
He chamado *Panis vita*,

Não tendes que desejar.
 E se para seu nascer
 Tão pobre casa escolheo,
 Não vos deveis de doer,
 Porque onde elle estiver
 Está a côrte do Ceo.

Se cueiros vos dão guerra,
 Que os não tendes por ventura,
 Não faltará cobertura
 A quem os ceos e a terra
 Vestio de tal formosura.

*Em este passo chora o Menino, posto em hum berço:
 as Virtudes cantando o embalão, e o Anjo vai aos
 pastores, e diz cantando.*

ANJO.

“Recordae, pastores!”

AND. Hou de lá, que nos quereis?

ANJ. “Que vos levanteis.”

AND. Para que, ou que vai lá?

ANJ. “Nasceu em terra de Judá

“Hum Deos so, que vos salvará.”

AND. E dou-lhe que fossem tres:

Eu não sei que nos quereis.

ANJ. “Que vos levanteis.”

ANDRÉ.

Quero-m'eu erguer, em tanto

Veremos que isto quer ser.

Sempre m'esquece o benzer

Cada vez que me levanto.

ANJOS. (cantando.)

“Ah pastor! ah pastor!”

AND. Que nos quereis, escudeiros?

ANJ. "Chama todos teus parceiros,
"Vereis vosso Redemptor."

ANDRÉ.

Não durmaes mais, Payo Vaz,
Ouvireis cantar aquillo.

PAY. Ora tu não ves que he grillo?
Vae-te d'hi, aramá vas,
Que eu não hei mister ouvi-lo.

AND. Pessival, acorda ja.

PES. Acorda tu a Braz Carrasco.

BRA. Não creio eu, não, em San Vasco,
Se me tu acolhes lá.

ANDRÉ.

Levanta-te d'hi, Barba Triste.

BAR. Tu que has, ou que me queres?

AND. Que vamos ver os prazeres,
Que eu nem tu nunca viste.

BAR. Pardeos, vae tu se quizeres,

Salvo se na refestella
Me dessem bem de comer;
Senão deixa-me jazer,
Que não hei de bailar nella:
Vae tu lá embora ter.

Acorda a Tibaldinho,
E ó Calveiro e outros tres,
E a mi cobre-me os pés;
Então vae-te teu caminho,
Que eu hei de dormir hum mez.

ANJO.

Pastores, ide a Belem.

AND. Tibaldinho, não te digo
Que nos chama não sei quem?

TRB. Bem no ouço eu, porém
Que tem Deos de ver comigo?

ANDRÉ.

Isso he parvoejar.

Levanta-e-vos, companheiros,
Que por valles e outeiros
Não fazem nego chamar
Por pastores e vaqueiros.

ANJ. Pera a festa do Senhor
Poucos pastores estais.

PAY. Vós bacelo quereis pôr,
Ou fazer algum lavor,
Que tanta gente ajuntais?

ANDRÉ.

Vós não sois officiaes
Senão de guardardes gado.

BRA. Dizei, Senhor, sois casado?
Ou quando embora casais?

AND. Oh como es desentoadado!

ANJ. Quisera que foreis vós
Vinte ou trinta pegureiros.

PAY. Antes que vós deis tres voos,
Bem juntaremos nós
Nesta serra cem vaqueiros.

ANJO.

Ora trazei-os aqui,
E esperae naquella estrada,
Que logo a Virgem sagrada
A Hierusalem vai per hi
Ao templo endereçada.

Tocão os anjos seus instrumentos, e as Virtudes, cantando, e os pastores, bailando, se vão.



F I G U R A S.

P R O L O G O.

VASCO AFFONSO.

CATHERINA.

JOANNE.

FERNANDO.

MADANELLA.

AFFONSO.

INEZ.

MARGARIDA.

CLERIGOS.

O seguinte Auto foi representado ao muito alto e poderoso Rei nosso Senhor Dom João, terceiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Evora pelo Natal, era do Senhor de 1523.

AUTO PASTORIL PORTUGUEZ.

Entra primeiramente hum lavrador, por nome Vasco Affonso, e diz:

VASCO AFFONSO.

Pois que ja entrei aqui,
Não se me escusa fallar.
Eu sou d'alem de Thomar,
E casei em Almeirim,
Alli mesmo no logar.
Agora, agora, agora
Esta doma que lá vai
Soma que casei embora
Sem licença de meu pae;
E diz que a não quer por nora.

E seu pae er assi,
Porque se casou furtada,
Nem chique nem mique, nem nada
Dão a ella nem a mi,
Assi pola desnevada.
De maneira,
Qu'elles tem birra de nós,
Dizem que nem giesteira,
Pois que nos casamos sos,
Não temos na panasqueira.

Porém amor lhe tenho eu,
E ella samicas a mi,

Que ella o diz soma assi;
— Porque elle não tem de seu,
Meu pae deu-me, e eu fugi. —
E juramento faço ós ceos,
Que derão tantas a enha esposa,
Qu'he pera dar graças a Deos;
Porque bem como raposa
Lhe tirárão a ella os veos.

Ora o nosso cura er,
Porque se paga d'ella,
E sequaes andou com ella,
Soma vonda que não quer
Receber-nos a mi e a ella.
Mas raivar,
Que ja recebidos semos:
Dentro bem no meu linhar
Todos os verbos dissemos,
Que se dizem ó casar.

Dizião a mi lá delles,
Que quem casa por amores
Não vos he nega dolores;
Emperol, que sabem elles?
Deos faz dos baixos maiores.
Aguardae.

Digo agora que casei
Sem licença de meu pae
E d'enha mãe: eu herdarei,
Ou sabeis como isto vai?

A mim dizem-me que não;
E s'he daquella maneira,
Não herdo eira nem beira.
Mas não semelha razão,

Mas sinifica cenreira;
Que se fôra a cachopa peca ou charra,
Ou algũa zanguizarra,
Preguiçosa ou comedora,
Que bradassem muito embora.

Mas taes vos fossem assim
As pulgas da vossa cama.
Soma abonda que minh'ama
Me dixе lá em Almeirim,
(Não sei como s'ella chama)
— Vae, sandeu,
A Elvora por alvaral
D'elrei, que te dem o teu,
Como passar o Natal. —
E a isto vinha eu.

E hum Gil... hum Gil... hum Gil...
(Que ma retentiva hei!)
Hum Gil... ja não direi:
Hum que não tem nem ceitil,
Que faz os aitos a elrei,
Elle me fêz,
E tirou de minha aquella,
Muito inda emque me pez,
Que entrasse ca na capella
Previcar hum antremez.

Aito cuido que dezia,
E assi cuido que he;
Mas ja não aito, bofé,
Como os aitos que fazia,
Quando elle tinha com que.
Mas o mundo he ja desgorgomelado;
Todo bem se vai ó fundo:

O dinheiro anda acossado,
E o prazer vagabundo.

Abonda: entrarão porém
Treze trolocutores;
Estes são todos pastores;
Da serra d'Estrella vem
Em preito com seus amores.
Atimar.

Entrará Branca fallando
Com Inez, ambas a par
Cantando de quando em quando,
E ás vezes suspirando
Entre cantar e cantar.

Entrará enha sobrinha,
E Constança das Ortigas,
Que em todo o val das Corigas,
Nem na villa mui asinha,
Não jazem taes raparigas.
E, como entrar,
Sahirá a bailar Valejo,
O galinheiro que em Thomar
Chamava ao coelho — conejo;
Esse mesmo ha de bailar.

E por festa a Ramalhoa
Bailará com Pero Luz,
Vestido no seu capuz;
E farão a entrada boa
Do bailo c'o sinal da cruz.
Pé-de-ferro,
Bofá hum bom escudeiro,
Bom homem lá per seu êrro,

Ledo, humilde, prazenteiro,
Salvos nega se m'eu erro;
 Este sahirá a terreiro
Com hũa regateira baça,
Que, quando vende na praça,
Tange ás vezes hum pandeiro.
Estes ambos terão graça.
A cristaleira,
E o almotacel pequeno
Bailarão á derradeira,
E targer-lhe-ha o Moreno,
Que sabe os bailos da Beira.
 Frades virão vinte e sete,
Que vem de furtar melões;
E virão tres hortelões,
Que trarão preso hum grumete
Sem jaqueta nem calções.
E acabado
Que os frades todos andarem
Hum contrapasso trocado,
E os outros atinarem,
Sera o aito atimado.

* * *

Entra Catherina pastora cantando, com o gado.

CATHERINA.

“Tirae os olhos de min,
“Minha vida e meu descanso,
“Que me estais namorando.”
 Cha cha cha, raivárão ellas:
Samicas doudejais vos?
S'eu lá vou, veremos nós

Se sondes cabras, s'aquellas.
 O Decho se chantou nellas!
 Cha cha cha, reira de morte.
 Nem no mato, nem na córte,
 Não póde o Decho co'ellas.

“Tirae os olhos de mim,
 “Minha vida e meu descanso,
 “Que me estais namorando.”

“Os vossos olhos, senhora,
 “Senhora da formosura,
 “Por cada momento de hora
 “Dão mil annos de tristura:
 “Temo de não ter ventura.
 “Vida, não m'esteis olhando,
 “Que me estais namorando.”

Vem Joanne, e diz

CATHERINA.

A que vens, Joanne, ca?

JOA. Bofás samicas não sei.
 St'outra doma te catei
 Casuso, e não eras lá;
 Perguntei a ta mãe por ti.

CAT. Tu a minha mãe por mi?

JOA. A bem, digo; — qu'he de Catalina? —
 E ella estava mofina,
 Disse-me; — e que lhe queres assi? —
 Bem sei eu ja ella aventa
 Qu'ando eu contigo á choca;
 Que quando te eu trougue a roca,
 J'ella estava rabugenta.

CAT. Não te empaches de mim, não.
 Cha cha cha, demoninhadas.

JOA. Pois sicaes te quero a osadas
 Grande bem, se vem á mão.
 Sempre eu hei de ser comtego
 Lá detraz da casa ó sol.

CAT. Joanne, vae fazer prol:
 Que tens tu dẽ ver começo?
 Jesu! como me amofina!

JOA. Ja tu aqui es, Catalina,
 Com tua destempera? **CAT.** Si:
 Ora vae-te aramá d'hi.

JOA. Alguem t'a ti empipina.

CATHERINA.

Quem m'ha a mim d'empipinar?

JOA. Póde ser qu'algum te engane.

CAT. Digo que te vas, Joanne,
 Que não te quero escutar.
 Cuidas tu que sam menina?

JOA. E dei-t'eu a roca, Catalina,
 E subi em cima da pereira,
 E tu agora á derradeira
 Jogas começo almolina!

CATHERINA.

Que fallas, ou que has comtego,
 Que tudo isto não te presta?

JOA. Pardeos, forte birra he esta,
 Que tomaste hoje começo!
 Porqu'es ma dia entirrada?
 Eu não quero de ti nada,
 Senão abraçar como amiga.

CAT. Quem te dẽsse hũa gran figa
 Nos olhos bem pespegada!

JOANNE.

He essa a tua saia nova?

Mostra ca a ver que lan tem.

CAT. Joanne! JOA. Catalina! CAT. Ora bem,
O demo t'a ti faz a cova.

JOA. Tomae lá! esta vos he ella!

CAT. Tal foste com Madanella,
E sempre chufou de ti:
Pois qu'esperas tu de mi,
Que sam mais valente qu'ella?

JOANNE.

Ó Dexemo que t'eu digo,
Que porque isso he ja sabido,
Ando eu assi tranzido,
E o demo anda começo.
Renego ora d'enha mãe,
Porque as lagrimas me são
O dia que te não vejo;
E tu tens-me tal entejo,
Que os esp'ritos se me cõe.

CATHERINA.

Choros maos chorem por ti:
Quem te manda a ti chorar?

JOA. Tu m'has de fazer botar
Mui cedo per esse chão per hi.
Não sejas ora entirrada,
Catalina minha dama;
Que cedo hei d'ir á feira,
E eu farei de maneira
Que tu sejas bem toucada.
Não m'arrarão alfenetes,
E tambem enxaravia.

CAT. Aperfia tu, perfia,

Que c'ò Dexemo te mettes.

JOA. Que cachopa esta, e que vida!

CAT. Cuidas que som Margarida,

Que andavas pola chufar?

JOA. Eu? **CAT.** A bem. **JOA.** Atimar.

CAT. Mas vae-te c'ò a ma ida.

JOANNE.

Cant'eu não sei que te fige,

Que tal escandola me tens.

CAT. Mas não sei a que ca vens;

Que a ninguem tanto mal quige.

JOA. Por bem querer, mal haver.

CAT. Ora tens bem de comer.

JOA. Isso he foscas mui asinha,

Por me metter rebentinha;

Mas perol não t'hei de crer.

CATHERINA.

Vae, vae, Joanne, bugiar,

Não andes como alpavardo.

JOA. Viste ja o meu saio pardo?

Se m'ò ves has de raivar,

Que m'está tão bem, tão bem...

Que demo he isto? dirás tu.

CAT. Oh como es parvo! Jesu!

Não falles ante ninguem.

JOANNE.

Oh! commendo ó demo a vida

A que a eu arrepincho!

Catalina, se me eu incho,

Por esta que me va de ida.

A India não está hi?

Que quero eu de mi aqui?

Melhor sera que me va.

CAT. E a mi que se me dá?

Eis Fernando vem alli.

Entra Fernando, e diz

CATHERINA.

Venhas embora, Fernando!

Eu t'esperei á portella.

FER. Parece ca Madanella?

CAT. Spera que a andas buscando!

Ja me tu a mi entejuste?

JOA. Ah si, Catalina? FER. Tu vas-te

Andar polos chavascas.

JOA. Ah si, Catalina? CAT. Ora nó mais;

Abonda que me leixaste.

JOANNE.

Ah si, Catalina? FER. Não diz

Pera hu foi Madanella.

CAT. Porque perguntas por ella?

FER. Porque a fortuna quiz.

CAT. Dores de morte te dem.

JOA. Ah si, Catalina? Ora bem,

Se xe m'eu isso soubera,

Nunca t'eu a roca dera,

Que trougue de Santarem.

MADANELLA. (de longe.)

Hai Catalina! Catalina!

FER. Aquella te he Madanella.

CAT. Hou! FER. Pera ca vem ella.

JOA. Mui grande he minha mofina!

Olha ca pera ond'estou.

CAT. Ó diabo que t'eu dou!

JOA. Amen que m'eu encommendo,
E não m'estarei moendo
Na desenteria em que estou.

Vem Madanella e diz:

MADANELLA.

Affonso parece ca?

Eu não sei onde elle anda.

FER. Inda dura essa demanda?

MAD. Inda dura e durará.

FER. Oh caiso mal comedido!

Ando eu por ti perdido,

E andas-me assoviando.

CAT. Queres tu do pão, Fernando?

FER. Estarei bem aviado,

E muito bem corregido.

MADANELLA.

Viste Affonso, Catalina?

CAT. Sabes tu onde elle s'ia?

FER. Não lh'o digas. **MAD.** Que porfia
De Fernando e de mofina!

FER. Grande odio me tem.

JOA. E Catalina a mi tambem.

MAD. Catalina, onde estava elle?

CAT. Ei-lo vem: não he elle aquelle?

JOA. Aquelle he elle, que alli vem.

Vem Affonso, e diz

MADANELLA.

Affonso, venhas embora.

AFF. Não vejo eu Inez aqui.

MAD. Olha, olha para mi,

Que não sam feia ma ora.

AFF. Viste-me Inez ca andar?

- CAT.** Casuso a vi eu estar...
- AFF.** Naquelle outeiro? **CAT.** A bem.
- AFF.** Perguntou-te por alguém?
- CAT.** Por Joanne. **AFF.** Ora andar.
 Por mi não perguntou nada?
- CAT.** Não. **AFF.** Raiva moida!
- CAT.** Por Joanne he ella perdida.
- JOA.** Está ella logo enganada.
 (de longe.)
- INE.** Catalina! hai Catalina!
- CAT.** Aquella he ella que retina.
 Inez, vem ca, mana, vem.
- JOA.** Se tu me quizeras bem,
 Não na chamáras, malina;
 Mas do malquerer te vem.
 Vem Inez, e diz
- AFFONSO.**
- Venhas embora, Inez!
- INE.** Joanne, queres belotas?
 Mais quero eu ás tuas botas
 Qu'a dous Affonsos nem tres.
- JOA.** Oh Catalina! **CAT.** Oh Fernando!
- FER.** Oh Madanella! **MAD.** Oh Affonso!
 Oh quando, quando
 Me quereras algum bem!
- AFF.** Oh Inez! quanto mal tem
 Esta maleita, em que ando!
- INEZ.**
- Oh Joanne! quão amiga
 Que sam do teu bom doairo!
- JOA.** Se não tens outro reparo,
 Cant'eu não sei que te diga.

FER. Isto chamão amor louco,
 Eu por ti e tu por outro.
 Rogo-te aramá, Madanella,
 Pois ma ora te vi, e nella.
 Que m'escutes ora hum pouco.
 Porque alгорrem se m'entende,
 Eu a doma que passou
 Este braço me ganhou,
 Emperol gansei perende
 Abonda que hum de cem,
 Hum de cem e hum vintem.
 Meu pae er tem bem de seu,
 E não tem filho, nega eu:
 Está attento ca, Madanella,
 Vem agora a Pascoella,
 Casemo-nos tu e eu.

MADANELLA.

Catalina he minha amiga,
 Sei que se paga de ti.

CAT. Fernando, por meu mal te vi,
 Como lá diz a cantiga.

JOA. Oh! commendo ó Decho a praga!
 Gingrae lá com taes cachopas,
 Leix'as quem de ti se paga.

CAT. E tu porque não faes sopas
 Com Inez, pois que te affaga?

INEZ.

Agora lhe fio eu
 Hũa camiza de linho.
 Queres, Joanne, toucinho
 Com pouco de pão do meu?

AFF. E a mi raiva que me aperte.

INE. Vae-te, que não quero ver-te:

Não tens tu ahi Madanella?

Falla, falla tu co'ella.

Ó diabo dou a morte:

Como he partuno, Jesu!

MAD. Affonso. **AFF.** Pezar ora de san Pego!

MAD. E assi o faes tu comego?

Bofá! ansi mao es tu?

Não sei que houveste comtego.

FER. Maos lobos m'acabem ja!

CAT. Guarde-te Deos earamá:

Pois que seria de mi!

Mas casemo-nos eu e ti.

JOA. E Joanne raivará?

Pois, pardeos, bem te servi.

Comego seja essa dança,

Não andes assi do vento.

CAT. Toda m'ora eu arreberto

Pola tua maridança.

AFF. Sabes, Joanne, que façamos?

Vamo-nos todos tres. **JOA.** Vamos,

E busquemos outras tres.

Eu te farei a ti, Inez,

Que me jejûes os ramos.

Vem Margarida, pastora, que achou hũa imagem de nossa Senhora, e tra-la escondida n'hum feixe de lenha, e diz:

MARGARIDA.

Ai, manas, que eu achei!

CAT. Onde? **MAR.** Na serra em cima.

MAD. Que he, Margarida prima?

MAR. Quasi, quasi não o sei.

INE. Chufas? **MAR.** Não, pardeos, amigas.

CAT. Rogo-te que nô-lo digas.

MAR. Mas he para adivinhar;
E quemquer que o acertar,
Eu a fartarei de migas.

INEZ.

Sera algum cugumelo?

MAR. Não, que tem olhos e mãos.

CAT. São caçapos temporãos.

MAD. Mas samicas pesadelo.

CAT. Onde o trazes? **MAR.** Na lenha.

CAT. He raposo, Deos mantenha.

MAR. Si raposo; teu pae torto.

INE. Ouriço cacheiro morto.

MAR. Não he cousa que pel tenha.

MADANELLA.

Mas sabeis que he leitão,

Que tem couro e não tem pelle?

MAR. Leitão? isso vos era elle.

INE. Elle não ha de ser cão.

MAR. Nem ave, nem cousa viva
Nem morta. **CAT.** Ó cativa!
E tem pés e mãos e olhos?

MAR. E narizes e gíolhos;
Nem he cousa mansa nem esquiva.

CATHERINA.

Rogo-te que digas que he,

Que isso parece patranha,

MAR. Tenho-a eu por façanha,
E não pequena, abofé.

CAT. Não o deffengules mais.

MAR. Se attentegas estais,

Muito asinha vos direi
 O que vi e que achei,
 Com tanto que me creais.

Chegando á Pena furada,
 Áquem da Virgem da Estrella,
 Achei ser hũa donzella,
 Bofá donzella dourada:
 E como a vi, como digo,
 Saltou tal tremor comigo,
 Porque ella reluzia,
 Que estava se fugiria;
 Tal claror tinha comsigo.

E hum menino brincando
 Com seis ou sete donzellas;
 Sanctas parecião ellas.

MAD. Isso sería sonhando.

MAR. Mas antes bem acordada.

Não me quereis vós crer nada?

CAT. Dize, dize, Margarida.

MAR. Pois chufa tu, Madanella,
 Que nossa Senhora era ella!

CAT. Oh! MAR. Por minha vida.

Assim seja eu bem casada,
 E Deos se lembre de mim.

CAT. Que te dixes, mana, emfim?

MAR. Chamou-me, bem assombrada,
 E eu queria chorar,
 E ella foi-me affagar.

CAT. E que te dixes despois?

MAR. Que deixasse andar os bois,
 E que me fosse ao logar.

E fosse ao nosso cura, e digo

Que vi a Virgem Maria,
E que ella lhe promettia
De lhe dar hum bom castigo,
Que horas nunca lhe rezou,
Nem della soes se acordou.

FER. Houveras-lhe de dizer
Que não lhe escapa mulher.

INE. Ó demo que eu o dou!
Eu vos direi: he elle tal
Que a filha de Janaffonso
Foi-lhe pedir hum responso,
E elle fallava-lhe em al.

AFF. Alguns delles vão per hi,
E na estremadela assi
Não lhes fica moça boa.

JOA. Bom machado na coroa,
Que ficasse logo alli!

FERNANDO.

Seixo calvo. **AFF.** Mas settada.

MAD. Arrocho d'azambugeiro.

CAT. Mas pousada de palheiro,
E fogo, e á porta fechada.

AFF. Mas bom feixe lagariço.

INE. Penedo. **MAD.** Tranca. **CAT.** Sumiço.

MAR. Eu quero-o ir avisar,
Ca lhe cunpre de reزار,
E tornar-se a seu serviço.

Por esta cruz, manas minhas,
Qu'ella está delle assanhada.

INE. Oh Virgem nossa avogada
Que os gados encaminhas!

CAT. Quem m'a vira! **INE.** Quem lá fôra!

MAD. Tu, prima, naceste embora.

MAR. Se víras o cachopinho,
Tão fermoso e sesudinho,
Filho de nossa Senhora!
Tudo eu hei de dizer
Ao nosso cura tá ó cabo,
E ó priol. **INE.** Esse diabo
Nunca te ha de querer crer.

AFF. E do priol disse alгорrem?

MAR. Não fallou nem mal nem bem.

JOA. Tambem elle he bom piloto.

AFF. Mas he valente minhoto,
Qu' apanha as frangas mui bem.

JOANNE.

Dou ja ó Decho o reixelo.

FER. E Pero Gil, capellão,
Que lhe dizes? **JOA.** Que varão!
Como lh' ellas vem a pêllo,
Nenhûas lhe escaparão.

AFF. E Janaffonso Altos-pés?

FER. Tambem esse he bom freguez,
E muito gamenho zote.

JOA. Hontem lhe dei eu hum mote
Sobr'isso, bem portuguez.

Vão-se earamá casar,
E não andar de soticapa.
Juro a Deos, s'eu fôra papa,
Eu lhes seccára o cantar.

MAR. Não me bula aqui ninguem
Neste meu feixe de lenha;
Atá que eu va e venha
Não veja ninguem qu'aqui vem.

Porque eu vou a chamar,
 Que venhão com devoção
 Os melhores do logar
 A levar em procissão
 O que a Virgem me quiz dar.

Vai-se.

AFFONSO.

Cant'eu não me posso ter,
 Vejamos o que isto he.

JOA. Vejamos por tua fé,
 Que gran cousa deve ser.

Desata Affonso o feixe e diz

AFFONSO.

Ella omagem m'affegura:
 Oh Senhora Virgem pura!

CAT. Quem vos trouge a esta serra?

FER. Ponde os gíolhos em terra.

AFF. Ponhamo-la nesta verdura.

E posta a imagem, diz

JOANNE.

Pois não sabemos rezar,
 Façamos-lhe hũa chacota,
 Porque toda a alma devota
 O que tem, isso ha de dar.

FER. Façamos, que bem sera.

CAT. Joanne, tir'-te tu lá.

Dá-me tu a mão, Fernando.

FER. Nisso estava or'eu cuidando.

Madanella, vem tu ca.

MADANELLA.

Com Affonso quero eu.

AFF. Inez mana, eu contigo,

Que nunca tão grande amigo

Em tua vida tens de teu.

INE. Porque andas bugiando?

MAD. Ora fuge lá, Fernando.

JOA. Onde não ha concordança,
Não ha hi festa nem dança:
Nem estemos perfiando.

Vem Margarida com quatro Clerigos, e diz

FERNANDO.

Oh corpo de Deos sagrado!

Quanto zote que ca vem!

MAR. Não quizestes vós perem
Condecer no meu mandado?

Ora seja ja embora.

Padres, vêdes a Senhora

Que eu achei bem acasuso.

CLE. Jesu! eu estou confuso!

2º C. Deos te salve, Imperadora!

Hymno *O gloriosa Domina*

rezado a versos pelos Clerigos á imagem de Nossa Senhora.

“Ó gloriosa Senhora do mundo,

“Excelsa princeza do ceo e da terra,

“Fermosa batalha de paz e de guerra,

“Da sancta Trindade secreto profundo!

“Sancta esperanza, ó madre d’amor,

“Ama discreta do filho de Deos,

“Filha e madre do Senhor dos Ceos,

“Alva do dia com mais resplendor!

“Fermosa barreira, ó alvo e fito,

“A quem os profetas direito atiravão!

“A ti, gloriosa, os Ceos esperavão,

“E as tres pessoas hum Deos infinito.
 “Ó cedro nos campos, estrella no mar,
 “Na serra ave phenix, hũa so amada,
 “Hũa so sem mácula e so preservada,
 “Hũa so nascida, sem conto e sem par!
 “Do que Eva triste ao mundo tirou
 “Foi o teu fructo restituidor;
 “Dizendo-te *ave* o embaixador,
 “O nome de *Eva* te significou.
 “Ó porta dos paços do mui alto Rei,
 “Camera cheia do Spirito Sancto,
 “Janella radiosa de resplendor tanto,
 “E tanto zelosa da divina lei!
 “Ó mar de sciencia, a tua humildade,
 “Que foi senão porta do ceo estrellado?
 “Ó fonte dos anjos, ó horto cerrado,
 “Estrada do mundo para a divindade,
 “Quando os anjos cantão a glória de Deos,
 “Não são esquecidos da glória tua;
 “Que as glórias do filho são da madre sua,
 “Pois reinas com elle na côrte dos Ceos.
 “Pois que faremos os salvos por ella,
 “Nascendo em miseria, tristes peccadores,
 “Senão tanger palmas e dar mil louvores
 “Ao Padre, ao Filho e Esprito, e a ella!

(Aqui ordenão sua chacota; e a letra da cantiga he a seguinte.)

Todos.

“Quem he a desposada?

“A Virgem sagrada.

“Quem he a que paria?

“A Virgem Maria.

“Em Bethlem, cidade

“Muito pequenina,
“Vi hũa desposada
“E Virgem parida.
“Em Bethlem, cidade
“Muito pequenina,
“Vi hũa desposada
“E virgem parida.
“Quem he a desposada?
“A Virgem sagrada.
“Quem he a que paria?
“A Virgem Maria.
“Hũa pobre casa
“Toda reluzia,
“Os anjos cantavão,
“O mundo dizia:
“Quem he a desposada?
“A Virgem sagrada.
“Quem he a que paria?
“A Virgem Maria.”

E com esta chacota se despedirão.



F I G U R A S.

MERCURIO.

TEMPO.

SERAPHIM,

DIABO.

ROMA.

AMANCIO VAZ.

DENIZ LOURENÇO.

BRANCA ANNES.

MARTA DIAS.

TESAURA.

JULIANA.

DOROTHEA.

MONECA.

GILBERTO.

NABOR.

MATHEUS.

JUSTINA.

VICENTE.

LEONARDA.

MERENCIANA.

THEODORA.

GIRALDA.

A obra seguinte he chamada Auto da Feira. Foi representada ao mui excellente Principe ElRei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua nobre e sempre leal cidade de Lisboa, ás matinas do Natal, na era do Senhor de 1527.

AUTO DA FEIRA.

Entra primeiramente Mercurio, e posto em seu assento, diz:

MERCURIO.

Pera que me conheçais,
E entendais meus partidos,
Todos quantos aqui estais
Affinae bem os sentidos,
Mais que nunca, muito mais.
Eu sou estrella do ceo,
E despois vos direi qual,
E quem me ca descendeo,
E a que, e todo o al
Que me a mi aconteeo.

E porque a estronomia
Anda agora mui maneira,
Mal sabida e lisongeira,
Eu á honra deste dia
Vos direi a verdadeira.
Muitos presumem saber
As operações dos ceos,
E que morte hão de morrer,
E o que ha de acontecer
Aos anjos e a Deos,

E ao mundo e ao diabo.
E o que sabem tem por fé;
E elles todos em cabo

Terão hum cão polo rabo,
E não sabem cujo he.
E cada hum sabe o que monta
Nas estrellas que olhou;
E ao moço que mandou,
Não lhe sabe tomar conta
D'hum vintem que lh'entregou.

Porém quero-vos prégar,
Sem mentiras nem cautelas,
O que per curso d'estrellas
Se poderá adivinhar,
Pois no ceo nasci com ellas.
E se Francisco de Mello,
Que sabe sciencia avondo,
Diz que o ceo he redondo,
E o sol sôbre amarello;
Diz verdade, não lh'o escondo.

Que se o ceo fôra quadrado,
Não fôra redondo, senhor.
E se o sol fôra azulado,
D'azul fôra sua côr,
E não fôra assi dourado.
E porque está governado
Por seus cursos naturaes,
Neste mundo onde morais
Nenhum homem aleijado,
Se for manco e corcovado,
Não corre por isso mais.

E assi os corpos celestes
Vos trazem tão compassados,
Que todos quantos nascestes,
Se nascestes e crescestes,

Primeiro fostes gerados.
E que fazem os poderes
Dos sinos resplandecentes?
Fazem que todalas gentes
Ou são homens ou mulheres,
Ou crianças innocentes.

E porque Saturno a nenhum
Influe vida continua,
A morte de cada hum
He aquella de que se fina,
E não de outro mal nenhum.
Outrosi o terremoto,
Que ás vezes causa perigo,
Faz fazer ao morto voto
De não bulir mais comsigo,
Cantá de seu moto proprio.

E a claridade encendida
Dos raios piramidaes
Causa sempre nesta vida
Que quando a vista he perdida,
Os olhos são por demais.

E que mais quereis saber
Desses temporaes e disso,
Senão que, se quer chover,
Está o ceo para isso,
E a terra pera a receber?
A lua tem este geito:
Ve que clerigos e frades
Ja não tem ao Ceo respeito,
Mingúa-lhes as santidades,
E cresce-lhes o proveito.

Et quantum ad stella Mars, speculum belli, et Venus, Regina musicæ, secundum Joannes Montereio:

Mars, planeta dos soldados,
Faz nas guerras conteudas,
Em que os reis são occupados,
Que morrem de homens barbados
Mais que mulheres barbudas.
E quando Venus declina,
E retrográda em seu cargo,
Não se paga o desembargo
No dia que s'elle assina,
Mas antes por tempo largo.

Et quantum ad Taurus et Aries, Cancer, Capricornius positus in firmamento cæli:

E quanto ao Touro e Carneiro,
São tão maos de haver agora,
Que quando os põe no madeiro,
Chama o povo ao carniceiro
SENHOR, c'os barretes fóra.
Depois do povo agravado,
Que ja mais fazer não póde,
Invoca o sino do Bode,
Capricornio chamado,
Porque Libra não lhe acode.

E se este não has tomado,
Nem touro, carneiro assi,
Vae-te ao sino do pescado,
Chamado *Piscis* em latim,
E seras remediado:
E se piscis não tem ensejo,
Porque póde não no haver,
Vae-te ao sino do Cranguejo,

Signum Cancer, Ribatejo,

Que está alli a quem no quer.

*Sequuntur mirabilia Jupiter, Rex regum, dominus
dominantium.*

Jupiter, rei das estrellas,
Deos das pedras preciosas,
Mui mais precioso qu'ellas,
Pintor de todas as rosas,
Rosa mais fermosa dellas;
He tão alto seu reinado,
Influencia e senhoria,
Que faz per curso ordenado
Que tanto val hum cruzado
De noite como de dia.

E faz que hũa nao veleira
Mui forte, muito segura,
Que inda que o mar não queira,
E seja de cedro a madeira,
Não preste sem pregadura.

*Et quantum ad duodecim domus Zodiacus, sequitur
declaratio operationem suam.*

No zodiaco acharão
Doze moradas palhaças,
Onde os sinos estão
No inverno e no verão,
Dando a Deos infindas graças.
Escutae bem, não durmais,
Sabereis por congeituras
Que os corpos celestiaes
Não são menos nem são mais
Que suas mesmas granduras.
E os que se desvelarão,

Se das estrellas souberão,
Foi que a estrella que olhárão,
Está onde a puzerão,
E faz o que lhe mandárão.
E cuidão que Ursa maior,
Ursa minor e o Dragão,
E *Lepus*, que tem paixão,
Porque hum corregedor
Manda enforcar hum ladrão?

Não, porque as constelações
Não alcanção mais poderes,
Que fazer que os ladrões
Sejão filhos de mulheres,
E os mesmos paes varões.
E aqui quero acabar.
E pois vos disse atéqui
O que se póde alcançar,
Quero-vos dizer de mi,
E o que venho buscar.

Eu sam Mercurio, senhor
De muitas sabedorias,
E das moedas reitor,
E deos das mercadorias:
Nestas tenho meu vigor.
Todos tractos e contractos,
Valias, preços, avenças,
Carestias e baratos,
Ministro suas pretenças,
Até as compras dos çapatos.

E porquanto nunca vi
Na côrte de Portugal
Feira em dia de Natal,

Ordeno hũa feira aqui
 Pera todos em geral.
 Faço mercador-mor
 Ao Tempo, que aqui vem;
 E assi o hei por bem.
 E não falte comprador,
 Porque o tempo tudo tem.

*Entra o Tempo, e arma hũa tenda com muitas cousas,
 e diz:*

TEMPO.

Em nome daquelle que rege nas praças
 D'Anvers e Medina as feiras que tem,
 Começa-se a feira chamada das Graças,
 Á honra da Virgem parida em Belcm.
 Quem quizer feirar,
 Venha trocar, qu'eu não hei de vender;
 Todas virtudes qu'houverem mister,
 Nesta minha tenda as podem achar,
 A trôco de cousas que hão de trazer.
 Todos remedios especialmente
 Contra fortunas ou adversidades
 Aqui se vendem na tenda presente,
 Conselhos maduros de sans calidades
 Aqui se acharão.
 As mercadorias damos e rezão,
 Justiça e verdade, a paz desejada,
 Porque a Christandade he toda gastada
 So em serviço da opinião.
 Aqui achareis o temor de Deos,
 Que he ja perdido em todos Estados;
 Aqui achareis as chaves dos Ceos,
 Mui bem guarnidas em cordões dourados;

E mais achareis
 Somma de contas, todas de contar
 Quão poucos e poucas haveis de lograr
 As feiras mundanas; e mais contareis
 As contas sem conto qu'estão per contar.

E porque as virtudes, Senhor Deos, que digo,
 Se forão perdendo de dias em dias,
 Com a vontade que déste ó Messias
 Memoria o teu anjo que ande comigo,
 Senhor, porque temo
 Ser esta feira de maos compradores,
 Porque agora os mais sabedores
 Fazem as compras na feira do Demo,
 E os mesmos diabos são seus corretores.

*Entra hum Seraphim enviado por Deos a petição do
 Tempo, e diz:*

SERAPHIM.

Á feira, á feira, igrejas, mosteiros,
 Pastores das almas, Papas adormidos;
 Comprae aqui pannos, mudae os vestidos,
 Buscae as çamarras dos outros primeiros
 Os antecessores.

Feirae o carão que trazeis dourado;
 Ó presidentes do crucificado,
 Lembrae-vos da vida dos sanctos pastores
 Do tempo passado.

Ó Principes altos, imperio facundo,
 Guardae-vos da ira do Senhor dos Ceos;
 Comprae grande somma do temor de Deos
 Na feira da Virgem, Senhora de mundo,
 Exemplo de paz,
 Pastora dos anjos, luz das estrellas.

Á feira da Virgem, donas e donzellas,
 Porque este mercador sabe que aqui traz
 As cousas mais bellas.

*Entra hum Diabo com hũa tendinha diante de si, como
 bufarinheiro, e diz:*

DIABO.

Eu bem me posso gabar,
 E cada vez que quizer,
 Que na feira onde eu entrar
 Sempre tenho que vender,
 E acho quem me comprar.
 E mais vendo muito bem,
 Porque sei bem o que entendo;
 E de tudo quanto vendo
 Não pago sisa a ninguem
 Por tracto que ande fazendo.

Quero-me fazer á vela
 Nesta sancta feira nova.
 Verei os que vem a ella,
 E mais verei quem m'estrova
 De ser eu o maior della.

TEM. Es tu tambem mercador,
 Que a tal feira t'offereces?

DIA. Eu não sei se me conheces.

TEM. Fallando com salvanor,
 Tu diabo me pareces.

DIABO.

Fallando com salvos rabos,
 Inda que me tens por vil,
 Acharás homens cem mil
 Honrados, que são diabos,
 Que eu não tenho nem ceutil.

E bem honrados te digo,
E homens de muita renda,
Que tem divedo comigo.
Pois não me tolhas a venda,
Que não hei nada contigo.

TEMPO. (ao Seraphim.)

Senhor, em toda maneira
Acudí a este ladrão,
Que me ha de danar a feira.

DIA. Ladrão? Pois haj'eu perdão,
Se vos metter em canceira.
Olhae ca, anjo de bem,
Eu, como cousa perdida,
Nunca me tolhe ninguem
Que não ganhe minha vida,
Como quem vida não tem.

Vendo dessa marmelada,
E ás vezes grãos torrados,
Isto não releva nada;
E em todos mercados
Entra a minha quintalada.

SER. Muito bem sabemos nós
Que vendes tu cousas vis.

DIA. Hi ha de homens ruis
Mais mil vezes que não bôs,
Como vós mui bem sentis.

E estes hão de comprar
Disto que trago a vender,
Que são artes de enganar,
E cousas para esquecer
O que devião lembrar:
Que o sages mercador

Ha de levar ao mercado
O que lhe comprão melhor;
Porque a ruim comprador
Levar-lhe ruim bocado.

E mais as boas pessoas
São todas pobres a cito;
E eu por este respeito
Nunca tracto em cousas boas,
Porque não trazem proveito.
Toda a glória de viver
Das gentes he ter dinheiro,
E quem muito quizer ter
Cumpre-lhe de ser primeiro
O mais ruim que puder.

E pois são desta maneira
Os contractos dos mortaes,
Não me lanceis vós da feira
Onde eu hei de vender mais
Que todos á derradeira.

SER. Venderás muito perigo,
Que tens nas trevas escuras.

DIA. Eu vendo perfumaduras,
Que, pondo-as no embigo,
Se salvão as criaturas.

Ás vezes vendo viotes,
E trago d'Andaluzia
Naipes com que os sacerdotes
Arreneguem cada dia,
E joguem té os pelotes.

SER. Não venderás tu aqui isso,
Que esta feira he dos ceos:
Vae lá vender ao abisso

Logo, da parte de Deos.

DIA. Senhor, apello eu disse.

S'eu fosse tão mau rapaz,
Que fizesse fôrça a alguém,
Era isso muito bem;
Mas cada hum veja o que faz,
Porque eu não forço ninguém.
Se me vem comprar qualquer
Clerigo, leigo ou frade
Falsas manhas de viver,
Muito por sua vontade;
Senhor, que lh'hei de fazer?

E se o que quer bispar
Ha mister hypocrisia,
E com ella quer caçar;
Tendo eu tanta em porfia,
Porque lh'a hei de negar?
E se hũa doce freira
Vem á feira
Por comprar hum inguento,
Com que voe do convento;
Senhor, inda que eu não queira,
L'hei de dar aviamento.

MERCURIO.

Alto, Tempo, apparelhar,
Porque Roma vem á feira.

DIA. Quero-me eu concertar,
Porque lhe sei a maneira
De seu vender e comprar.

Entra Roma, cantando.

ROMA.

“Sobre mi armavão guerra;

“Ver quero eu quem a mi leva.

“Tres amigos que eu havia,

“Sôbre mi armão porfia;

“Ver quero eu quem a mi leva.”

Vejam os se nesta feira,

Que Mercurio aqui faz,

Acharei a vender paz,

Que me livre da canceira

Em que a fortuna me traz.

Se os meus me desbaratão,

O meu soccorro onde está?

Se os Christãos mesmo me matão,

A vida quem m'a dara,

Que todos me desacatão?

Pois s'eu aqui não achar

A paz firme e de verdade

Na sancta feira a comprar,

Cant'a mi dá-me a vontade

Que mourisco hei de fallar.

DIA. Senhora, se vos prouver,

Eu vos darei bom recado.

ROM. Não pareces tu azado

Pera trazer a vender

O que eu trago no cuidado.

DIABO.

Não julgueis vós pola côr,

Porque em al vai o engano;

Ca dizem que sob mao panno

Está o bom bebedor:

Nem vós digais mal do anno.

ROMA.

Eu venho á feira direita

Comprar paz, verdade e fé.

DIA. A verdade pera que?

Cousa que não aproveita,
E aborrece, pera que he?
Não trazeis bôs fundamentos
Pera o que haveis mister;
E a segundo são os tempos,
Assi hão de ser os tentos,
Pera saberdes viver.

E pois agora á verdade
Chamão Maria peçonha,
E parvoice á vergonha,
E aviso á ruindade;
Peitae a quem vo-la ponha,
A ruindade digo eu:
E aconselho-vos mui bem,
Porque quem bondade tem
Nunca o mundo sera seu,
E mil canceiras lhe vem.

Vender-vos-hei nesta feira
Mentiras vinta tres mil,
Todas de nova maneira,
Cada hũa tão subtil,
Que não vivais em canceira:
Mentiras pera senhores,
Mentiras pera senhoras,
Mentiras pera os amores,
Mentiras, que a todas horas
Vos nasção dellas favores.

E como formos avindos
Nos preços disto que digo,
Vender-vos-hei como amigo

Muitos enganos infindos,
Que aqui trago comigo.

ROM. Tudo isso tu vendias,
E tudo isso feirei
Tanto, que inda venderei,
E outras sujas mercancias,
Que por meu mal te comprei.
Porque a trôco do amor
De Deos, te comprei mentira,
E a trôco do temor
Que tinha da sua ira,
Me dêste o seu desamor:
E a trôco da fama minha
E sanctas prosperidades,
Me dêste mil torpidades;
E quantas virtudes tinha
Te troquei polas maldades.

E pois ja sei o teu geito,
Quero ir ver que vai ca.

DIA. As cousas que vendem lá
São de bem pouco proveito
A quemquer que as comprará.

Vai-se Roma ao Tempo e Mercurio, e diz

ROMA.

Tão honrados mercadores
Não podem leixar de ter
Cousas de grandes primores;
E quant'eu houver mister
Deveis vós de ter, senhores.

SER. Sinal he de boa feira
Virem a ella donas taes;
E pois vós sois a primeira,

Queremos ver que feirais
 Segundo vossa maneira.
 Ca, se vós a paz quereis,
 Senhora, sereis servida,
 E logo a levareis
 A trôco de sancta vida;
 Mas não sei se a trazeis.
 Porque, Senhora, eu me fundo
 Que quem tem guerra com Deos,
 Não póde ter paz e' o mundo;
 Porque tudo vem dos ceos,
 Daquelle poder profundo.

ROMA.

A trôco das estações
 Não fareis algum partido,
 E a trôco de perdões,
 Que he thesouro concedido
 Para quaesquer remissões?
 Oh! vendei-me a paz dos ceos,
 Pois tenho o poder na terra.

SER. Senhora, a quem Deos dá guerra,
 Grande guerra faz a Deos,
 Que he certo que Deos não erra.

Vêde vós que lhe fazeis,
 Vêde como o estimais,
 Vêde bem se o temeis;
 Attentae com quem lutais,
 Que temo que cahireis.

ROM. Assi que a paz não se dá
 A trôco de jubileus?

MER. Ó Roma, sempre vi lá

Que matas peccados ca,
E leixas viver os teus.

E não te corras de mi:
Mas com teu poder facundo
Assolves a todo o mundo,
E não te lembras de ti,
Nem ves que te vas ao fundo.

ROM. Ó Mercurio, valei-me ora,
Que vejo maos aparelhos.

MER. Dá-lhe, Tempo, a essa Senhora

O cofre dos meus conselhos:
E podes-te ir muito embora.

Hum espelho hi acharás,
Que foi da Virgem sagrada.

Co'elle te toucarás,
Porque vives mal toucada,
E não sintes como estás:

E acharás a maneira
Como emendes a vida:
E não digas mal da feira;

Porque tu seras perdida,
Se não mudas a carreira.

Não culpes aos reis do mundo,
Que tudo te vem de cima,

Polo que fazes ca em fundo:
Que, offendendo a causa prima,
Se resulta o mal segundo.

E tambem o digo a vós,
E a qualquer meu amigo,
Que não quer guerra comsigo:

Tenha sempre paz com Deos,
E não temerá perigo.

DIABO.

Preposito Frei Sueiro,
Diz lá o exemplo velho,
Dá-me tu a mim dinheiro,
E dá ao demo o conselho.

*Depois de ida Roma, entram dous lavradores, hum per
nome Amancio Vaz, e outro Deniz Lourenço, e diz*

AMANCIO VAZ.

Compadre, vas tu á feira?

DEN. Á feira, compadre. AMA. Assi;
Ora vamos eu e ti
Ó longo desta ribeira.

DEN. Bofá, vamos. AMA. Folgo bem
De te vir aqui achar.

DEN. Vas tu lá buscar alguem,
Ou esperas de comprar?

AMANCIO VAZ.

Isso te quero contar,
E iremos patorneando,
E er tambem aguardando
Polas moças do logar.
Compadre, enha mulher
He muito destemperada,
E agora, se Deos quizer,
Faço conta de a vender,
E da-la-hei por quasi nada.

Qu'eu quando casei com ella
Dizião-me, — hétega he;
E eu cuidei pola abofé
Que mais cedo morresse ella,
E ella anda inda em pé.
E porque era hétega assim

Foi o que m'a mim danou :
 Avonda qu'ella engordou,
 E fez-me hétego a mim.

DENIZ LOURENÇO.

Tens boa mulher de teu :
 Não sei que tu has, amigo.

AMA. S'ella casára contigo,
 Renegáras tu com'eu,
 E dixeras o que eu digo.

DEN. Pois, compadre, cant'á minha,
 He tão molle e desatada,
 Que nunca dá peneirada,
 Que não derrame a farinha.
 E não põe cousa a guardar,
 Que a tope quando a cata;
 E por mais que homem se mata,
 De birra não quer fallar.
 Tras d'hũa pulga andar á
 Tres dias, e oito, e dez,
 Sem lhe lembrar o que fez,
 Nem tampouco o que fara.

Pera que t'hei de fallar?
 Quando hontem cheguei do mato
 Poz hũa enguia a assar,
 E crua a leixou levar,
 Por não dizer sape a hum gato.
 Cant'a mansa, mansa he ella;
 Dá-me logo cant'á disso.

AMA. Juro-t'eu que mais val isso
 Cincoenta vezes qu'ella.

A minha te digo eu
 Que se a visses assanhada,

Parece demoninhada,
Ante San Bartholomeu.

DEN. Ja siquer tera esp'rito:
Mas renega da mulher
Que ó tempo do mister
Não he cabra nem cabrito.

AMANCIO VAZ.

A minha tinh'eu em guarda
Para bem de minha prol,
Cuidando que era ourinol,
E tornou-se-me bombarda.
Folga tu que ess'outra tenhas,
Porque a minha he tal perigo,
Que por nada que lhe digo
Logo me salta nas grenhas.

Então tanto punho sêcco
Me chimpa nestes focinhos;
Eu chamo pelos vezinhos,
E ella nego dar-me em xeco.

DEN. Isso he de coraçuda;
Não cures de a vender,
Que s'alguem te mal fizer,
Ja siquer tens quem te acuda.

Mas a minha he tão cortez,
Que se viesse ora á mão
Que m'espancasse hum rascão,
Não diria, — mal fazês:
Mas antes s'assentaria
A olhar como eu bradava.
Todavia a mulher brava
He, compadre, a qu'eu queria.

AMANCIO VAZ.

Pardeos! tanto me faras,
Que feire a minha comtego.

DEN. Se queres feirar começo,
Vejamos que me daras.

AMA. Mas antes m'has de tornar,
Pois te dou mulher tão forte,
Que te castigue de sorte
Que não ouses de fallar,
Nem no mato nem na córte.

Outro bem teras com ella:
Quando vieres da arada,
Comerás sardinha assada,
Porqu'ella jenta a panella.
Então geme, pardeos, si,
Diz que lhe doe a moleira.

DEN. Eu faria por maneira
Que esperasse ella por mi.

AMANCIO VAZ.

Que lh'havias de fazer?

DEN. Amancio Vaz, eu o sei bem.

AMA. Deniz Lourenço, ei-las ca vem.
Vamo-nos nós esconder,
Vejamos que vem catar,
Qu'ellas ambas vem a feira.
Mette-te nessa silveira,
Qu'eu daqui hei d'espreitar.

Vem Branca Annes a brava, e Marta Dias a mansa, e vem dizendo a brava:

BRANCA ANNES.

Pois casei má hora, e nella,
E com tal marido, prima,

Comprarei ca hũa gamella,
Para o ter debaixo della,
E hum gran penedo em cima.
Porque vai-se-me ás figueiras,
E come verde e maduro;
E quantas uvas penduro
Jeita nas gorgomileiras:
Parece negro monturo.

Vai-se-m'ás ameixieiras,
Antes que sejam maduras;
Elle quebra as cerejeiras,
Elle vendima as parreiras,
E não sei que faz das uvas.
Elle não vai á lavrada,
Elle todo o dia come,
Elle toda a noute dorme,
Elle não faz nunca nada,
E sempre me diz que ha fome.

Jesu! posso-te dizer,
E jurar e tresjurar,
E provar e reprovar,
E andar e revolver,
Qu'he melhor pera beber,
Que não pera maridar.
O demo que o fez marido!
Que assi sêcco como he
Beberá a tôrre da Sé:
Então arma hum arruido
Assim debaixo do pé.

MARTA DIAS.

Pois bom homem parece elle.

DEN. Aquella he a minha froxa.

MAR. Deu-t'elle a fraldilha roxa?

BRA. Melhor lh'esfole eu a pelle.

Que homem ha hi da puxa.

Ó diabo que o eu dou,

Que o leve em fatiota,

E o ladrão que m'o gabou;

E o frade que me casou

Inda o veja na picota.

E rógo á Virgem da Estrella,

E á sancta Gerjalem,

E ós choros da Madanella,

E á asnhinha de Belem,

Que o veja eu ir á vela

Para donde nunca vem.

DEN. Compadre, nó mais soffrer:

Sae de lá desse silvado.

AMA. Pera eu ser arrepelado

Não havi'eu mais mester.

DENIZ LOURENÇO.

E não n'has tu de vender?

AMA. Tu dizes que a qués feirar.

DEN. Não qu'ella se me tomar,

Leixar-m'ha quando quizer.

Mas dêmo-las á ma estreia;

E voto que nos tornemos,

E er depois tornaremos

Com as cachopas d'aldeia:

Entonces concertaremos.

AMANCIO VAZ.

Isso me parece a mi

Muito melhor que eu ir lá.

Oh que couces que me dá,

Quando me colhe sob si!

DEN. Cant'áquella si dará.

DIA. Mulheres, vós que me quereis?
Nesta feira que buscais?

MAR. Queremo-la ver, nó mais,
Pera ver em que tractais,
E as cousas que vendeis.

Tendes vós aqui anneis?

DIA. Quejandos? de que feição?

MAR. D'huns que fazem de latão.

DIA. Pera as mãos, ou pera os pés?

MAR. Não — Jesu, nome de Jesu,
Deos e homem verdadeiro!

Foge o Diabo, e Marta diz:

MARTA DIAS.

Nunca eu vi bufalinheiro
Tão prestes tomar o mu.
Branç'Annes mana, cre tu
Que, como Jesu he Jesu,
Era este o diabo inteiro.

BRANCA ANNES.

Não he elle pao de boa lenha,
Nem lenha de bo madeiro.

MAR. Bofá, nunqu'elle ca venha.

BRA. Viagem de Jão moleiro,
Que foi pola cal d'azinha.

MAR. Pasmada estou eu de Deos
Fazer o demo marchante!
Mana, daqui por diante
Não caminhemos nós sos.

BRANCA ANNES.

S'eu soubera quem elle era,

Fizera-lhe bom partido:
Que me levára o marido,
E quanto tenho lhe dera,
E o toucado e o vestido.
Inda que mais não levára
Desta feira, em extremo
Me alegrára e descançára,
Se o vira levar o demo,
E que nunca mais tornára.

Porque, inda que era diabo,
Fizera serviço a Deos,
E a min merce em cabo;
E viera-me dos ceos,
Como vem a frol ao nabo.

Vão-se ao Tempo, e diz Marta:

MAR. Dizei, Senhores de bem,
Nesta tenda que vendeis?

SER. Esta tenda tudo tem;
Vêde vós o que quereis,
Que tudo se fara bem.

Conciencia quereis comprar,
De que vistais vossa alma?

MAR. Tendes sombreiros de palma
Muito bôs para segar,
E tapados pera a calma?

SER. Conciencia digo eu,
Que vos leva ao paraiso.

BRA. Não sabemos nós qu'he isso:
Dae-o ó decho por seu,
Que ja não he tempo disso.

MARTA DIAS.

Tendes vós aqui borel,

Do pardo de lan meirinha?

BRA. Eu queria hũa pucarinha
Pequenina para mel.

SER. Esta feira he chamada
Das virtudes em seus tratos.

MAR. Das virtudes! e ha aqui patos?

BRA. Quereis feirar a cevada
Quatro pares de sapatos?

SER. Oh piedoso Deos eterno!
Não comprareis para os ceos
Hum pouco d'amor de Deos,
Que vos livre do inferno?

BRA. Isso he fallar per pinceos.

SERAPHIM.

Esta feira não se fez
Pera as cousas que quereis.

BRA. Pois cant'a essas que vendeis,
Daqui affirmo outra vez
Que nunca as vendereis.
Porque neste sigro em fundo
Todos somos negligentes:
Foi ar que deu polas gentes,
Foi ar que deu polo mundo,
De que as almas são doentes:

E se hão de correger
Quando for todo danado:
Muito cedo se ha de ver;
Que ja elle não póde ser
Mais torto nem ale jado.
Vamo-nos, Marta, á carreira,
Que as moças do logar
Virão ca fazer a feira,

Qu'estes não sabem ganhar,
Nem tem cousa qu'homem queira.

MARTA DIAS.

Eu não vejo aqui cantar,
Nem gaita, nem tamboril,
E outros folgares mil,
Que nas feiras soem d'estar:
E mais feira de Natal,
E mais de Nossa Senhora,
E estar todo Portugal.

BRA. S'eu soubera qu'era tal,
Não estivera eu ca agora.

Vem á feira nove moças dos montes, e tres mancebos, todas com cestos nas cabeças cobertos, cantando, e como che-gão, se assentão por ordem a vender; e diz-lhe o

SERAPHIM.

Pois vindes vender á feira,
Sabei que he feira dos ceos;
Por tal vendei de maneira
Que não offendais a Deos,
Roubando a gente estrangeira.

TES. Responde-lhe, Leonarda,
Tu Justina, ou Juliana.

JUL. Mas responda-lhe Giralda,
Tesauro, ou Merenciana.

MERENCIANA.

Responde-lhe, Theodora,
Porque creio que a ti creia.

TES. Responda-lhe Doroteia,
Pois que mora

Junto c'ó Juiz d'aldeia.

DOR. Moneca responderá,

Que fallou ja c'o Senhor.

MON. Responde-lhe tu, Nabor,
Comtigo s'entenderá.

Ou Denisio, ou Gilberto,
Qualquer de vós outros tres,
E não vos embaraceis nem torvês,
Porque he certo
Que bem vos entenderês.

GIL. Estas cachopas não vem
Á feira nego a folgar,
E trazem de merendar
Nesses cestos que hi tem.

Mas pois quanto ao que entendo,
Sois samica anjo de Deos;
Quando partistes dos ceos,
Que ficava elle fazendo?

SER. Ficava vendo o seu gado.

GIL. Sancta Maria! gado ha lá?
Oh Jesu! como o tera
O Senhor gordo e guardado!
E ha lá boas ladeiras,
Como na serra d'Estrella?

SER. Si. **GIL.** E a Virgem que faz ella?

SER. A Virgem olha as cordeiras,
E as cordeiras a ella.

GIL. E os Sanctos de saude
Todos, a Deos louvores?

SER. Si. **GIL.** E que legoas haverá
Daqui á porta do Paraizo,
Onde San Pedro está?

NABOR.

Lá vem ó redor das vinhas

Compradores a comprar
Samica ovos e gallinhas.

DOR. Não lhe hei de vender as minhas,
Que as trago pera dar.

*Vem dous compradores, hum per nome Vicente, e outro
Matheus, e diz Matheus a Justina.*

MATHEUS.

Vós rosa do amarello,
Mana, tendes hi queijadas?

JUS. Tenho vosso avô marmelo;
Conhecei-lo?

MAT. Aqui estão emborilhadas.

JUS. Estade ma ora quêdo,
Pela vossa negra vida.

MAT. Menina, não hajais medo:
Vós sois mais engrandecida
Que Branca de Figueiredo.

Se trazeis ovos, meus olhos,
Não m'os vendais a ninguem.

JUS. Andar em burra e ter bem:
Ouvide ora o rasca-piolhos
(Azeite no micho!) em que vem!

VIC. Minha vida Leonarda
Traz caça para vender?

LEO. Vossa vida negra e parda
Não lhe abastará comer
Da vacca com da mostarda?

VICENTE.

E a mesa de meu senhor
Irá sem ave de penna?

LEO. Quem? e vós sois comprador?
Pois nem grande nem pequena

Não matou o caçador.

VIC. Matais-me vós logo bem
Com dous olhinhos qu'eu digo.

LEO. Mais vos mata a vós o trigo,
Porque não vale a vintem,
E traz maõ miço comsigo.

VICENTE.

Vós fazeis de mim rascão.

LEO. Páção vos fizestes vós;
Porém bem vos vimos nós
Guardar bois no Alqueidão.

MAT. Que vindes vender á feira,
Theodora, alma minha,
Minha alma, minha canceira?
Trazeis algũa gallinha?

THE. Som voss'alma gallinheira.
Que ma ora ca vieste
Pera quem vos poz no paço!

MAT. Senhora, eu que vos faço,
Que vos agastais tão prestes?
Dizei-me vós, Theodora,
Trazeis vós tal cousa tal
Deste geito, muito embora?
Mas lá dess'outro metal
Não fallão á lavradora.

VICENTE.

Senhora Moneca, trazeis
Algum cabrito recente?

MON. Não bofé, Senhor Vicente:
Quizera ora trazer tres,
De que vós foreis contente.

VIC. Juro á sancta cruz de palha

Qu'hei de ver o que aqui 'stá.

MON. Não revolvais aramá,
Que não trago nemigalha.

VICENTE.

Não me façais descortez,
Nem queirais ser tão garrida.

MON. Pola vossa negra vida!
Olhade como he cortez!
Oh! que lhe saia ma sahida.

MAT. Giralda, eu achar-vos-hei
Dous pares de passarinhos?

GIR. Irei por ellés aos ninhos,
Entonces os venderei:
Comereis vós estorninhos?

MATHEUS.

Respondeis como mulher
Muito de sua vontade.

GIR. Pois digo-vo-la verdade:
Passaros hei de vender?
Olhae aquella piedade!

VICENTE.

Senhora minha Juliana,
Peço-vos que me falleis
Discreta palaciana,
E dizei-me que vendeis.

JUL. Vendo favas de Viana.

VIC. Tendes alguns laparinhos?

JUL. Sim, de porca. VIC. Nem coelhos?

JUL. Quereis comprar dous francelhos,
Para caçardes ratinhos?

VIC. Quero, polos evangelhos.

MATHEUS.

Vós Tesaura, minha estrella,
Não virieis ca em vão.

TES. Pois si, vossa estrella vos er'ella:
Como aquillo he de rascão!

MAT. Mas como isso he de donzella!
Porém va ja como vai,
E casemo-nos, senhora.

TES. Pois casae co'elle, casae.
Casar ma ora, meu pae,
Casar ma ora.

MATHEUS.

Porém trazeis algum pato?

TES. E quanto dareis por elle?
Hui! e elle revolve o fato:
Olho mao se metta nelle.

MAT. Não trazeis vós o qu'eu cato.

VIC. Merenciana deve ter
Neste cesto algum cabrito.

MER. Não m'havéis de revolver,
Senão pardeos que dê grito
Tamanho, qu'havéis de ver.

VICENTE.

Eu hei de ver que trazeis.

MER. Se vós no cesto bolis...

VIC. Senhora, que me fareis?

MER. Hum aqui-delrei, ouvis?
Não sejais vós descortez.

VIC. Não quero senão amores,
Pois vosso, senhora, sô.

MER. Amores de vosso avô,

O da ilha dos Açores.

Andar aramá vós so.

MATHEUS.

Vamo-nos daqui, Vicente.

VIC. Bofá vamos. MAT. Nunca vi tal feira.

VIC. Vamos comprar á ribeira,
Qu'anda lá a cousa mais quente.

Vão-se os compradores, e diz o Seraphim ás moças:

SERAPHIM.

Vós outras quereis comprar

Das virtudes? TODAS. Senhor, não.

SER. Saibamos porque razão.

DOR. Porque no nosso logar
Não dão por virtudes pão;
Nem casar não vejo eu
Por virtudes a ninguem.
Quem tiver muito de seu,
E tão bôs olhos como eu,
Sem isso casará bem.

SERAPHIM.

Pois porque viestes ora
Cansar á feira de pé?

THE. Porque nos dizem que he
Feira de Nossa Senhora:
E vêdes aqui porque.
E as graças que dizeis
Que tendes aqui na praça,
Se vós outros as vendeis,
A Virgem as dá de graça
Aos bôs, como sabeis.

E porque a graça e alegria
A madre da consolação

Deu ao mundo neste dia,
Nós vimos com devação
A cantar-lhe hũa folia.
E pois que ja descansamos
Assi em boa maneira,
Moças, assi como estamos,
Dêmos fim a esta feira,
Primeiro que nos partamos.

Alevantão-se todas, e ordenadas em folia cantarão a cantiga seguinte, com que se despedirão.

1º CÔRO.

“Blanca estais colorada,
“Virgen sagrada.

“Em Belem villa do amor
“Da rosa nasceo a flor:
“Virgem sagrada.”

2º CÔRO.

“Em Belem villa do amor
“Nasceo a rosa do rosal:
“Virgem sagrada.”

1º CÔRO.

“Da rosa nasceo a flor,
“Pera nosso Salvador:
“Virgem sagrada.”

2º CÔRO.

“Nasceo a rosa do rosal,
“Deos e homem natural:
“Virgem sagrada.”



F I G U R A S.

ALMA.

ANJO CUSTODIO.

IGREJA,

S. AGOSTINHO.

S. AMBROSIO.

S. JERONIMO.

S. THOMAZ.

DOUS DIABOS.

Este auto presente foi feito á muito devota Rainha Dona Leonor, e representado ao muito poderoso e nobre Rei Dom Emanuel, seu irmão, por seu mandado, na cidade de Lisboa nos paços da Ribeira, em a noute de endoenças; era do Senhor 1508.

AUTO DA ALMA.

ARGUMENTO.

Assi como foi cousa muito necessaria haver nos caminhos estalagens, pera repouso e refeição dos cansados caminhan-tes, assi foi cousa conveniente que nesta caminhante vida houvesse hũa estalajadeira, pera refeição e desanço das almas que vão caminhan-tes pera a eternal morada de Deos. Esta estalajadeira das almas he a Madre Sancta Igreja; a mesa he o altar, os manjares as insignias da paixão. E desta perfiguração tracta a obra seguinte.

Está posta hũa mesa com hũa cadeira. Vem a Madre Sancta Igreja com seus quatro doctores, San Thomaz, San Jeronimo, Sancto Ambrosio, Sancto Agostinho; e diz

AGOSTINHO.

Necessario foi, amigos,
Que nesta triste carreira
Desta vida,
Pera mui p'rigosos p'rigos
Dos imigos,
Houvesse algũa maneira
De guarida.
Porque a humana transitoria
Natureza vai cansada
Em várias calmas;
Nesta carreira da glória

Meritoria,
Foi necessario pousada
Pera as almas.

Pousada com mantimentos,
Mesa posta em clara luz,
Sempre esperando
Com dobrados mantimentos
Dos tormentos
Que o Filho de Deos na cruz
Comprou, penando.
Sua morte foi avença,
Dando, por dar-nos paraizo,
A sua vida
Apressada, sem detença;
Por sentença
Julgada a paga em proviso,
E recebida.

A sua mortal empresa
Foi, sancta estalajadeira
Igreja Madre
Consolar á sua despesa
Nesta mesa
Qualquer alma caminheira,
Com o Padre
E o anjo custodio aio.
Alma que lh'he encommendada,
Se enfraquece
E lhe vai tomando raio
De desmaio;
Se chegando a esta pousada,
Se guarece.

Vem o Anjo Custodio com a Alma, e diz:

ANJO.

Alma humana formada
De nenhũa cousa, feita
Mui preciosa,
De corrupção separada,
E esmaltada
Naquella frágoa perfeita
Gloriosa;

Planta neste valle posta
Pera dar celestes flores
Olorosas,
E pera serdes tresposta
Em a alta costa
Onde se crião primores
Mais que rosas;
Planta sois e caminheira,
Que ainda que estais, vos is
Donde viestes.
Vossa patria verdadeira
He ser herdeira
Da glória que conseguis:
Andae prestes.

Alma bem-aventurada,
Dos anjos tanto querida,
Não durmais;
Hum ponto não esteis parada,
Que a jornada
Muito em breve he fenecida,
Se attentais.

ALM. Anjo que sois minha guarda,
Olhae por minha fraqueza
Terreal:

De toda a parte haja resguarda,
Que não arda
A minha preciosa riqueza
Principal.

Cercae-me sempre ó redor,
Porque vou mui temerosa
Da contenda.
Ó precioso defensor
Meu favor!
Vossa espada luminosa
Me defenda.

Tende sempre mão em mim,
Porque hei medo de empear,
E de cahir.

ANJ. Pera isso sam, e a isso vim;

Mas emfim
Cumpre-vos de me ajudar
A resistir.
Não vos occupem vaidades,
Riquezas, nem seus dabates.
Olhae por vós;
Que pompas, honras, herdades
E vaidades,
São embates e combates
Pera vós.

Vosso livre alvedrio,
Isento, fôrro, poderoso,
Vos he dado
Polo divinal poderio
E senhorio,
Que possais fazer glorioso
Vosso estado.

Deu-vos livre entendimento,
E vontade libertada
E a memória,
Que tendes em vosso tento
Fundamento,
Que sois por elle criada
Pera a glória.

E vendo Deos que o metal
Em que vos poz a estillar,
Pera merecer,
Que era muito fraco e mortal:
E por tal
Me manda a vos ajudar
E defender.

Andemos a estrada nossa;
Olhae não torneis atraz,
Que o imigo
Á vossa vida gloriosa
Porá grossa.
Não creais a Satanaz,
Vosso perigo.

Continuae ter cuidado
Na fim de vossa jornada,
E a memória
Que o spirito atalaiado
Do peccado
Caminha sem temer nada
Pera a glória.
E nos laços infernaes,
E nas redes de tristura
Tenebrosas,
Da carreira que passais

Não caiais:
Siga vossa fermosura
As gloriosas.

Adianta-se o Anjo, e vem o Diabo e diz:

DIABO.

Tão depressa, ó delicada,
Alva pomba, pera onde is?
Quem vos engana,
E vos leva tão cansada
Por estrada,
Que somente não sentis
Se sois humana?
Não cureis de vos matar,
Que ainda estais em idade
De crescer.
Tempo ha hi pera folgar,
E caminhar:
Vivei á vossa vontade,
E havei prazer.
Gozae, gozae dos bens da terra,
Procurae por senhorios
E haveres.
Quem da vida vos desterra
Á triste serra?
Quem vos falla em desvarios
Por prazeres?
Esta vida he descanso
Doce e manso,
Não cureis d'outro paraizo:
Quem vos põe em vosso siso
Outro remanso?

ALMA.

Não me detenhais aqui,
Deixae-me ir, que em al me fundo.

DIA. Oh descansae neste mundo,
Que todos fazem assi.
Não são em balde os haveres,
Não são em balde os deleites,
E fortunas;
Não são de balde os prazeres
E comeres:
Tudo são puros affeitos
Das criaturas.

Pera os homens se criarão.
Dae folga á vossa passagem
D'hoje a mais:
Descansae, pois descansarão
Os que passarão
Por esta mesma romagem
Que levais.
O que a vontade quizer,
Quanto o corpo desejar,
Tudo se faça.
Zombae de quem vos quizer
Reprender,
Querendo-vos marteirar
Tão de graça.

Tornára-me, se a vós fôra.
Is tão triste, atribulada,
Que he tormenta.
Senhora, vós sois senhora
Imperodora,
Não deveis a ninguem nada;

Sêde isenta.

ANJ. Oh! andae; quem vos detem?
Como vindes pera a glória
Devagar!
Oh meu Deos! oh summo bem!
Ja ninguem
Não se préza da victoria
Em se salvar.

Ja cansais, alma preciosa?
Tão asinha desmaiais?
Sêde esforçada!
Oh como virieis trigosa
E desejosa,
Se visseis quanto ganhais
Nesta jornada!
Caminhemos, caminhemos;
Esforçae ora, alma sancta
Esclarecida!

Adianta-se o Anjo, e torna Satanaz:

DIABO.

Que vaidades e que extremos
Tão supremos!
Pera que he essa pressa tanta?
Tende vida.
Is mui desautorizada,
Descalça, pobre, perdida
De remate:
Não levais de vosso nada,
Amargurada.
Assi passais esta vida
Em disparate.
Vesti ora este brial,

Mettei o braço por aqui:
 Ora esperae.
 Oh como vem tão real!
 Isto tal
 Me parece bem a mi:
 Ora andae.
 Huns chapins haveis mister
 De Valença: — ei-los aqui.
 Agora estais vós mulher
 De parecer.
 Ponde os braços presumptuosos:
 Isso si.
 Passeae-vos mui pomposa,
 Daqui pera alli, e de lá pera ca,
 E fantasiae.
 Agora estais vós fermosa
 Como a rosa;
 Tudo vos mui bem está.
 Descansae.

Torna o Anjo á Alma, dizendo:

ANJO.

Que andais aqui fazendo?

ALM. Faço o que vejo fazer
 Pelo mundo.

ANJ. Ó Alma, is-vos perdendo;
 Correndo vos is metter
 No profundo.
 Quanto caminhais avante,
 Tanto vos tornais atraz
 E atravez.
 Tomastes ante com ante

Por mercante,
O cossairo Satanaz,
Porque querês.
Oh! caminhae com cuidado,
Que a Virgem gloriosa
Vos espera.
Deixais vosso principado
Desherdado!
Engeitais a glória vossa
E patria véra!
Deixae esses chapins ora,
E esses rabos tão sobejos,
Que is carregada:
Não vos tome a morte agora
Tão senhora;
Nem sejais com taes desejos
Sepultada.

ALMA.

Andae, dae-me ca essa mão;
Andae vós, que eu irei,
Quanto puder.

Adianta-se o Anjo, e torna o Diabo.

DIABO.

Todas cousas com razão
Tem sação.
Senhora, eu vos direi
Meu parecer.
Ha hi tempo de folgar,
E idade de crescer;
E outra idade
De mandar e triumphar,
E apanhar

E adquirir prosperidade

A que puder.

Ainda he cedo pera a morte;

Tempo ha de arrepender,

E ir ao ceo.

Ponde-vos á fór da còrte,

Desta sorte

Viva vosso parecer,

Que tal nasceo.

O ouro pera que he,

E as pedras preciosas,

E brocados?

E as sedas pera que?

Tende por fé,

Que p'ra as almas mais ditosas

Forão dados.

Vêdes aqui hum collar

D'ouro mui bem esmaltado,

E dez anneis.

Agora estais vós p'ra casar

E namorar:

Neste espelho vos vereis,

E sabereis

Que não vos hei de enganar.

E poreis estes pendentés,

Em cada orelha seu:

Isso si;

Que as pessoas diligentes

São prudentes.

Agora vos digo eu

Que vou contente daqui.

ALMA.

Oh como estou preciosa,
Tão dina pera servir,
E sancta pera adorar!

ANJ. Oh alma despiedosa
Perfiosa!

Quem vos devesse fugir,
Mais que guardar!

Pondes terra sobre terra;
Qu'esses ouros terra são.

Ó Senhor,

Porque permittes tal guerra,

Que desterra

Ao reino da confusão

O teu lavor?

Não ieis mais despejada,

E mais livre da primeira

Pera andar?

Agora estais carregada

E embaraçada

Com cousas que, á derradeira,

Hão-de ficar.

Tudo isso se descarrega

Ao porto da sepultura.

Alma sancta, quem vos cega,

Vos carrega

Dessa van desventura?

ALMA.

Isto não me pesa nada,

Mas a fraca natureza

Me embaraça.

Ja não posso dar passada

De cansada:

Tanta he minha fraqueza,

E tão sem graça!

Senhor, ide-vos embora,

Que remedio em mim não sento;

Ja 'stou tal....

ANJ. Sequer dae dous passos ora

Até onde mora

A que tem o mantimento

Celestial.

Ireis alli ropousar,

Comereis alguns bocados

Confortosos;

Porque a hóspeda he sem par

Em agasalhar

Os que vem atribulados

E chorosos.

ALM. He longe? ANJ. Aqui mui perto.

Esforçae, não desmaieis;

E andemos,

Qu'alli ha todo concêrto

Mui certo:

Quantas cousas querereis

Tudo tendes.

A hóspeda tem graça tanta,

Far-vos-ha tantos favores....

ALM. Quem he ella?

ANJ. He a Madre Igreja Sancta,

E os seus sanctos Doutores

Hi com ella.

Ireis d'hi mui despejada,

Cheia do Spirito Sancto,

E mui fermosa.
Ó Alma, sêde esforçada!
Outra passada;
Que não tendes de andar tanto
A ser esposa.

DIABO.

Esperae, onde vos is?
Essa pressa tão sobeja
He ja pequice.
Como! vós, que presumis,
Consentis
Continuardes a igreja,
Sem velhice?
Dae-vos, dae-vos a prazer,
Que muitas horas ha nos annos
Que lá vem.
Na hora que a morte vier,
Como se quer,
Se perdão quantos damnos
A alma tem.

Olhae por vossa fazenda:
Tendes hũas escripturas
De huns casaes,
De que perdeis grande renda.
He contenda,
Que leixarão ás escuras
Vossos paes;
He demanda mui ligeira,
Litigios que são vencidos
Em hum riso.
Citae as partes terça-feira,
De maneira

Como não fiquem perdidos:
E havei siso.

ALMA.

Cal'-te por amor de Deos,
Leixa-me, não me persigas;
Bem abasta
Estorvares os hereos
Dos altos ceos:
Que a vida em tuas brigas
Se me gasta.
Leixa-me remediar
O que tu, cruel, damnaste
Sem vergonha:
Que não me posso abalar,
Nem chegar
Ao logar onde gaste
Esta peçonha.

ANJO.

Vêdes aqui a pousada
Verdadeira e mui segura
A quem quer vida.

IGR. Oh como vindes cansada
E carregada!

ALM. Venho por minha ventura
Amortecida.

IGR. Quem sois? pera onde andais?

ALM. Não sei pera onde vou:

Sou salvagem,
Sou hũa alma que peccou
Culpas mortaes
Contra o Deos que me creou
Á sua imagem.

Sou a triste, sem ventura,
Creada resplandecente
E preciosa,
Angelica em fermosura,
E per natura,
Como o raio reluzente
Lumiosa.
E por minha triste sorte,
E diabolicas maldades
Violentas,
Estou mais morta que a morte,
Sem deporte,
Carregada de vaidades
Peçonhentas.

Sou a triste, sem mézinha,
Peccadora obstinada,
Perfiosa;
Pola triste culpa minha
Mui mesquinha,
A todo o mal inclinada,
E deleitosa.
Desterrei da minha mente
Os meus perfeitos arreios
Naturaes;
Não me prezei de prudente,
Mas contente
Me gozei c'os trajos feios
Mundanaes.

Cada passo me perdi;
Em logar de merecer,
Eu sou culpada.
Habei picdade de mi,

Que não me vi;
Perdi meu innocente ser,
E sou damnada.
E, por mais graveza, sento
Não poder-me arrepender
Quanto queria;
Que meu triste pensamento,
Sendo isento,
Não me quer obedecer,
Como soia.

Soccorrei, hóspeda senhora,
Que a mão de Satanaz
Me tocou,
E sou ja de mim tão fóra,
Que agora
Não sei se avante, se atraz,
Nem como vou.
Consolae minha fraqueza
Com sagrada iguaria,
Que pereço,
Por vossa sancta nobreza,
Que he franqueza;
Porque o que eu merecia
Bem conheço.

Conheço-me por culpada,
E digo diante vós
Minha culpa.
Senhora, quero pousada,
Dae passada;
Pois que padeceo por nós
Quem nos desculpa.
Mandae-me ora agasalhar,

Capa dos desamparados,
Igreja Madre.

IGN. Vinde-vos aqui assentar
Mui devagar,
Que os manjares são guisados
Por Deos Padre.

Sancto Agostinho doutor,
Jeronimo, Ambrosio e Thomaz,
Meus pilares,
Servi aqui por meu amor,
A qual melhor.
E tu, Alma, gostarás
Meus manjares.
Ide á sancta cozinha,
Tornemos esta alma em si,
Porque mereça
De chegar onde caminha,
E se detinha:
Pois que Deos a trouxe aqui,
Não pereça.

*Em quanto estas cousas paixão, Satanaz passeia, fazendo
muitas vascas, e vem outro Diabo, e diz:*

2º DIABO.

Como andas dessocegado!

1º D. Arço em fogo de pezar.

2º D. Que houveste?

1º D. Ando tão desatinado

De enganado,
Que não posso repousar
Que me preste.
Tinha hũa alma enganada,
Ja quasi pera infernal

Mui accessa.

2º D. E quem t'a levou forçada?

1º D. O da espada.

2º D. Ja m'elle fez outra tal

Bultra como essa.

Tinha outra alma ja vencida,

Em ponto de se enforcar

De desesperada,

A nós toda offerecida,

E eu prestes pera a levar

Arrastada;

E elle fê-la chorar tanto,

Que as lagrimas corrião

Pola terra.

Blasfemei entonces tanto,

Que meus gritos retinnião

Pola serra.

Mas faço conta que perdi,

Outro dia ganharei,

E ganharemos.

1º D. Não digo eu, irmão, assi:

Mas a esta tornarei,

E veremos.

Torna-la-hei a affagar,

Depois que ella sair fóra

Da Igreja

E começar de caminhar;

Hei de apalpar

Se vencerão ainda agora

Esta peleja.

Entra a Alma, com o Anjo.

ALMA.

Vós não me desempareis,
 Senhor meu anjo custodio.
 Ó increos
 Imigos, que me quereis,
 Que ja sou fóra do odio
 De meu Deos?
 Leixae-me ja, tentadores,
 Neste convite prezado
 Do Senhor,
 Guisado aos peccadores
 Com as dores
 De Christo crucificado,
 Redemptor.

Estas cousas estando a Alma assentada á mesa, e o Anjo junto com ella em pé, vem os Doutores com quatro bacios de cozinha cubertos, cantando, Vexilla regis prodeunt; e, postos na mesa, diz Sancto Agostinho:

AGOSTINHO.

Vós, senhora convidada,
 Nesta cea soberana
 Celestial,
 Haveis mister ser apartada
 E transportada
 De toda a cousa mundana
 Terreal.
 Cerrae os olhos corporaes,
 Deitae ferros aos damnados
 Appetitos,
 Caminheiros infernaes;
 Pois buscais

Os caminhos bem guiados
Dos contritos.

IGREJA.

Benzei a mesa vós, senhor,
E pera consolação
Da convidada,
Seja a oração de dor
Sôbre o tenor
Da gloriosa paixão
Consagrada.
E vós, Alma, rezareis,
Contemplando as vivas dores
Da Senhora:
Vós outros respondereis,
Pois que fostes rogadores
Até 'gora.

O r a ç ã o

para Sancto Agostinho.

Alto Deos maravilhoso,
Que o mundo visitaste
Em carne humana,
Neste valle temeroso
E lacrimoso
Tua glória nos mostraste
Soberana;
E teu filho delicado,
Mimoso da Divindade
E natureza,
Per todas partes chagado,
E mui sangrado,
Pela nossa infirmitade
E vil fraqueza.

Oh Imperador celeste,
Deos alto mui poderoso
Essencial,
Que polo homem que fizeste,
Offereceste
O teu estado glorioso
A ser mortal!

E tua filha, madre, esposa,
Horta nobre, frol dos ceos,
Virgem Maria,
Mansa pomba gloriosa ;
Oh quão chorosa
Quando o seu Deos padecia!
Oh lagrimas preciosas,
De virginal coração
Estilladas!
Correntes das dores vossas
C'os olhos da perfeição
Derramadas!

Quem hũa so podéra haver,
Vira claramente nella
Aquella dor,
Aquella pena e padecer,
Com que choraveis, donzella,
Vosso amor.

E quando vós amortecida,
Se lagrimas vos faltavão,
Não faltava
A vosso filho e vossa vida
Chorar as que lhe ficavão
De quando orava.
Porque muito mais sentia

Polos seus padecimentos
Ver-vos tal;
Mais que quanto padecia,
Lhe doïa,
E dobrava seus tormentos,
Vosso mal.

Se se podesse dizer,
Se se podesse rezar
Tanta dor;
Se se podesse fazer
Podermos ver
Qual estaveis ao cravar
Do Redemptor!
Oh fermosa face bella,
Oh resplendor divinal,
Que sentistes,
Quando a cruz se poz á vela,
E posto nella
O filho celestial
Que paristes!

Vendo por cima da gente
Assomar vosso confôrto
Tão chagado,
Cravado tão cruelmente,
E vós presente,
Vendo-vos ser mãe do morto,
E justicado!
Oh rainha delicada,
Sanctidade escurecida,
Quem não chora
Em ver morta debruçada

A avogada,
A fôrça da nossa vida!

AMBROSIO.

Isto chorou Hieremias
Sôbre o monte de Sion
Ha ja dias;
Porque sentio que o Messias
Era nossa redempção.
E chorava a sem ventura,
Triste de Jerusalem
Homecida,
Matando, contra natura,
Seu Deos nascido em Belem
Nesta vida.

JERONIMO.

Quem vira o sancto cordeiro
Antre os lobos humildoso,
Escarnecido,
Julgado pera o marteiro
Do madeiro,
Seu rosto alvo e fermoso
Mui cuspido!

AGOSTINHO. (benze a mesa)

A benção do Padre eternal,
E do Filho, que por nós
Soffreo tal dor,
E do Spirito Sancto, igual
Deos immortal,
Convidada, benza a vós
Por seu amor.

IGREJA.

Ora sus, venha agua ás mãos.

Ago. Vós haveis-vos de lavar
Em lagrimas da culpa vossa,
E bem lavada.
E haveis-vos de chegar
A alimpar
A hũa toalha fermosa,
Bem lavrada
C'o sirgo das veias puras
Da Virgem, sem mágoa nascido
E apurado,
Torcido com amarguras
Ás escuras,
Com grande dor guarnecido
E acabado.

Não que os olhos alimpeis,
Que o não consentirão
Os tristes laços;
Que taes pontos achareis
De face e envés,
Que se rompe o coração
Em pedaços.
Vereis seu triste lavrado
Natural,
Com tormentos pespontado,
E figurado
Deos creador em figura
De mortal.

Esta toalha de que aqui se falla, he a Veronica, a qual S. Agostinho tira d'antre os bacios, e amostra á Alma; e a Madre Igreja, com os Doutores, lhe fazem adoração de joelhos, cantando, Salve, sancta Facies. E acabando, diz a Madre Igreja:

IGREJA.

Venha a primeira iguaria.

JER. Esta iguaria primeira
 Foi, Senhora,
 Guisada sem alegria
 Em triste dia,
 A crueldade cozinheira
 E matadora.
 Gosta-la-heis com salsa e sal
 De choros de muita dor;
 Porque os costados
 Do Messias divinal
 Sancto, sem mal,
 Forão polo vosso amor
 Açoutados.

Esta iguaria em que aqui se falla, são os Açoutes; e em este passo os tirão dos bacios, e os presentão á Alma, e todos de joelhos adorão, cantando, Ave flagellum; e depois diz

JERONIMO.

Est'outro manjar segundo
 He iguaria,
 Que haveis de mastigar,
 Em contemplar
 A dor que o Senhor do mundo
 Padecia,
 Pera vos remediar,
 Foi hum tormento improviso,
 Que aos miolos lhe chegou:
 E consentio,
 Por remediar o siso,
 Que a vosso siso faltou;

E pera ganhades paraizo,
A soffrio.

Esta iguaria segunda de que aqui se falla, he a Corou de espinhos; e em este passo a tirão dos bacios, e de joelhos os sanctos Doutores cantão, Ave corona espiniarum; e acabando diz a Madre Igreja:

IGREJA.

Venha outra do theor.

JER. Est'outro manjar terceiro
Foi guisado
Em tres logares de dor,
A qual maior,
Com a lenha do madeiro
Mais prezado.
Come-se com gran tristura,
Porque a Virgem gloriosa
O vio guisar:
Vio cravar com gran crueza
A sua riqueza,
E sua perla preciosa
Vio furar.

E a este passo tira S. Agostinho os Cravos, e todos de joelhos os adorão, cantando, Dulce lignum, dulcis clavus. E acabada a oração, diz o Anjo á Alma:

ANJO.

Leixae ora esses arreios,
Qu'est'outra não se come assi
Como cuidais.
Pera as almas são mui feios,
E são meios
Com que não andão em si
Os mortaes.

*Despe a Alma o vestido e joias que lh'o inimigo deu,
e diz*

AGOSTINHO.

Ó Alma bem aconselhada,
Que dais o seu cujo he;
O da terra á terra:
Agora ireis despejada
Pola estrada,
Porque vencestes com fé
Forte guerra.

IGREJA.

Venha ess'outra iguaria.

JER. A quarta iguaria he tal,
Tão esmerada,
De tão infinda valia
E contia,
Que na mente divinal
Foi guisada,
Por misterio preparada
No sacrario virginal,
Mui cuberta,
Da divindade cercada
E consagrada,
Despois ao Padre eternal
Dada em offerta.

*Apresenta S. Jeronimo á Alma hum Crucifixo, que tira
d'antre os pratos; e os Doutores o adorão, cantando, Do-
mine Jesu Christe; acabando, diz a*

ALMA.

Com que fôrças, com que sprito,
Te darei tristes louvores,
Que sou nada,

Vendo-te, Deos infinito,
Tão afflicto,
Padecendo tu as dores,
E eu culpada?
Como estás tão quebrantado,
Filho de Deos immortal!
Quem te matou?
Senhor, per cujo mandado
Es justicado,
Sendo Deos universal,
Que nos creou?

AGOSTINHO.

A fruita deste jantar,
Que neste altar vos foi dado
Com amor,
Iremos todos buscar
Ao pomar
Aonde está sepultado
O Redemptor.

*E todos com a Alma, cantando Te Deum laudamus,
forão adorar o moimento.*



F I G U R A S.

ANJO — Arrais do Ceo.	FRADE.
DIABO — Arrais do Inferno.	BRIZIDA VAZ — Alcoviteira.
COMPANHEIRO do Diabo.	JUDEU.
FIDALGO.	CORREGEDOR.
ONZENEIRO.	PROCURADOR.
PARVO.	ENFORCADO.
SAPATEIRO.	QUATRO CAVALLEIROS.

Representa-se na obra seguinte hũa perfiguração sobre a rigorosa accusação, que os inimigos fazem a todas as almas humanas, no ponto que per morte de seus terrestres corpos se partem. E por tractar desta materia põe o Autor por figura que no dito momento ellas chegão a hum profundo braço de mar, onde estão dous batéis: hum delles passa pera a Gloria, outra pera o Purgatorio. He repartida em tres partes; s. de cada embarcação hũa scena. Esta primeira he da viagem do Inferno.

Esta perfiguração se escreve neste primeiro livro nas obras de devação, porque a segunda e terceira parte forão representadas na capella; mas esta primeira foi representada de camara, pera consolação da muito catholica e sancta Rainha Dona Maria, estando enferma do mal de que fulleceu, na era do Senhor de 1517.

AUTO DA BARCA DO INFERNO.

DIABO.

Á barca, á barca, hou lá,
Que temos gentil maré.
Ora venho a caro a ré:
Feito, feito, bem está.
Vae alli muitieramá,
E atesa aquelle palanco,
E despeja aquelle banco,
Pera a gente que virá.

Á barca, á barca, hu!
Asinha, que se quer ir.
Oh que tempo de partir!
Louvores a Berzebu.
Ora sus, que fazes tu?
Despeja todo esse leito.

COM. Em bonora, logo he feito.

DIA. Abaixa aramá esse cu.

Faze aquella poja lesta,
E alija aquella driça.

COM. Ó caça, ó ciça.

DIA. Oh que caravella esta!

Põe bandeiras, que he festa;

Verga alta, áncora a pique.

Ó precioso Dom Anrique!

Ca vindes vós? que cousa he esta?

FIDALGO.

Esta barca onde vai ora,
Qu'assim está apercebida?

DIA. Vai pera a Ilha perdida,
E ha de partir logo essora.

FID. Pera lá vai a senhora?

DIA. Senhor, a vosso serviço.

FID. Parece-me isso cortiço.

DIA. Porque vêdes lá de fóra.

FIDALGO.

Porém a que terra passais?

DIA. Pera o Inferno, senhor.

FID. Terra he bem sem sabor.

DIA. Que! e tambem ca zombais?

FID. E passageiros achais
Pera tal habitação?

DIA. Vejo-vos eu em feição
Pera ir ao nosso cais.

FIDALGO.

Parece-te a ti assi.

DIA. Em que esperais ter guarida?

FID. Que deixo na outra vida
Quem reze sempre por mi.

DIA. Quem reze sempre por ti?
Hi hi hi hi hi hi hi.

E tu viveste a teu prazer,
Cuidando ca guarecer,
Porque rézão lá por ti?

Embarca, ou embarcae,
Qu'havéis d'ir á derradeira:
Mandae metter a cadeira,
Qu'assi passou vosso pae.

FID. Que, que, que! e assi lhe vai?

DIA. Vai ou vem, embarcae prestes:

Segundo lá escolhestes,

Assi ca vos contentae.

Pois que ja a morte passastes,

Haveis de passar o rio.

FID. Não ha aqui outro navio?

DIA. Não, senhor, qu'este fretastes,

E ja quando espirastes,

Me tinheis dado signal.

FID. Que signal foi esse tal?

DIA. Do que vós vos contentastes.

FIDALGO.

A est'outra barca me vou.

Hou da barca! pera onde is?

Ah barqueiros, não m'ouvis?

Respondei-me. Hou lá, hou!

Pardeos, aviado estou:

Cant'a isto he ja peor.

Que gericocins, salvaror!

Cuidão ca que sou eu grou!

ANJO.

Que mandais? **FID.** Que me digais,

Pois parti tão sem aviso,

Se a barca do Paraizo

He esta em que navegais.

ANJ. Esta he; que lhe buscais?

FID. Que me leixeis embarcar:

Sou fidalgo de solar,

He bem que me recolhais.

ANJO.

Não se embarca tyrannia

Neste batel divinal.

FID. Não sei porque haveis por mal
Qu'entre minha senhoria.

ANJ. Pera vossa fantasia
Mui pequena he esta barca.

FID. Pera senhor de tal marca
Não ha hi mais cortezia?
Venha a prancha e o atavio;
Levae-me desta ribeira.

ANJ. Não vindes vós de maneira
Pera entrar neste navio.
Ess'outro vai mais vazio,
A cadeira entrará,
E o rabo caberá,
E todo vosso senhorio.

Ireis lá mais espaçoso,
Vós e vossa senhoria,
Contando da tyrannia,
De que ereis tão curioso.
E porque de generoso
Desprezastes os pequenos;
Achar-vos-heis tanto menos,
Quanto mais fostes fumoso.

DIABO.

Á barca, á barca, senhores!
Oh que maré tão de prata!
Hum ventosinho que mata,
E valentes remadores.
“Vos me veniredes á la mano,
“Á la mano me veniredes;
“Y vos veredes
“Peixes nas redes.”

FIDALGO.

Ao Inferno todavia!
Inferno ha hi pera mi?
Oh triste! que em quanto vivi,
Nunca cri que o hi havia;
Tive que era fantasia;
Folgava ser adorado,
Confiei em meu estado,
E não vi que me perdia.

Venha essa prancha, e veremos
Esta barca de tristura.

DIA. Embarque vossa doçura,
Que ca nos entenderemos.
Tomareis hum par de remos,
Veremos como remais;
E chegando ao nosso cais,
Nós vos desembarcaremos.

FIDALGO.

Mas esperae-me aqui;
Tornarei á outra vida
Ver minha dama querida,
Que se quer matar por mi.

DIA. Que se quer matar por ti?

FID. Isto bem certo o sei eu.

DIA. Ó namorado sandeu,
O maior que nunca vi!

FIDALGO.

Era tanto seu querer,
Que m'escrevia mil dias.

DIA. Quantas mentiras que lias,
E tu morto de prazer!

FID. Pera que he escarnecer,

Que não havia mais no bem?

DIA. Assim vivas tu amen,
Como te tinha querer.

FIDALGO.

Isto quanto o que eu conheço.

DIA. Pois estando tu spirando,
Se estava ella requebrando
Com outro de menos preço.

FID. Dá-me licença, te peço,
Que va ver minha mulher.

DIA. E ella por não te ver
Despenhar-s'ha d'hum cabeçaço.

Quanto ella hoje rezou
Antre seus gritos e gritas,
Foi dar glórias infinitas
A quem na desabafou.

FID. Cant'a ella bem chorou.

DIA. E não ha hi chôro d'alegria?

FID. E as lástimas que dizia!

DIA. Sua mãe lh'as ensinou.

Entrae, meu senhor, entrae;
Venha a prancha, ponde o pé.

FID. Entremos, pois que assi he.

DIA. Ora agora descansae,
Passeae e suspirae,
Em tanto virá mais gente.

FID. Ó barca, como es ardente!
Maldito quem em ti vai!

DIABO. (ao moço da cadeira.)

Tu, seu moço, vae-te d'hi,
Que a cadeira ca sobeja;
Cousa que estava na igreja

Não s'ha de embarcar aqui.
 Ca lh'a darão de marfi,
 Marchetada de dolores,
 Com taes modos de lavoires,
 Qu'estara fóra de si.

Á barca, á barca, boa gente,
 Que queremos dar á vela:
 Chegar a ella, chegar a ella.

Chega hum Onzeneiro, e diz:

ONZ. Oh que barca tão valente!
 Pera onde caminhais?

DIA. Oh que ma ora venhais,
 Onzeneiro meu parente!

Como tardastes vós tanto?

ONZ. Mais quizera eu tardar;
 Na safra do apanhar
 Me deu Saturno quebranto.

DIA. Ora muito m'eu espanto
 Não vos livrar o dinheiro.

ONZ. Nem tamsoes para o barqueiro,
 Não me deixárão nem tanto.

DIABO.

Ora entrae, entrae aqui.

ONZ. Não hei eu hi de embarcar.

DIA. Oh que gentil recear,
 E que cousa pera mi!

ONZ. Ind'agora falleci,
 Deixae-me buscar batel.

DIA. Pezar de Jam Pimentel!
 Porque não irás aqui?

ONZENEIRO.

E pera onde he a viagem?

DIA. Pera onde tu has d'ir,
 Estamos para partir:
 Não cures de mais linguagem.
ONZ. Mas pera onde he a passagem?
DIA. Pera a infernal comarca.
ONZ. Dixe, não m'embarco eu nessa barca;
 Est'outra tem a vantagem.

(Vai-se á barca do Anjo.)

Hou da barca, hou lá, hou!
 Haveis logo de partir?
ANJ. E onde queres tu ir?
ONZ. Eu pera o Paraizo vou.
ANJ. Pois cant'eu bem fóra estou
 De te levar pera lá:
 Ess'outra te levará;
 Vae pera quem t'enganou.

ONZENEIRO.

Porque? **ANJ.** Porqu'esse bolção
 Tomára todo o navio.
ONZ. Juro a Deos que vai vazio.
ANJ. Não ja no teu coração.
ONZ. Lá me ficão de rondão
 Vinte e seis milhões n'hũa arca.
DIA. Pois que onzena tanto abarca,
 Não lhe deis embarcação.

(Torna ao Diabo.)

Hou lá, hou demo barqueiro,
 Sabeis vós no que me fundo?
 Quero lá tornar ao mundo,
 E trazer o meu dinheiro,
 Qu'aquell'outro marinheiro,
 Porque me ve vir sem nada,

Dá-me tanta borregada,
Como arrais lá do Barreiro.

DIABO.

Entra, entra, e remarás;
Não percamos mais maré.

ONZ. Todavia... DIA. Por fôrça he:

Que te pês, ca entrarás;
Irás servir Satanaz,
Pois que sempre t'ajudou.

ONZ. Oh triste! quem me cegou!

DIA. Cal'-te, que ca chorarás.

ONZENEIRO. (Entrando no batel, diz ao Fidalgo.)

Sancta Joanna de Valdez!

Ca he Vossa Senhoria?

FID. Dá ó demo a cortezia.

DIA. Ouvis? fallae vós cortez.

Vós, fidalgo, cuidareis
Que estais em vossa pousada?
Dar-vos-hei tanta pancada
C'hum remo, que arrenegueis.

Vem hum Parvo, e diz ao Arrais do Inferno:

PARVO.

Hou daquella! DIA. Quem he? PAR. Eu soo.
He esta naviarra vossa?

DIA. De quem? PAR. Dos tolos. DIA. Vossa;

Entrae. PAR. De pulo, ou de voo?

Oh pezar de meu avô!

Soma vim adoecer,

E fui ma ora morrer,

E nella pera mi so.

DIABO.

De que morreste? PAR. De que?

Samica de caganeira.

DIA. De que? **PAR.** De caga merdeira.

Ma rabugem que te dê!

DIA. Entra, e põe aqui o pé.

PAR. Hou lá, não tombe o zambuco.

DIA. Entra, tolaço eunuco,

Que se nos vai a maré.

PARVO.

Aguardae, aguardae, hou lá,

E onde havemos nós d'ir ter?

DIA. Ao porto de Lucifer.

PAR. Como? **DIA.** Ó Inferno. **Entra ca.**

PAR. Ó Inferno ieramá.

Hio hio, barca do cornudo,

Beiçudo, beiçudo,

Rachador d'alverca, huhá!

Sapateiro de Landosa,

Antrecosto de carrapato,

Sapato, sapato,

Filho da grande aleivosa;

Tua mulher he tinhosa,

E ha de parir hum sapo,

Chentado no guardanapo,

Neto da cagarrinhosa.

Furta cebolas, hio, hio,

Excommungado nas igrejas,

Burrela cornudo sejas.

Toma o pão que te cahio,

A mulher que te fugio

Pera a Ilha da Madeira.

Ratinho da Giesteira,

O demo que te pario.

Hio, hio, lanço-te hũa pulha
De pica náquella.
Hio, hio, caga na vela,
Cabeça de grulha,
Perna de cigarra velha,
Pelourinho da Pampulha,
Rabo de forno de telha.

(Chegando á Barca da Gloria diz:)

Hou da barca! ANJ. Tu que queres?
PAR. Quereis-me passar alem?
ANJ. Quem es tu? PAR. Não sou ninguem.
ANJ. Tu passarás, se quizeres.
Porque em todos teus fazeres,
Per malicia não erraste;
Tua simpreza t'abaste
Pera gozar dos prazeres.
Espera em tanto per hi,
Veremos se vem alguém
Merecedor de tal bem,
Que deva d'entrar aqui.

*Vem hum Sapateiro carregado de fórmãs, e diz na
Barca do Inferno:*

SAPATEIRO.

Hou da barca! DIA. Quem vem hi?
Sancto sapateiro honrado,
Como vens tão carregado!
SAP. Mandarão-me vir assi.
Mas pera onde he a viagem?
DIA. Pera a terra dos damnados.
SAP. E os que morrem confessados
Onde tem sua passagem?
DIA. Não cures de mais linguagem,

Qu'esta he tua barca — esta.

SAP. Renegaria eu da festa,
E da barca, e da barcagem.

Como pod'rá isso ser,
Confessado e commungado?

DIA. Tu morreste excommungado,
E não no quizeste dizer:
Esperavas de viver,
Calaste dez mil enganoso.
Tu roubaste, bem trinta annos,
O povo com teu mister.

Embarca-te, eramá para ti;
Qu'ha ja muito que t'espero.

SAP. Digo-te que re-não quero.

DIA. Digo-te que si, re-si.

SAP. Quantas missas eu ouvi
Não m'hão ellas de prestar?

DIA. Ouvir missa, então roubar,
He caminho pera aqui.

SAPATEIRO.

E as offertas que darão,
E as horas dos finados?

DIA. E os dinheiros mal levados,
Que foi da satisfação?

SAP. Oh não praza ó cordavão,
Nem á puta da badana,
S'he esta boa tranquitana,
Em que se ve Jan'Antão.

Ora juro a Deos qu'he graça. (Vai á Barca do Paraizo.)

Hou da sancta caravella,
Podereis levar-me nella?

ANJ. A cárrega te embaraça.

SAP. Não ha mercê que me Deos faça?

Isto hi xiquer irá.

ANJ. Essa barca que lá está,
Leva quem rouba de praça.

Oh almas embaraçadas!

SAP. Ora eu me maravilho
Haverdes por gran peguilho
Quatro forminhas cagadas,
Que podem bem ir chantadas
No cantinho desse leito.

ANJ. Se tu vieras direito,
Ellas forão ca scusadas.

SAPATEIRO.

Assi que determinais
Que va cozer ao Inferno?

ANJ. Escripto estás no caderno
Das ementas infernaes.

SAP. Pois, diabos, que aguardais?
Vamos, venha a prancha logo,

E levae-me áquelle fogo:

Pera qu'he aguardar mais?

Entra hum Frade com hũa Moça pela mão, e vem dansando, fazendo a baixa com a boca, e acabando, diz o

DIABO.

Que he isso, Padre? que vai lá?

FRA. *Deo gratias!* Sam cortezão.

DIA. Sabeis tambem o tordião?

FRA. He mal que m'esquecerá.

DIA. Essa dama ha de entrar ca?

FRA. Não sei onde embarcarei.

DIA. Ella he vossa? FRA. Não sei;

Por minha a trago eu ca.

DIABO.

E não vos punhão lá grossa,
Nesse convento sagrado?

FRA. Assi fui bem açoutado.

DIA. Que cousa tão preciosa!
Entrae, Padre reverendo.

FRA. Pera onde levais gente?

DIA. Pera aquelle fogo ardente,
Que não temeste vivendo.

FRADE.

Juro a Deos que não t'entendo:

E este hábito me não val?

DIA. Gentil padre mundanal,
A Berzebu vos commendo.

FRA. Corpo de Deos consagrado!
Pola fé de Jesu Christo,
Qu'eu não posso entender isto:
Eu hei de ser condemnado?

Hum padre tão namorado,
E tanto dado á virtude!
Assi Deos me dê saude,
Que estou maravilhado.

DIA. Não façamos mais detenção;
Embarcae, e partiremos;
Tomareis hum par de remos.

FRA. Não ficou isso n'avença.

DIABO.

Pois dada está ja a sentença.

FRA. Pardeos, essa sería ella!
Não vai em tal caravella
Minha senhora Florença.
Como! por ser namorado,

E folgar e'hũa mulher,
Se ha de hum frade de perder,
Com tanto psalmo rezado?

DIABO.

Ora estás bem aviado.

FRA. Mas estás bem corregido.

DIA. Dovoto padre e marido,
Haveis de ser ca pingado.

FRA. Mantenha Deos esta c'roa!

DIA. Ó padre Frei Capacete!
Cuidei que tinheis barrete.

FRA. Sabei que fui da pessoa.

Esta espada he roloa,
E este broquel rolão.

DIA. Dê vossa Reverencia lição
D'esgrima, que he cousa boa.

FRA. Que me praz, dêmos caçada. (esgrime)

Então logo hum contra sus,
Hum fendente, ora sus:
Esta he a primeira levada.

Alevantae a espada;
Mettei o diabo na cruz,
Como o eu agora puz.
Sahi c'o a espada rasgada,
E que fique anteparada.
Talho largo, hum revés;
E logo colhêr os pés,
Que todo o al não he nada.

Quando o recolher se tarda,
O ferir não he prudente.
Eia, sus, mui largamente,
Cortae na segunda guarda.

Guarde-me Deos d'espingarda,
Ou de varão denodado;
Mas aqui estou guardado,
Como a palha na albarda.

Saio com meia espada.

Hou lá, guardar as queixadas.

DIA. Oh que valentes levadas!

FRA. Inda isto não he nada:

Dêmos outra vez caçada.

Contra sus, ora hum fendente;

E cortando largamente,

Eis aqui a sexta guarda.

Daqui se sai com hũa guia,

E hum revés da primeira:

Esta he a quinta verdadeira.

Oh quantos daqui feria!

Padre que tal aprendia,

No inferno ha de haver pingos?

Ah! não praza a San Domingos

Com tanta descortezia.

Prosigamos nossa historia,

Não façamos mais detenção.

Dae ca a mão, Senhora Florença,

Vamos á barca da Gloria.

(Chega á Barca da Gloria.)

Deo gratias! Ha ca logar

Pera minha Reverença?

E a Senhora Florença

Polo meu ha lá d'entrar.

PARVO.

Andar muitieramá:

Furtaste esse trinchão, frade?

FRA. Senhora, dá-me a vontade,
 Que este feito mal está.
 Vamos onde havemos d'ir.
 Praza a Deos co'a ribeira!
 Eu não vejo aqui maneira,
 Senão emfim concrudir.

DIABO.

Padre, haveis logo de vir.

FRA. Si, tomae-me lá Florença,
 E cumpramos a sentença:
 Ordenemos de partir.

Vem hũa Alcoviteira, per nome Brizida Vaz, e chegando á Barca do Inferno, diz:

BRIZIDA.

Hou da barca, hou lá!

DIA. Quem me chama? **BRI.** Brizida Vaz.

DIA. Eia, aguarda-me, rapaz:
 Porque não vem ella ja?

COM. Diz que não ha de vir ca,
 Sem Joanna de Valdeis.

DIA. Entrae vós, e remareis.

BRI. Não quero eu entrar lá.

DIABO.

Que saboroso arrecear!

BRI. Não he essa barca a que eu cato.

DIA. E trazeis vós muito fato?

BRI. O que me convem levar.

DIA. Qu'he o que haveis d'embarcar?

BRI. Seiscentos virgos postiços,
 E tres arcas de feitiços,
 Que não podem mais levar.
 Tres almarios de mentir,

E cinco cofres d'enleios,
 E alguns furtos alheios,
 Assi em joias de vestir,
 Guarda-roupa d'encobrir:
 Emfim casa movediça,
 Hum estrado de cortiça,
 Com dez cochins d'embair.

A mor cárrega que he,
 Essas moças que vendia;
 D'aquesta mercadoria
 Trago eu muita á bofé.

DIA. Ora ponde aqui o pé.

BRI. Hui! eu vou par'ó Paraizo.

DIA. E quem te disse a ti isso?

BRI. Lá hei d'ir desta maré.

Eu sou hũa mártel tal,
 Açoutes tenho eu levados,
 E tormentos supportados,
 Que ninguem me foi igual.
 S'eu fosse ao fogo infernal,
 Lá iria todo o mundo.
 A est'outra barca ca em fundo
 Me vou, que he mais real.

(Chegando á Barca da Gloria, diz ao Anjo.)

Barqueiro, mano, meus olhos,
 Prancha a Brizida Vaz.

ANJ. Eu não sei quem te ca traz.

BRI. Peço-vo-lo de giolhos.

Cuidais que trago piolhos,
 Anjo de Deos, minha rosa?
 Eu sou Brizida a preciosa,
 Que dava as moças ós mólhos;

A que criava as meninas
Pera os conegos da Sé.
Passae-me por vossa fé,
Meu amor, minhas boninas,
Olhos de perlinhas finas:
Que eu sou apostolada,
Angelada, e martelada,
E fiz obras mui divinas.

Sancta Ursula não converteo
Tantas cachopas, como eu;
Todas salvas polo meu,
Que nenhũa se perdeo:
E prouve áquelle do ceo,
Que todas achárão dono.
Cuidais que dormia eu somno?
Nem ponta; e não se perdeo.

ANJO.

Ora vae lá embarcar,
Não m'estês importunando.

BRI. Pois estou-vos allegando
O porque m'haveis de levar.

ANJ. Não cures d'importunar,
Que não podes ir aqui.

BRI. E que ma ora eu servi,
Pois não m'ha d'aproveitar!

Hou barqueiro da ma ora,
Ponde a prancha, que eis me vou;
E tal fada me fadou,
Que pareço mal ca fóra.

DIA. Ora entrae, minha senhora,
E sereis bem recebida.

Se vivestes sancta vida,

Vós o sentireis agora.

Vem hum Judeu com hum bode ás costas, e diz ao Diabo:

JUDEU.

Que vai lá, hou marinheiro?

DIA. Oh que ma ora vieste!

JUD. Cuja he esta barca que preste?

DIA. Esta barca he do barqueiro.

JUD. Passae-me por meu dinheiro.

DIA. E esse bode ha ca de vir?

JUD. O bode tambem ha d'ir.

DIA. Oh que honrado passageiro!

JUDEU.

Sem bode, como irei lá?

DIA. Pois eu não passo ca cabrões.

JUD. Eis aqui quatro tostões,

E mais se vos pagará:

Por vida de Sema Fará,

Que me passeis o cabrão.

Quereis mais outro tostão?

DIA. Nem tu não has de vir ca.

JUDEU.

Porque não irá o Judeu

Onde vai Brizida Vaz?

Ao Senhor Meirinho apraz? (ao Fidalgo.)

Senhor Meirinho, irei eu?

DIA. E ao fidalgo quem lhe deu

O mando deste batel?

JUD. Corregedor, coronel,

Castigae este sandeu.

Azará, pedra meuda,

Lodo, chanto, fogo, lenha,
 Caganeira que te venha,
 Ma currença que t'acuda.
 Por el Deu que te sacuda
 Com a beca nos focinhos.
 Fazes burla dos meirinhos?
 Dize, filho da cornuda.

PARVO.

Furtaste a chiba, cabrão?
 Pareceis-me vós a mim
 Carrapato d'Alcoutim,
 Enxertado em camarão.

DIA. Judeu, lá te levarão,
 Porque hão d'ir descarregados.

PAR. E s'elle mijou nos finados
 No adro de San Gião!
 E comia a carne da panella
 No dia de nosso Senhor;
 E mais elle, salvanor,
 Cada vez mija náquella.

DIA. Ora sus, dêmos á vela.
 Vós Judeu, ireis á toa,
 Que sois mui ruim pessoa.
 Levae o cabrão na trella.

*Vem hum Corregedor, e diz, chegando á Barca do
 Inferno:*

CORREGEDOR.

Hou da barca! DIA. Que quereis?

COR. Está aqui o Senhor Juiz.

DIA. Ó amador de perdiz,
 Quantos feitos que trazeis!

COR. No meu ar conhecereis

Qu'elles não vem de meu geito.

DIA. Como vai lá o direito?

COR. Nestes feitos o vereis.

DIABO.

Ora pois, entrae, veremos

Que diz hi nesse papel.

COR. E onde vai o batel?

DIA. No Inferno vos poremos.

COR. Como! á terra dos Demos
Ha de ir hum Corregedor?

DIA. Sancto descorregedor,
Embarcae, e remaremos.

Ora entrae, pois que viestes.

COR. *Non est de regula juris*, não.

DIA. *Ita, ita*, dae ca a mão,
Remareis hum remo destes.
Fazei conta que nascestes
Pera nosso companheiro.
Que fazes tu, barzoneiro?
Faze-lhe essa prancha prestes.

CORREGEDOR.

Oh renego da viagem,
E de quem m'ha de levar!
Ha aqui meirinho do mar?

DIA. Não ha ca tal costumagem.

COR. Não entendo esta barcagem,
Nem hoc non potest esse.

DIA. Se ora vos parecesse
Que não sei mais que linguagem.

Entrae, entrae, Corregedor.

COR. Hou, *videtis qui petatis?*
Super jure majestatis

Tem vosso mando vigor?

DIA. Quando ereis ouvidor,
Nonne accipistis rapina?
Pois ireis pela bolina
Onde nossa mercê for.

Oh que isca esse papel,
Pera hum fogo qu'eu sei!

COR. *Domine, memento mei!*

DIA. *Non est tempus, bacharel;*
Imbarquemini in batel,
Quia judicastis malitia.

COR. *Semper ego in justitia*
Feci, e bem por nivel.

DIABO.

E as peitas dos Judeus,
Que vossa mulher levava?

COR. Isso eu não no tomava,
Erão lá percalços seus:
Non sunt peccatus meus,
Peccavit uxor mea.

DIA. *Et vobis quoque cum ea;*
Nemo timuistis Deus.

A largo modo *acquiristis*
Sanguinis laboratorum,
Ignorantes peccatorum,
Ut quid eos non audistis.

COR. Vós, arrais, *nonne legistis*
Que o dar quebra os penedos?
Os direitos estão quedos,
Si aliquid tradidistis.

DIABO.

Ora entrae nos negros fados,

Ireis ao lago dos cães,
E vereis os escrivães
Como estão tão prosperados.

COR. E na terra dos damnados
Estão os Evangelistas?

DIA. Os mestres das burlas vistas
Lá estão bem fragoados.

Vem hum Procurador, e diz o Corregedor, quando o ve:

CORREGEDOR.

Ó Senhor Procurador!

PRO. Bejo-vo-las mãos, Juiz.
Que diz esse arrais? que diz?

DIA. Que sereis bom remador.
Entrae, bacharel doutor,
E ireis dando á bomba.

PRO. E este barqueiro zomba?
Joga taes de zombador?
Essa gente que hi 'stá,
Pera onde a levais?

DIA. Pera as penas infernaes.

PRO. Dixe, não vou pera lá;
Outro navio está ca,
Muito melhor assombrado.

DIA. Ora estais bem aviado:
Entrae muitieramá.

CORREGEDOR.

Confessastes-vos, doutor?

PRO. Bacharel sou. Dou-me ó demo!
Não cuidei que era extremo,
Nem de morte minha dor.
E vós, Senhor Corregedor?

COR. Eu mui bem me confessei;
Mas tudo quanto roubei
Encubri ao confessor.

Porque, se o não tornais,
Não vos querem absolver;
E he mui mau de volver,
Depois que o apanhais.

DIA. Pois porque não embarcais?

COR. *Quia esperamus in Deo.*

DIA. *Imbarquemini in barco meo;*
Para que *speratis* mais?

(Vão-se á barca da Gloria.)

CORREGEDOR.

Hou arrais dos gloriosos,
Passae-nos nesse batel.

ANJ. Oh pragas pera papel,
Pera as almas odiosos!
Como vindes preciosos,
Sendo filhos da sciencia!

COR. Oh! *habeatis* clemencia,
E passae-nos como vossos.

PARVO.

Hou homens dos breviairos,
Rapinastis coelhorum,
Et pernis perdigotorum,
E mijais nos campanairos.

COR. Anjos, não sejas contrairos,
Pois não temos outra ponte.

PAR. *Belequinis ubi sunt,*
Ego latinus macairos.

ANJO.

A justiça divinal

Vos manda vir carregados,
 Porque vades embarcados
 Nesse batel infernal.

COR. Oh! não praza a San Marçal
 Co'a ribeira nem c'o rio!
 Cuidão lá que he desvario
 Haver ca tamanho mal.

Venha a negra prancha ca;
 Vamos ver este segredo.

PRO. Diz hum texto do Decreto....

DIA. Entrae, que ca se dirá.

(Entrão no batel dos damnados, e diz o Corregedor a Brizida Vaz:)

COR. Esteis muito aramá,
 Senhora Brizida Vaz. .

BRI. Ja siquer estou em paz,
 Que não me leixaveis lá.
 Cada hora encoroçada,
Justiça que manda fazer.

COR. I-vos tornar a tecer,
 E urdir outra meada.

BRI. Dizede, juiz d'alçada,
 Vem ja Pero de Lisboa?
 Leva-lo-hemos á toa,
 E irá desta barcada.

Vem hum Enforcado, e diz o

DIABO.

Venhais embora, Enforcado.

Que diz lá Garcia Moniz?

ENF. Eu vos direi que elle diz
 Que fui bem aventurado;
 Que polos furtos que eu fiz,
 Sou sancto canonizado;

Pois morri dependurado,
Como o tordo na buiz.

DIABO.

Entra ca, e remarás
Até ás portas do Inferno.

ENF. Não he essa a nao qu'eu govérno.

DIA. Entra, que inda caberas.

ENF. Pezar de San Barrabaz!

Se Garcia Moniz diz
Que os que morrem como eu fiz,
São livres de Satanaz!

E disse que a Deos prouvera
Que fôra elle o enforcado,
E que fosse Deos louvado,
Que em bo'hora eu nascêra;
E que o Senhor m'escolhêra,
E por meu bem vi beleguins:
E com isto mil latins,
Como s'eu latin soubera.

E no passo derradeiro,
Me disse nos meus ouvidos,
Que o logar dos escolhidos
Era a forca e o Limoeiro:
Nem guardião de mosteiro
Não tinha mais sancta gente,
Como Affonso Valente,
O que agora he carcereiro.

DIABO.

Dava-te consolação
Isso, ou algum esforço?

ENF. C'o baraço no pescoço

Mui mal presta a prégação.

Elle leva a devação,
 Que ha de tornar a jentar;
 Mas quem ha de estar no ar,
 Aborrece-lhe o sermão.

DIABO.

Entra, entra no batel,
 Que para o Inferno has de ir.
 ENF. E Moniz ha de mentir?
 Dixe-me: — Com San Miguel
 Irás comer pão e mel,
 Como fores enforcado. —
 Ora ja passei meu fado;
 E ja feito he o burel.

Agora não sei que he isso:
 Não me fallou em ribeira,
 Nem barqueiro nem barqueira,
 Senão logo ao Paraizo.
 E isto muito em seu siso,
 E que era sancto meu baraço.
 Porém não sei que aqui faço,
 Ou s'era mentira isto.

DIABO.

Fallou-te no purgatorio?
 ENF. Diz que foi o Limoeiro;
 E ora por elle o salteiro,
 E o pregão vitatorio;
 E que era muito notorio
 Que aquelles deciprinados
 Erão horas dos finados,
 E missa de San Gregorio.

DIABO.

Ora entra; pois has d'entrar,

Não esperes por teu pae.

ENF. Entraremos, pois assi vai.

DIA. Este foi bom d'embarcar.

Eia, todos apear,

Qu'está em sêcco o batel.

Vós, doutor, bota batel;

Fidalgo, saltae no mar.

Vem quatro Fidalgos, cavalleiros da Ordem de Christo, que morrêrão nas partes d'Africa, e vem cantando a quatro vozes a letra que se segue.

“Á barca, á barca segura,

“Guardar da barca perdida:

“Á barca, á barca da vida.

“Senhores, que trabalhais

“Pola vida transitoria,

“Memoria, por Deos, memoria

“Deste temeroso cais.

“Á barca, á barca, mortaes;

“Porém na vida perdida

“Se perde a barca da vida.”

DIABO.

Cavalleiros, vós passais,

E não me dizeis p'ra ond'is?

1º C. E vós, Satan, presumis?...

Attentae com quem fallais.

2º C. E vós que nos demandais?

Sequer conhecei-nos bem:

Morreemos nas partes d'alem;

E não queirais saber mais.

ANJO.

Ó cavalleiros de Deos,

A vós estou esperando;

**Que morrestes pelejando
Por Christo, Senhor dos ceos.
Sois livres de todo o mal,
Sanctos por certo sem falha;
Que quem morre em tal batalha
Merece paz eternal.**

Aqui fenoce a primeira scena.



F I G U R A S.

ANJO — Arrais do Ceo.
DIABO — Arrais do Inferno.
COMPANHEIRO do Diabo.
LAVRADOR.
MARTA GIL — Regateira.
PASTOR.
MOÇA Pastora.
MENINO.
TAFUL.
TRES ANJOS.

Esta segunda scena he attribuida á Embarcação do Purgatorio. Tracta-se per lavradores. Foi representada á muito devota e catholica Rainha D. Leonor no hospital de todos Sanctos da cidade de Lisboa, nas matinas do Natal, era do Senhor de 1518.

AUTO DA BARCA DO PURGATORIO.

*Primeiramente entram tres Anjos, cantando o romance
guinte, com seus remos.*

R o m a n c e .

“Remando vão remadores
“Barca de grande alegria;
“O patrão que a guiava,
“Filho de Deos se dizia.
“Anjos erão os remeiros,
“Que remavão á porfia;
“Estandarte d’esperança,
“Oh quão bem que parecia!
“O masto da fortaleza
“Como cristal reluzia;
“A vela com fé cozida
“Todo o mundo esclarecia;
“A ribeira mui serena,
“Que nenhum vento bolia.”

Entra o Arrais do Inferno, e diz:

DIABO.

Ah sancto corpo de mi,
Corpo de mi consagrado!
Como está isto assi
Sem ninguem estar aqui
Neste meu porto dourado,

Agora que está breado
De novo o caravellão,
Espalmado, e aparelhado,
E mais largo bô quinhão,
Que o passado?

Quanto mais se chega a fim
Do mundo, a todo o andar,
Tanto a gente he mais ruim:
E juro ó corpo de mim
Que ja canso de remar.
Cumpre-me d'apparelhar
Hum valente barinel,
Ou hũa nao singular,
Em que possa mais levar
Que n'hum batel.

E não remar senão tal via,
E depois haver carraca;
Que cobiça e simonia,
Inveja e tyrannia,
Nenhũa dellas afraca.
Ala, ala! saca, saca!
Á terra, á terra, mortaes!
Cerrar o leme a esta bända,
E não curar d'outro cais;
Porque a lei dos mundanaes
Isto manda.

ANJO.

Quem quer ir ó Paraizo?
Á glória, á glória, senhores!
Oh que noite pera isso!
Quão prestes, quão improviso
Sois celestes moradores!

Aviãe-vos, e partir;
Que vossa vida he sonhar,
E a morte he despertar
Pera nunca mais dormir,
Nem acordar.

Este rio he mui escuro,
Não tendes vao nem maneira:
Entrae em barco seguro,
Havei conselho maduro,
Não entreis em ma bateira;
Que na viagem primeira,
Quantos vistes embarcados
Todos forão alagados:
No mais fundo da ribeira
São penados.

Pois não se póde escusar
A passada deste rio,
Nem a morte s'estorvar,
Qu'he outro braço de mar
Sem remedio nem desvio.
E o batel dos damnados,
Porque nasceo hoje Christo,
Está, c'os remos quebrados,
Em sêcco. Ó descuidados,
Cuidae niço.

Agora que a madre pia,
Frol de toda a perfeição,
Está com tanta alegria;
Pedi a sua Senhoria
Gloriosa embarcação,
Que sua he a barcagem.
Pedi-lhe como avogada,

Per lacrimosa linguagem,
Que nos procure viagem
Descansada.

Falla-lhe com alegria,
Canta-lhe como souberes,
Visita a Virgem Maria,
Nossa via, nossa guia,
Frol de todas as mulheres.
Quando aqui lhe appareceres,
Roga-lhe que t'appareça
Com piedosos poderes,
Porque a alma que tiveres
Não pereça.

DIABO.

Quero ora metter á vela,
E deitar a prancha fóra,
E arrumar a caravella,
E deitar do junco nella,
Se vier qualquer senhora.
E que he isto na ma ora?
E o batel está em sêcco!
Oh renego de Çamora!

O rio s'encaramelou!
Nunca tal m'aconteceo.
Hou bota, hou bota, hou!
Oh renego de San grou,
E de San pata do ceo!
Arrenego eu do dinheiro
Que ganho nesta viagem,
Arrenego da barcagem,
E do cornudo barqueiro.

*Vem hum Companheiro do Arrais do Inferno,
e diz:*

COMPANHEIRO.

Parceiro, gurgurgarao.

DIA. Porque? COM. Porque he assi.

DIA. Ora bota, hou bota, hao.

COM. Eu so botára hũa nao

Com este dedo sem ti:

Mas sabe que este serão

He para nós grande praga,

E trabalhamos em vão,

Porque a promessa d'Abrahão

Hoje he a paga.

Vem hum Lavrador com seu arado ás costas, e diz:

LAVRADOR.

Que he isto? ca chega o mar?

Ora he forte cagião.

DIA. Alto, sus, quereis passar?

Ponde hi o chapeirão,

E ajudareis a botar.

LAV. Da morte venho eu cansado,

E cheio de refregereo,

E não posso, mal peccado.

DIA. Põe eramá hi o arado.

LAV. Perem esse he gran mestereo.

S'eu trouguera mais vagar

Sorrira-me eu tamalavez.

DIA. E vós villão, quereis zombar?

Se vos eu arrebatat?

LAV. Dou-t'eu muito de mao mez.

Com'eu a morte passei,

Logo o medo ficou finto.

Enha cedula amanhei,
E meus negocios deixei
Como homem de bô retinto.

Nem fico a dever duas favas,
Nem hum preto por pagar.

DIA. E os marcos que mudavas,
Dize, porque os não tornavas
Outra vez a seu logar?

LAV. E quem tirava do meu
Os meus marcos quantos são,
E os chantava no seu,
Dize, pulga de Judeu,
Que lhe dizias tu er então?

DIABO.

Foste o mais ruim villão!...

LAV. Bofá, salvanor salvado,
Vós mentis coma cabrão.
Quer me queirais mal, quer não,
Não dou por isso hum cornado.

DIA. Pois porque vens carregado?

LAV. Porque seja conhecido
Por lavrador muito honrado.
E tenho a glória merecido;
Que sempre fui perseguido,
E vivi mui trabalhado.

Ha hi, pezar não de São,
Afficio mais fortunado?

DIA. Pois para que he o villão?

LAV. Todos nós vimos d'Adão.

DIA. Pousa, pousa ahi o arado.

LAV. Juro a San Junco sagrado
Que te chante hum par de quédas.

DIA. Aqui has d'ir embarcado.

LAV. Vae beijar o meu bragado
Antre as sedas.

DIABO.

Que villão tão descortez!

LAV. E vós sois mui deneguil!

Dou eu ja ora ó Decho o freguez.

DIA. Dom villão, comigo irês
Onde estão de vós dez mil.

LAV. E vós Dom rosto de funil,
Cuidareis que sois alguém?

ANJ. Vinde ca, homem de bem;
Pera onde quereis ir?

LAV. Queria passar alem,
Pera a glória do Senhor.
Samicas de lá serês?

ANJ. E vens tu merecedor?

LAV. E que fez lá o lavrador,
Pera andar ca ó través?

ANJ. Póde ser mui austinado,
E não querer-se arrepender.

LAV. Bofá, Senhor, mal peccado,
Sempre he morto quem do arado
Ha de viver.

Nós somos vida das gentes,
E morte de nossas vidas;
A tyrannos — pacientes,
Que a unhas e a dentes
Nos tem as almas roídas.
Pera que he parouvelar?
Que queira ser peccador
O lavrador;

Não tem tempo nem logar
Nem somente d'alimpar
As gotas do seu suor.

Na igreja bradão com elle,
Porqu'assoviou a hum cão;
E logo excommunhão na pelle.
O fidalgo maçar nelle,
Atá o mais triste rascão.
Se não levão torta a mão,
Não lhe achão nenhum direito.
Muito atribulados são!
Cada hum pella o villão
Por seu geito.

Trago a proposito isto,
Porque veio a bem de falla.
Manifesto está e visto
Que o bento Jesu Christo
Deve ser homem de gala.
E he rezão que nos valha
Neste serão glorioso,
Qu'he gran refúgio sem falha.
Isto me faz forçoso,
E não estou temeroso
Nem migalha.

ANJO.

Que bens fizeste na vida,
Que te sejam ca guiantes?

LAV. Ia ao bodo da ermida
Cada sancta Margarida,
E dava esmola aos andantes;
Benzia-me pela manhan,
Levava o credo até o cabo.

DIA. Depois tomavas a lan
Da melhor e a mais san,
E davas ao dizimo a do rabo,
Temporan.

E o mais fraco cabrito,
E o frangão offegoso,
Com repetenado esp'rito.

LAV. Oh fideputa maldito,
Triste avezimão tinhoso,
Lano peccador errado!
Não — vai — não me dezimei?
Dize sabujo pellado.

DIA. Tornaste tu o mal levado?

LAV. Si, tornei.

E de tudo fiz aquesta,
Como homem diz, avantairo:
Leixei ó cura a enha bêsta.
Abonda que nem aresta
Tera comigo o cossairo.
Hum annal e hum trintairo,
Com raponsos, ladainhas:
A Gil fiz todo reparo
Com missas d'anniversairo.
Trinta dias.

Perol que dizeis vós lá?
Sejo eu como deve ser,
Ou que modo se tera?

ANJ. He mui caro d'haver ca
Aquelle eternal prazer.

LAV. Ja o eu lá ouvi dizer.
Perol o evangelho diz,
Quem for bautizado e crer

Salvus es: ora dizer,
Sêde juiz.

Pois *quia infernus es,*
Nulla redencia ha hi;
Vêde vós o que dizês,
Qu'a mim ja me pruem os pés,
Pera me passar d'aqui.

ANJ. Digo que andes assi
Purgando nessa ribeira,
Até que o Senhor Deos queira
Que te levem pera si
Nesta bateira.

LAVRADOR.

Bofá, logo quizera eu,
Que m'atormenta este arado;
E dera muito do meu,
Pois que ja hei de ser seu,
Tirar-me deste cuidado.
Ó mundo, mundo enganado,
Vida de tão poucos dias,
Tão breve tempo passado,
Tu me trouveste enganado,
E me mentias!

DIABO.

Inda esta barca não nada?
Que festa esta pera mi!
Nunca tal balcarriada,
Nem maré tão desastrada
Nesta ribeira não vi.

Vem hũa regateira, per nome Marta Gil, e diz:

MARTA GIL.

Hui! que ribeiros são estes?

DIA. Venhais embora, Marta Gil.

MAR. E donde me conhecestes?

DIA. Folgo eu bem porque viestes
Oufana e dando ó quadril.

MAR. Vêdes outro perrexil!

E marinheiro sois vós?

Ora assim me salve Deos

E me livre do Brazil,

Que estais sutil.

Emque eu seja lavradora,

Bem vos hei de responder.

DIA. Não vos agasteis vós ora,
Que, ou lavradora ou pastora,
Aqui vos hei de metter.

MAR. Hui mana! e quem no deu?

Ide beber,

Que bem vos conheço eu.

DIA. Eu tambem vos sei nascer,

E vi fateixas fazer;

Que o que trazeis he meu,

E ha de ser.

MARTA GIL.

E que cousas são fateixas?

Fateixado te veja eu.

DIA. Os feitos que feitos leixas,

E o povo cheio de queixas.

MAR. Cal'-te, almareo de Judeu.

DIA. Não sabes tu que viveste

Lavradora e regateira?

MAR. Ora comêde-la, que vos preste.

Hui! e que gaio he ora este

De ribeira?

Sabedes vós, João Corujo,
Todos fazem seu proveito.
Olhade o frei Caramujo,
Bargante que não tem cujo!
Cant'a agora he o feito feito.
Não sabes tu que o respeito
Do mundo he em ganhar?
E sôbre isso he seu proveito,
Ou a torto ou a direito
Apanhar.

Fui em tempo de cobiça;
Cada tempo sua usança:
S'eu Morrêra de preguiça,
Tiveras muita justiça,
E eu pequena esperança.
Vendia minha lavrança,
Hum ovo por dous reaes,
Hum cabrito, se s'alcança,
Té quatro vintens, nó mais:
Tendes vós isto em lembrança?

Hum frangão por hum vintem,
E hũa gallinha sessenta;
E acerta-se tambem
Que ás vezes vem alguem,
Que as leva por setenta.

DIA. E pera que era agua no leite,
Que deitavas ieramá?

MAR. Mais azeite:

Ind'hoje o elle dirá!
Vistes ora o diabreite!
Ó diabo, visses tu,
Bofé asinha o eu direi.

Como he palreiro, Jesu!
 Fôra este cucurucu
 Bom secretario d'elRei.
 Amanhade-lhe o atafal;
 Nadar patas, patarrinhas;
 Corregêde-lhe o enxoval;
 Onças de raiva mortal
 Nas badarrinhas.

DIABO.

Valha-te a ti, Marta amiga,
 Qu'estamos enfeitiçados.

MAR. Embarcade lá esta figa.

DIA. Passará esta fadiga,
 Seremos desembargados.

MAR. Anjos bem-aventurados,
 Mettereí o canistrel,
 Que trago os testos britados?
 Carregão estes peccados,
 Que fazem lançar o fel
 A bocados.

ANJO.

E pera qu'erão elles ca?

MAR. Pera o Demo; e que sei eu?

ANJ. Ora pois, embarca lá.

MAR. Melhor creio eu que sera.

Jesu! Jesu! benzo-me eu.

Ó bento Bartholameu,

E vós Virgem do rosairo,

Polo filho que Deos vos deu

Esta noute vosso e seu,

Haja repairo.

Bem sabedes vós, Senhora,

Que venho eu manifestada,
 E fui vossa lavradora;
 Em que pecasse algum'ora,
 Venha a piedosa alçada.
 Esta he a noute que paristes:
 Benta a hora em que nascestes;
 Esqueção meus males tristes,
 Polo menino que vestistes,
 E envolvestes.

Anjos, ajudade-me ora,
 Que vos veja eu bem casados:
 Não me deixedes de fóra
 Por aquella sancta hora
 Em que todos fostes creados.

ANJ. Não he tempo ca d'orar,
 Cant'á para merecer.

MAR. Manos, eu quero provar
 Qu'em todo tempo ha logar
 O que Deos quer.

Este serão glorioso
 Não he de justiça, não;
 Mas todo mui piedoso,
 Em que nasceo o esposo
 Da humanal geração:
 E a barca de Satão
 Não passa hoje ninguem;
 E per fôrça hei d'ir alem,
 Só pena d'excommunhão,
 Que posta tem.

ANJO.

Grande cousa he oração:
 Purga ao longo da ribeira,

Segura de damnção,
 Teras angústia e paixão,
 E tormento em gran maneira.
 Isto até que o Senhor queira
 Que te passemos o rio:
 Sera tua dor lastimeira,
 Como ardendo em gran brazio
 De fogueira.

MARTA GIL.

Oh esperança, esperança,
 A mais certa pena minha
 Com toda esta segurança!
 Tu es a mesma tardança
 Em figura de mézinha.
 Oh quem tal arrepender,
 Tal maneira de penar,
 Lá soubesse no viver!
 Oh quem tornasse a nascer,
 Por não peccar!

Vem hum Pastor, e diz, olhando pera a barca do imigo:

PASTOR.

Isto he cancêllo, ou picota,
 Ou senefica alгорrem?
 Não lhe marra ella aqui gota
 De ser isto terremota
 Pera enforçar alguem.

DIA. Queres embarcar, pastor?

PAS. Praz. DIA. Entra neste batel.

PAS. Irra! pulha he isso, salvaror.

S'eu não fôra pulhador,

J'ella passava o burel.

Digo, senhor pesadello,

(Vós sabereis isto bem)
 Estando em val de Cobello,
 Deu-me dor de cotovello,
 Emperol morri perem.
 E fui-me per esse chão
 A Deos douche alma dizer,
 Com meu cacheiro na mão,
 Sem soes motrete de pão,
 Nem fome pera o comer,
 Se vem á mão.

E vinha ora bem descuidado
 De topar mar nem marinha.
 Avonda, espantalho honrado,
 Ao morrer deixei o gado,
 E o amo e quanto tinha.
 Senão anda que te vas,
 Enha mãe nega gritar,
 E chorar que chorarás.
 Agora quero passar;
 Perem não me levarás.

DIABO.

Porque? PAS. Sois busaranha,
 E mais féde-vo-lo bafo,
 E jogatais de gadanha,
 E tendes modão d'aranha,
 E samicas sereis gafo.

DIA. Gafo eu? PAS. A bem;
 Não hei d'ir per acajuso,
 Emque me custe alгорrem,
 Chinfrão, ou meio vintem,
 Ir dereito como o fuso
 Pera alem.

DIABO.

Dize, rústico perdido,
Fizeste tu por saber
O *Pater noster* comprido?

PAS. E pera que era elle sabido?

DIA. Porque o havias de dizer.

PAS. A quem? DIA. A quem te creou.

PAS. Al tem elle que comer.

DIA. Não fizeste o que mandou.

PAS. Callae-vos, Senhor João Grou;

Ja sei quem m'ha de levar,

Sei quem sou.

Esta noite he dos pastores,

E tu, Decho, estás em sêcco;

E salvão-se os peccadores

Criados de lavradores,

E tu estás coma peço.

DIA. Digo-te, pastor amigo,

Que foste gran peccador.

PAS. Senhor tartarugo, digo

Que mentis como bestigo,

Salvanor.

Falla em tua merencória,

E não falles em passar,

E conta lá outra história;

Porque em festa de tal glória,

Não has ninguem de levar.

Ronca, qués tu pôr começo

Algorrem pera beber,

Que vens de casta de pêgo,

E neto d'algum morcego?

Pardicas não póde al ser.

DIABO.

Não estou em meu poder,
Pera me vingar de ti.

PAS. Não podes nada fazer
Na noite que quiz nascer
Christo filho de Davi.

DIA. Quem te poz no coração
Fallares cousa tão boa?
Que tu não tens descrição.

PAS. E quem te deu a ti lição
De ser tão ruim pessoa?

ANJO.

Pastor, tu queres passar?

PAS. Este he melhor artezão.

ANJ. Folgarei de te levar,
Se te ajuda o bem obrar,
Que as obras remos são.

PAS. Enha mãe m'o bradará,
Que fica no sahimento,
E o responso do mamento;
E tudo Sa Gil fara
Com bom tento.

ANJO.

Morreste tu bom christão?

PAS. Que sei eu que vós dizeis?

ANJ. Dize ora o *krieleison*,
Kirieleison, Christeleison.

PAS. O *Pater noster* quereis?
Ja eu soube hum quinhão delle.
No *santo faceto* andei ja,
E nunca me dei por elle;

**E a *Ave Maria* a par delle
Soube eu lá ja tempos ha.**

**E fui assi por ella andando
Nos *intes vitus* cajuso;
Alli andava eu sandejando,
E suacendo e cansando:
Então dei á treva o uso.
Assaz avonda ao pastor
Crer em Deos, e não furtar,
E fazer bem seu lavor,
E dar graças ao Senhor,
E fugir de não peccar.**

**E crer na Igreja assi junta
Com paredes e telhados,
Aliceres e furados;
E não curar de pergunta,
E dar ó Demo os peccados.
Eu nunca matei, nem furtei,
Nega uvas algum'ora;
Nem nunca mexeriquei,
Como lá se usa agora.**

DIABO.

**Vae, vae cantar a gamella:
Não andavas tu namorado
Perdido por Madanella?
PAS. E pois que lhe fiz a ella,
Para dizer que he peccado?
Hũa vez armei-lhe o pe
Na chacota em Villarinho,
E ainda pola abofé
Constança Annes, que viva he,
Me metteo naquelle alinho.**

DIABO.

Não na foste tu sperar,
Pera a damnares, villão,
E começou de bradar
Que a querias forçar?

PAS. Ó fideputa cabrão!

Quizera eu e ella não,
Porque a trédora fugio:
E s'isto assi foi, ladrão,
Que peccado se seguio,
Pois não houve concrusão?

Juro ao corpo verdadeiro
Que tu te podes gabar
Que casado nem solteiro,
Não anda tão vil barqueiro
Sôbolas aguas do mar.
Soma, Anjo, eu m'enfestei:
Abrenuncio Satanaz!

ANJ. Faze o que t'eu direi,
E depois embarcarás,
E eu mesmo te passarei.

Purga ao longo do rio
Em gran fogo, merecendo.

PAS. E quando parte o navio?
Senhor, se eu não tenho frio,
Pera que hei d'estar ardendo?

Vem hũa Pastora menina, e temendo a visão do inimigo que lhe appareceo na morte, diz:

MOÇA.

Jesu! Jesu! que he ora isto?
Ave Maria! Ave Maria!
Qu'he do meu cão qu'eu trazia?

Oh! chagas de Jesu Christo
Vão em minha companhia!
Eu sonho! — triste de mim!
Oh coitada, como tremo!
Minha mãe, valei-me aqui,
Que quando de vós parti,
Não cuidei d'achar o Demo.

Mais angústia he o temor
Do imigo, que da morte:
Tomo a Deos por valedor.
Pois me cortas, e dás dor,
Ma mazela que te córte.

DIA. Muchacha, venhas embora.

MOÇ. Mas na negra, pois te vejo.

Oh! desaparece-me ora,
Que falleci ind'agora
Em mui perigoso ensejo.

Porque era moça e cuidei
Que da velhice gouvira,
E com tal dor acabei,
Que de mi parte não sei,
Nem tenho ponta de sira.
Não sei quem m'ha d'ajudar,
Não sei quem m'ha de valer,
Não sei quem m'ha de passar,
Não sei se m'hão de matar
Outra vez, ou que ha de ser.

Tir'-te diante de mi,
Verei os anjos de Deos.

DIA. Entrae vós, filhinha, aqui.

MOÇ. Oh! cal'-te: — triste de mi!

DIA. Eu vos levarei aos ceos;

Entrae, minha Polixena;
 Não temais nada, Senhora.

MOÇ. Arre lá! uxe, morena!

DIA. Ó minha Rainha Helena,
 Entrae, e vamo-nos ora.

MOÇA.

Cal'-te, cal'-te na ma ora!
 Cuidas que m'has d'enganar,
 Porque assi me ves pastora?

DIA. Entrae, minha matadora,
 Pois que Deos vos quiz matar.

MOÇ. Não vêdes vós o quebranto,
 Que se quer pôr em feição!

DIA. Olhae, flores, não m'espanto
 Que me digais sete tanto:
 Padeça meu coração,

O porvir e o presente.
 Senhora, por concrusão,
 Não quero de vós somente,
 Senão dardes-me essa mão,
 Se disso fordes contente:
 E se m'eu gabar de vós,
 Ma pezar veja eu de mi.
 E iremos ambos sos
 Onde estão vossos avós.
 Ora entrae, ireis aqui.

MOÇA.

Jesu! Jesu! raiva na casta!
 Commendo ó Decho a amargura!
 Mãe de Deos! como m'agasta!
 Ma rabugem na tarasca,
 Espezinha, triste, escura!

ANJ. Leix'ó, pastora; vem ca.

DIA. Como estou hoje mofino,
E sem dita ieramá!
Mas algum dia virá
Qu'eu estarei mais fino.

MOÇA.

Ó anjos, minha alegria,
Vista de consolação!
Por virtude e cortezia,
Ensinae-me por que via
Passarei á salvação.

ANJ. Conhecias tu a Deos?

MOÇ. Muito bem, era redondo.

ANJ. Esse era o mesmo dos ceos.

MOÇ. Mais alvinho qu'estes veos,
O vi eu vezes avondo.

Como o sino começava,
Logo deitava a correr.

ANJ. Que lhe dizias? MOÇ. Folgava,
E toda me gloriava
Em ouvir missa e o ver.

ANJ. Pastora, bom era isso.

DIA. Era a mor mexeriqueira
Golosa, que d'improviso,
Se não andavão sôbre aviso,
Lá ia a cepa e a cepeira.

E mais quereis que vos diga?
He refalsada e mentirosa.

MOÇ. Era ainda rapariga.

DIA. Se tu foras minha amiga,
Eu me calára, tinhosa.

MOÇA.

Ó anjos, levae-me ja,
Tirae-me deste ladrão.

ANJ. Não podes ainda ir lá.

MOÇ. Tão moça, hei de ficar ca?
Não parece isso rezão.

ANJ. Vae ao longo desse mar,
Que he praia purgatoria;
E quando Deos o ordenar,
Nós te viremos passar
Da pena á eterna glória.

Vem hum Menino de tenra idade, e diz:

MENINO.

Mãe, e o coco está alli!
Quereis vós star quêdo, quelle?

DIA. Passa, passa tu per hi.

MEN. E vós quereis dar em mi?
Ó demo que o trouxe elle!

DIA. Bé, mé. Filho da puta,
Vós estais muito garrido!
Tirar-vos-hão, Dom perdido,
Dos olhos a marmeluta.

MENINO.

Eu vos tomarei a vós
Á porta de minha tia;
Entonces veremos nós
Os cães de vossos avós,
Qu'estavão na mancebia.

DIA. Bé. MEN. Mãe, s'elle quer-me comer!
E meu pae não vos dara?

DIA. Bé. MEN. Dona, se lh'o eu disser...

E ella matar-vos-ha:
Então ireis a morrer.

DIABO.

Bé. MEN. Aquelle, s'eu chamar
O nosso Joanne!... DIA. Bé.

MEN. Não queres senão berrar?

DIA. Onde has d'ir, ou pera que?

MEN. Fica minha mãe chorando,
So porque m'eu vim de lá.

ANJ. Mas fica desvariando,
Que tu es do nosso bando,
E pera sempre sera.

Fez-te Deos secretamente
A mais profunda mercê
Em idade de innocente:
Eu não sei se sabe a gente
A causa porqu'isto he.

Cantando, mettem os Anjos o Menino no batel, e entra hum Taful, e diz o Diabo:

DIABO.

Ó meu sócio, ó meu amigo,
Meu bem e meu cabedal!
Vós, irmão, ireis comigo,
Que não temeste o perigo
Da viagem infernal.

TAF. Eis aqui flux d'hum metal.

DIA. Pois sabe que eu te ganhei.

TAF. Mostra se tens jôgo tal.

DIA. Tu perdes o enxoval.

TAF. Não he isto flux com rei.

DIABO.

Baralha o jôgo e partamos.

TAF. Paga, qu'eu não jôgo em vão.

DIA. Lá no frete descontâmos;
Quer ganhemos, quer percamos,
Tudo nos fica na mão.

TAF. Muito me gasto eu aqui,
Que tu tens mui mao sembrante;
E pareces-me emfim
Por da ré muito ruim,
E malino por d'avante.

DIABO.

Mas tornemos a jogar,
Porque tenho saudade
De te ouvir arrenegar,
E descrer e brasfemar
Do misterio da Trindade.

TAF. Aramá, como tu fallas
Tão senhor desta alma minha!

DIA. Não sei como agora calas,
Renegando a soltas alas
De Deos e da ladainha.
Este dia e as oitavas,
Por paços, salas e cantos,
Oh quanta glória me davas,
Quando á hostia blasfemavas,
E deshonoravas os Sanctos!

TAF. Cant'eu sempre ouvi dizer,
Quem bem renega, bem cre:
Isto vos faço eu saber;
E quando isto não valer,
Entraremos por mercê.

(Vai-se á Barca do Paraizo, e diz:)

Havera ca piedade

D'hum homem tão carregado?

ANJ. Mas a infinda crueldade
Com que offendeste a magestade,
Renegando seu estado?

TAF. Vêde que estava occupado
Na gran perda que perdia.

ANJ. E Deos que culpa t'havia,
Taful mal-aventurado,
Sem valia?

Renegar tão feramente
Da Imperatriz dos Ceos!
Ó pranta de ma semente,
Arderás no fogo ardente,
Com toda a ira de Deos.

TAF. Ma nova he essa pera mi.
Se assi for como dizes,
Digo qu'eramá ca vim.
Porém esperae-me assi,
Fallarei tamalavez.

Deos não quiz hoje nascer
Por remir os peccadores?

ANJ. E pois que queres dizer?
Que so c'o seu padecer
Se salvão renegadores?

TAF. A pernetta me forçou,
Que era senhora de mi.

DIA. Mente, qu'elle s'incrinou:
Nunca estrella renegou,
Nem tal ha hi.

Sempre jogava o fidalgo,
Bispo, escudeiro, ou que he.

COM. Mestiço de cão e galgo.

ANJ. Tomae-o, dae-lhe de pé.

DIA. Nosso he.

TAF. Estae, inigos! — Senhores,
Deste sancto nascimento
Não terei alguns favores?

ANJ. Tafues e renegadores
Não tem nenhum salvamento.

Sahem os Diabos do batel, e, com hũa cantiga muito desacordada, levão o Taful; e os Anjos cantando levão o Menino, e fenece esta segunda scena.



F I G U R A S.

DIABO — Arrais do Inferno.

ANJO — Arrais do Ceo.

MORTE.

COMPANHEIRO do Diabo.

CONDE.

DUQUE.

REI.

IMPERADOR.

BISPO.

ARCEBISPO.

CARDEAL.

PAPA.

ANJOS.

Segue-se a terceira scena, que he endereçada á Embarcação da Gloria. Tracta-se per dignidades altas. Foi representada ao muito nobre Rei D. Manuel, o primeiro em Portugal deste nome, em Almeirim, era do Redemptor de 1519.

AUTO DA BARCA DA GLORIA.

Primeiramente entrão cinco Anjos cantando, e trazem cinco remos com as cinco chagas, e entrão no seu batel.

Vem o Arrais do Inferno e diz ao seu Companheiro:

DIABO.

Cum Patudo, vé muy saltando,
Llámame la Muerte acá;
Díle que ando navegando,
Y que la estoy esperando,
Que luego volverá.

Vem a Morte.

MOR. Qué me quieres?

DIA. Que me digas porqué eres
Tanto de los pobrecitos?
Bajos hombres y mugeres,
Destos matas cuantos quieres,
Y tardan grandes y ricos.

En el viage primero
Me enviaste oficiales:
No fue mas que un caballero,
Y lo al, pueblo grosero.
Dejaste los principales
Y villanage
En el segundo viage,
Siendo mi barco ensecado.

Á pesar de mi linage,
 Los grandes de alto estado
 Cómo tardan en mi passage!

MORTE.

Tienen mas guaridas esos,
 Que lagartos de arenal.

DIA. De carne son y de huesos;
 Vengan, vengan, que son nuevos,
 Nuestro derecho real.

MOR. Ya lo hiciera,
 Su deuda paga me fuera;
 Mas el tiempo le da Dios,
 Y preces le dan espera:
 Pero deuda es verdadera,
 Y los porné ante vos.

Voyme allá de soticapa
 Á mi estrada seguida,
 Verás como no me escapa
 Desde el Conde hasta el Papa.

DIA. Haced prestes la partida
 En buenora.

COM. Pues el conde que vendrá ora,
 Irá echado, ó de qué suerte?

ANJ. O Virgen nuestra Señora,
 Sed vos su socorredora
 En la hora de la muerte.

Vem a Morte, e traz o Conde, e diz:

MORTE.

Señor Conde prosperado,
 Sobre todos mas ufano,
 Ya pasastes por mi vado.

CON. O Muerte! cuan trabajado

Salgo triste de tu mano!

MOR. No fue nada;

La peligrosa pasada

Desta muy honda ribera

Es mas fuerte y trabajada,

Mas terrible en gran manera.

Ved, Señor, si traeis flete *flete*
Para aquel barco del cielo.

CON. Allí iria yo por grumete.

MOR. Primero os sudará el topete.

CON. Tú no das nunca consuelo.

O Muerte oscura,

Pues me dieste sepultura,

No me des nuevas de mi.

Ya hundiste la figura

De mi carne sin ventura,

Tirana, déjame aqui.

MORTE.

Hablad con ese barquero,
Que yo voy hacer mi officio.

DIA. Señor Conde y caballero,

Dias ha que os espero,

Y estoy á vuestro servicio:

Todavia

Entre Vuesa Señoría,

Que bien larga está la plancha,

Y partamos con de dia:

Cantaremos á porfía

“Los hijos de Dona Sancha.”

CONDE.

Ha mucho que eres barquero?

DIA. Dos mil años ha y mas,

Y no paso por dinero.

Entrad, Señor pasagero.

CON. Nunca tú me pasarás.

DIA. Y pues quién?

Mirad, Señor, por iten

Os tengo acá en mi rol,

Y habeis de pasar allen.

Veis aquellos fuegos bien?

Allí se coge la frol.

Veis aquel gran fumo espeso,

Que sale daquellas peñas?

Allí perdereis el vueso,

Y mas, Señor, os confieso

Que habeis de mensar las greñas.

CON. Grande es Dios.

DIA. Á eso os ateneis vos,

Gosando ufano la vida

Con vicios de dos en dos,

Sin haber miedo de Dios,

Ni temor de la partida?

CONDE.

Tengo muy firme esperanza,

Y tuve dende la cuna,

Y fe sin tener mudanza.

DIA. Sin obras la confianza

Hace acá mucha fortuna!

Suso, andemos;

Entrad, Señor, no tardemos.

CON. Voyme á estotra embarcacion.

DIA. Id, que nos esperaremos.

CON. O muy preciosos remos,

Socorred mi aflicion.

L i ç ã o.

O parce mihi, Dios mio,
Quia nihil son mis dias:
 Porque ensalza tu poderio
 Al hombre, y das señorío,
 Y luego del te desvias?

Con favor
Visitas eum al alvor,
 Y súbito lo pruebas luego:
 Porque consientes, Señor,
 Que tu obra, y tu hechor,
 Sea deshecha nel fuego?

Ayudadme; remadores,
 De las altas hierarquias,
 Favoreced mis temores,
 Pues sabeis cuantos dolores
 Por mi sufrió el Mesías.
 Sabed cierto
 Como fue preso en el huerto,
 Y escupida su hermosura,
 Y dende allí fue, medio muerto,
 Llevado muy sin concierto
 Al juicio, sin ventura.

DIABO.

Ahora se os acordó?
 El asno muerto cevada.
 De vos bien seguro estó:
 Pensareis que no sé yo
 La vuesa vida pasada?

CON. Yo te requiero.

DIA. Vos, Señor Conde agorero,
 Fuisteis á Dios perezoso,

Á lo vano muy ligero,
 Á las hembras placentero,
 Á los pobres riguroso.

Viva Vuesa Señoría

Para siempre con querella.

CON. O gloriosa María!

DIA. Nunca un hora ni día

Os vi dar paso por ella.

Vem a Morte, e traz hum Duque, e diz:

MORTE.

Vos Señor

Duque de grande primor,
 Pensasteis de me escapar?

DUQ. O ánima pecador,

Con fortísimo dolor,
 Sales de flaco lugar!

Cómo quedas, cuerpo triste?

Dame nuevas, que es de ti.

Siempre en guerra me trajiste,

Con dolor me despediste,

Sin haber dolor de mí.

Tu hechura,

Que llamaban hermosura,

Y tú misma la adorabas,

Con su color y blancura,

Siempre vi tu sepultura,

Y nunca crédito me dabas.

DIABO.

O mi Duque y mi castillo,

Mi alma desesperada,

Siempre fuisteis amarillo,

Hecho oro de martillo;

Esta es vuesa posada.

DUQ. Cortesía.

DIA. Entre Vuesa Señoría,
Señor Duque, y remarás.

DUQ. Hace mucha maresía:
Estotra barca es la mia,
Y tú no me pasarás.

DIABO.

Veis aquella puente ardiendo,
Muy lejos allén del mar,
Y unas ruedas volviendo
De navajas, y heriendo?
Pues allí habeis de andar
Siempre jamas.

DUQ. Retro vaya Satanás!

DIA. Lucifer que me acreciente!
Señor Duque, allá irás,
Que la hiel se te reviente.

L i ç ã o.

DUQUE.

Manus tuæ, Domine,
Fecerunt me, y me criaste,
Et plasmaverunt me;
Decídme, Señor, porqué
Tan presto me derrocaste
De cabeza?
Ruégote que no escaeza
Quod sicut lutum me heciste,
No permitas que perezca;
Y si quieres que padezca,
Para qué me rediniste?
Pel y carne me vestiste,

Ossibus, nervis et vita,
 Misericordia atribuiste
 Al hombre que tú heciste;
 Pues ahora me visita.

DIA. Ralear,

Que os tengo de llevar
 Á los tormentos que visteis;
 Por demás os es resar,
 Que lo mio me han de dar,
 Y vos mismo á mí os disteis.

DUQUE.

O llaga daquel costado
 De la pasion dolorosa
 De mi Dios crucificado,
 Redimid al desterrado
 De su patria gloriosa.
 Embarquemos,
 Porque vuestros son los remos,
 Nuestro es el capitan.

DIA. Eso está en velohemos.

DUQ. O ángeles, qué haremos,
 Que no nos deja Satan?

ANJO.

Son las leis divinales
 Tan fundadas en derecho,
 Tan primas y tan iguales,
 Que Dios os quiere, mortales,
 Remediar vueso hecho.

DIA. Remadores,

Enviadme eses Señores,
 Que se tardan mucho allá.

DUQ. En vano hubo dolores

Christo por los pecadores?

Muy imposible será.

Pues es cierto que por nos
 Fue llevado ante Piato,
 Y acusado, siendo Dios;
 (Señores, no penseis vos
 Que le costamos barato)
 Y azotado
 Su cuerpo tan delicado,
 Solo de virgen nacido,
 Sin padre humano engendrado;
 Y despues fue coronado,
 Y de su corona herido.

Vem a Morte, e traz hum Rei, e diz o

REI.

Cuanto dolor se me ayunta!

MOR. Señor, qué es de vuesa alteza?

REI. Oh rigurosa pergunta!

Pues me la tienes defunta,
 No resuscites tristeza.

Oh ventura,
 Fortuna perversa escura!
 Pues vida desaparece,
 Y la muerte es de tristura,
 Adonde estás, gloria segura?
 Cual dichoso te merece?

DIABO.

Señor, quiero caminar,
 Vuesa Alteza ha de partir.

REI. Y por mar he de pasar?

DIA. Si, y aun tiene que sudar;
 Ca no fue nada el morir.

Pasmareis:

Si mirais, dahi vereis
 Adó sereis morador
 Naquellos fuegos que veis;
 Y llorando, cantareis
 “Nunca fue pena mayor.”

L i ç ã o.

REL.

Tædet anima mea
Vitæ meæ muy dolorida,
 Pues la gloria que desea
 Me quita que no la vea
 La muy pecadora vida
 Que pasé.

Loquar in amaritudne
 Palabras muy dolorosas;
 De mi alma hablaré
 Á mi Dios, y le diré,
 Con lagrimas piadosas:

Noli me condemnare,
Judica mihi, porque
 No me dejas quien me ampare:
 Si al infierno bajare,
 Tuyo so, cuyo seré?
 Ay de mí!

Cur me judices ansi?
 Pues de nada me heciste,
 Mándame pasar daqui:
 Ampárame, *fili Davi,*
 Que del cielo descendiste.

Responso.

O mi Dios, *ne recorderis*

Peccata mea, te ruego,
Naquel tiempo *dum veneris*,
Quando el siglo destruíeres,
Con tu gran saña, per fuego.
Dirige a mí
Vias meas para ti,
Que aparezca en tu presencia.

DIA. Vuesa Alteza vendrá aqui,
Porque nunca acá sentí
Que aprovechase adherencia.

Ni lisonjas, crer mentiras,
Ni voluntario apetito,
Ni puertos, ni algeciras,
Ni diamanes, ni zafiras,
Sino solo aquese esprito
Será asado:
Porque fuisteis adorado
Sin pensar serdes de tierra;
Con los grandes alterado,
De los chicos descuidado,
Fulminando injusta guerra.

(Vai-se o Rei á barca dos Anjos.)

REI.

O remos de gran valor!
O llagas por nos habidas!
ANJ. Plega á vuestro Redentor,
Nuestro Dios y criador,
Que os dé segundas vidas;
Porque es tal
La morada divinal,
Y de gloria tanto alta,
Que el ánimo humanal,

Si no viene oro tal
En ella, nunca se esmalta.

REI.

Buen Jesu, que apareciste
Todo en sangre bañado,
Y á Pilato oyiste,
Mostrándote ao pueblo triste,
— *Eis el hombre castigado!*
Y reclamaron,
Y con la cruz te cargaron,
Por todos los pecadores:
Pues por nos te flagelaron,
Y á la muerte te allegaron,
Esfuerza nuestros temores.

Vem a Morte e traz hum Imperador, e diz a

MORTE.

Prosperado Emperador,
Vuesa sacra Magestad
No era bien sabedor
Cuan fortísimo dolor
Es acabar la edad?
Y mas vos,
Quasi tenido por dios.

IMP. O Muerte, no mas heridas!

MOR. Pues otra mas recia tos

Es esta. IMP. *Sed libera nos*
De jornadas doloridas.

Adonde me traes, Muerte?

Qué te hice triste yo?

MOR. Yo voy hacer otra suerte;

Vos, Señor, hacéos fuerte,

Que vana gloria os mató.

IMP. Cuan estraños
Males das, vida de engaños,
Corta, ciega, triste, amara!
Contigo deço los años,
Entregásteme mis daños
Y volvisteme la cara.

 Mi triunfo allá te queda,
Mis culpas trayo connigo;
Deshecha tengo la rueda
De las plumas de oro y seda
Delante mi enemigo.

DIA. Es verdad,
Vuesa sacra Magestad,
Entrará neste navio
De muy buena voluntad;
Porque usastes crueldad
Y infinito desvario.

IMPERADOR.

 O maldito querubin!
Ansi como descendiste
De ángel á beleguin,
Querrias hacer á mí
Lo que á ti mismo hiciste?

DIA. Pues yo creo,
 Á segun yo ví é veo,
 Que de lindo emperador
 Habeis de volver muy feo.

IMP. No hará Dios tu deseo.

DIA. Ni el vuestro, mi Señor.
 Veis aquellos despeñados,
 Que echan daquellas alturas?
 Son los mas altos estados

Que vivieron adorados,
 Sus hechos y sus figuras;
 Y no dieron,
 En los días que vivieron,
 Castigo á los ufanos,
 Que los pequeños royeron,
 Y por su mal consintieron
 Cuanto quisieron tiranos.

L i ç ã o.

IMPERADOR.

*Quis mihi hoc tribuat
 Ut in inferno protegas me?*
 Con mi flaca humanidad,
 De tu ira y gravedad
 Adonde me esconderé?
 O Señor,
 Pase breve tu terror;
 Á mis culpas da pasada.
Vocabis me pecador,
 Responderte heí con dolor
 De mi ánima turbada.

Responso.

O libera me, Domine,
 De muerte, eterna contienda:
 En ti siempre tuve fe,
 Tú me pone *juxta te*,
In die illa tremenda.
Quando cæli
Sunt movendi contra mí,
 Y las sierras y montañas,
 Por la bondad que es en ti,

Que te acuerdes que naci
De pecadoras entrañas.

Vai-se o Imperador aos Anjos, e diz o Diabo:

DIABO.

Allá vais? acá verneis,
Que acá os tengo escrito.
Por mais que me receleis,
Vos y los otros ireis
Para el infierno bendito.

IMP. No he temor;

Piadoso es el Señor.

Dios os salve, remadores!

ANJ. Bien vengais, Emperador.

IMP. Angélico resplandor,

Considerad nuestros dolores.

Adóroos, llagas preciosas,
Remos del mar mas profundo!

O insignias piadosas

De las manos gloriosas,

Las que pintaron el mundo;

Y otras dos

De los piés, remos por nos,

De la parte de la tierra!

Esos remos vos dió Dios

Para que nos libreis vos,

Y paseis de tanta guerra.

ANJO.

No podemos mas hacer

Que desear vuestro bien,

Vuestro bien, nuestro placer:

Nuestro placer es querer

Que no se pierda alguien.

DIA. Qué pide allá?

Tuvo el paraiso acullá,
No le falta sino pena;
La pena prestes está.

IMP. La pasion me librará
De tu infernal cadena.

Vivo es el esforzado
Gran capitan por natura,
Que por nos fue tan cargado
Con la cruz en el costado
Por la calle de amargura;
Y pregones
Denunciando las pasiones
De su muerte tan cercana;
Y llevada con sayones
Al monte de los ladrones
La magestad soberana.

Vem a Morte, e traz hum Bispo, e diz o

BISPO.

Muy crueles voces dan
Los gusanos cuantos son,
Adó mis carnes estan,
Sobre cuales comeran
Primero mi corazon.

MOR. No cureis,

Señor Obispo; hecho es:
Á todos hago esa guerra.

BIS. O mis manos y mis piés,
Cuán sin consuelo estarés,
Y cuán presto sereis tierra!

DIABO.

Pues que venís tan cansado,

Verneis aqui descansar,
Porque ireis bien asentado.

Bis. Barquero tan desastrado
No ha obispos de pasar.

DIA. Sin porfia:

Entre Vuesa Señoría,
Que este batel infernal
Ganaste por fantasía,
Halcones de altanaría,
Y cosas deste metal.

De ahí donde estais vereis
Unas calderas de pez,
Adonde os cocereis,
Y la corona asareis,
Y freireis la vejez.
Obispo honrado,
Porque fuiste desposado
Siempre desde juventud,
De vuestros hijos amado,
Santo bienaventurado,
Tal sea vuestra salud.

L i ç ã o.

Bispo.

Responde mihi cuantas son
Mis maldades y pecados,
Veremos si tu pasión
Bastará á mi redención,
Aun que mil veces doblados.
Pues me heciste,
Cur faciem tuam escondiste,
Y niegas tu piedad
Al ánima que redimiste?

Contra folium escribiste
Amargura y crueldad.

Responso.

Memento mei, Deus Señor,
Quia ventus est vita mea ;
Memento mei, redentor,
Envia esfuerzo al temor
De mi alma dolorida.
Ay de mi!
De profundis clamavi,
Exaudi mi oracion.

DIA. Obispo, pareceme á mi
Que habeis de volver aqui
Á esta santa embarcacion.

(Vai-se o Bispo aos Anjos e diz:)

BISPO.

O remos maravillosos,
O barca nueva segura,
Socorro de los llorosos ;
O barqueros gloriosos,
En vos está la ventura.
He dejado
Mi triste cuerpo cuitado
Del vano mundo partido,
De todas fuerzas robado,
Del alma desamparado,
Con dolores despedido.

Bien basta fortuna tanta ;
Pasadme esta alma por Dios,
Porque el infierno me espanta.

ANJ. Si ella no viene santa,
Gran tormenta correis vos.

Bis. Yo confío

En Jesu Redentor mio,
Que por mí se desnudó,
Puestas sus llagas al frio;
Se clavó naquel navío
De la cruz donde espiró.

Vem a Morte e traz hum Arcebispo, e diz a

MORTE.

Señor Arzobispo amigo,
Que os parece de mí?
Bien peleaste conmigo.

ARC. No puede nadie contigo,
É yo nunca te temi.
O muerte amara!
La vida nos cuesta cara,
El nacer no es provecho.

MOR. Voy hacer otra ceara.

ARC. O facciones de mi cara!
O mi cuerpo tierra hecho!
Qué aprovecha en el vivir
Trabajar por descansar?
Qué se monta en presumir?
De qué sirve en el morir
Candela para cegar?
Ni placer
En el mundo por vencer
Estado de alta suerte,
Pues presto deja de ser?
Nos morimos por lo haber,
Y es todo de la muerte.

DIABO.

Lo que da, es lo seguro.

Señor, venga acá ese espíritu.

ARC. Oh qué barco tan oscuro!

DIA. En él ireis, yo os lo juro.

ARC. Como me espantas, maldito,
Indiablado!

DIA. Vos, Arzobispo alterado,
Teneis acá que sudar:
Moristes muy desatado,
Y en vida ahogado
Con deseos de papar.
. Quien anduvo á puja larga
Anda acá por la bolina:
Lo mas dulce acá se amarga,
Vos caisteis con la carga
De la iglesia divina.
Los menguados,
Pobres y desamparados,
Cuyos dineros lograsteis,
Deseosos, hambreados,
Y los dineros cerrados,
En abierto los dejasteis.

ARCEBISPO.

Eso y mas puedes decir.

DIA. Ora pues, alto, embarcar.

ARC. No tengo contigo de ir.

DIA. Señor, habeis de venir
Á poblar nuestro lugar:
Véislo está.

Vuestra Señoría irá
En cien mil pedazos hecho;
Y para siempre estará

En agua que herverá,
Y nunca sereis deshecho.

L i ç ã o.

ARCEBISPO.

Spiritus meus, tu hechura,
Attenuabitur; mis dias
Breviabuntur, y tristura
Me sobra, y la sepultura:
No sé porque me hacias.
Non peccavi,
Putredine mea dixi,
Padre y madre mia eres,
Vermibus soror et amici;
Quare fuisti me inimici,
Señor de todos poderes?

Responso.

Credo quod Redemptor
Meus vivit, y lo veré.

DIA. Vereis, por vuestro dolor.

ARC. Mas porque es mi salvador,

Yo en él me salvaré.

Dios verdadero

En el dia postrimero

De terra surrecturus sum,

Et in carne mea entero

Videbo Deum cordero,

Christum salvatorem meum.

(Vai-se o Arcebispo aos Anjos, e diz:)

ARCEBISPO.

Dadnos alguna esperanza,
Barquero del mar del cielo:
Por la llaga de la lanza,

Que nos paseis con bonanza
 Á la tierra de consuelo.

ANJ. Es fuerte cosa

Entrar en barca gloriosa.

ARC. Reina que al cielo subiste,

Sobre los coros lustrosa,

Del que te crió esposa,

Y tú virgen lo pariste;

Pues que súpita dolor

Por San Juan recibiste,

Con nuevas del Redentor,

Y, mudado lo color,

Muerta en tierra descendiste;

Oh despierta,

Pues es del cielo puerta!

Levántate, cerrada huerta;

Con tu hijo nos concierta,

Madre de consolacion;

Mira nuestra redencion,

Que Satan la desconcierta.

Vem a Morte com hum Cardeal, e diz a

MORTE.

Vos, Cardenal, perdonad,

Que no pude mas aína.

CAR. O guia de escuridad,

Robadora de la edad,

Ligera ave de rapina!

Qué mudanza

Hizo mi triste esperanza!

Fortuna, que me ayudaba,

Pesó en mortal balanza

La firmeza y confianza
Que el falso mundo me daba.

DIABO.

Domine Cardinalis,
Entre vuestra Preeminencia,
Ireis ver vuessos iguales
Á las penas infernales,
Haciendo su penitencia:
Pues moristeis
Llorando porque no fuisteis
Siquiera dos dias papa,
Y á Dios no agradecisteis,
Viendo cuan bajo os visteis,
Y en despues os dió tal capa.

Y no quiero declarar
Cosas mas para decir:
Determinad de embarcar,
Y luego sin dilatar,
Que no teneis que argüir.
Sois perdido:
Oyes aquel gran ruido
Nel lago de los leones?
Despertad bien el oido:
Vos sereis allí comido
De canes y de dragones.

L i ç ã o.

CARDEAL.

Todo hombre que es nacido
De muger, tien breve vida;
Que cuasi flos es salido,
Y luego presto abatido,
Y su alma perseguida.

Y no pensamos,
 Cuando la vida gozamos,
 Como della nos partimos;
 Y como sombra pasamos,
 Y en dolores acabamos,
 Porque en dolores nacimos.

Responso.

*Peccantem me quotidie,
 Et non me pœnitentem (triste!)
 Sancte Deus, adjuva me;
 Pues fue christiana mi fe,
 Succurre dolores, Christe.
 O Dios eterno,
 Señor, quia in inferno
 Nulla est redemptio,
 O poderio sempiterno,
 Remedia mi mal moderno,
 Que no sé por donde vo.*

(Vai-se o Cardeal ao batel dos Anjos, e diz o)

DIABO.

Váiste, Señor Cardenal?

Vuelta, vuelta á los Francezes.

CAR. Déjame, plaga infernal.

DIA. Vos visteis por vueso mal
 Los años, dias y meses.

CAR. Marineros,
 Remadores verdaderos,
 Llagas, remos, caravela,
 Embarcad los pasajeros,
 Que vos sois nuestros remeros,
 Y la piedad la vela.

ANJO.

Socoréos, Cardinal,
 À la madre del Señor.

CAR. O Reina celestial,
 Abogada general
 Delante del Redentor;
 Por el dia,
 Señora Virgen Maria,
 En que lo viste llevar
 Tal que no se conocia,
 Y vuesa vida moria,
 Nos queirais resucitar.

Vem a Morte e traz hum Papa, e diz a

MORTE.

Vos, Padre sancto, pensasteis
 Ser immortal? Tal os visteis,
 Nunca me considerasteis,
 Tanto en vos os enlevasteis,
 Que nunca me conocisteis.

PAP. Ya venciste,
 Mi poder me destrüiste
 Con dolor descompasado.
 O Eva! porque pariste
 Esta Muerte amara y triste
 Al pié del arbol vedado?
 Estais viva, y has parido
 Á todos tus hijos muertos;
 Y mataste á tu marido,
 Poniendo á Dios en olvido
 En el huerto de los huertos.
 Véisme aqui
 Muy triste, porque naci,

Del mundo y vida quejoso.
Mi alto estado perdí,
Veo el diablo ante mí,
Y no cierto el mi reposo.

DIABO.

Venga Vuesa Santidad
En buenora, Padre Santo,
Beatísima magestad
De tan alta dignidad,
Que moriste de quebranto.
Vos ireis,
En este batel que veis,
Connigo a Lucifér;
Y la mitra quitareis,
Y los pies le besareis;
Y esto luego ha de ser.

PAPA.

Sabes tú que soy sagrado
Vicario en el santo templo?
DIA. Cuanto mas de alto estado,
Tanto mas es obligado
Dar á todos buen ejemplo,
Y ser llano,
Á todos manso y humano.
Cuanto mas ser de corona,
Antes muerto que tirano,
Antes pobre que mundano,
Como fue vuestra persona.
Lujuria os desconsagró,
Soberbia os hizo daño;
Y lo mas que os condanó,
Simonía con engaño.

Venid embarcar.
 Veis aquellos azotar
 Con vergas de hierro ardiendo,
 Y despues atanazar?
 Pues allí habeis de andar
 Para siempre padeciendo.

L i ç ã o.

PAPA.

Quare de vulva me eduxisti
 Mi cuerpo y alma, Señor?
 En tu silla me subiste,
 En tu lugar me pusiste,
 Y me heciste tu pastor:
 Mejor fuera
 Que del vientre no saliera,
 Y antes no hubiera sido,
 Ni ojo de hombre me viera,
 Y como fuego á la cera
 Me hubieras consumido.

Responso.

Heu mihi! heu mihi! Señor,
Quia peccavi nimis in vita:
Quid faciam, miser peccador?
Ubi fugiam, malhechor?
 O piedad infinita,
 Para ti.
 Amercéate de mí,
 Que para siempre no llore:
 Mándame pasar daqui,
 Que nel infierno no ha hí
 Quien te loe ni te adore.

DIABO.

Que me penan esos puntos,
 Despues que pasa el vivir!
 Mirad, Señores difuntos,
 Todos cuantos estais juntos
 Para el infierno habeis de ir.

ANJ. O Pastor,

Porque fuiste guiador
 De toda la Christandad,
 Hemos de ti dolor:
 Plega a Jesu Salvador
 Que te envie piedad.

PAPA.

O gloriosa María,
 Por las lágrimas sin cuento
 Que lloraste en aquel dia
 Que tu hijo padecia,
 Que nos libres de tormento,
 Sin tardar;
 Por aquel dolor sin par,
 Cuando en tus brazos lo viste,
 No le pudiendo hablar,
 Y lo viste sepultar,
 Y sin él, dél te partiste.

ANJO.

Vuestras preces y clamores,
 Amigos, no son oidas:
 Pésanos tales señores
 Iren á aquellos ardores
 Ánimas tan escogidas.
 Desferir;
 Ordenemos de partir:

Desferir, bota batel:
 Vosotros no podeis ir,
 Que en los yerros del vivir
 No os acordasteis dél.

Nota que neste passo os Anjos desferem a vela em que está o crucifixo pintado, e todos assentados de joelhos, lhe dizem cada hum sua oração. Primeiro começa o Papa, dizendo:

PAPA.

O Pastor crucificado,
 Como dejas tus ovejas,
 Y tu tan caro ganado!
 Y pues tanto te ha costado,
 Inclina á él tus orejas.

IMP. Redentor,
 Echa el áncora, Señor,
 En el hondon desa mar:
 De divino criador,
 De humano redentor,
 No te quieras alargar.

REI.

O Capitan General
 Vencedor de nuestra guerra;
 Pues por nos fuiste mortal,
 No consientas tanto mal;
 Manda remar para tierra.

CAR. No quedemos;
 Manda que metan los remos,
 Hace la barca mas ancha.
 O Señor, que perecemos!
 O Señor, que nos tememos!
 Mándanos poner la prancha.

DUQUE.

O Cordero delicado,
 Pues por nos estás herido,
 Muerto y tan atormentado;
 Cómo te vas alongado
 De nuestro bien prometido?

ARC. *Filii Davi,*

Cómo te partes daqui?
 Al inferno nos envias?
 La piedad que es en ti,
 Cómo la niegas así?
 Porqué nos dejas, Mesías?

CONDE.

O Cordero divinal,
 Médico do nuestro daño,
 Viva fuente perenal,
 Nuesa carne natural;
 No permitas tanto daño.

BIS. O flor divina,

In adjuvandum me festina,
 Y no te vayas sin nos;
 Tu clemencia á nos inclina,
 Sácanos de foz malina,
 Benigno hijo de Dios.

Não fazendo os Anjos menção destas preces, começaram a botar o batel ás varas, e as Almas fizeram em roda hũa musica a modo de pranto, com grandes admirações de dor; e veio Christo da resurreição, e repartio por elles os remos das chagas, e os levou consigo.



F I G U R A S.

P R O L O G O.

ANJO.

LUCIFER — Maioral do Inferno.	MORTE.
BELIAL — Meirinho da sua côrte.	ABEL.
SATANAZ — Fidalgo do seu Conselho.	JOB.
ANJO.	ABRAHÃO.
MUNDO.	MOISES.
TEMPO — Seu Veador.	DAVID.
EVA.	ISAIAS.
ADÃO.	BELZEBU.
	S. JOÃO.
	JESU CHRISTO.

O auto que se segue he intitulado Breve Summario da historia de Deos. Foi representado ao muito alto e mui poderoso Rei Dom João, o terceiro deste nome em Portugal, e á Serenissima e muito esclarecida Rainha Dona Catherina, em Almeirim, na era do Senhor de 1527.

AUTO DA HISTORIA DE DEOS.

Entra hum Anjo, e a modo de argumento diz o seguinte introito.

ANJO.

Ainda que todas cousas passadas
Sejão notorias a Vossas Altezas,
A história de Deos tem taes profundezas,
Que nunca se perde em ser recontadas.
E porque o tenor
Da resurreição de nosso Senhor
Tem as raizes naquelle pomar,
Ao pé d'aquella árvore que ouvistes contar,
Aonde Adão se fez peccador,
Convem se lembrar.

Portanto o exordio do auto presente
Começa tractando desta criação,
E como Lucifer tomou gran paixão
De Deos crear mundo tão resplandecente.
E assi a inveja
E a sua malicia d'inveja sobeja
Por ver nossos padres assi nobrecidos,
Feitos gloriosos, tão esclarecidos,
Que não pelos olhos lhe armárão peleja,
Mas pelos ouvidos.

Entrará primeiro o muito soberbo
Lucifer, anjo que foi dos maiores,
E Belial e Satanaz, senhores

De muita maldade de verbo a verbo.

Agora vereis

O que por diversos doctores lereis

D'ab initio mundi até á resurreição;

Á qual se endereça a final tenção

Dos versos seguintes. Não vos enfadeis,

Que breves serão.

Entra Lucifer, o Maioral do Inferno, e com elle Belial, Meirinho da sua côrte, e Satanaz, Fidalgo do seu Conselho; e depois de assentado diz

LUCIFER.

Venho herege do mundo que fez

O Deos lá de cima tão longo e tão passo,

Feito de nada por tanto compasso,

Tal que pasmado fico eu desta vez.

BEL. Mais he d'espantar

Do homem e mulher que fez no pomar.

LUC. Isso queria eu agora dizer;

Porque daquelles podem proceder

Tantos espiritos, que possão ganhar

O que fomos perder.

Hajamos conselho sôbre esta façanha,

Que Deos não nos ha de leixar acuar:

Todo seu feito he fazer-nos pesar,

Alem de deitar-nos de sua companha.

BEL. Assi me parece.

SAT. De Adão e Eva que mal nos recrece?

BEL. Dar Deos a elles o que nos tomou.

SAT. Dar Deos a elles o que nos tomou?

BEL. Não cuides tu al; que este he o alicesse

Em que se fundou.

SATANAZ.

Pois que remedio? que este mal he muito!

LUC. Deos lhe mandou mandado mui forte,
Sob pena de dores, trabalhos e morte,
Que não lhe tocassem em hum certo fruto,
Fruito da sciencia;
Porque perderão sua innocencia,
Angelica em parte, subtil e immortal,
E a posição do paraizo terreal:
Isto em peccando, á primeira audiencia
Sentença final.

Vae tu, Satanaz, por embaixador,
Eu te dou meu comprido poder;
E vae-te a Eva, porque he mulher,
E dize que coma, não haja temor:
E, como avisado,
Lhe falla cortez e mui repousado,
Mostrando-te alegre com todo seu bem,
E seu muito amigo maior que ninguem:
Minte-lhe largo, e dá-lhe o cuidado
Que agora não tem.

Vem tomar graça, pois has de prégar
Á mais avisada senhora do mundo:
Eu te outorgo meu poder facundo.
Não hajas dó della, faze-a finar,
Destruê-la asinha;
Nem por formosa, nem por ser rainha,
Não olhes por nada, aperta com ella:
Que como a vences, sem ti, mesma ella
Fará ao marido cobrir-se de tinha,
E muito mais qu'ella.

SATANAZ.

Em que figura lhe fallarei bem?

LUC. Faze-te cobra, por dissimular,
 Porque pareças do mesmo pomar,
 Que sabes das fructas as graças que tem;
 Porque has de dizer:
 Senhora fermosa, deveis de saber
 Que aquella fructa que vos foi vedada
 Oh! quanta sciencia em si tem cerrada.

SAT. Ja vos entendo, não falleis mais nada;
 Leixae-me fazer.

*Partido o tentador Satanaz, Belial anojado de inveja
 porque Lucifer o não mandou a elle, diz:*

BELIAL.

Crede hũa cousa, Senhor Lucifer,
 Que não ha hi pena que seja igual
 Áquella que sente o grande official,
 Quando ninguem lhe dá que fazer.
 Eu sou dos primeiros
 E o vosso leal entre os cavalleiros,
 E mais sou Meirinho desta vossa côrte.
 Vós não fazeis guerra em que eu faça sorte,
 E sendo meirinho sem prisioneiros
 Me pesa de morte.

E foste mandar Satanaz agora
 Com todo poder de vosso vigor,
 Accrescentado por embaixador,
 Ao novo Senhor e nova Senhora,
 Porém a mim não.
 Se lá me mandáras, me houvera por cão,
 Se não os fizera per fôrça peccar:
 Logo per fôrça os fizera tragar

Quantas maçans naquella árvore estão,
Sem as mastigar.

LUCIFER.

Onde fôrça ha perdemos direito ;
Que o fino peccado ha de ser de vontade,
Formando desprêzo contra a Magestade ;
E não serão nossos, se for d'outro geito.
E porque he errar
Mandar o soberbo a negociar
Cousas que hão de ser feitas per manha,
Não te mandei: que a furia não ganha ;
Mas doces palavras e dissimular
Faz toda a façanha.

Satanaz sei que os fara peccar
Per suas vontades, segundo he manhoso
E mui lisongeiro, e falla mimoso,
E sabe mentir com graça e com ar.
E se elle acabasse,
Convem a saber, que me derribasse
Aquelles monarchas do mundo primeiros,
Tu terias somma de prisioneiros,
Meu fogo tambem em que se occupasse,
E meus cozinheiros.

*Vem o tentador Satanaz com muita alegria porque
leixa acabado seu negócio, e diz:*

SATANAZ.

Senhor Lucifer, prazer hi não ha
Que dê pelos pés ao do vencimento:
Alegrae-vos muito e o nosso convento,
Que vosso desejo cumprido está.
Ja são derrubados
Adão e Eva os primeiros casados,

Voltas as vodas em pranto mui forte,
O gôzo em lagrimas, a alegria em morte,
A vida em suspiros, prazer em cuidado,
Ventura sem sorte.

He ja convertida esperança em temores,
Em pena tambem a seguridade,
Repouso em favor, e a liberdade
Deixo-a captiva em vivas dolores;
E o paraizo
Lhe fica bem longe do seu pouco siso,
E he pera rir de seu desatino:
Porque o fruto era pequenino,
E pera fazerem tal regno diviso
Não era tão fino.

Porém crede vós que são destruidas
Duas creaturas mui maravilhosas,
Muito acabadas, e tão graciosas,
Que tarde verão outras taes nascidas.
Emfim que, Senhor,
Comerão seu pão com grande suor,
Seu mal tem ja certo, o bem duvidoso.
Oh como andava Adão tão mimoso,
E Eva cuberta de grande esplendor!
Mas eu fui ditoso.

LUCIFER.

Faço-te Duque e meu Capitão
Dos regnos do mundo até sua fim.
Pois os paes venceste, os filhos assi
Trabalha e procura que venhão á mão;
Que poderá ser
Que alguns farão tão grande prazer
Ao Deos offendido com tanta vontade,

Que da sua ira farão piedade,
E sua justiça farão converter
Em benignidade.

SATANAZ.

Bofá, meus amigos, já eu 'stou cevado:
Nenhum que nascer não m'ha d'escapar.
Oh quantas manhas que sei de lutar,
E quantos enganos que tenho estudado!
Venha embora
O rico ou pobre, senhor ou senhora,
Ou seja villão, ou frade ou freira,
De todas as sortes lhe sei a maneira.
Não fallemos nisto jamais per agora,
Que feita he a pesqueira.

Entra hum Anjo com hum relógio na mão, e traz consigo o Mundo vestido como rei, e o Tempo diante como seu Veador; e diz o

ANJO.

Deus, cui proprium est miserere,
Porque o seu proprio he perdoar,
De todo a sanha não quer executar,
E a summa bondade assim lh'o requiere.
Ca Deos he grandeza,
E he poderio e he fortaleza,
E sabedoria, virtude e verdade,
Glória: tudo isto tem de propriedade;
E estas dignidades tem por natureza
Usar de piedade.

E porque o peccado he em si temporal,
E a bondade de Deos he infinda,
Precede em grandeza toda a cousa finda,
E ser poderoso he seu natural.

A justiça porém
Quando executa, não cuida ninguém
Que he com mil partes o que merecia.
Adão he deitado de sua alegria,
Porque por seu mal não pôde c'o bem
Que Deos lhe queria.

E porém comtudo piedoso tornado,
Manda-te, Mundo, agasalhar Adão
E todos aquelles que procederão
De sua semente, de qualquer estado,
E lhes dê folgança,
E todas cousas em muita abastança:
Os peixes, que vão per carreiras do mar;
Aves, que andão as vias do ar;
Ovelhas e bois, e toda abondança
Os leixa lograr.

Porque, ainda que são peccadores,
Não tem outro padre senão o Senhor,
Que não quer a morte ao peccador,
Mas antes que viva e lhe dê louvores.
E a ti porém
Manda-te, Tempo, que temperes bem
Este relogio, que te dou, das vidas;
E como as horas forem cumpridas
De que fez mercê á vida d'alguem,
Serão despedidas.

Assi que tu, Mundo, os gasalharás,
E Satanaz os aconselhará,
O Tempo e relogio os despedirá,
A morte sera o que tu verás.
Eis aqui vem
O padre Adão, e Eva tambem ;

E como saudosos do seu paraizo,
 Com dor dolorosa de tal improviso,
 Assi desterrados de todo seu bem,
 Vem fallando nisso.

EVA.

Oh como os ramos do nosso pomar
 Ficão cubertos de celestes rosas!
 Ó doces verduras, ó fontes graciosas,
 Quem nunca vos vira pera se lembrar!

ADÃ. Lembremo-nos ora

De nosso remédio, mulher e senhora,
 Porque isto he o que havemos mister.

EVA. Ó senhor, quem póde cobrar tal perder,
 Que possa perder lembrança meia hora
 De tanto prazer?

ADÃO.

Poderoso he o Padre na glória dos Ceos,
 Poderoso he o Padre no nosso paraizo,
 Poderoso he o Padre neste triste abiso,
 Em todo logar poderoso he Deos;
 E não vos mateis.

EVA. Segundo o que sinto, vós, senhor, quereis
 Que queira soffrer, e meu mal não quer;
 Minha dor he grande, e eu sou mulher
 Tão desconfiada, como vós sabeis
 Que devo de ser.

A dor e tristeza he no meu coração,
 No meu coração está minha vida,
 E na minha vida está minha ferida,
 De que meus cuidados feridos estão.

ADÃ. Leixae-me dizer,

Eu vos direi que haveis de fazer.

Ajuntae-me a somma de vossos cuidados
Aos meus tristes apaixonados,
E dae-m'os a mim, porque eu hei d'ir ter
Cuidados dobrados.

EVA.

Senhor, bem o creio; mas vós bem ouvistes
O que me disse o Senhor dos senhores:
Que eu pariria com mortaes dolores,
A mais desterrada na terra dos tristes.
Oh! triste de mi!
Cada hum de nós penará por si;
Vós tereis cuidados e eu muitos cuidados,
Os nossos prazeres serão trabalhados:
Oh quantos trabalhos teremos aqui
Por nossos peccados!

ADÃO.

Dae ora logar, senhora querida,
Que passe esse pranto; e nós descansemos;
Catemos abrigo em que nos abriguemos.
Pois nos obrigamos a misera vida,
Façamos pendenza;
Cumpramos os termos da nossa sentença,
Pois não cumprimos o que nos cumpria.
Paciencia, senhora, que o nojo em porfia
Remédio não causa, nem tira doença,
Mas antes a cria.

MUNDO.

De vosso desastre me pesou assaz;
E, como o Anjo aqui o contasse,
Nunca tive cousa de que mais me pesasse.
Porém por engano tudo se faz.
O Diabo he demo;

Porque he o rapaz tao subtil em extremo,
Que não ha bugio tão mal inclinado.

ADÃ. Quem sois vós, que assi estais ornado?

MUN. Eu sam o Mundo, que remo meu remo
Em vosso cuidado.

Se vós não houvesseis pezar em dizê-lo,
Desejo saber por que via entrou
Aquelle galante que vos enleou;
Não pera usa-lo, mas pera sabê-lo.

EVA. Senhor, sabereis,

Dizendo em somma o que me requ'reis,
Que eu concebi neste meu spirito
Aquelles enganos do anjo maldito;
E assi concebida, agora vereis
O meu apêrto.

Digo que, prenhe, minha alma e vida
Assi concebida do verbo corrupto,
Desejei, de prenhe, fartar-me do fructo
Da árvore sancta por Deos defendida.
E como comi,

(apparece a Morte)

Vêdes allí, Senhor, que pari;
Vêdes a minha triste paridura:
Essa he a filha da mãe sem ventura,
Isto nasceu da triste de mi,
Por nossa tristura.

ADÃO.

Vêdes aqui, Senhor Mundo, a nossa
Parteira da terra, herdeira das vidas,
Senhora dos vermes, guia das partidas,
Rainha dos prantos, e nunca ociosa,
Adela das dores,

A embaladeira dos grandes senhores,
Cruel regateira, que a todos enleia.

MUN. Não vos espanteis de pessoa tão feia,
Porque cada hum desses lavradores
Colhe o que semeia.

Hou! que dizes, Tempo? TEM. Eu não digo nada:
Eu lhes fallarei lá na derradeira;
Agasalha-os tu, que he gente estrangeira.

MUN. Cortae dessa rama, fazei a pousada,
E va Adão cavar:
Semeae das favas, que haveis de suar:
Comei dessa fructa amargosa, monteza,
E fie da lan a primeira princeza,
Até qu'essa Morçe vos venha chamar,
E muito depressa.

Apartão-se do auto Adão e Eva, e diz o

MUNDO.

Ora venha Abel seu filho carnal,
E não façais conta aqui de Caïn,
Que como o homem he homem ruim,
Pera que he delle fazer cabedal?
Abel he pastor
Amigo de Deos e bom servidor,
Por isso lhe crescem a ôlho seus gados.

TEM. Pois porque tem dias tão abreviados?

MUN. São fundos segredos que tem o Senhor
Pera si guardados.

Entra Abel pastor, cantando o seguinte

Vilancete.

ABEL

“Adorae, montanhas,
“O Deos das alturas,

“Tambem as verduras;
 “Adorae, desertos
 “E serras floridas,
 “O Deos dos secretos,
 “O Senhor das vidas:
 “Ribeiras crescidas,
 “Louvae nas alturas
 “Deos das creaturas.
 “Louvae, arvoredos
 “De fructo presado,
 “Digão os penedos,
 “Deos seja louvado,
 “E louve meu gado
 “Nestas verduras,
 “O Deos das alturas.”

SATANAZ.

Oh como cantas tão doce, pastor!
 Quanta doçura que nasceu contigo!
 Conselho-te, irmão, senhor e amigo,
 Que te estimes muito: pois es tal cantor,
 Bem he que te prezes.
 Tu es mais formoso que teu pae mil vezes:
 E se eu a ti fosse leixaria o gado,
 Que andas nos matos mui mal empregado,
 Mancebo disposto: e não te desprezes
 De ser namorado.

ABEL.

Queria ora mais faltar o meu gado,
 Sem fazer nojo nem perda a ninguem.

SAT. Queres que engorde o teu gado bem?
 Sempre apascenta em pasto vedado.

ABE. Quem te mette a ti

A aconselhares outrem, nem menos a mi,
Sem te pedirem conselho nem nada?

SAT. He tanta a virtude que tenho sobrada,
Que sempre isto faço e fiz atéqui
A cada passada.

ABEL.

Oh! e tu gabas-te e fazes-te sancto?
Juro-te, amigo, que hypocrita es.
Torna-te monge, descalça esses pés,
E seras fino nessa arte dez tanto:
A isto te espero.

SAT. Este he o homem que busco e quero.
Muito desejo tua companhia,
E sem mais soldada, com muita alegria,
Prometto servir-te como escravo mero
De noute e de dia.

TEMPO.

Despachae, Abel, parti pola fria,
Que ja vossas horas estão consumidas.

ABE. Ó Tempo, tão curtas são aqui as vidas?
Senhor, agravais-me, que ainda crescia;
Não ha aqui justiça.

Leixae-me, Morte. MOR. O Tempo me atiça.

ABE. Onde me levas? MOR. Lá t'o dirão.

ABE. Mundo, não me vales? MUN. Está bem á mão.

TEM. Pois não se t'escusa, não hajas preguiça:
Não tomes paixão.

Entra Abel na escuridade do Limbo e diz:

ABEL.

Despois de viver vida trabalhada,
Despois de passada tão misera morte,
Este he o abrigo, esta he a pousada!

BEL. E esse he o siso,
 Depois que vos vêdes neste sancto abiso,
 Depois que estais fóra de guardardes gado,
 Depois que cobraste tal valle abrigado,
 Depois de vizinho no nosso paraizo,
 Nos dais esse grado?

Sus, sus, á corrente. Luc. Aperta-o mui bem
 Que nunca Satan o pôde enganar,
 Porque elle fôra pousar no logar
 Onde pera sempre não virá ninguem,
 Senão outros taes.

BEL. Has tu saudade de ir ver a teus paes,
 Ou por ventura das tuas ovelhas?

ABE. Ó Senhor Deos! pois tal me apparelhas,
 Recebe meus gritos, prantos e ais,
 Nas tuas orelhas.

TEMPO.

Vós, padre Adão, e vossa parceira,
 Chegemos á vara, ja sabeis meu mando;
 Mil annos ha que estou esperando;
 Esta he a vossa hora derradeira.

ADÃ. Ó Tempo, espera!

TEM. Este relógio não se destempera,
 He muito certo e muito facundo.

ADÃ. Queria fallar hum pouco c'o Mundo:
 Não apparelharei eu o panno e a cera?
 Ora he caso profundo!

TEMPO.

Alto, despachae: e vós aguardais?
 Fazeis o alforge á hora da ida?

ADÃ. Dá-me siquer hum dia de vida.

TEM. Diz ca o relógio que não tendes mais;

Nem ha li maneira.

MOR. Não sabeis vós que sou vossa herdeira,

E a vossa filha a primeira gerada?

ADÃ. Ó triste Morte, como es apertada!

Como es espantosa, em tanta maneira

Desaventurada!

Entrando na casa de sua prisão, e achando Abel, seu filho, preso naquella infernal estancia, fizeram todos hum pranto, cantando a tres vozes; e acabando diz o

MUNDO.

Eis Job vem fallando ha grande pedaço,

Triste com causa de ter gran tristeza.

TEM. Oh quantos haveres e quanta riqueza

Perde aquelle homem em tão pouco espaço!

MUN. Infinitos gados

E muitos haveres lhe tenho ja dados,

E tudo lhe foi atravez brevemente;

Porque Satanaz o achou excellente,

Todos seus bens lhe tem assolados;

E Job paciente.

JOB.

Se os bens do mundo nos dá a ventura,

Tambem em ventura está quem os tem.

O bem que he mudavel não póde ser bem,

Mas mal, pois he causa de tanta tristura;

E se Deos os dá,

Como eu creio mui bem que sera,

E a fortuna tem tanto poder,

Que os tira logo cada vez que quer,

O segredo disto, oh! quem m'o dirá,

Pera o eu saber?

SATANAZ.

Fallemos hum pouco, Job, a de parte
 Sôbre esse segredo, verás que te digo.
 Eu quero-te bem e sou teu amigo,
 Sem usar comtigo cautela nem arte.
 Tu saberas,
 E não me descubras nem hoje nem cras,
 Deos he aquelle que te tracta assi;
 Quer-te gran mal e diz mal de ti:
 Não cures delle, e logo tornarás
 A como te vi.

Tu dás com teus males louvores a Deos,
 E elle pesa-lhe por tu nomea-lo:
 Renega, renega de ser seu vassalo,
 E logo verás tecer outros veos.

JOB. Se o eu leixar,
 Qual he o senhor que m'ha d'emparar?
 Qual he o Deos que me póde valer?
 Nos bens desta vida não está o perder,
 Que assi como assi ca hão de ficar,
 Pois hei de morrer.

Eu creio, Mundo, que o meu redemptor
 Vive, e no dia mais derradeiro
 Eu o verei Redemptor verdadeiro,
 Meu Deos, meu Senhor e meu Salvador.
 Eu o verei, eu,
 Não outrem por mim, nem com ôlho seu,
 Mas o meu ôlho, assim como está;
 Porque minha carne se levantará,
 E em carne mea verei o Deos meu,
 Que me salvará.

SATANAZ.

Prosigue tu embora tua mania,
Que Deos bem de chapa te assenta elle a mão:
Derribou-te agora as casas no chão,
E matou-te os filhos morte supitania.

JOB. Verdade he isso?

SAT. Assim me veja eu rei do Paraizo.

JOB. Bento e louvado seja o Deos dos ceos!

SAT. Se o tu renegasses, temer-t'hia Deos,
E correr-se-hia muito de te fazer isso.

JOB. Lá, lá aos increos!

SATANAZ.

Assi! ora espera, farei que renegues,
Quero fazer o que Deos me manda.

(Toca Satanaz a Job, e fica cuberto de lepra.)

JOB. Oh chagado de mi, que esta he outra demanda!

Oh Deos meu! e porque me persegues?

Contra mim perfiás,

Sabendo que nada são os meus dias!

Minha alma s'enoja ja de minha vida,

E como a setta he minha partida.

Senhor, meu Senhor! porque te desvias

De tua guarida?

Responde-me, quantas maldades te fiz?

Ou quantas treições obrei contra ti?

Porque assim escondes a face de mi,

Como meu contrário, sendo meu juiz?

Contra a folha prove,

Que ligeiramente o vento revolve,

Mostras as fôrças que tu tens contigo?

Porque te fizeste contrairo comigo?

Que a tua bondade me escusa e absolve
De ser teu imigo.

Senhor, homem de mulher nascido
Muito breve tempo vive miserando,
E como flor se vai acabando,
E como a sombra sera consumido.
Pois porque, Senhor,
Estimas tu cousa de baixo valor
Pera trazê-lo a juizo contigo?
E quem me daras que seja comigo
Em o inferno por meu guardador
E por meu abrigo?

Que a minha pelle, as carnes gastadas,
Logo a meu osso se achegará,
E tambem solamente o que ficará
Os beiços ácerca de minhas queixadas.
Ó meus amigos,
Ao menos vós outros, amigos antigos,
Amerceae-vos de mim que me vou,
Porque a mão do Senhor me tocou:
E vós perseguis-me como inimigos,
Assi como estou?

TEMPO.

Queixae-vos vós bem, que ainda estais peor,
Pois não tendes mais momento de vida:
Alto, despejae, cuidae na partida.

JOB. Oh! bento e louvado seja o meu Senhor!
O que elle mandar.
A vida he sua, póde-a tirar,
A morte he nossa de juro e herdade;
E pois que elle he o juiz da verdade

Faça-se logo sem mais dilatar
A sua vontade.

MORTE.

Vinde cá, bom homem, que esta he dor maior.

JOB. *Memento mei, Deus Senhor,*
Porque vento he a minha vida.
Apressa-te muito asinha,
Favorece meu temor,
E a minha alma encaminha.
Peccante me quotidie,
Et non me pœnitentem,
Meus espiritos ja não sentem;
Timor mortis, conturbas me.
Ubi fugiam, que farei?
Circumdederunt me dolores:
Ajuda-me, Rei dos senhores,
Não te alembre que pequei,
Esqueção-te meus erros.
Manus tuæ fecerunt me,
Oh! não me desfaças ora;
Acorre-me, Senhor, agora,
Que a minha vida ida he,
E a morte he de mi senhora.

BELIAL.

Ora andae, que tudo he nada
Quanto vós podeis dizer.
JOB. Que me queres tu fazer?
BEL. Servir-te e dar-te pousada,
Onde estês a teu prazer.

(Diz Job despois de preso.)

JOB. *Quare de vulva me eduxiste?*
Antes alli fôra consumido.

Ó minha esperança, faze-me soffrido,
 Pois vida, morte e prisão tão triste
 Me fazem pesar-me porque fui nascido.

MUNDO.

Agora estes quatro bem abastarão,
 Quanto aos Padres da lei da Natura;
 Logo virão, da lei da Escriptura,
 Moysem, Isaias, David, Abrahão.

Fallará primeiro

Abrahão, patriarcha justo, verdadeiro,
 Reprendendo os idolos da antiguidade;
 Porque no seu tempo era vaidade,
 E pola verdade se fez pregoeiro
 Da sancta Trindade.

ABRAHÃO.

Ó Deos mui alto, ignoto, escondido,
 Demostra-te ás gentes, que ja tempo he;
 Que daquelle tempo do justo Noé
 Está o teu nome na terra perdido,
 E está sonogado
 O tributo do mundo, que he teu de morgado.
 E adorão as gentes deoses de palmeira,
 Deoses de metal, e de pederneira,
 Deoses sem vida, deoses de peccado,
 Feitos de madeira.

Tem pés e não andão, mãos e não palpão,
 Olhos e não vem, orelhas e não ouvem,
 Corpo e não sustem, cabeça e não entendem.
Et tu, qui solus es,
 Que tens todo o mundo debaixo dos pés,
 E teu ouvir e ver he infinito,
 Creador dos spirítos, eternal spiríto,

E sendo seu Deos, não sabem quem es,
Sequer por escrito.

MOISES.

Eu Mouses direi como elle formou
No principio o ceo, terra e paraizo.
A terra era vacua, e sôbre abiso
Erão as trevas quando a luz creou.
E assentarei
Misterios profundos no livro da lei,
Tudo figuras da Sancta Trindade,
Tudo misterios da eternidade,
Que Deos me dirá e eu escreverei
Á sua vontade.

E elle estara em pessoa comigo
Aos cinco livros, quando os escrever;
Porque as ceremonias que mandar fazer,
Outras maiores trazeirá comsigo.
Tu, homem, penetra,
E dos sacrificios não tomes a letra;
Que outro sacrificio figurão em si,
Que matar bezerros, nem aves alli:
Outra mais alta offerta soletra,
E outro Genesi.

DAVID.

O sacrificio a Deos mais aceito
He o spirito mui atribulado,
E o coração contrito e humilhado;
Este he a offerta e serviço direito;
E assi Isaias.

ISA. O sacrificio he o Messias,
Que sera nascido em Bethlem de Judá,
Porque do tribu de Judá sera

Da parte da Virgem; e eis virão dias
Em que parirá.

MOISES.

Virgem prenhada! ISA. E Virgem parida.
Bem viste a sarça que não se queimava;
Pois este misterio nos perfigurava
A Madre de Deos, do mundo e da vida,
E amado cordeiro
Que tira os peccados. DAV. Eu no meu salteiro
Digo por este mui alto primor:
Cantae cantar novo a vosso Senhor,
Que fez maravilhas, o Deos verdadeiro,
O Duque maior.

ABRAHÃO.

Ó Isaias, que novas tão bellas,
De tanta alegria, que trazes contigo!
ISA. Outras tão tristes trago eu comigo,
Que ja Jeremias fez pranto com ellas.
Oh triste mazella!
Que o fructo do ventre daquella donzella,
Em pagamento do fructo vedado,
Á justiça divina sera offertado,
Cuberto de sangue, com muita querella,
E crucificado!

DAVID.

Eu tambem o sei, mui certo sabido;
Serão suas mãos e pés mui furados,
E todos seus ossos lhe serão contados,
E deitarão sorte sôbre seu vestido.
TEM. Tendes ja dito;
Leixae tudo isso posto por escrito,
E despejae logo, paga a pousada;

Cumpri com a terra, que quer ser pagada,
E ós elementos dae o spirito :
Não falleis mais nada.

MUNDO.

Morte, despeja-os, não fique ninguem.

ISA. Oh quem me tivera mais vida alongada
Pera profetar da Virgem sagrada
Cem mil maravilhas que sei muito bem!

MOR. Profetas, nó mais;

Manda o Tempo que logo partais,
Parti-vos comigo, e não mais demoras.

ABR. Ó Morte, quão cruas são tuas esporas!
Quão lastimeiras! MOR. Não vos detenhais;
Andae, que são horas.

MOISES.

Senhor Rei David, não tendes na côrte
Cirurgiães e Físicos mores,
Astrologos grandes e muitos doctores,
Que vos dem saude e livrem da morte?

MOR. Olhae, não vai nisso;

O mal que se cura não he mal de siso.
Andão deitando remendos á vida;
Mas quanto ao despejo, pois não tens guarida,
Lembra-te, homem, com muito aviso
Que es terra podrida.

BELZEBU.

Ó Morte, ó Morte, sejas bem casada,
Que tão limpa gente nos dás em poder.
Chegae-vos aqui, Senhor Lucifer,
Pois que rei vem á vossa pousada;
Que não he rezão,
Pois que he rei, que eu lhe ponha a mão,

Senão Vossa Alteza, e ponha-o aqui.

LUC. Perdoae-me vós, Senhor Rei Davi.

DAV. *De profundis clamavi*, Senhor, redempção!

BELZ. Bem estais assi.

MUNDO.

Da lei da Escriptura e lei natural
 Ja temos passados os mais principaes;
 Venha a lei da Graça, porque os mortaes
 Alcancem a glória de sempre eternal.
 Venha primeiro
 Glorioso Joannes, sancto pregoeiro,
 Sancto sem mágoa, de Deos enviado,
 Sancto nascido e sanctificado,
 Mostrando ás gentes alto cordeiro,
 Com muito cuidado.

S. João.

O bravas serpentes que em serras andais,
 Ó dragos ferozes que estais nos desertos,
 Ouvi os secretos que estão encubertos;
 E vós, dromedarios, tambem não durmais;
 E tu, mui serena
 Fermosa ave phenix, que tanto sem pena
 A ti mesma matas por tua vontade,
 Vae ver o Phenix da Sancta Trindade,
 Filho da Phenix *gratia plena*,
 Que está na cidade.

E tu, mui soberbo lobo poderoso,
 Que trazes as unhas crueis, e tingidas
 No sangue d'ovelhas de pouco paridas,
 Aprende de Christo, cordeiro amoroso:
 E vós, pomba brava,
 Que voais isenta, soberba, alterada,

**Em essas montanhas viveis branda vida,
Tomae por espelho a pomba escolhida;
A pomba mui mansa, a pomba calçada,
De sol he vestida.**

**E tu vil raposa, que vives d'engano,
E matas quem amas, sem nenhum temor,
Aprende de Christo que so por amor
Offerece á morte seu corpo humano.
Tu, aguia real,
Que vences os raios do sol natural
Com tua vista per graça divina,
Guarda não te cegue o sol da rapina,
Pois te allumia a luz divinal
Com sua doutrina.**

SATANAZ.

**Eu fui hontem á cidade,
E estavam os Fariseus
Fallando nos feitos teus
E na tua sanctidade,
De que pasmão os Judeus.
Dizem que tu es Elias,
Ou profeta enviado,
Ou anjo dissimulado;
Mas eu digo que es Mexias,
E assi o tenho apostado.**

S. João.

**Eu te conheço mui bem,
E quem es, ha muitos dias.
Satan, eu não sam Elias,
Nem desejo de ninguem
Nenhũas lisongerias.
Nem sam sancto nem profeta,**

Nem menos anjo encuberto;
Vox clamantis in deserto
 Esta he a minha vida certa;
 Pois queres saber o certo.

Nem Messias não sam eu,
 Nem pera lhe desatar
 A correa que levar
 No sancto sapato seu.
 Antre os Judeus acharás
 O bem qu'elles não conhecem,
 Nem tu o conhecerás;
 Porque elles não no merecem,
 Nem tu o merecerás.

Aparta-se Satanaz, e diz

S. João.

Ó mortaes, de terra em terra tornados,
 Pois são vossas almas de tão fina lei,
 Abri vossos olhos, que *ecce agnus Dei*,
 Que veio ao mundo tirar os peccados.
 Elle he por certo;
 Crede esta voz clamante em deserto,
 E levantae-vos do po desta vida;
 Pegae-vos com Christo,
 Que he certa guarida,
 Que de sua mão está o ceo aberto,
 E a glória vencida.

TEMPO.

Este relogio he muito forte,
 Vós perdoae-me, Senhor San João,
 Que vossas horas cumpridas estão,
 Segundo buscastes tão cedo a morte,

E por vossa vontade.

Vós não quereis senão prégar verdade,
E ella vos leva da vida presente.

S.Jo. Que sam muito ledo e muito contente,
Porque a verdade he a mesma Trindade
Verdadeiramente.

E pois eu sam voz de nosso Senhor,
Se eu a calar, quem na ha de dizer?
As offensas de Deos quem as ha de soffrer?
Mas clame em deserto qualquer prégador,
E seu thema seja
Verdade, verdade. Mas o que deseja
Ser bispo, e portanto prega mui modesto,
Calando e cobrindo o mal manifesto,
Não he prégador da sancta Igreja,
Mas ladrão honesto.

Leva-me, Morte; quero-me ir daqui,
Que ja mostrei Christo a todos vivos;
Irei dar a nova áquelles captivos,
Cujo captiveiro tera cedo fim.

Entrando S. João naquella prisão, com admiração de grande alegria cantarão os presos o romance seguinte, que fez o mesmo autor ao mesmo proposito.

R o m a n c e .

Voces daban prisioneros,
Luengo tiempo estan llorando,
En triste cárcel escuro
Padeciendo y suspirando,
Con palabras dolorosas
Sus prisiones quebrantando:
— Que es de ti, Virgen y Madre,
Que á ti estamos esperando?

Despierta el Señor del mundo,
 No estemos mas penando. —
 Oyendo sus voces tristes,
 La Virgen estaba orando
 Cuando vino la embajada
 Por el ángel saludando,
 “Ave rosa gracia plena,”
 Su preñez le anunciando.
 Suelta los encarcelados,
 Que por ti estan suspirando;
 Por la muerte de tu hijo
 Á su padre estan rogando.
 Crezca el niño glorioso,
 Que la cruz está esperando.
 Su muerte será cuchillo,
 Tu ánima traspasando.
 Sufre su muerte, Señora,
 Nuestra vida deseando.

LUCIFER.

Que fazes? SAT. Eu não faço nada,
 E suo como cão, sem achar bonança.
 LUC. Todos aquelles que a morte ca lança
 Alcanção per fôrça segura pousada.
 Pois has-me d'encher
 De almas humanas, convem a saber:
 A furna das trevas, ponte de navalhas,
 O lago dos prantos, a horta dos dragos,
 Os tanques da íra, os lagos da neve,
 Os raios ardentes, sala dos tormentos,
 Varanda das dores, cozinha dos gritos,
 Açougue das pragas, a tôrre dos pingos,
 O valle das forcas: — tudo isto arreio.

SAT. Bem certo he que tudo ha de ser cheio,
Mas França e Roma não se fez n'hum dia.

LUC. Temo, Satan, que esta mercadoria,
Que temos aqui, he braza no seio.

*Entra a figura de nosso Redemptor; e o Mundo, o
Tempo e a Morte assentão-se de joelhos, e diz o*

MUNDO.

Tambem vós passais, Deos meu,
Por esta vida mesquinha?
Muita dita he a minha!
Mas onde agasalharei eu
A quem tanta glória tinha?
Oh eternal Creador,
Oh temporal creatura,
Que encubres com terra escura
O divino resplendor
E immensa formosura!

E portanto eu não sam dino
Que entreis na minha morada;
Porque he baixa pousada,
E pera ti, Verbo divino,
Quanto tenho não he nada.

CHRISTO.

Não te agastes tu comigo,
Nem me dês pousada a mi,
Que o meu regno não he aqui,
Nem quero nada contigo:
Mas quatro cousas quero de ti.

Primeira.

Quando me vires levar
Pela rua d'amargura,
Que olhes minha figura,

E o sangue que eu derramar
Tome tua alma por cura.

Segunda.

E quando os saões da cidade
Me pregarem no madeiro
Com fortes pregos d'aceiro,
Que olhes com que vontade
Me entreguei ao carnicero.

Terceira.

E quando vires spirar
O meu spirito cansado
O meu coração finado,
Que tu te queiras lembrar
Que mouro por teu peccado.

Quarta.

Quando enterrado me vires
Sem companhia nem emparo,
Que do teu coração tires
Suspiros, com que suspires
Minha morte e desemparo.

E não quero de ti mais;
Lá reparte teus cruzados,
Teus imperios e regnados,
E tuas pompas mortaes,
Qu'eu não quero teus morgados.
Seja papa quem quizer,
Seja rei quem tu quizeres;
Que os imperios e poderes
A morte os ha de prover
E tirar a quem os deres.

TEMPO.

Meu Senhor, eu que farei?

No relógio que me déstes
 Digo qu'inda que nascestes
 Não se entende em vós a lei,
 Pois que vós mesmo a fizestes.

CHRISTO.

Modicum videbitis me.

Eu a cumprirei, que a fiz;
 Porque rei que he bom juiz,
 Como a lei feita he,
 Faz aquillo que ella diz.
 Cedo me despejarás,
 Tem tu o relógio certo:
 Emtanto vou-me ao deserto,
 E veremos Satanaz
 Se me falla descuberto.

LUCIFER.

Digo que este homem nascido em Belem
 Parece perigosa cousa pera nós.

BELZ. Senhor Lucifer, isso vêde vós,
 Porque todo o mal he de quem o tem.

SAT. Dá ó demo a cantiga:
 E crede que temos com elle fadiga,
 Que passa de sancto.

BELZ. Parece-o elle.

LUC. Vae, Satanaz, e salta com elle:
 Emtfim elle he homem, por mais que te diga;
 Mais podes tu que elle.

Agora que anda assi so no deserto,
 Veste este fato, e faze-te monje,
 Porque sem isto andarás de longe,
 E assi simulado fallarás de perto.
 Ora vae asinha;

E se tu este trazes á nossa cozinha,
Eu te farei mui gran cavalleiro.

Vai-se Satanaz tentar a Christo, e diz:

SATANAZ.

Que faz o Senhor neste ermo estrangeiro
Tão so, e tão fraco, que por vida minha
Que he grande marteiro?

CHRISTO.

E tu que cousa es, ou que vens buscar?
SAT. Bem ves tu, Senhor, que sam ermitão;
Logo meu traço denota quem sam;
E he escusado o mais perguntar.
Sam monje, Senhor.

CHRISTO.

Nem porque o sagaz e bom caçador
Se veste no boi por caçar perdizes,
Não he elle boi, como tu me dizes.

(Diz ao povo.)

Julgae pelas obras, e não pela côr,
Sereis bons juizes.

SATANAZ.

Senhor, ja de fraco e debilitado
Deitas a falla cansada com pena,
E eu ouvi dizer ja que se condemna
Quem mata a si mesmo de proprio grado.
Pois porque te matas,
E a tua vida assi a maltratas,
Sendo seu preço ao dôbro de Elias?
Come, Senhor, que ha quarenta dias
Que te desbaratas.

E mais se tu es o filho de Deos,
(Como eu sinto ainda que me calo,)

Faras destas pedras todas pão de callo,
Segundo a virtude trouxeste dos ceos.

CHRISTO.

Esripto acharão
Que não vive o homem somente de pão,
Mas da palavra de Deos procedida.
Esta he a que farta, cria e dá vida.

SAT. Oh como fallas! dá-me outra lição,
Que ja essa he sabida.

E se tu, como digo, filho de Deos es,
Segundo a nova por esta terra anda,
Deita-te abaixo daquella varanda;
E nem hajas medo que quebres os pés,
Porque esripto he
Que nenhũa pedra, em perna nem pé,
Te póde fazer offensa nem nada.

CHRISTO.

E se eu posso subir e descer pola escada,
Pera que he tentar a Deos sem porque,
Que he cousa escusada?

SATANAZ.

Cantá pola escada hum manco fara isso.
Vem-me á vontade fazer-te hum partido.
Todo o homem pobre he aborrecido:
Tu de meu conselho acolhe-te ao siso.
E que hum homem faça
Muitos peccados e erros de praça
Por enriquecer, tudo he muito bem;
Que bem sabe Deos que quem nada tem,
Que tenha mil graças por divina graça,
Não no quer ninguem.

Sabes Rio-frio, e toda aquella terra,

Aldeia Galega, a Landeira, e Ranginha,
 E de Lavra a Coruche? tudo he terra minha.
 E desde Çamora até Salvaterra,
 E desde Almeirim bem até Herra,
 E tudo per alli,
 E a terra que tenko de cardos e pedras,
 Que vai desde Cintra até Torres Vedras;
 Tudo he meu. Ólha pera mi,
 Verás como medras.

Isto e muito mais te darei,
 Que não quero mais senão senta-te ahi,
 Posto em giolhos, e adora em mi:
 Ólha em quão pouco virás a ser rei,
 E muito acatado.

CHRISTO.

Retro, retro, malaventurado,
 Falso, enorme, cível Satanaz.
 Scripto he, não adorarás
 Senão hum so Deos, com grande cuidado
 A elle servirás.

LUC. Que he isso, Satan?

SAT. Venho embasbacado,

E estou mais mofino que hum alfeloeiro.
 Dá-me a vontade que aquelle escudeiro
 He o pastor daquelle nosso gado.

CHRISTO.

Eis aqui subimos a Hierusalem
 Pera tirar o vestido em que ando;
 Porque os açoutes me estão esperando.
 Cumpra-se todo o meu mal e meu bem.
 Quero ir levar
 Minha breve vida a quem m'ha de matar;

E assi entregar a minha cabeça
 Á cruel c'roa, porque ella padeça
 Com tanto de sangue, que quem me olhar
 Que não me conheça.

Quero ir levar estes meus cabellos
 Onde sejam feitos duzentos pedaços;
 Quero ir pregar estes pés e meus braços
 Onde os sinta, e não possa ve-los:
 E o delicado
 Triste meu peito, que seja pisado
 Com couces irosos, e minhas queixadas
 E dentes, quebrados com mil bofetadas.
 E eu virei logo ser sepultado
 Em breves passadas.

BELIAL.

Senhor Lucifer, eu ando doente,
 Treme-me a cara, e a barba tambem,
 E doe-me a cabeça, que tal febre tem,
 Que soma sam hetigo ordenadamente,
 E doe-me as canellas:
 Sai-me quentura per antre as arnellas,
 E segundo me acho, muito mal me sinto;
 E algum gran desastre me pinta o destinto.
 Até as minhas unhas estão amarellas,
 Que he gran labyrintho.

*Em este passo vem os cantores, e trazem hũa tumba,
 onde vem hũa devota imagem de Christo morto; e depois
 de acabada sua procissão, diz*

BELIAL.

Ergue-te, Senhor, que segundo creio,
 Pois que assi treme e estou amarello,
 Que sera tomado este nosso castello,

E o gado que temos ha de ser alheio.

SAT. Isso he o que eu digo.

BEL. Rugem-me as tripas, arde-me o embigo,
E a boca empolada, assi como de figos.
Crede vós, Rei, que tendes inimigos;
Porque estas doenças que trago comigo,
Denotão perigos.

*Aqui tocão as trombetas e charamellas, e apparece hũa
figura de Christo na resurreição, e entra no Limbo, e sol-
tará aquelles presos bemaventurados. E assi acaba o pre-
sente auto.*



DIALOGO
SOBRE
A RESURREIÇÃO
ENTRE OS JUDEUS

RABI LEVI **RABI AROZ e**
RABI SAMUEL **DOUS CENTURIOS.**

Entra Rabi Levi e diz:

LEVI.

Quem com mal anda, dizia Jacó,
Rabina Rabasse, Rabi Mousem,
Não cuide ninguém que lhe venha bem,
Nem he bem que alguém haja delle dó.
Quem com mal anda, chora e não canta;
Quem so se aconselha, so se depena;
Quem não faz mal, não merece pena;
Quem chora ou canta, fadas más espanta.

Dizia minha mãe Gemilha saborida:

Filho, não comas, não rebentarás;
Se sempre calares, nunca mentirás;
Come e folga, teras boa vida.
Dizia meu pae Mosé Rabizarão:
Não comas quente, não perderás o dente;
Quem não mente, não vem de boa gente;
Não achegues á forca, não te enforcarão.

- Dizia meu dono, cuja alma Deos tem:
 Não peques na lei, não temerás rei;
 Se tu te guardares, eu te guardarei;
 Quem sempre faz mal poucas vezes faz bem.
 Dizia meu tio Rabi mallogrado:
 Filho Jacob, o que fazes, dizia, Jacob Badear,
 Acheга-te ca, quero-te ensinar:
 Não sejas pobre, morrerás honrado;
 Falla com Deu, seras bom rendeiro;
 Quando perderes, põe-te de lodo;
 Se nada ganhares, não sejas siseiro.
- SAM.** Que fallas? que fallas? azara te veio?
- LEV.** Ando cuidando naquelle coitado
 Daquelle Mexias que jaz enterrado.
 Todo o que dixе foi devaneio:
 Dixe que havia de resuscitar.
- SAM.** Quando, meu dono? **LEV.** Assi digo eu.
 Daquelles guardados nenhum pareceu
 Que lá hontem forão pera o guardar.
- SAM.** Elle dizia que o dia terceiro.
- LEV.** Que negro chanto, que guarra sería!
- SAM.** Não fallemos nisso, tudo he bulraria:
 Pois elle seria o Deu verdadeiro?
 Fallemos em al, Rabi Samuel.
 Oitras lazeiras ha hi que contar;
 Leix'o jazer. Queres arrendar
 Comigo hũa renda? Se fores fiel,
 Arrenda comigo este anno que vem.
- LEV.** Que renda? **SAM.** Hũa renda.
- LEV.** E não tem nome?
 Ve tu se he tal; que o demo me tome,
 Se não arrendar, se me vier bem.

Vem dous Centurios, e diz

LEVI.

Que dolor ha lá? que foi? que quereis?

CEN. Vimos pasmados. LEV. De que? que achastes?

CEN. Vimos... LEV. Que vistes? de que vos pasmastes?
Que he? que foi? dizei, que dizeis?

CEN. Estando dormindo... LEV. Dou-lhe que fosse.

CEN. Esta madrugada... LEV. Pela manhan cedo,
Estavas dormindo, sonhaste com medo.

Ora ouvi aquillo, — sonhando espantou-se!

CEN. Não quereis ouvir? LEV. Ouvimos, conta:

Ha de ser hum sonho, que vio hum espanto;

Hũa adivinhação, hum conto, hum chanto,

Hũa patranha. Conta, acaba.

Sonhastes esta madrugada,

Estando dormindo... Eu vos lembrarei.

CEN. Ficae-vos embora, ja não contarei.

SAM. Digo que oivamos esta gente honrada.

LEV. Ora dizei. Tudo ha de ser vento.

CEN. Não he senão cousa de que vos pasmeis,

De grande segredo. Ouvi se quereis,

E sabereis caso de gran perdimento.

LEV. Sonhou que perdia na sisa do trigo;

Ó demo me dou se foi outra cousa.

Como dormia debaixo da lousa,

Estava abafado. CEN. Olhae o que digo:

Ja Christo desd'hoje... SAM. Que ha de fazer?

CEN. Sahio do sepulcro. SAM. Furtado sería.

CEN. Mas resuscitado com grande alegria:

Vêde vós outros como isto ha de ser.

LEV. Que cabeças estas! que chanto nos veio

Pera juizes de Ponte de Loures!

Tudo isso erão os vossos tremores?
Monta ao todo hum grão de centeio.

CEN. Ouvi os signaes, porque os creais.
Na hora, no ponto que resuscitou,
Toda a cabeça se me depenou,
E venho pellado. LEV. Ha hi mais signaes?

2º CENTURIO.

E eu desdentado; ma ora nasci:
Somente hum dente m'a mim não ficou.
O sancto Diabo m'a mim lá levou.

SAM. Abre essa boca, vejamos se he assi:
Ja cerrou a cava: ó desventurado,
Andaste ás punhadas com algum rascão,
E quebrou-te os dentes, porque es villão,
E cuidas que o outro que he resuscitado.

LEV. Melhor viva eu e meu filho Jacó,
Que s'elle levante daquelle penedo.
Em dias que vivas, não hajas tu medo
Que nunca o encontres com outro, nem so.

CEN. Ser eu muito certo que estou pellado,
E, alem de pellado, tolhido de hum braço.

LEV. Arrepellárão-te á porta do paço:
Olhae que milagre para ser soado!

2º C. E estes dedos — que dizes, Rabi?
Que nenhũa unha não ficou comigo.

SAM. Mostra, veremos que houveste contigo.

2º C. Attenta se minto, que ve-las aqui.

SAM. Digo-te, amigo, que forão unheiros,
Ou foi dor dos cabos nas pontas dos dedos.
E não nos curaste, com medo dos medos.
Mas estes milagres não são verdadeiros;
Não digais nada á nossa communa,

Não façais rumor no nosso casal.

CEN. Pois que diremos que foi este mal?
Ou que remédio á nossa fortuna?

RABI LEVI.

Dirás que arrendaste na sisa dos pannos,
Ou nos azeites do haver do pêso;
E que arrellaste hum homem-travesso,
Sôbre razões, haverá dous annos;
E que agora te arrellou,
E mais que t'estortegou esse braço;
E est'outro, vendo-te em tal embaraço,
Por te acudir, que foi e empeçou,
E deu c'os focinhos n'hum ferro d'arado,
E quebrou os dentes, unhas e todo.
E assi em todo ponde-vos de lodo,
De chanto e de guaia, todo misturado.

SAM. Entendeis aquillo, homem de bem?

Toma hum vintem pera a cabelleira.
Tu come das papas, não teras denteira;
E compra hũas luvas, ou furt'as a alguẽm.
Nem digais que he vivo, que pola benção
De Rabi Ascalvado, e de Dona Sol,
Que vos tenchemos dentro n'hum lençol,
E a capelladas morrereis ou não.

(Vão-se os Centurios.)

RABI SAMUEL.

Fallemos, saltemos no arrendamento.

LEV. Rabi Samuel, mais releva isto.

Quiçais era sancto este Jesu Christo,
Que elle o mostrou em seu finamento;
O sol escurou, e a terra tremeo.

SAM. Eu te direi a verdade inteira.

Tremeo minha casa, cahio cantareira,
 Quebrou-se a loiça, todo se perdeo,
 Até o pichel que tinha d'azeite;
 Fendeo-se-me hum pote, quebrou-me tigelas,
 Bacios, candieiros, panellas;
 Não ficou vinagre, nem em que o deite.

RABI LEVI.

Vamo-nos ora a Rabi Aroz,
 E a Rabi Franco, e a Rabi Zarão:
 Far-lhe-hemos menção daquesta razão;
 Que se isto he verdade, o demo he na voz.

SAM. Fallemos tambem a Rabi Mosé,
 E a Jacob lendroso, e Abrahão pellado.
 Saibamos se he este o nosso esperado,
 Vejamos se foi, se he, se não he.

Vem Rabi Aroz, e diz:

RABI AROZ.

Leixae-me passar.

LEV. Bem venhas, irmão; pera onde vos. . .

SAM. Ora está quêdo, e não sejas grou,
 Que voa pelo ar, e anda pelo chão.
 Ora attenta nisto.

Tu saberas que á cêrca de Christo
 Tens bem que ouvir, e nós que fallar.

ARO. Não posso escutar, que vou campear,
 E se lhe tardar, bem sabes tu isto
 Em que póde parar;
 Porque este bolção não tem cerradouros.

SAM. Aperta-lhe a boca, até qu'isso passe.

ARO. Pois, emque agora um rei me fallasse,
 Eu lhe diria, — Senhor, vou-me a Mouros: —
 Ou lhe diria:

— Vou despachar hũa mercadoria,
Que está empachada á porta redonda. —
Desta te abasta e isto t'abonda

SAM. Disso te fartes de noite e de dia
No tempo da monda.

RABI LEVI.

Pois vamos contigo e vamos fallando.
Fama he que Christo, depois de enterrado,
De opa netta he resuscitado.
Guai dos tristes que estavam guardando!
Huns ficão pellados,
Outros sem dentes, e braços quebrados,
Outros sem unhas pera fazer prol;
E todos o virão, fóra do lençol,
Sair do penedo, todos acordados,
Em saindo o sol.

RABI AROZ.

Pois erão quarenta com armas armados,
Não no podião prender outra vez?

SAM. Que razão essa de siso de pez!

ARO. Pois não no prendêrão, merecem matados.

LEV. Quem ha de prender

Áquelle que tem tão grande poder?

Seu corpo açoutado daquella feição,

E hũa lançada pelo coração!

ARO. Sicaes não foi morto, e póde bem ser...

LEV. Que negra razão!

Se fôra doença de que se finára,

E pôsto na cova se alçára e vivêra;

Puderas dizer que esmorecêra

E perdêra os pulsos, mas a alma ficára.

Mas bem vimos nós,

E tu bem o sabes, Dom Rabi Aroz,
Que so dos açoutes, que mais não vivêra,
E que o soltárão, daquillo morrêra;
E so da coroa, tambem crede vós
Que não guarecêra.

Pois so de levar a cruz tão pesada
Pola serra acima homem tão delgado,
Disto somente ficára matado;
Que são ja tres mortes, cada hũa apertada.
E verão os cegos
Que so do tormento que levou dos pregos,
Fôra matado hum drago feroz,
Quanto mais a lançada. Cre, Rabi Aroz,
Que fomos ás lebres, tomámos morcegos:
Esta he minha voz.

SAMUEL.

E a minha tambem, e acabo de crer
Que he este o Mexias nosso desejado;
Porque Isaias, profeta amado,
Fallou deste tudo o que havia de ser;
E Ezechiel,
Amos Salomão, David, Daniel,
Todos fallarão no seu resurgir.
Este he o Messias, sem mais arguir;
Este he o honrado nosso Emanuel;
O al he mentir.

RABI AROZ.

Meu pae arrendou hũas alcaçarias
Junto do termo de Villa Real,
Com tal condição, que durasse o foral
Atés que viesse o nosso Messias.
Ora m'escutae.

Juro pela alma que foi de meu pae,
Que está a cousa bem embaraçada.
Estae ambos quedos, não boquejeis nada,
Não falle ninguem, vereis como vai
Esta emborilhada.

Meu pae era dono d'hũa filha minha,
E minha mãe filha de meu dono torto,
E hum meu irmão, que morreu no Porto,
Era mesmo tio dos filhos qu'eu tinha:
Tudo assi vai.

E minha mulher, nora de meu pae;
E meu pae, marido de sua mulher;
E sua mulher era sogra da minha.
Assi indo fomos, de linha em linha,
Até que meu pae veio a morrer.

Meu pae fallecido,
Vai minha mãe e perdeo o marido,
E fez-se viuva, e as alcaçarias
Forão do pae da mãe de Tobias,
Filha de Dom Donegal dolorido,
Que morreo nas Pias;
E quando se fez a tomada de Arzila,
Dona Franca Pomba casou em Buarcos
Com Bento Capaio, capador de gatos,
Que furando alporcas, morreo em Tavila.

Em aquelles dias
Se fez o contracto das alcaçarias,
E David Ladainhas da manga cagada
Leixou assentado, que vindo o Messias
Que as alcaçarias, não tendo ellas nada,
Que fossem vasias.
Segue-se logo, se Christo he Mexias,

Que he salvador destas alcaçarias,
 E ficarão livres, e postas em côbro:
 Porém eu creio que o que me diz meu sogro
 He tudo vento, e são fantasias;
 E peccais em dôbro.

Porque, se fôra o que nós esperamos,
 Levára os Judeus, povo de Israel,
 Á terra que mana o leite e o mel,
 Que he nossa herança, que de Deos herdamos.

LEV. Não que elle dizia

Que essa herança que não se entendia
 Senão que havemos de resuscitar,
 Assi como elle, pera nos levar
 Á mesma herança que Deos promettia,
 Lhe ouvi eu prégar.

Porque essas farturas que a terra antremette,
 Forão creadas pera os animaes,
 E que o Deu poderoso essas cousas taes
 Não nas estima, nem dá, nem promette;
 E que o Mexias,
 Se bem entendermos nossas profecias,
 Não vinha a fartar os corpos de mel.
 Tambem tu assi estavas, Rabi Samuel?
 Tu, Rabi Aroz, bem vi que dormias,
 E Zarababel.

RABI AROZ,

Pois que faremos sôbre isto emtanto?

LEV. Que nos calemos em nosso calado:

Quemquer que dixer que he resuscitado,
 Dar-lhe-hei hũa figa debaixo do manto:
 E leixae estar;
 Que seja verdade, calar e negar.

Ter mão na Sinagoga, que nos dá reparo;
Que sabendo-o o povo, he nosso o fadairo:
E se o aventar,
Cada sacerdote lhe cumpre estudar
Pera boticairo.

Tenhamos todos mui bem que comer,
Que farte, e sobeje pera todo o anno.
Tratemos em cousas em que caiba engano,
E se nos perdermos, não póde mais ser.

ARO. Sabes que receio?

O mal que fazemos he crime tão feio,
Que ja Jeremias o chorou primeiro.

LEV. Fundemo-nos todos em haver dinheiro;
Porque quer seja nosso, quer seja alheio,
He Deu verdadeiro.

E ter mão na burra. Que dizeis, Aroz?

ARO. Façamos talmud com tantas patranhas,
Com que embaracemos tamanhas façanhas,
Antes que mettão a frota na foz.

E por simular,
Ordenemos festa com algum cantar,
Porque não entendão que somos vencidos.
Chacota na mão, fender os ouvidos
A quem nos ouvir. Alto, começar
A travar dos vestidos, e cabecear.



F I G U R A S.

SILVESTRA — Lei da Natureza.

HEBREA — Lei da Escriptura.

VEREDINA — Lei da Graça.

SATANAZ.

CHRISTO.

S. THIAGO.

S. PEDRO.

S. JOÃO.

CANANEA.

BELZEBU.

Este auto que diante se segue fez o Autor por rogo da muito virtuosa e nobre Senhora D. Violante, Dona Abbadesa do muito louvado e sancto convento do mosteiro de Oudivelas; a qual Senhora lhe pedio que por sua devação lhe fizesse hum auto sóbre o evangelho da Cananea. Foi representado na era do Senhor de 1534.

AUTO DA CANANEA.

Entra Silvestra, Lei da Natureza, cantando.

SILVESTRA.

“Serra que tal gado tem
“Não na subirá ninguém.”

Eu sam Lei da Natureza,
E per nome Silvestra,
Das gentes primeira mestra
Que houve na redondeza.
Dos gentios sam firmeza,
E por pastora me tem.

“Não na subirá ninguém
“Serra que tal gado tem.”

Assi que ando a pastorar
Cem mil bandos de veados;
Porque gentios são gados
Mui esquivos de guardar,
E tão bravos d’apriscar,
Que a serra que os tem

“Não na subirá ninguém
“Serra que tal gado tem.”

Quando os quero assocegar,
Logo cada hum tresmonta;
De hum so Deos não fazem conta,
Senão correr e saltar.
Todo o seu bem he honrar
Diversos deoses que tem,

Com que lagrimas me vem.

“Serra que tal gado tem

“Não na subirá ninguém.”

Entra Hebreá, Lei da Escripura, e diz:

HEBREÁ.

Que gado guardas aqui,

Nesta fragosa espessura?

SIL. Guardo per lei de natura

Meu gado: mas vejo em ti

Que tu es Lei d’Escripura.

HEB. Sou pastora de Judea,

Nascida em monte Sinai,

E o meu nome he Hebreá.

SIL. E o teu gado onde vai?

HEB. Sempre pasce em mesa alheia.

E sabes que gado he?

Tudo raposos e lobos:

E eu te dou minha fé,

Que he a mais falsa relé

Que ha hi nos gados todos.

Nunca me ouvirão cantar;

Que meu gado he tão erreiro,

Que sempre o verás andar

D’hum peccar n’outro peccar,

De captiveiro em captiveiro.

Que cante, não ha porque,

Com leones e dracones,

Nem prazer nunca me ve:

E se hũa ora canto, he

Super flumina Babilonis.

Depois vou-me a Jeremias,

E lamentamos a par,

E os prantos de Isaias.
 Estas são as alegrias
 Que meu gado anda a buscar.

SILVESTRA.

Não menos quebro os sentidos
 Com meus veados diversos.

HEB. Isso são gados perdidos.
 Os meus forão escolhidos,
 E fizeram-se perversos.
 Os Patriarchas primeiros
 Erão gados celestiaes,
 Ovelhas, sanctos carneiros,
 E os profetas cordeiros,
 E os d'agora lobos taes.

Pois tem em mim hũa pastora,
 Que nunca foi outra tal.

SIL. Nego eu essa por agora.

HEB. Oh, se tu quizeses ora
 Fazer-te minha igual!

SIL. Mas melhor he terdes grandeza.

HEB. Cal'-te, que não dizes nada;
 Qu'eu sam per Deos espirada,
 E tu pela natureza.

SILVESTRA.

Parece esta que ca vem,
 Lei da Graça, sancta e benta.

HEB. Ella assi o representa,
 Segundo a graça que tem;
 Mas de ti valho eu setenta.

*Vem a Lei da Graça, per nome Veredina, e diz
 cantando:*

VEREDINA.

“Serranas, não hajais guerra,
“Que eu sam a flor desta serra.”

Oh que malhada, e que gado,
E que tempo, e que pastora!
Por sempre seja louvado
Hum so Deos que no ceo mora:
Elle m’enviou agora

Das alturas ca na terra,
“Pera ser flor desta serra.

“Serranas, não hajais guerra.”

Ovelhas e cordeirinhos

He o meu gado maior;
Muito humildes e mansinhos,
E pascem polos caminhos
E montes do Redemptor:

Elle he o summo pastor;

“E vós escusae a guerra,

“Qu’eu sam a flor desta serra.

Outra mais alta pastora

Anda na serra preciosa,

Imperatriz gloriosa,

Principal minha Senhora.

Esta dos anjos se adora

Sancta Rainha na terra;

“E me fez flor desta serra.

“Serranas, não hajais guerra.”

Eu repasto suas cordeiras

Virgens e martyrisadas,

Que leixão frescas ribeiras,

E as mundanas ladeiras,

Por serem sacrificadas.

Vós outras sois ja acabadas,
Por demais he vossa guerra,
“Qu’eu sam a flor desta serra.
“Serranas não hajais guerra.”

Não he ja tempo de vós,
Porque o tendes ja cumprido,
E se abrirão os ceos,
E lembrou-se o Senhor Deos
Do que tinha promettido:
E cumpria inteiramente,
Como eternal verdade,
Com Abrahão suavemente,
No mesmo tempo presente,
Porque foi sua vontade.

HEBREA.

Como! vindo he o Messias?

VER. Ja veio, e anda prégando,
Ensinando e declarando
As divinas profecias.

HEB. Isso estava eu esperando.

VER. Assi que a Lei da Graça
Ha de ter todo o cuidado,
Pastora mor de seu gado:
Isto he per fôrça que eu faça,
Pois vosso giro he passado.

Na semana que passou,
Pera mais me confirmar,
Satanaz mesmo o tentou
Pelas vias que levou
Com Adão no seu pomar.
E ficou tão comprehendido
Do alto saber eterno....

Ei-lo vem, que anda fugido,
Porque ha de ser escozido
Dos algozes do inferno.

SATANAZ.

Como rapaz escolar,
Que lh'esqueceo a lição,
E sabe que lhe hão de dar;
Assi sei que hei de apanhar
Desta vez hum estirão.
Não porque tenham razão,
Se for nisto;
Porque eu tentei a Christo
Com muita arte e discrição:
Mas não me ha de valer isto.

Hei de haver tanta pancada,
Porque o não venci de feito;
Tanta negra tiçoadada,
Que nunca foi embaixada
Recebida de tal geito.
E segundo o demo he feito,
Vejo a osadas
Estas barbas depennadas,
E os cabellos a eito,
E as orelhas cortadas.

Porém nossas hierarchias
Que culpa me dão aqui,
Se hoje faz oito dias
Fui hum gigante Golias,
Mas topei com elRei Davi?
De temor não lhe fugi,
Nem fiz falha
Em commetter a batalha,

Nem ficou nada por mi:
Mas não presto nem migalha.

Pude eu melhor pelejar?
Pude eu melhor resistir?
Pude eu mais negociar?
Que mais se póde arguir?
Na materia d'enganar
Comecei-lhe de armar,
Per cortezia,
Com piedosa hypocrisia:
Cuidei de o derribar
Per este êrro que sabia.

Ora pois desta feição
Lutei ousado e manhoso,
Que culpa me poerão
Ir topar com Antenhão,
Hercules mui façanhoso?
Porém he tão rigoroso
Lucifer,
Que não quer senão o que quer,
Como menino mimoso;
E a mim não m'ha de crer.

Vem Belzebu, e diz:

BELZEBU.

Como andas dessocegado!
Não sei que diabo has,
Que esta semana não vas
Ter ao nosso povoado,
Nem sabemos onde estás.

SAT. Eu muito nas horas más,
Fui d'esperto
Ter com Christo no deserto;

Mas, desde eu sou Satanaz;
Não me vi em tal apêto.

BELZEBU.

Como! foi teu vencedor?

SAT. Eu fiz-me pobre Barbato;
Mas he tão gran sabedor,
Que me conheceo melhor,
Que eu conheço meu sapato:
E ainda que feito pato
Eu lá fôra,
Nem convertido em mulato,
Como o rato sente o gato,
Me sentira logo essora.

BELZEBU.

E se he bom ver sem candeia,
He cousa bem innovada:
Mas meu spirito receia,
Porque tenho atormentada
A filha da Cananea.
E se elle he dessa veia,
O cavalleiro,
Deitar-m'-ha, como a sendeiro,
Hũa solta e hũa peia,
E morrerei em palheiro.

Porque a mãe anda apressada
Pera o ir logo buscar,
E eu quero lá tornar,
Que a minha demoninhada
Ha de ser ma de curar.

SAT. Se sua mãe acabar
Que elle queira,
Eu não te vejo maneira;

E se te elle li achar,
Teras infinda carreira.

BELZEBU.

Irmão, quereis ir comigo?

SAT. Vae tu, eramá pera ti,
Qu'eu não posso ir contigo,
E bem m'abasta o perigo
Em que domingo me vi.
Elle ha de vir pera aqui
De rondão
Pera Tiro e Sidão:
Quero ver que faz per hi
Este famoso leão.

BELZEBU.

Eu vou ora atormentar
A filha da Cananea;
E quem a de mim livrar
Fara d'hum rato balea,
E fara secar o mar.

SAT. Vae tu, qu'eu hei d'espreitar
Alguns dias
Se sera este o Messias,
Ou o Deos que ha de encarnar,
Como escreveo Isaias.

Porque Abrahão, na verdade,
Nem Elias, nem Moises,
Não forão da sanctidade,
Nem poderio que este tem,
Nem com grande quantidade.

BEL. Fallas á tua vontade
Eramá;

Se tu isso dizes ja,

Mao caminho leva o abbade.

Vem Christo, com elle seis Apostolos, S. Pedro, S. João, S. Thiago, S. Filipe, S. André, S. Simão; e diz

S. THIAGO.

Irmãos, cumpre-vos saber
Como havemos de orar,
E quando houvermos de rezar,
Que havemos de dizer,
Pera nos aproveitar.
E pera s'isto alcançar
Do Redemptor,
Seja Pedro embaixador;
E emquanto elle fallar,
Adoremos ao Senhor.

S. PEDRO.

Toda esta congregação,
Poderoso Rei sem par,
Te pede com devação
Que os ensines a orar,
E orando que dirão.
Porque estão na região
De ignorantes,
Símprezes principiantes
Perguntão por onde irão,
Como novos mareantes:
E que he o que pediremos,
Quando houvermos de rezar,
E em que tempo rezaremos,
E as horas e o logar.
E todos estes extremos

Assi que nos soccorremos
Per tal via
Á tua sabedoria,
Que nos dê o que não temos.

CHRISTO.

A justiça e boa petição
Traz bom despacho consigo;
Mas bento he o varão
Que reza com coração,
E com alma e com sentido:
Que o rezar não he ouvido,
Nem he nada,
Sem alma estar inflamada,
E o spirito transcendido
Na divindade sagrada.

Nem cuideis que arrecadais,
Por rezar muita oração,
Se no coração estais
Fóra de contemplação.
Tende prompto o coração
Em seu louvor;
E com lagrimas de amor,
Direis esta oração
Á grandeza do Senhor:

*Pater noster, qui es in cœlis, sancti-
ficetur nomen tuum: adveniat regnum
tuum; fiat voluntas tua, sicut in cœlo
et in terra.*

Com almas limpas e puras,
Direis isto ao Senhor,
Firmando-o por creador,
E padre das creaturas,

E minha casa assombrada,
Minha camara pintada
De figuras do Diabo.

De mal tão acelerado
Quem se livrará sem ti?

“Senhor, filho de Davi,
“Amercea-te de mi.”

Triste mulher que faras!
Tanta pena quem t’a deu!

Ó Inferno, que fiz eu,
Que mandaste a Satanaz
Que m’esbulhasse do meu!

Como esbulhada do seu,
Socorrer-me venho a ti.

“Senhor, filho de Davi,
“Amercea-te de mi.”

Tem os seus braços torcidos,

Os olhos encarniçados,
Os cabellos desgrenhados,
Seus membros amortecidos;

Dá gritos, faz alaridos,
E o socorro está em ti.

“Senhor, filho de Davi,
“Amercea-te de mi.”

Mostra aqui teu poderio,

Manifesta tua grandeza,
E exalça teu senhorio:
Salva-me no teu navio,
No mar de tanta tristeza;

Pois he sôbre natureza
Este mal, pois que te vi,

“Senhor, filho de Davi,
“Amercea-te de mi.”

S. THIAGO.

Ó Senhor, por piedade
Escuta aquella mulher,
Pois téns de propriedade
Com muito boa vontade
Receberes quem te quer:
E o que te requer
Lhe concede.
Não olhes seu merecer;
Mas ve bem o que te pede
Se se póde conceder.

S. JOÃO.

Senhor, a tua clemencia
Pertence aos atribulados;
Esta dona com seus brados
Chama a tua providencia,
Que he mãe dos desconsolados.
Sejão, Senhor, inclinados
Teus ouvidos
A seus prantos e gemidos,
Porque sejão consolados,
E seus damnos soccorridos.

S. PEDRO.

Eu creio que es pastor,
E os humanos teu gado,
E o lobo he o Diabo
Seu contrário e matador.
E pois te mata, Senhor,
Esta ovelha,
Incrina-lhe tua orelha;

Que, segundo seu clamor,
Algum anjo a aconselha.

CHRISTO.

Eu não sam ca enviado
Per piedoso nivel,
Senão socorrer ao gado,
Que pereceo no montado
Das ovelhas d'Israel.
Por este vesti borel
De vil terra,
E não por gado de serra,
Que pasce feno infiel,
Sem querer sentir que erra.

CANANEA.

Senhor, não hei de cançar,
Pois al não posso fazer;
Tu queiras-me perdoar,
Porque te hei d'importunar,
E tu m'has de socorrer:
Não que por meu merecer
Tal confio;
Mas peço a teu senhorio,
Que me outorgue o seu querer,
Pois creio o teu poderio.

S. THIAGO.

Oh que fé e que fervor,
E que esforçada vontade!
Bem merece a peccador
Que alcance algum favor
De tua summa piedade.
Mostra a sancta majestade
E perfeição

Nas provincias de Canão,
E toda a geralidade
Dos demonios pasmarão.

BELZEBU.

Oh quem vos mette, Senhores,
Em rogardes por ninguem?
Que quando rogardes bem
Por vós outros peccadores,
Ficareis ainda áquem.
Que vos vai, ou que vos vem,
Pois d'abinicio
Assombrar he meu officio,
E taxados quaes e quem?

S. PEDRO.

Ó maldito Belzebu,
Quem te deu a ti poder
Que atormentasses tu
Nenhum homem nem mulher,
Sem ter direito nenhum?

BELZEBU.

Senhores Sanctos bemitos,
Hi ha planetas visiveis,
Ha hi outras invisiveis,
Que pertencem aos spiritos,
E causão cousas terriveis.

Qualquer que nascer sujeito
Á maldita conjunção,
Sem nenhũa appellação,
Nem estylo de direito,
Pertence á nossa prisão,
Assim como quem nascer

Na conjunção desastrada
Em que peccou Lucifer.

E quem nasceo na hora tal
E planeta em que peccarão
Os Judeus, quando adorarão
O bezerro de metal,
Pera nossos se gerarão.

Tambem quem nascer no fito
Da conjunção em que cuido,
Que affogou o mar ruivo
Os cavalleiros do Egypto,
São nossas almas e tudo.
Tambem he da nossa alçada
Toda a pessoa nascida
Na conjunção celebrada
Que Sodoma foi queimada,
E Gomorra sovertida.

E he perdido tambem
Todo o que nascido for
Na conjunção do item,
Em que com bravo furor
EIRei Nabucodenusor
Destruio Jerusalem.

E esta moça de Canão,
E filha desta Senhora,
Foi nascer na conjunção
Que reinava a nossa hora.

E pois vós rogais por ella
A vosso Mestre, qu'eu temo,
Eu vou chamar outro demo,
E entraremos juntos nella,
E veremos este extremo.

**E vós, Christo, não deveis,
Pois dizem que sois eterno,
Agravar o sancto inferno,
Nem quebrantar suas leis,
E seu sagrado caderno.**

S. PEDRO.

**Oh que parvo prégador!
Oh que falsa astrolomia!
Que mau siso de doutor!
Que ignorante sabedor,
E que douda fantasia!
Ó mestre da vaidade,
Tu não sabes que es cativo,
E escravo da Trindade?
Quem te deu ter potestade
Sôbre nenhum corpo vivo?**

BELZEBU.

**Não dizem que o Espírito Sancto
Fallava dentro em Davi,
E dos profetas assi?
Porque não farei outro tanto
Nos que tenho pera mi?
E Deos Padre não assombrava
A Moisem com terremoto,
Cada vez que lhe fallava?
Cant'eu vi que assombrava
Com temores seus devotos.**

S. PEDRO.

**Tu queres ser igualado
Com Deos, summa das grandezas?
Como es desavergonhado,
Triste, maldito, austinado,**

Cheio de vans subtilezas!
 Não lh'ouçamos vaidades,
 Va fallar com quem quizer;
 Porque em lhe responder
 Honramos suas maldades,
 E isso he o qu'elle quer.

CANANEA.

Ó Senhor, escuta a triste,
 De todo emparo estrangeira.
 Ja, Senhor, viste e ouviste
 Em que desastre consiste
 A dor da minha canceira.
 Não abasta atormentada
 Minha filha, e minha dor
 Ferida, escalabrada,
 Mas agora ameaçada
 Pera cada vez peor?

S. João.

Supplicamos-te, Senhor,
 Que hajas della piedade.

CHR. Ja vos fallei a verdade;
 Meu padre me fez pastor
 Do gado da sua vontade,
 Das ovelhas de Jacó,
 Que procedem de Abrahão:
 E dos povos de Canão
 Ninguem haja delles dó;
 Fazei conta que cães são.

Como aos filhos consentis
 Que lhes tire o mantimento,
 Polo dar aos cães cevis?
 Injusta cousa pedis

Com vosso requerimento.

CAN. Eu digo, Senhor, que si;
Não tenho disso querella,
Confesso que sou cadella,
E de cadella nasci;
E sou mais perra que ella.

E porém as cachorrinhas
Com os cães deste teor,
E os gatos e gallinhas
Se fartão das migalhinhas
Da mesa de seu senhor:
Quanto mais os seus manjares;
Que es padre das companhas,
Fartas montes e montanhas,
E desertos e logares,
Até bichos e aranhas.

Com glória, mui sem trabalho,
Fartas os mares e rios,
E as hervas de rocios,
E os lirios de orvalho
Nos logares mais sombrios.
Ó Criador liberal,
Que lá nos bosques perdidos
Tens os bichinhos providos,
E a mim so, por meu mal,
Os emparas escondidos!

*Pleni sunt cæli et terra
Majestatis gloriæ tuæ:*
Pois inda que seja perra,
Não me leixes tu tão nua
Nesta triste e cruel guerra:
Que se ha remedio sem ti,

Eu não o posso entender;
E se t'esquivas de mi,
Que excommungada nasci,
Quem outrem póde absolver?

Oh thesouro dos prazeres
E esperanças merecidas!
Polos teus sanctos poderes
Te peço, Senhor das vidas,
Que tu não me desesperes.
E se por ser Cananea,
E filha de perdição,
Desprezas minha oração;
A misera *anima mea*
Onde achará redempção?

Se perco por mulher ser,
Por meus erros profundos,
Senhor, debes tu de ver
Que nasceste de mulher
Escolhida entre mil mundos.

CHRISTO.

Mulher, muito grande he
O teu bom perseverar,
E muito grande a tua fé;
E he justo que te dê
O que vieste buscar.
Porque tens muito soffrido,
Como constante oradora,
Mando que logo nessora
Se cumpra o que tens pedido,
E sejas san desd'agora.

*Em este passo vem fugindo o demonio Belzebu, e topa
com Satanaz, e diz:*

BELZEBU,

Venho saber que isto he.

SAT. Como vens assi turvado?

BEL. Chegou-nos lá hum recado
De Jesu de Nazaré,
Mui terrivel e apertado.

SAT. Que recado? BEL. Eu t'o direi,
Que nenhũa cousa fique.
Não era mais seu repique,
Senão *ite maledicti patris mei*.

SATANAZ.

Mais que me faz pasmar
Como chegou isso lá;
Que Christo não foi de ca,
Nem se bolio d'hum logar.

BEL. Não sei com'isso sera;
Que eramos mil escolhidos
Procedidos das nações
Daquelles coros subidos,
Thronos e Dominações.

A moça com grandes gritos
Ajuntou toda a cidade;
E veio hũa claridade,
Que nos cortou os espiritos.

SAT. De fogo, ou que calidade?

BEL. Era assi hum resplandor
Cercado de nuvens pretas;
Os raios erão de settas,
E o fogo de temor.

No meio logo olhei,
Onde mil espantos vi:
Então sahia dalli

Esta voz do alto Rei:

Ite, maledicti patris mei.

SAT. Era ahi teu irmão contigo?

BEL. Meu irmão e teus cunhados,

E Belial teu amigo,

E teu pae era comigo

E os Seraphins desbarbados.

E todos forçosamente

Fomos lançados dalli:

E assi supitamente,

Sem vermos nenhũa gente,

Nos arrastárão per hi.

Pelejar não no ouvi,

Nem chamar aqui-d'elrei,

Senão esta voz assi:

Ite, ite, maledicti patris mei.

Oh que voz pera temer!

Que temor pera sentir!

Que sentir pera doer!

E que dor pera soffrer

A quem tal voz comprender!

SAT. Não estou maravilhado

Senão d'estar hi Hulcão,

E Gerundo bem armado,

E o drago Frei Tropão,

E não terem coração

Pera se dar a recado.

BELZEBU.

Porque fallas ao desdem,

E me culpas sem concêrto,

Poisque viste no deserto

O poder que Christo tem,

Que atégora foi cuberto?
Porém quem adivinhára
Que no mundo visse eu
Nenhum homem que ousára,
E sem temor me lançára
Per fôrça fóra do meu?

SATANAZ.

Rogo-te que pratiquemos
Neste homem quem sera.

BEL. He hum extremo d'extremos,
Hum caso que não sabemos,
Nem sei se se sabera.

SAT. Eu acho no meu caderno,
Qu'isto são desaventuras;
Porque esse homem he eterno,
E ha de roubar o inferno,
E deixar-nos ás escuras.

Vão-se estes, e diz Christo aos Discipulos:

CHRISTO.

Onde o temor sempre atença,
E o receio melhor cabe,
He no ladrão; porque sabe
Que deve muito á justiça;
Então teme que o pague.
Assi o inimigo infernal,
Como peccou por maldade,
Onde enxerga sanctidade,
Tem-lhe temor natural,
E grande odio per vontade.

Eu vos dei hoje lição
De como haveis de orar,
E quando, e de que feição,

E o que haveis de fallar
Em vossa sancta oração.
Pois mais haveis de saber,
E notae isto de mim:
Que quem a Deos ha de haver,
Lhe convem permanecer
Nas virtudes até fim.

Porque Deos he duração,
Glória sem acabamento,
E não ha por perfeição
Dous annos de devação,
E trinta d'esquecimento.
Bem viste esta mulher,
E o seu perseverar,
Seu soffrer e o seu crer,
E com isto receber
Quanto quiz arrecadar.

Rogo-vos sem mais latins,
Por alcançardes o preço
Dos anjos e seraphins,
Que sempre os vossos fins
Concertem com o comêço.
Notae o soffrer d'Elias,
As paciencias de Job,
As prisões de Jeremias,
As fortunas de Jacob,
E como acabárão seus dias.

Vem a Cananea, e diz:

CANANEA.

Ajudae-me a dar louvores
E graças ao Redemptor,

Pois fostes meus rogadores
Até fim de minha dor.

S. PEDRO.

Vere dignum et justum est,
Pois que a todos fez mercê.
Adoremos nosso mestre
Cheio de graça celeste,
Como por obra se ve.

E cantando Clamavat autem, se acaba o dito auto.



F I G U R A S.

HUM POBRE.

S. MARTINHO.

PAGENS.

O auto que adiante se segue foi representado á mui caridosa e devota Senhora a Rainha D. Leonor na Igreja das Caldas, na procissão de Corpus Christi, sôbre a charidade que o bemaventurado S. Martinho fez ao Pobre, quando partio a capa. Era do Senhor 1504.

AUTO DE S. MARTINHO.

Entra o Pobre, dizendo:

POBRE.

O piernas, llevadme un paso siquiera;
Manos, pegad os naqueste bordon,
Descansad, dolores de tanta pasion;
Siquiera un momento en alguna manera
Dejadme pasar por esta carrera,
Iré á buscar un pan que sostenga
Mi cuerpo doliente, hasta que venga
La muerte que quiero por mi compañera.

Devotos Cristianos, dad al sin ventura
Limosna, que pide por verse plagado:
Mirad ora el triste que estoy lastimado
De pies y de manos por mi desventura;
Mirad estas plagas que no sufren cura;
Ya son incurables por mi triste suerte.
Ay! que padezco dolores de muerte,
Y aquesto que vivo, es contra natura.

Mirad ora el triste con mucho dolor;
Que ante de muerto me comen gusanos;
Mirad el tollido de pies y de manos;
Mirad la miseria de mi pecador.
Dadme limosna por aquella Señor,
Que guarde á vosotros de tantos dolores.
Limosna bendita me dad, mis señores;
Que ya no la puede ganar mi sudor.

Hayed compasion del pobre doliente,
Que ya se vió sano mancebo y lucido.
O mundo que ruedas, á qué me has traído!

Qué recio solia yo ser y valiente,
 Cuán alabado de toda la gente!
 De recio, galan, qué fue de mi bien?
 O muerte, qué tardas, quien te detien;
 Que yo no me atrevo á ser mas paciente!
 O paciencia que en Job reposó,
 Qué quieres que haja con tantos tormentos?
 Perdóname tú, que mis sufrimientos
 No pueden callar la miseria en que só.
 Criante rocío, qué te hice yo,
 Que las hiervecitas floreces por Mayo,
 Y sobre mis carnes no echas un sayo,
 Ni dejan dolores que lo gane yo?
 Deje la muerte las niñas, las dueñas,
 Y deje doncellas galanas vivir:
 Deje las aves cantares decir,
 Y deje ganados andar por las peñas.
 Llévame á mí: por qué me desdeñas,
 Y matas sin tiempo quien merece vida?
 Sácame ya desta cárcel podrida.
 Mi ánima triste, no quieras mas señas.
 Dadme ora limosna por la pasion
 Del hijo de Dios, que pobre se vido,
 Daquel que por nos fue muerto y herido,
 Doliente y plagado por la redencion.
 Mirad ora, ricos, que teneis razon
 Dar de sus bienes, pues sois tesoreros,
 Sed los suyos buenos dispensereros,
 Y vuestras riquezas se os doblaron.

Vem S. Martinho, cavalleiro, com tres Pagens, e diz o

POBRE.

Devoto Señor, real caballero,

Volved vuestros ojos á tanta pobreza,
Que Dios os prospere vuestra gentileza :
Dadme limosna, que de hambre me muero.

MAR. Hermano, ahora no traigo dinero:

Vosotros traeis que demos por Dios?

PAG. No ciertamente. **S. MAR.** Entrambos á dos
No traeis que demos á este romero?

POBRE.

No hay dolor que en mí no lo sienta :
Haved de mis males, Senõr, compasion.

MAR. Quien ora tuviesse daquela pasion
La parte que tienes que mas te atormenta!

POB. Guárdeos Dios de tan grande afrenta;
Dios lo prospere con mucha salud.
Dadme limosna por vuestra virtud,
Que mi gran pobreza no hay quien la sienta.

S. MARTINHO.

No sé que te dé, de dolor de ti,
Ni puedo á tus males ponerte remedio.
Partamos aquesta mi capa por medio;
Pois otra limosna no traigo aqui:
Rógote, hermano, que ruegues por mi.
Pues sufres dolores nesta triste vida,
Tu ánima en gloria será recebida
Con dulces cantares, diciendo así.

*Emquanto S. Martinho com sua espada parte a capa,
cantão mui devotamente hũa prosa. Não foi mais porque
foi pedido muito tarde.*

FIM DO LIVRO I.

ERRATAS.

Pag.	lin.	erro	emenda
14	12	madruga	madrugada
39	21	yo te digo	ya te dijo
48	ult.	trotó	trató
76	10	<i>Alcaceva</i>	<i>Alcaçova</i>
101	4	Beocio	Boecio
125	14	ANDRÉ	ANJO
131	11	targer	tanger
156	ult.	guarnidas	guarnecidas
191	31	Imperodora	Imperadora
222	27	<i>falta:</i>	ONZENEIRO.
238	18	Joga taes	Jogatais
348	19	onde vos...	onde vós?

I N D E X.

	Pag.
A DVERTENCIA.	
ENSAIO SOBRE A VIDA E ESCRIPTOS DE GIL VICENTE.	
Visitação	1
Auto pastoril Castelhana	7
Auto dos Reis Magos	23
Auto da Sibila Cassandra	36
Auto da Fé	64
Auto dos quatro Tempos	77
Auto da Mofina Mendes	100
Auto Pastoril Portuguez	127
Auto da Feira	151
Auto da Alma	185
Auto da Barca do Inferno	215
Auto da Barca do Purgatorio	246
Auto da Barca da Gloria	275
Auto da Historia de Deos	306
Dialogo sobre a Resurreição	343
Auto da Cananea	355
Auto de S. Martinho	383

T 90/4
A







